

FABIANA MARQUES DO CARMO

O ỌFÒ DE EXU E OS CAMINHOS DE OGUN:
O Samba que vem de lá de São Mateus pede passagem

DOURADOS- MS
2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**

FABIANA MARQUES DO CARMO

O ỌFÒ DE EXU E OS CAMINHOS DE OGUN:
O Samba que vem de lá São Mateus pede passagem

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Antropologia, na área de concentração em Antropologia Sociocultural.

Orientadora: Prof.^a. Dr^a. Claudia Cristina Ferreira Carvalho.

DOURADOS- MS
2023

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C287 . CARMO, Fabiana Marques do

“O ỌFÒ DE EXU E OS CAMINHOS DE OGUN:O Samba que vem de lá de São Mateus pede passagem” / Fabiana Marques do Carmo. 2023.
Arquivo em formato pdf.

Orientadora: Dr^a. Claudia Cristina Ferreira Carvalho.

Dissertação (Mestrado em Antropologia) -Universidade Federal da Grande Dourados, 2023.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Orixá 2. Samba. 3 Etnografia. 4. Samba de São Mateus. I. CARMO, Fabiana Marques do. II
Título: Mestra em Antropologia

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)
Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

FABIANA MARQUES DO CARMO

**O ọfò de Exu e os caminhos de Ogun:
o Samba que vem de lá São Mateus pede passagem**

Banca Avaliadora

Prof.^a. Dr.^a. Claudia Cristina Ferreira Carvalho- Presidente (PPGANT- UFGD)

Prof.^a. Dr.^a. Cândida Soares da Costa- (UFMT) Avaliadora Externa

Prof. Dr. Esmael Oliveira - (PPGANT- UFGD) Avaliador Interno

Prof. Dr. Rosemar Eurico Coenga - (PPGEn- IFMT) Avaliador Externo

DOURADOS- MS
2023

Dedico estes escritos às pessoas que foram "arrancados" da Mãe África e atravessam o mar Atlântico, rumo ao desconhecido, os nossos ancestrais.

Ofereço este ebó epistemológico para todos dos orixás, nkisis, voduns, encantados e entidades.

A divindade Samba que nasceu sobre os batuques no meio do mar das águas salgadas, em forma de banzo que se transformou em acalanto, uma benção e reza, tornando-se uma arma poderosa de sobrevivência de tantos, em fortalecer a resistência da população afro-brasileira, por ser o poder transformador da cultura negra em reconhecer a luta anti racista.

Esses simples escritos dedico aos (as) catedrais, matriarcas, embaixadoras(es), os baluartes, bambas e mestres, sambistas de todo Brasil, em especial do reduto do Samba de São Mateus.

Agradecimentos

*“Orí mí jubà, orí re”
(Meu Orí, saúda seu orí)*

Agradeço à ancestralidade africana brasileira, indígena e aos orixás, especialmente a Ogun, Oyá e Oxóssi, por me fortalecerem e abrirem meus caminhos, permitindo que eu cumpra o que prometi para as orixás yabás (as orixás femininas): dar à luz aos meus escritos, com o intuito de trazer mais afeto para a sociedade, pois acredito na transformação social.

Gratidão aos meus pais Jandira Marques Silva do Carmo-Tauá e José Roberto de Oliveira do Carmo, à minha irmã Flávia Aparecida do Carmo Santos e à família, e peço desculpas a vocês pela minha ausência. Obrigada por não desistirem de mim!

À minha *ẹgbẹ ọ run* Ilé Asé Odé Dagbá Nikan¹- pelo apoio e, em especial, à Yalorixá Eunice Pereira da Cruz, conhecida como mãe Nice d’ Odé Tuberan, que me orienta e cuida dos meus caminhos dentro do culto dos orixás. Agradeço aos ogans Márcio, Marcelo e Bastião Pereira da Cruz e à ekedji Erika Cristina por me ensinarem o significado de fazer macumba e a palavra axé [aṣẹ]².

Gratidão à Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia - PPGANT e à coordenação dos docentes pelos esforços e apoio em tempos caóticos da pandemia da COVID-19, por darem respaldo para além da teoria-metodologia, com tratamento humanizado aos discentes, mesmo sob a forma híbrida, estendendo as mãos e não deixando ninguém sozinho neste momento. Isso me faz lembrar da frase “ninguém solta as mãos de ninguém.”

À Prof.^a Dr.^a Cristina Ferreira Carvalho, por aceitar o desafio de orientar este trabalho de pesquisa-dissertação, ajudando a desconstruir e depois construir novos caminhos e pensamentos, buscando novas alternativas no mundo das ideias para a consolidação destes escritos. E à banca examinadora, aos professores titulares, Dr.^a Candida Soares da Costa, Dr. Esmael Oliveira e Dr. Rosemar Eurico Coenga, por contribuírem com seus saberes e trocas que levarei para vida.

Não posso deixar de agradecer ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros - NEAB/UFGD, lugar que me acolheu, onde, junto aos discentes, realizamos os ebós de respeito, afeto e epistemológicos, com diversas trocas em nossas vidas pessoais e profissionais, compartilhando obras de intelectuais decoloniais das Diásporas Africanas, Indianas, Estadunidenses, Caribenhas, Latinas, Ameríndias e Afro-Brasileiras, contribuindo para a construção destes escritos científicos.

¹ Ẹgbẹ ọrun: família espiritual.

² Axé [aṣẹ]: a palavra axé é uma palavra advinda da cultura dos povos africanos iorubás, significa, “a força vital, é a energia que existe nos planos físicos, social e espiritual”, é a “força máxima para se atingir um objetivo”. (Sàlamí: Ribeiro, 2011: 43), para os adeptos da religião de matriz africana candomblé da nação de Ketu, traz a tradução linguística dentro do culto que, é comandado pelo orixá, ou, na significação de uma palavra que traz força, energia sobrenatural que vem do orixá e da natureza.

Gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Brasil - CAPES, pelo apoio financeiro e pela bolsa de estudos que generosamente foi concedida para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa e tantos outros ao longo desta jornada.

Agradeço ao meu irmão e professor Ms. Yuri Tomas dos Santos, carinhosamente apelidado de passarinho de Oxóssi, pela ajuda em pensar sobre diversas questões da vida trazidas neste caminhar antropológico, refletidas cotidianamente, mesmo sob uma forma híbrida. Por diversas vezes nos abraçamos (sob forma híbrida) e choramos, compartilhando nossas angústias, alegrias e sorrisos, como dizemos: “Nossa vida não cabe no currículo Lattes”. E à dirigente/zeladora Jaqueline d' Oxossi, do Terreiro de Umbanda - Ilé Axé de Oxóssi, situado na zona da mata mineira, pela oportunidade de aprendizado e trocas.

Muito obrigada à família de Gabriela Aládia, Eduardo Spadari Dorigon e Caroline Fernandes Cardoso, por abrirem as portas de seus lares para me acolherem com muito carinho, afeto, alegria e tereré (bebida de erva mate) na cidade de Dourados/MS, onde, mesmo distante da minha terra natal e das minhas famílias, me senti em casa. Muito asé em suas vidas! Gratidão a Elaine Passos, por cuidar da minha saúde mental e não soltar as minhas mãos em momentos de angústia e insegurança por achar que não conseguiria realizar esta pesquisa. Obrigada por tudo

À majestade Samba, por ressignificar minha vida, abrir portas e me levar a lugares onde nunca pensei estar, e agradeço ao Grêmio Recreativo Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai por me fazer sentir o ritmo da bateria pulsar dentro do meu peito, como a batida do meu coração. A todas as alas, especialmente à Ala Ireti (da qual sou integrante), por me ajudarem a conhecer a história do Samba paulista e paulistano não apenas em teoria, mas na prática, caminhando pelos caminhos ancestrais do Quilombo da Saracura. Tudo se transformou na Escola do Povo, como diz o trecho do samba exaltação do Vai Vai: “*É tradição e o Samba continua*”³.

Nas encruzilhadas e estradas da vida, cheguei à cidade do Rio de Janeiro, na região do Cais do Valongo, na Pequena África, onde a poetisa Janaina Nascimento me apresentou ao Território Sagrado do Samba carioca. Assim, pude fazer o movimento Sankofa, voltando ao passado para aprender e aplicar no presente os ensinamentos, para escrever um futuro melhor. Portanto, ofereço estes escritos às matriarcas - as Tias baianas e os grandes mestres do Samba. Como digo: “Na Pequena África, as águas doces de Oxum, na malandragem de Seu Zé Pilintra e dos malandros dos arcos da Lapa, me embriaguei na história do Samba. Agradeço ao Samba por mais um presente, pela minha jornada nestas terras”. Como forma de gratidão, ofereço a música “Os Oito Batutas”, escrita pelo mestre Pixinguinha⁴. Ouçam a verdadeira obra de arte em forma de canção.

Gratidão aos sambistas do Reduto do Samba de São Mateus pelo acolhimento e aprendizado, por me ensinarem a exaltar a bandeira do Samba pelo mundo afora. Estes escritos são uma singela homenagem a todos, como diz o trecho da

³ FILME, Geraldo: Tradição- álbum: Memória Eldorado- Coleção Eldorado- Limitada: 1970- Ouçam em:<<https://www.youtube.com/watch?v=tPn8vKIEW1Y> > visitado em: 02 de maio de 2023.

⁴ Grupo Pixinguinha: Os Oito Batutas - Gravadora: Odeon - ano de 1919 (Casa Odeon), ouçam em: < https://www.youtube.com/watch?v=9EizsVMV5cU&list=RD9EizsVMV5cU&start_radio=1&rv=9EizsVMV5cU&t=0 > visitado em: 02 de maio de 2023.

música “Vida de Sambista”⁵: “[...]Sambista não manda recado. E faz de qualquer desacato uma rima. O tempo é um santo remédio que ensina...” (Toinho Melodia, 2018)

Nos últimos anos, a frase "juntos somos todos mais fortes" (autor desconhecido) passou a fazer parte da minha vida, trazendo-a como um slogan. Agradeço a cada pessoa que entrou e saiu dos meus caminhos, cujos ensinamentos contribuíram para a construção da minha identidade. Por outro lado, peço desculpas a todas as pessoas por não citar nomes, pois a lista é extensa; não desejo ser injusta caso esqueça alguém. Que todos se sintam abraçados por estas palavras.

Por fim, esta produção acadêmica é uma singela homenagem aos meus ancestrais: ao tio João Henrique do Carmo-Fumaça, por me apresentar ao instrumento de cordas banjo, e à minha avó Floripes, me ensinou os primeiros passos da dança de umbigada no fundo do seu quintal. À avó Maria Luiza e o tio Zezé que adotaram, os donos de quintais que ajudaram a construir a minha história de vida. Gostaria de dedicar esta dissertação às vidas que foram ceifadas pelo COVID-19, agradecendo-lhes por contribuírem para a construção deste poema a ser lido, chamado Fabiana Marques do Carmo, como diz a música “Massemba de yayá”⁶:

*“Umbigo da cor
Abrigo da dor
Primeira umbigada Massemba Yáyá
Yáyá Massemba é o Samba que dá
Vou aprender a ler
Pra ensinar meus camaradas
Vou aprender a ler
Pra ensinar meus camaradas
'Prender a ler...’
(Trecho da música- Massemba de Yaya, 2004)*

⁵ Nunes, Ney; Melodia, Toinho; Toledo, Kike: Vida de Sambista, Toledo- Álbum: Paulibucano- 2018, Gravadora: Tratore. Ouçam em: < <https://www.youtube.com/watch?v=8zO2gddPVS4> > visitado em: 02 de maio de 2023.

⁶ CAPINAM, João Carlos; MENDES, Roberto: *Massemba Yaya*- Interpretada por Maria Bethânia, Virginia Rodrigues- ouçam e assistam o DVD "Brasileirinho" (Biscoito Fino) Ano: 2004- Ouçam em:< <https://www.youtube.com/watch?v=sfGMCm-ZPfQ> > visitado em: 05 de abril de 2023.

Resumo

Os encantos das palavras nos remetem à magia do Samba, que nos conduz aos caminhos do seu reduto. O Samba de São Mateus gerou diversos frutos para a Música Popular Brasileira (MPB), ao ser consolidado na década de 90 e perdurando até a atualidade, estabelecendo um diálogo contínuo entre a nova geração e os griots do Samba da localidade. Formados pela tríade da cultura afro-brasileira (religiosidade, danças e musicalidade/Samba), marcam a presença na construção cultural, social e histórica do país. Embora as contribuições dos grupos étnicos afro e indígena para o cenário sócio-histórico e cultural brasileiro tenham sido frequentemente invisibilizadas e inferiorizadas pelo colonialismo, imersas em estereótipos raciais, essas presenças destacam-se e pulsa a cada manifestação, com características inegáveis reconhecidas. Os estudos decoloniais alertam sobre as relações de poder que geram universalismos, promovendo uma falsa compreensão de uma realidade homogeneizada na qual, por muito tempo, as diversidades culturais pelo mundo foram negadas, reproduzindo epistemicídios que desfavorecem os povos afetados pela colonização europeia. Diante da geopolítica dos conhecimentos dos grupos subalternizados, a presente produção científica "O ọfò de Exú e os caminhos de Ogun: o Samba que vem de lá de São Mateus pede passagem", teve como proposta central estudar o reduto do Samba de São Mateus e compreender as construções socioespaciais e culturais protagonizadas por atores sociais na perspectiva de resistência em forma de sobrevivência, iniciadas nas lutas sociais para garantir o direito à vida, utilizando as 'rodas de Samba' como instrumento de conscientização política para promover a transformação sociocultural e territorial do distrito de São Mateus. O estudo adotou, metodologicamente, os contornos da etnografia, que nos permite atender aos propósitos específicos de difundir as memórias dos atores sociais de São Mateus, que contribuíram para consolidar este território como um dos maiores redutos do Samba do Brasil

Palavra-Chave: Orixá; Samba; Etnografia; São Mateus

Abstract

The allure of words introduces us back to the magic of Samba, guiding us along its stronghold's pathways. São Mateus's Samba, which has produced numerous contributions to Brazilian Popular Music (MPB), from the 90's to the present day, fosters an ongoing dialogue between the new generation and the local Samba griots. The Afro-Brazilian culture's triad, consisting of religiosity, dances and musicality/Samba, plays a significant role in the country's cultural, social, and historical development. Despite the often overlooked and diminished contributions of the Afro and Indigenous ethnic groups to the Brazilian socio-historical and cultural context, due to colonialism and racial stereotypes, their presence is increasingly vibrant and palpable with each manifestation, exhibiting unmistakable characteristics. Decolonial studies caution against power dynamics that foster universalisms based on a false understanding of a homogenized reality, which for a long time denied global cultural diversities, leading to epistemicides that disadvantage peoples who have suffered from European colonization. In light of the geopolitics of the knowledge of marginalized groups, the current scientific work "The ọfò of Exú and the paths of Ogum: the Samba that comes from t São Mateus asks for passage", aims to study the stronghold of São Mateus's Samba and understand the socio-spatial and cultural constructs led by social actors. This is done from the perspective survival as a form of resistance, initiated in social struggles to ensure the right to life, employing 'Samba wheels' as a tool for political awareness to foster the socio-cultural and territorial transformation of the São Mateus district. Methodologically, the study adopts the framework of ethnography, enabling us to fulfill the specific objectives of sharing the memories of São Mateus's social actors who have helped establish this territory as one of Brazil's largest Samba strongholds.

Keywords: Orixá; Samba; Ethnography; São Mateus

LISTA DE ABREVIATURAS

A.C.S.E.S.M.: Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco

B.O: Boletim de Ocorrência

CAPES: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEBAs: Comunidade Eclesiástica de Base

CEI: Centro de Educação Infantil

CID: Classificação Estatística Internacional de Doenças

COVID-19: Coronavírus - O número 19 é de acordo com o ano de 2019

D.R.R Posse: Defensores Ritmo Rua

GRSES Vai Vai: Grêmio Recreativo Social Escola de Samba Vai Vai

LGBTI+: Lésbica, Gay, Bissexual, Transgenero, Intersexo + (sinal de mais é para indicar outros gêneros sexuais).

MDF: Movimento em Defesa das Favelas

MOVA: Movimento de alfabetização de jovens e adultos

MPB: Música Popular Brasileira.

OMS: Organização Mundial da Saúde

OPNI: Organização Mundial da Saúde

PPGA-UFC-Unilab: Programa Associado de Pós-graduação em Antropologia - Universidade Federal do Ceará- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

PPGAS-UFG: Programa de Pós-Graduação em Antropologia de Goiás. Universidade Federal de Goiás.

PPGANT- UFGD: Programa de Pós Graduação em Antropologia - Universidade Federal da Grande Dourados

PFFC-UNESP: Programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista

RG: Registro Geral (Documento de Identificação)

TCC: Trabalho de Conclusão de Curso

TCLV: Termo de Consentimento Livre Voluntário

UFABC: Universidade Federal do ABC

UFGD: Universidade Federal da Grande Dourados

UNIFESP: Universidade Federal de São Paulo

LISTA DE GRAFISMOS

Grafismo 01- Sou a soma de todos

Grafismo 02- Os caminhos do morro

Grafismo 03 - As tias do samba de São Mateus

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01 - Gerson Martins

Imagem 02 - Surdo

Imagem 03 - Cuíca

Imagem 04 - Banjos

Imagem 05 - Saxofone

Imagem 06 - Cais do Valongo, cidade do Rio de Janeiro

Imagem 07 - Bailado

Imagem 08 - dança de umbigada

Imagem 09 - Os imortais do samba paulistano

Imagem 10 - O sr. Fernando Penteado prestando a homenagem e pedindo a benção para o seu padrinho Seu Carlão do Peruche

Imagem 11 - Movimento de Moradia- Leste II - São Mateus

Imagem 12 - Complexo Jacu Pêssego- Rodoanel Mário Covas-SP

Imagem 13 - Mapa do Monotrilho e o Terminal Metropolitano de São Mateus

Imagem 14 - Matéria do Jornal Gazeta de São Mateus, do ano de 1995

Imagem 15 - Movimento de Moradia- Leste II - São Mateus

Imagem 16 - As tias do samba de São Mateus

Imagem 17 – A primeira roda de samba que a sambista Beth Carvalho participa no quintal da Dona Ercília

Imagem 18 - Família Tia Filó

Imagem 19 - Roda de samba

Imagem 20 - Gravação em estúdio Boomerang

Imagem 21 - Poço d'água

Imagem 22 - Os instrumentos do Bloco Favela

Imagem 23 - Quando a madrinha Beth Carvalho visitou o quintal da Dona Severina, na década de 2000

Imagem 24 - Roda de samba do quintal Tia Cida com Almir Guineto, década de 2000

Imagem 25 - Roda de samba

Imagem 26 - Família extensa

Imagem 27 - Tia Cida dos Terreiros

Sumário

Introdução.....15

O fazer científico com a metodologia..... 17

CAPÍTULO 1 – ESCRIVIVÊNCIA E OS CAMINHOS METODOLÓGICOS.....22

1.1. Sobre-existir 22

 1.1.2. “Eus” e o Samba 27

 1.1.3. A luta por moradia digna: Tauá 29

 1.1. 4. Orixás..... 30

 1.1.5. Samba pede passagem 31

 1.1.6. Resistências - Do ensino fundamental a universidade pública 32

 1.2. *Metodologia - As encruzilhadas entre a Antropologia e Etnografia..... 36*

 1. 2.1. Pesquisa de Campo..... 38

 1.2. 2. Metodologia..... 39

 a) Entrevistas e organização 40

 b) Realização das entrevistas..... 41

 c) Perfil dos interlocutores 43

 1.2.3. Análise de conteúdo..... 44

 1.2.4. Categoria de análises de conteúdo-resultados 45

 1.3. *Diário de Campo 46*

 1.3.1. Diário de Campo I - Ilé Axé Dagba Nikan 47

Exu..... 49

Ogun..... 51

 1.3.2. Diário de Campo II - As visitas Institucionais e as marcas deixadas pelo movimento sociais..... 53

Jornal Gazeta de São Mateus 54

As marcas deixadas pela lutas emancipatórias- São Mateus de hoje 54

 1.3.3- Diário de campo III- Os lugares que Samba faz morada 55

CAPÍTULO 2 - APRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA DO SAMBA EM SÃO PAULO, O CONTEXTO SÓCIO ANTROPOLÓGICO E SEUS PROTAGONISTAS.	58
2.1. <i>O samba paulista e paulistano</i>	58
<i>Periferia + Samba</i>	65
2.1.2. Dos Cordões as Escolas de Samba	67
<i>Resistência</i>	69
2.1.3. As Comunidades de Samba Paulistanas	70
2.2. <i>Diário de campo IV: Entre o ontem e hoje</i>	72
<i>Considerações finais</i>	74
CAPÍTULO 3- AS MEMÓRIAS DE RESISTÊNCIAS DE SÃO MATEUS- EM ESPAÇOS DEMOCRÁTICOS ONDE O SAMBA SE FAZ PRESENTE	77
3.1. <i>As trilhas de São Mateus de hoje</i>	78
<i>Transporte urbano + Serviços de Equipamentos públicos municipais e estaduais = São Mateus de hoje</i>	80
<i>Serviços de Equipamentos públicos</i>	81
3.1.2. São Mateus de ONTEM - No tempo da voz da colina- os espaços democráticos	80
<i>Juventude periférica</i>	92
3.1.3. Os Terreiros Sagrados do Samba de São Mateus - Os quintais do samba das Tias	93
3.1.3.1. <i>Quintal de Tia Ciata e o seu legado- Ancestral</i>	94
3.1.3.2. <i>Quintal da dona Ercília- Ancestral</i>	95
3.1.3.3. <i>Quintal da Tia Xica - Ancestral</i>	99
3.1.3.4. <i>Quintal da Dona Carmem</i>	100
3.1.3.5. <i>Quintal da Tia Filó</i>	101
3.1.3.5.1. <i>Diário de campo IV- Homenagem a Tia Filó</i>	105
3.1.3.6. <i>Quintal Dona Severina</i>	109
3.1.3.6.1. <i>Diário de campo V- Quintal da Dona Severina</i>	112
3.1.3.7. <i>Quintal da Tia Cida dos Terreiros</i>	114
3.1.3.8. <i>Os frutos do Quintal de Tia Cida dos Terreiros</i>	118
3.2. <i>Berço do Samba de São Mateus</i>	119

3.2.1. Quinteto Branco e Preto.....	120
3.3. <i>Tia Cida dos Terreiros para o mundo artístico</i>	121
3.4. <i>Timaia e o laço da união</i>	122
3.5. <i>Reduto do samba de São Mateus</i>	125
Considerações Finais	127
Glossário	129
Referência Bibliográfica	131
Anexos	144

Introdução

Em janeiro de 2021, enquanto observava três crianças brincando em frente aos instrumentos de percussão aos ataques *Rum, Pi, Lé*,⁷ do *Ilé Aṣè Odé Dagbá Nikan*, situado no bairro da Vila Nhocune - São Paulo, a Yalorixá [iyálòrìṣá]⁸ Eunice Pereira da Cruz, também conhecida como mãe Nice de Odé Tuberan, chamou as três crianças que estavam brincando na frente dos instrumentos e começou contar o itan⁹ do Ogan e a importância da religião afro, em especial o candomblé para a história do povo negro. Durante conversa ela destacou a importância do *Samba*¹⁰, da capoeira com sua dança, os sons nascidos dos atabaques tocados pelos os *Ogans*¹¹, como forma de comunicação entre os seres humanos, o *aiê* [áiyé]¹² e *orún* [orun]¹³, em convidar o “panteão dos orixás”(Kileuy; Oxaguiã, 2009, p.100), para participar das festividades e interagir com os humanos em comemorar a vida e fazer alianças com a ancestralidade afro-brasileira.

Na mesma época, em um evento cultural realizado, no distrito de São Mateus, por sambistas do Berço do Samba de São Mateus, com a roda de Samba formada, começaram a cantar a música “*Berço do Samba*”, dos compositores Everson Pessoa; Magnu Sousa e Yvison Pessoa (2007)¹⁴. Ao ouvir a canção/Samba surgiu o interesse de investigar e realizar este trabalho de pesquisa que compreendesse a junção da cultura afro-brasileira, a territorialidade do reduto de São Mateus e suas memórias coletivas que justificam a titulação desta pesquisa científica: “*O ofô de Exu e os caminhos de Ogun: o Samba que vem de São Mateus pede passagem*”.

Vale lembrar que, esta pesquisa possui em especial a linguística do idioma africano yorubá, originário do complexo da região da Nigéria, trazido por seres humanos que estava passando pelo processo de escravização no Brasil, com a colonização europeia, no século XV. Esse idioma -yoruba é o usado na vertente da religião de matriz africana do candomblé da nação Ketu, onde a pesquisadora é adepta/ praticante. Ao analisar a palavra do idioma africano *ofô*¹⁵, se traduz no “encantamento das palavras”, que consiste em cantigas do itan do panteão dos orixás em especial do orixá *Exu* [Eṣù]¹⁶, possui a função de ser o mensageiro, quem faz a comunicação entre os seres humanos *orún* de acordo com a liturgia da cultura africana ioruba e afro-brasileira.

⁷ Rum, Pí, Lé: Atabaques sagrados no culto dos orixás nas religiões de matrizes africanas, o candomblé.

⁸ Ialorixá [iyálòrìṣá]: São consideradas as lideranças e “figuras centrais de uma casa de candomblé e seus nomes já as identificam como a “mãe que cuida do orixá”, sendo os chefes de um Axé. São pessoas especialmente escolhidas por Olorum para ajudar a organizar a vida de muitas pessoas no aiê”. (Kileuy; Oxaguiã, 2009, p. 57)

⁹ Itan= é um conjunto de histórias e lendas contadas pelos povos africanos iorubás, são retratados as passagens e a existência e a trajetória dos orixás que envolve canções, rezas, ritos e ensinamentos as comunidade/ famílias no culto das religiões de matrizes africana, em especial o candomblé da nação de Keto.

¹⁰ A palavra Samba, neste trabalho de pesquisa, começa com a letra maiúscula, por motivo que, é reverenciado com divindade, ou seja, uma força ancestral.

¹¹ *Ogan*, no culto das religiões de matrizes africanas- candomblé da nação de Ketu, está ligada ao homem que protege o *ilé* (casa). Uma de suas funções é tocar os atabaques, o responsável em fazer a conexão entre os seres humanos e os Orixás, trazendo Suas energias para a terra. Segundo o dicionário em yorubá, a palavra “*ògàn*” possui o significado de ébano (Milagres, 2020 p.92).

¹² Aiê [Àiyè]: terra

¹³ Orum[Qrun]: céu

¹⁴ Everson Pessoa: Magnu Sousa: Yvison Pessoa. Berço do Samba (Feat. Beth Carvalho) Álbum: Berço do Samba de São Mateus - Selo Sesc. 2007- Ouçam em: < https://www.youtube.com/watch?v=b_ByN-scY9s > acessado em: 19 de maio de 2023.

¹⁵ Ofô [Ofô]: encantamento das palavras, ou, cantiga/ música de encantamento.

¹⁶ Exu [Eṣù]: Exu, orixá da comunicação, pluralidade, diversidade cultural, porém da contradição e dos caminhos. Porém é o único dos orixás que vivem mais próximo dos seres humanos. Exu é orixá, da fertilidade, no culto dos orixás é o primeiro a ser reverenciado. Ressalto que neste trabalho de pesquisa estamos falando de Exu orixá, da religião afro do candomblé da nação de Keto.

Como resposta, o gênero musical Samba chega no àiyé com o propósito de estabelecer, ajudar e facilitar a comunicação entre os seres humanos, trazendo a música como um elemento que une as pessoas, sob a pluralidade e as diversidades culturais, igual a Exu. Por outro lado, o orixá *Ogun* [*Ogun*]¹⁷, com sua tecnologia ancestral, traz aos seres humanos estratégias e articulações para enfrentar as lutas cotidianas. Simbolicamente, para o universo do Samba, o ferro (minério) é um elemento muito importante para a confecção dos instrumentos de percussão, cordas e sopro ao serem tocados nas rodas de Samba. Essas mensagens da ancestralidade afro-brasileira podem ser ouvidas, transmitidas e desempenham o papel de agentes de transformação social, cultural e política, fortalecendo as pessoas para que tenham consciência crítica e política, visando romper as raízes coloniais, carregadas de preconceitos.

O Samba torna-se um aliado poderoso na luta antirracista, contribuindo para a construção de uma nova sociedade. Devido à pluralidade e diversidade cultural presentes nos orixás e no Samba, ambos atravessam a sociedade buscando a inclusão, não a exclusão de todos. É importante salientar que a palavra 'todos' estará presente neste trabalho de pesquisa que se refere ao estudo da linguagem inclusiva. Os estudos sobre os gêneros (masculino e feminino) são iniciados, onde a construção da identidade emerge das relações sociais dentro da comunidade em que o ser humano vive. Neste ponto, não estamos nos referindo à cultura eurocêntrica que estabelece normas, parâmetros e leis, diferenciando os sexos biológicos, levando a uma discussão de separação. Portanto, nesta produção científica, não aprofundaremos essa discussão de gênero.

É relevante apontar a importância da linguagem inclusiva, pois ela inclui e não exclui a diversidade humana. Utilizar a palavra 'todos' não é criar um novo idioma ou uma norma/regra gramatical, mas sim incluí-la no vocabulário linguístico com o objetivo de promover o respeito e a empatia pelo próximo. A linguagem é viva, transformando-se de acordo com as mudanças sociais, políticas e culturais, refletidas tanto no campo social quanto linguístico, conforme citado nesta produção científica. A socióloga e oxunista Oyèrónke Oyewùmí apresenta a cultura dos povos iorubás em especial, possui a questão de gênero como o resultado da construção social diferente do ocidentalismo, que define o gênero a partir do sexo biológico. Diante da perspectiva decolonial, a inclusão social se baseia em questões sociais, não biológicas, rompendo a ideia de que a anatomia define a posição social de uma pessoa (Oyewùmí, 2021, p.42).

Sob essa perspectiva, Exu permite transgressões, movimentos, pluralidades e as diversidades culturais, permitindo diversas linguagens e comunicação, principalmente através do Samba, como forma de sociabilidade, como forma coletiva, no qual é o Samba é cantado, entoado e ecoado, rompendo as barreiras do colonialismo. Assim, este trabalho de pesquisa destaca-se em uma posição decolonial, com o propósito de desafiar e transcender as normas e padrões eurocêntricos, especialmente ao demonstrar, através do Samba, que a linguagem é viva e inclusiva. O Samba respeita as outras culturas e idiomas existentes no Brasil, muitas vezes foram/ são invisibilizadas e apagadas pelas regras da língua portuguesa, a qual foi criada por homens, hetero cis normativos, patriarcais e brancos. Portanto, nossa língua portuguesa é demarcada por aqueles que a criaram, não reconhecendo a existência do sujeito no feminino e não reconhecendo a diversidade sexual LGBTQIA+, gerando “problemáticas das relações de poder e a violência na língua portuguesa” (Kilomba, 2015, p.15).

¹⁷Ogun [*Ogun*]: orixá dos caminhos, a caça, da tecnologia ancestral, simbolicamente representa a força, age sobre os elementos dos metais e o ferro, no que, ajuda os seres humano no processo civilizatório.

Saliento que, neste texto científico, não farei uma distinção para que diversas pessoas possam se reconhecer, permitindo assim que o reduto do Samba de São Mateus ecoe por diversos caminhos do mundo nas próximas linhas escritas.

Caminhos

Os caminhos delineados para análise e construção desta produção científica surgiram a partir do problema de pesquisa que instigou a pesquisadora investigar, quais foram os impactos gerados desde a década de 90 como surgimento do reduto do samba de São Mateus para a sociedade brasileira?

Assim, foi necessário pensar na proposta/ objetivo geral deste estudo que, é compreender a transformação social e cultural no território de São Mateus com a consolidação do reduto do Samba e os impactos na sociedade brasileira. Esses objetivos foram ancorados nos seguintes pontos específicos: a) reconhecer o gênero musical do Samba como memória de resistência e existência política para a sociedade brasileira; b) compreender as construções socioespaciais e culturais praticadas por sujeitos coletivos em São Mateus, por meio das rodas de Samba; c) analisar a difusão e valorização das memórias dos saberes ancestrais, além da contribuição das matriarcas - tias do Samba - na formação do reduto; d) evidenciar o reconhecimento do reduto do Samba de São Mateus e sua importância para a cultura e a Música Popular Brasileira - MPB.

Nesse contexto, a hipótese do presente trabalho visa compreender os impactos gerados pelo reduto do Samba de São Mateus na sociedade, observando as transformações sociais, culturais, políticas e econômicas que impactaram as diversas vidas. Esses reflexos são resultado da interseção entre passado e presente, refletindo-se de maneira positiva na MPB e atuando como espelho para as futuras gerações de sambistas em todo o país.

O fazer científico com a metodologia

Durante o processo de decolonização desta pesquisa científica, recorreu-se ao apoio da Antropologia. Essa disciplina auxiliou na compreensão das correlações de forças originadas dentro do distrito de São Mateus, um dos maiores redutos do Samba do Brasil. Isso ocorreu sob um enfoque interpretativo e fundamentado nas ciências sociais e humanas, embasado no pensamento de Bronisław Kasper Malinowski (1884-1924), Franz Uri Boas (1858-1942), e Marcel Mauss (1872-1950). Tais pensadores contribuíram para a compreensão dos saberes científicos na "interpretação das culturas" (Geertz, 1978), ao estudar a diversidade nas relações sociais, buscando compreender os "problemas sociais do mundo do nosso tempo" (Martín e Madroñal, 2016, p. 265).

Os textos apresentados nesta dissertação são frutos de uma antropologia reflexiva e crítica que tensiona os conceitos encontrados no trabalho de campo, utilizando-se da metodologia etnográfica, que promove a "teoria e a prática" (Strathern, 2014; Clifford, 2002). Este embasamento teórico reflete os(as) pensadores(as) contemporâneos originários de diversas diásporas, como: afro-estadunidenses, indianos, caribenhos e brasileiros. O objetivo é fortalecer os processos decoloniais, conforme demonstrado nas obras de Frantz Fanon (1925-1961), Oyèrónké Oyewùmí (1965-), Cleonora Hudson-Weems (1945-), Kimberlé Crenshaw (1956-), Gayatri Chakravorty Spivak (1942-), Abdias Nascimento (1914-2011), Beatriz Nascimento (1942-1995), Carolina Maria de Jesus (1914 - 1977), Lélia Gonzalez (1935 - 1994), Conceição Evaristo (1946-), José Guilherme Cantor Magnani (1944-), Luiz Antonio Simas (1967-), Muniz Sodré (1942-), Nei Lopes (1942-), Roberto da Matta (1936-), Carla Akotirene (1980-) e outros.

Para contextualizar brevemente a história socio-histórica e cultural, foi necessário voltar no período na metade do século XX na cidade de São Paulo. Com o crescimento urbano desordenado iniciado nesta época, ressalvo que perpetua até o presente momento, impactou/ impacta profundamente a vida daqueles que habitam esta metrópole, com a mudança urbanas em promover o desenvolvimento com a construções de rodovias, anéis viários, pontes e viadutos facilitando o acesso ao litoral paulista e a outros estados, visando em agilizar o transporte terrestre de mercadorias. Segundo a pesquisadora e professora Aracy de Amaral, em sua obra "A arte pública em São Paulo" (1998), a visibilidade econômica e política impulsionou os maiores investimentos financeiros na região central da cidade. Isso resultou em urbanização, crescimento de serviços públicos, espaços de lazer, educação e saúde.

Essas mudanças atraíram migrantes internacionais, como europeus, árabes e asiáticos que buscavam refúgio após a segunda guerra mundial. Paralelamente, houve um aumento do movimento migratório de brasileiros de outros estados para as grandes metrópoles, em busca de estabilidade econômica. No entanto, esse movimento gerou um crescimento populacional desordenado, com a ocupação de loteamentos clandestinos e irregulares, criando novos bairros nos extremos da cidade. Isso intensificou as desigualdades sociais e estruturais, resultando no "movimento de periferização" (Kaçula, 2020, p.15), contribuindo com a expulsão da massa trabalhadora e os pauperizados foram expulsos do centro da cidade para as extremidades, formando a "periferia" (D'Andreas, 2022, p.65).

No final da década de 40, a fazenda Rio das Pedras, situada no extremo leste da cidade, foi adquirida pela família italiana Bei, a partir desse momento, a terra foi dividida em lotes e comercializados, resultando no surgimento do bairro de São Mateus, território este que tornou-se um local acolhedor para as famílias da classe trabalhadora que muitas delas foram expulsas dos centro da cidade pelo mercado imobiliário. Essas famílias trouxeram consigo a "pluriculturalidade" (Silva, 2019, p. 20), incorporando diversas culturas, especialmente a cultura afro-brasileira, conforme Tia Cida dosTerreiros, uma interlocutora desta pesquisa narra em sua entrevista que "a minha família foi uma das primeiras a chegar em *São Mateus*." (Tia Cida dos terreiros, 2022)¹⁸.

O bairro de São Mateus começou a crescer de forma desordenada, levando ao surgimento e intensificação de problemas sociais e estruturais, desta forma, a população passou a se organizar e reivindicar seus direitos básicos e de infraestrutura. Em paralelo, algumas famílias como forma de lazer realizavam rodas de samba em seus quintais aos finais de semana para celebrar datas festivas, como: aniversários, casamentos, batizados, até mesmo a vida. Isso não só proporcionava a "festano pedaço" (Magnani, 1984), como o território esta situado no extremo da cidade e devido à falta de condições financeiras para frequentar os equipamentos públicos de lazer na região central, assim a famílias achavam a solução para pratica do lazer e cultura.

Sob o salto a temporal, vale lembrar que, entre as décadas de 60, o país enfrentava os efeitos dos processos políticos da ditadura militar, ocasionando as diversas violações dos direitos humanos, principalmente, om pessoas que eram contra a este sistema, passando a sofrer as ações depressão como: tortura, opressão, assassinatos e cárceres em massa, ampliando as desigualdades sociais e empobrecendo as diversas famílias periféricas.

Lúcio Kowarick, cientista social, e Nabil Bonduki, urbanista, destacaram que, no final da década de 1970, durante a ditadura militar, surgiram movimentos populares contra o custo de vida, mobilizando milhares de pessoas residentes na periferia em todo o

¹⁸ Maria Aparecida Trajano, negra, de cabelos brancos, sambista, conhecida carinhosamente como Tia Cida dos Terreiros, é uma das moradoras mais antigas do distrito de São Mateus, além de ser a matriarca e embaixadora do Samba paulistano. O quintal de sua residência ainda é um dos territórios sagrados do Samba, em que diversos sambistas nasceram neste *Berço do Samba de São Mateus*. Saliento que, nos próximos capítulos, saberemos quem é a Tia Cida.

país. Esses movimentos envolviam lutas por moradia, saúde, educação e cultura, buscando justiça social em um período de intensa repressão estatal.

Em conjunto com os movimentos populares e/ou sociais, a população encontrou a forma de denunciar as violações dos direitos humanos para sociedade e mostrar as omissões do Estado. Como arma para enfrentar o governo a população se respaldaram e buscaram o fortalecimento na cultura popular (Magnani, 1984, p.26)¹⁹, principalmente na música popular brasileira-MPB, como uma das alternativas de comunicação, articulação e mobilização. Portanto, algumas famílias negras do território de São Mateus proporcionaram em seus quintais rodas de samba como trabalho de fortalecimento com seus familiares e vizinhos, para que todes tenham a consciência crítica e política, ocasionando um aquilombamento cultural em convidar para exercer as lutas sociais assim, os “quintais das tias” (Sousa; Lima, 2015, p.86).

É relevante destacar que essas mulheres afro-brasileiras, como Ercilia, Xica, Severina, Carmem, Tia Filó e Cida dos Terreiros, pertenciam a famílias de baixa renda e periféricas. Elas desafiaram as normas sociais conservadoras, patriarcais, misóginas, homofóbicas e moralistas, promovendo uma nova visão de mundo baseada na cultura afro-brasileira.

Essas mulheres usaram o gênero musical samba como ferramenta de transformação social e cultural, impactando a vida de diversos adolescentes, jovens e adultos. Incentivando e apoiando os estudos musicais (samba), oferecendo as diversas oportunidades para uma nova construção de vida. Muitos desses jovens se tornaram músicos, compositores, percussionistas e sambistas renomados, contribuindo para o cenário da MPB. Além disso, o samba serviu como um meio de proteção a vida para todes que frequentavam seus lares, proporcionando o refúgio contra as violências urbanas, como mencionado por Gerson Martins (sambista) que lembra as orientações de Tia Filó.²⁰

Ela falava: filho você quer ser músico? Então vai estudar... Depois ela falava... “Sobrinho você quer ser músico?” Eu respondia: “Oh tia eu não quero, já sou músico”... Ela dava risada! E dizia: “Você ainda não é.... Ainda precisa profissionalizar”. Quando ela falou isso, falei: “Caramba... Tia, profissionalizar? Você precisa viver disso, mas pra você viver disso, precisa ralar e muito (Gerson Martins, 2021).

Desta forma, a cultura e a música popular/preta brasileira começaram a florescer no território de São Mateus na década de 90, tornando-se uns dos maiores redutos de Samba do Brasil. Essa ascensão recebeu a bênção de importantes figuras do Samba brasileiro, como: Beth Carvalho, Dona Ivone Lara, Almir Guineto, Monarco, Pau Brasil, Leci Brandão, Jorginho do Império, Nei Lopes, Paulinho da Viola, Fundo de Quintal e outras Velhas Guardas de escolas de Samba paulistanas e cariocas.

O reduto de Samba de São Mateus teve o crescimento e o reconhecimento significativo, testemunhando o surgimento do Berço do Samba de São Mateus (1990_), o Grêmio Recreativo de Tradição e Pesquisa Morro das Pedras (entre 2000 e 2003 - extinto). Surgiram ainda diversas Comunidades de Samba como: Maria Cursi (2005_), Toca da Onça (2010_), Jardim Vera Cruz (2017_), Samba dos Quilombos Vila Flávia (2019_), Panelão do Jarrão (2021_), entre outras comunidades de samba que nascem a cada final de semana no distrito de São Mateus.

¹⁹ Interpretando o conceito de cultura popular ditos por Magnani (1989, p.26), analisa que a cultura popular são as manifestações dos costumes, vestimentas, culinária, músicas, ritmos, todas expressões que aquele grupo étnico, ou, comunidade se expressa diante da sua vida social, construídas pelo modo de vida, principalmente em comungar os saberes e trocas no repassar para as próximas gerações para que protejam e preservem as tradições.

²⁰ Filomena, mais conhecida como Filó, ou tia Filó, mulher grande, negra, vaidosa, auxiliar e técnica de enfermagem, viúva, mãe de 10 filhos e que criou mais 90 filhos (as); a mulher que, na sua casa, todes, de alguma forma, se alimentavam, onde o pão francês era dividido em 10 pedaços. Nos próximos capítulos vamos conhecer melhor quem é essa matriarca do Samba de São Mateus.

Além disso, blocos carnavalescos como Japoscão e Favela (ambos originados na década de 70) e as escolas de Samba Flor de São Mateus (1960-1970), os Grêmios Recreativos Escolas de Samba Amizade São Mateus (1995_) e Aroeira (2015 _), a Orquestra de Samba e Choro de São Mateus (2004_) e o Instituto Cultural de Tradição e Memória de São Mateus (2016_) também se estabeleceram na região.

Na década de 90, São Mateus, já reconhecido como reduto do Samba, adquiriu o título de reduto da cultura Hip Hop, como surgimento da D.R.R Posse - Defensores Ritmo Rua, o Grupo de Rap De Menos Crime e o Coletivo de OPNI, conhecido por sua arte-grafite pelas ruas do distrito, especialmente no bairro de Vila Flávia, criando uma galeria de arte a céu aberto que retratava a vida cotidiana das personalidades do bairro. Essa união do Samba com o Hip Hop tomou proporções maiores na cena cultural, sendo celebrada em festas, praças, ruas e na quebrada (Santos, 2011, p.88).

Este trabalho dissertativo será dividido em 3 capítulos: o primeiro abordará a Escrivência, destacando a importância da educação e a influência do Samba na vida da autora e metodologia. O segundo capítulo abordará o Samba e suas histórias, reverenciando as memórias negras paulistanas. O terceiro capítulo focará na apresentação do distrito de São Mateus e os quintais do samba e o reduto do Samba de São Mateus.

É importante frisar que, ao final de cada capítulo haverá o glossário contendo as traduções das palavras do idioma africano yorubá, traduzidas para o português, a fim de enriquecer o vocabulário pessoal do leitor.

Este trabalho de pesquisa enfrentou várias encruzilhadas, guiadas pelos orixás Exu e Ogun, juntamente com o gênero musical Samba. Iniciou-se com a escrivência da autora, conectando sua própria jornada de vida com o reduto do Samba de São Mateus, resultando em uma abordagem antropológica. O objetivo geral foi compreender as ações dos sambistas passados e atuais do distrito de São Mateus, derrubando barreiras temporais e espaciais que cruzam com a cultura afro-brasileira e periférica, com a música popular brasileira, visando garantir a sobrevivência em buscar novas alternativas para construir uma sociedade que tenha mais equidade social. Este esforço também visa valorizar a memória cultural, coletiva e social do território para as futuras gerações de sambistas, permita-se a compreensão de suas raízes ancestrais moldadas pelo Samba, referindo-se aos que coletivamente construíram este lugar chamado São Mateus.

Grafismo 01- Sou a soma de todos



WIZE

CAPÍTULO 1 – ESCRIVIVÊNCIA E OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

Os caminhos da escrevivência trilham a trajetória de vida de um ser humano que escreve este trabalho de pesquisa. Esta jornada está entrelaçada no tripé da cultura afro-brasileira (religiosidade afro-brasileira, samba, capoeira/dança) e em suas diversas conexões estabelecidas pelas redes de sociabilidades dentro e fora do território de São Mateus. O objetivo deste capítulo é expressar a autoetnografia por meio dos relatos da escrevivência, reacendendo as coleções de memórias da pesquisadora desde a infância até o momento presente, buscando estratégias para sobre-existir diante da sociedade brasileira. Este capítulo está dividido em 3 subcapítulos: o primeiro aborda as Escrevivências, o segundo detalha os percursos metodológicos que delineiam a estrutura desta produção científica e, por fim, são apresentados os diários de campo.

1.1. Sobre-existir

O psiquiatra e pan-africanista Frantz Fanon (2008), em sua obra "Pele negra e máscaras brancas", apresenta uma análise crítica das relações coloniais vivenciadas pelos grupos étnicos, especialmente os oriundos das diásporas afro-africana, brasileira, estudonidense e os seus descendentes. Ele destaca as consequências ocasionadas pela colonização europeia, que impôs sua cultura e violentou outras culturas, como as dos povos africanos e indígenas, subjugando-os à condição de escravos subalternizado²¹. Esse processo perpassado pela brutalidade e perversidade, disfarçado como uma suposta civilização, resultando no negacionismo, na invisibilidade e inferioridade cultural, culminando em violentações dos diversos corpos na tentativa do apagamento social e cultural. Isso se deu por meio da manipulação do padrão estético que promovia o embranquecimento e impunha um pensamento de conspiração.

Por outro lado, Fanon aponta os traumas causados pela colonização e as soluções para os subalternizados, principalmente do Sul Global, para que possam priorizar o enfrentamento, exercendo a coletividade e união de todos, buscando práticas de aprendizagem no conhecimento formal e informal, baseadas na educação. Essa abordagem visa à construção da consciência crítica e política, resultando no fortalecimento das economias das culturas não europeias e contribuindo para a ruptura das raízes estruturais deixadas pelo colonialismo. Ressalvo que, a cultura na sociedade contemporânea passou a ser construída com um grande significado na construção das identidades sociais, políticas e econômicas, perante a diversidade humana no respeito à corporeidade²², promovendo a coletividade e gerando pluralidade, em contraposição ao "universalismo abstrato" (Costa et al., 2020, p. 15). Esta cultura não separa os fluxos culturais dos efeitos sociais, por exemplo, dentro de territórios distintos, surgem variadas relações de poder, acompanhadas de contradições, onde distintos pensamentos e posicionamentos refletem os valores e costumes de cada grupo.

²¹ Parafraseando o conceito de subalterno(a) por Spivack (2015), se trata das pessoas periféricas exploradas pelo sistema capitalista que, não tem forças políticas para enfrentar o sistema e nem a "necropolítica", (Mbembe, 2015) a política da morte, no qual, as forças do estado escolhe quem vai morrer, desta forma, o sujeito passa a ser presa fácil, por passar os processos da colonização pelo fato de viver em país que sofreu com a colonização europeia, no entanto, após de séculos ainda sofremos com as marcas deixadas pelo colonialismo, com a imposição das diversas formas de violências principalmente com a violência econômica.

²² Explicando conceito de corporeidade, pela visão do professor Gomes (2009, p.03), são as expressões corporais performados por uma linguagem não verbal que comunica com outros corpos no meio que se vive, ou seja, o ser humano se relaciona com os outros, sob os gestos e movimentos diante das práticas corporais de acordo com a interação alheia formando a coletividade.

Esta diversidade deriva da individualidade de cada ser humano, passando por etapas de transformação e desenvolvimento. Inicialmente, ocorre no convívio familiar e depois se com as criações e construções das redes de sociabilidade, portanto, essas ideias contribuem para a formação de territórios geográficos que são construídos inicialmente pelo individualismo e, em seguida, pela coletividade, influenciando os corpos que ocupam esses lugares na sociedade, criando vínculos, memórias, afinidades, afetos e resistências.

Assim, apresento-me como mulher negra, macumbeira, lésbica, periférica que, faz magia negra, por meio dos meus escritos, como forma de manifesto e ato político oferecido à sociedade brasileira. Esse ato é uma forma de denúncia contra as violências sofridas, não apenas por mim, mas por toda a comunidade à qual pertenço, especialmente pelas minhas pares. Em meu corpo, há uma interconectividade com o mundo e os conhecimentos que dele advêm. Simbolicamente, carrego a vitalidade e a força dos meus antepassados, moldados pelo fogo da sabedoria ancestral negra e indígena, expressando palavras como vento que se espalham pelo mundo. Dentro de mim, coexistem o rio de água doce e o oceano de água salgada. Represento a terra que resiste e se reinventa diariamente, onde as sementes são plantadas para contribuir com as transformações sociais. Meus atos, em conjunção com essa essência, fazem de mim uma praticante de macumba, conforme explicado pelos escritores Luiz Simas e Rufino (2019) em "Fogo no Mato: As Ciências Encantadas das Macumbas", reconhecendo assim essa identidade.

[...]macumbeiro é o caráter brincante e político, que subverte sentidos preconceituosos, atribuídos os lados ao termo repudia do as impurezas, contradições e rasuras como fundantes de uma maneira encantada de se encarar e ler o mundo no alargamento das gramáticas. O macumbeiro reconhece a plenitude da beleza, da sofisticação e da alteridade entre as gentes (Simas; Rufino, 2019, p.03).

Desta forma, trago minha contribuição para a sociedade científica e para a cultura afro-brasileira por meio do meu *ebó*²³ epistemológico. Este é composto por palavras, trocas de saberes e responsabilidades, cuidadosamente preparados e realizados. Coloco folhas da planta de mamoneira nas encruzilhadas do mundo como forma de agradecimento, pois recordo que sou a realização dos anseios de meus antepassados, os quais abriram os caminhos para nós, como menciona a escritora Jurema Werneck em sua obra, onde afirma que "os nossos passos vêm de longe" (Werneck, 2010).

Como principal condutor, trago o *ofô* sob a forma de palavras da escrivência, para romper meu silêncio na comunidade científica. Desta maneira, a Antropologia se torna minha arma, amparando-me com teorias e metodologias para compor estes escritos que compartilho com todes que desejam e acreditam na possibilidade de construir uma nova sociedade com equidade social.

É de suma importância mencionar que a escrita para a mulher negra e macumbeira possui um valor inestimável, no que apresenta diversos (re)significados individuais, sociais, culturais e coletivos que estimulam as inserções e participações nas lutas emancipatórias pela justiça social, combatendo todas as formas de violência existentes na sociedade, não apenas no Brasil, mas em todo o mundo. Isso ocorre para que se estabeleça uma linha divisória entre aqueles que têm o direito de viver e os que não têm, considerando o conflito entre as forças do Estado (Costa et al., 2020, p.11).

²³Ebó [ẹbọ] = oferenda ou ofertar.

No entanto, a escrevivência é uma forma de escrita que abrange diversas intersecções²⁴, sendo produzida por mãos negras que englobam diversas categorias, tais como classe social, gênero, etnia/raça e territorialidade. É articulada e mobilizada juntamente com várias obras e produções científicas de pensadoras como Lélia Gonzalez, em "Racismo, Sexismo e Sociedade" (1984); Carla Akotirene, em "Interseccionalidade" (2015); Patricia Collins e Sirma Bilge, com "Interseccionalidade" (2021); e a ativista Kimberlé Crenshaw, em "Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero" (2020). Essas obras destacam a relevância teórica e analítica interligada que dialoga entre si ao falar sobre o corpo feminino negro. Como explica a professora dra. Carla Akotirene: "[...] os corpos femininos negros e indígenas são produtores de identidades complexas, sendo repetidamente afetados pela interseção de gênero, raça e classe, em contextos coloniais modernos" (Akotirene, 2019, p.19).

Apesar de ser uma forma de escrita interseccional, é importante lembrar que as práticas da escrevivência têm suas raízes na oralidade, originárias de espaços como becos, vielas, ruas, favelas, periferias, subúrbios, coletivos negros, saraus, rodas de samba e comunidades de Terreiros (candomblé, umbanda, quimbanda, tambor de minas). Essas práticas se introduziram e se solidificaram nos ambientes acadêmicos, públicos e privados, em todo o sistema educacional, bem como nas rodas de samba, por meio de canções, na literatura periférica com saraus, poemas, textos literários e contos. Surgiram de escritas criativas, carregadas de acolhimento, sensibilidade, afeto e saberes ancestrais. São conhecimento e aprendizados transmitidos pelas trajetórias de vida da grande massa trabalhadora, onde suas vozes passam a ser percebidas, visualizadas e ecoadas, fortalecendo as lutas contra o racismo e mostrando que o sujeito subalterno pode e deve ter sua voz ouvida.

Por outro lado, a escrevivência permite realizar o movimento Sankofa²⁵, conforme mencionado no provérbio do grupo étnico Ashante, dos antigos povos Adinkra (atualmente na República de Gana): "*Se wo were fi na wo Sankofa a yenkyi*", que significa "Não é tabu voltar para trás e recuperar o que você esqueceu (perdeu)". Nos últimos vinte anos, a escrita negra tem ganhado mais força no reconhecimento de autores negros, tanto dentro quanto fora da comunidade acadêmica. A literatura periférica entra pela porta da frente das grandes universidades públicas, ocupando espaço nas salas de aula e ganhando destaque nas produções científicas, provenientes das encruzilhadas de Exu e dos caminhos moldados por Ogun, assim como por todos os orixás.

Pode-se compreender não apenas como um grito ancestral afro-brasileiro, mas também como uma metodologia científica, segundo o conceito de 'metodologia' da filósofa e socióloga Patrícia Hill Collins (2020). Ela é definida como um conjunto de procedimentos e processos de investigação que abrange tanto abordagens qualitativas quanto quantitativas utilizadas nas amplas áreas do conhecimento humano e social. Dessa forma, a metodologia pode estar associada a um saber epistemológico, adotando uma abordagem interpretativa que não distingue etnia, gênero, classe ou cultura, mas, ao contrário, investiga métodos para compreender a gênese de novos estudos e soluções para os problemas da sociedade, como é articulado e percebido nos escritos

²⁴ Interpretando o conceito de interseccionalidade mencionado por Carla Akotirene (2020) e as outras pensadoras, é aprofundar nas narrativas de mulheres negras e indígenas, com as interferências de outras questões que são norteadas através do gênero feminino negro, por exemplo: as questões de classe, decolonialidade, orientação sexual, territorialidade, questão social, classe, étnica, estética (formas), que abrange diferentes corpos negros feminino.

²⁵ De acordo com o Dicionário de Símbolos - Significados de símbolos e simbologias. Sankofa - A palavra Sankofa, que na verdade tem dois símbolos que a representam, um pássaro mítico e um coração estilizado, simboliza a volta para adquirir conhecimento do passado, a sabedoria e a busca da herança cultural dos antepassados para construir um futuro melhor (SÍMBOLOS, 2008-2022, s/n).

de. Podemos identificá-la como conectada aos escritos da professora Conceição Evaristo (1946)²⁶, aplicada em diversas áreas do conhecimento, incluindo sociologia e interdisciplinaridade.

Diante dessa argumentação, destaco a reflexão de que, nos povos e/ou grupos outrora subalternizados(as), nos quais estou inserida, ainda lutamos para sermos ouvidos por ouvidos ensurdecidos pelas raízes coloniais ainda presentes no mundo ocidental, conforme destacam as obras de Frantz Fanon (2008), Grada Kilomba (2015), Lélia Gonzalez (2020), Beatriz Nascimento (2021), Abdias Nascimento (2002), Carolina Maria de Jesus (2014), bell hooks (2021), Sueli Carneiro (2005), Carla Akotirene (2019) e tantos outros pensadores afro diaspóricos, ao mencionarem que o subalterno(a) pode e deve ter voz em uma 'relação de sustentação entre a língua e a coletividade' (Fanon 2008, p.49), que é gerada pela pluralidade que compõe o 'quilombismo' (Nascimento, 2002), promovendo a quebra do silenciamento imposto pelos discursos universalistas e senso comum gerados pelo colonialismo brasileiro. Dessa maneira, todos os subalternizados(as) podem expressar-se por meio de nossas escritas, produções científicas e literárias, tanto dentro quanto fora dos espaços acadêmicos, onde nossas vozes encontram ressonância, garantindo o direito à vida, ou seja, à sobrevivência, permitindo o reconhecimento nas 'lutas políticas' (Costa et. al 2020, p.10) e incentivando os grupos minoritários nos processos de decolonização.

Dessa maneira, a escrevivência nos permite acessar todos esses campos para contribuir com uma escrita curativa, libertária, revolucionária e assertiva, nascida na individualidade e fortalecida pela coletividade, manifestada por escritores negros(as) periféricos que celebram em suas obras literárias a realidade social e cultural brasileira, como evidenciado nas edições dos Cadernos Negros²⁷. Com o objetivo de imortalizar os pensamentos de pessoas que alcançaram visibilidade dentro da comunidade negra, rompendo com a temporalidade ao transcrever a história da realidade social, mesmo utilizando autores fictícios, personagens questão reconhecidos por todos em suas trajetórias de vida diante da realidade social, especialmente na comunidade negra. Um exemplo é a escritora Maria Firmina dos Reis²⁸, a primeira mulher negra a escrever um romance, intitulado 'Úrsula', lançado em 1859, que retrata a realidade da época no período pós-abolição. Em um salto temporal, destaca-se a principal obra da escritora Carolina de Jesus, 'Quarto de Despejo - Diário de uma Favelada', de 1960, que narra a trajetória de uma mulher negra, periférica, mãe solo, catadora de produtos recicláveis, admiradora do gênero musical Samba. O relato denota sua revolta e indignação diante das atrocidades cometidas pelo Estado contra a população negra e não-negra periférica, que há muito tempo vivência a marginalização social, especialmente na cidade de São Paulo, entre outros locais.

Ao mostrar que minha escrita é subalterna, nascida das lutas pelo reconhecimento político, considero as dimensões das minhas experiências de vida, desde a construção do meu histórico familiar até minha inserção no âmbito educacional (ensinos

²⁶ Conceição Evaristo (1946-), nasceu na cidade de Belo Horizonte- MG, foi empregada doméstica, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro e cursou a graduação em letras na Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ, é mestra em letras em literatura-brasileira e o doutorado em letras/ literatura comparada na Universidade Federal Fluminense- UFF, possui diversas obras dentre elas: Beco Ponciá Vicêncio (2003), Becos da Memória (2006) e Canção para ninar menino grande (2022) e os diversos contos, saliento que, seus contos e textos estão publicados nos Cadernos Negros.

²⁷ Cadernos Negros, nascem no ano de 1978, por jovens negros(as), com o intuito de publicarem a literatura negra (poemas, contos, textos), desta forma, foram surgindo diversos autores que fortalecem a cultura afro-brasileira leiam mais no site: <<https://www.quilombhoje.com.br/site/cadernos-negros/>> acessado em 28 de maio de 2023.

²⁸ Maria Firmina dos Reis: a primeira romancista brasileira no século XIX, escreveu o romance "Úrsula", disponível em: <<https://cadernosdomundointeiro.com.br/pdf/Ursula-2a-edicao-Cadernos-do-Mundo-Inteiro.pdf>> acesso em 31 de maio de 2023.

fundamental e médio), passando pela infância e adolescência vividas nos quintais e ruas do bairro de São Mateus. Trago minha escrevivência, que me proporcionou subsídios para escrever de forma coletiva. Os registros desde minha infância até o presente momento, conforme mencionado pela escritora Conceição Evaristo (2005)²⁹ ao falar sobre “conseguir escrever se vendo e se ver”, ou seja, visualizar sua própria vida na escrita. Dessa forma, o movimento que faço ao trazer e escrever minhas memórias, histórias e lembranças são consideradas registros de diversos “ritos de passagem” (Da Matta, 2000).

Realizados com a junção da metodologia da autoetnografia, permitiu-me demonstrar que, através dos registros que faço, estou inserida no Reduto do Samba de São Mateus, onde os sambistas me incitaram a pensar que o Samba pode ter outras funções além da música, como a transformação sociocultural que impactou vidas. Ressalto que obtive esse reconhecimento pelos meus escritos sobre seus feitos e histórias.

Enfatizo que esta experiência realizada nesta produção científica me fez em “ser afetada” (Saada, 2005)³⁰ diversas vezes. O encontro com esse grupo de sambistas me propôs participar de ações pontuais com o poder público paulistano, discutindo o direito à cultura e ao lazer para o distrito de São Mateus. Especialmente, acompanhei os editais de fomento cultural para a inserção do Instituto Tradicional e Cultura e Memória do Samba de São Mateus, participando de eventos culturais na cidade de São Paulo e levando o Samba de São Mateus para outras localidades da cidade. Além disso, estamos em planejamento para criar um Centro Cultural - Casa da Tia Cida, para celebrar os feitos e as memórias do Samba de São Mateus. Por outro lado, durante as idas e vindas neste trabalho científico, constantemente me questiono sobre os sentimentos que permaneceram após o término desta pesquisa e quais as sensações de escrever este estudo baseado na minha experiência.

Fiz essa pergunta várias vezes e percebi que adentrava no campo para desenvolver a pesquisa de campo sem conhecer muito ou praticamente nada sobre o gênero musical Samba em sua essência. Não compreendia e nem aprendia sobre: a história do Samba paulista e paulistano; o reconhecimento das pessoas que receberam os títulos de catedrais, matriarcas, embaixadores(as), mestres e bambas; as influências musicais que o Samba recebeu até se tornar um gênero musical transcultural; participar de espaços onde o Samba é manifestado, como o Grêmio Recreativo Social Cultural Escola de Samba Vai Vai (em ser componente da Ala Ireti)³¹ e o Instituto Tradicional Cultural Memória do Samba de São Mateus, do qual faço parte do corpo diretivo.

As experiências participativas me permitiram ressignificar minha visão de mundo no universo do Samba, como negra, macumbeira, lésbica e moradora do distrito de São Mateus, essas experiências se moldaram na minha subjetividade, reconstruindo uma nova Fabi (Fabiana) através do reconhecimento de sambistas experientes e renomados. Se, por um lado, agora sou agraciada com o reconhecimento de sambista, por outro lado, assumo o compromisso de registrar e dar visibilidade às suas histórias e memórias para o meio acadêmico e para a sociedade, imortalizando-os por meio dos meus escritos.

²⁹ Entrevista concedida por Conceição Evaristo (2005) para Revista PUCRS, matéria, “Esse lugar também é nosso: a escritora Conceição Evaristo busca vaga na Academia Brasileira de Letras”, escrita por Ana Paula Acauan.

³⁰ Interpretando o conceito de ser afetado, criado pelo antropólogo Jean Saada (2005), explica que, “ser afetado” em um trabalho de pesquisa, como uma frase que possui a contradição entre duas palavras, portanto, estar no campo de pesquisa, para além, do uso da metodologia e abordagem científicas, não tem como sair da mesma forma que entrou, com a convivência com os interlocutores, passamos a ser desconstruídos e desarmados, a todo momento, portanto, “enquanto a pesquisa de campo, esta experimentação. Sob a tensionalidade que não é premeditada, vamos para o campo de pesquisa não sabemos o que será encontrado.

³¹ Visitem o site da Grêmio Recreativo Social Cultural Escola de Samba Vai Vai: <<https://vaivai.com.br/>>, acessado em: 28 de maio de 2023.

Isso impactou significativamente minha carreira profissional e acadêmica, permitindo-me perceber o valor que essas pessoas confiam a mim, agora vista como sambista e pesquisadora. Compreendi minha importância no campo de pesquisa, especialmente diante das batucadas, contribuindo para a elaboração do ritmo do Samba. Saio desse campo ainda mais fortalecida, conseguindo libertar-me de julgamentos e preconceitos no olhar das pessoas, absorvendo ensinamentos valiosos e lições diárias das tias, as quais continuo a refletir.

Sendo assim, o *oriki*³² do orixá Exu se faz presente em minha vida, por levar e trazer informações, sendo a própria comunicação, em assegurar que “Exu é a boca que tudo come”. E dentro de mim, habita o “dono do corpo” (Muniz, 1998), chamado Exu Bará, que me faz devorar teorias metodológicas e as transmutar em escritos para a sociedade. Antes de tudo, mastigo os *atarés*³³ para ativar o que está dentro de mim, em conjunto com o orixá Ogun, utilizando estratégias e a tecnologia ancestral. Sou alimentada pelo nutriente ‘ferro como benéfico e saúde’ (Santos e Donadia, 2010) para, então, devolver ao mundo uma escrita antropológica reflexiva que brevemente retrata as vivências construídas sob o corpo feminino negro inserido nesta sociedade patriarcal, misógina, homofóbica e sexista.

Buscando o suporte da autoetnografia para refletir sobre os caminhos da escrevivência como forma de resistência e existência, é como um grito inscrito no processo de maturidade, trazendo à tona a ideia de uma 'verdade seduzida', como expressou Muniz Sodré (2005). Ao adentrar em meu próprio corpo, que foi marcado pela cristalização dos julgamentos e pela exclusão social perpetrada pela branquitude através da cultura afro-brasileira, este corpo se torna a voz que procura trazer para a sociedade os impactos epistêmicos que continuamente experiencio ao entrar em contato com todos que voluntariamente ou indiretamente contribuíram para a construção deste trabalho de pesquisa, ajudando a dismantelar as estruturas das raízes coloniais brasileiras.

1.1.2. “Eus” e o Samba...

Vou, vou seguir pra onde o vento me levar
 Vou apertar os passos por onde eu passar
 Vou, na certeza que um dia tudo vai melhorar
 Tenho a ciência que eu não posso fracassar
 Eu agradeço aos amigos que com quem trabalhei
 E aos sambistas que pude acompanhar
 Quero deixar! A minha mensagem pra quem puder ouvir
 A febre de um artista é o dom de querer produzir
 Sou mensageiro da rua e não vou me calar
 Sistema algum, não vai me aprisionar...
 (Yvison Pessoa, Trajetória, 2020)³⁴

³² Oriki é um saber ancestral usado por adeptos da religião de matriz africana candomblé, da nação de Ketu, através da troca do conhecimento entre a dirigente, que ensina, e o mais novo.

³³ Pimenta africana, conhecida como pimenta da costa.

³⁴ PESSOA, Yvison: Trajetória - Álbum: Trajetória Gravadora: Topic - Ano: 2020, ouçam em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ZBLdx6d1HQw>> visitado em: 02 de junho de 2023.

Sou uma mulher cisgênero, negra, com aproximadamente 1,68m de altura. Meus cabelos são crespos, de cor castanho escuro. Sou lésbica, praticante do candomblé e regida pelas energias dos orixás Ogun e Oyá, além de ser *oju*³⁵ do orixá Oxossi. Sou divorciada e moro na periferia da cidade de São Paulo, mais especificamente no bairro Jardim da Conquista, situado no distrito de São Mateus. Minha formação acadêmica é em Assistência Social, mas me considero uma eterna aprendiz.

Minha jornada teve início na noite de 25 de fevereiro de 1980, na cidade de São Paulo, justamente durante o mês que celebra a maior festividade do país, o Carnaval. Sou a primogênita de Jandira Marques Silva do Carmo (Tauá)³⁶ uma baiana, e de José Roberto de Oliveira, um paulistano, ambos sempre batalharam para garantir a melhor qualidade de vida para nossa família. Em 1983, a família cresceu com o nascimento da minha irmã mais nova, Flávia Aparecida do Carmo.

Ao escrever minhas memórias de infância, sinto um profundo sentimento nostálgico e recordo o quintal da minha avó paterna, Floripes de Oliveira do Carmo (1940-2007), conhecida como Dona Flor, e dos outros quintais que pertenciam às tias (amigas de minha avó), onde ocorriam diversas situações, como comemoração pelo nascimento de uma criança, velório de um ente querido, festejos de um casamento, batizado e até mesmo celebrações de culto religioso. Portanto, como disse Bosi (2003, p.86), “a memória oral é um precioso instrumento na constituição da crônica do cotidiano, podendo funcionar como uma espécie de elo entre diferentes tempos”.

Lembro-me das rodas de samba nos finais de semana nos quintais das vizinhas, dos meus tios e amigos começando a brincar de batucar em baldes e bacias. Logo em seguida, os instrumentos de percussão chegavam e a roda de samba se formava. Aquele espaço era preenchido com alegria, sorrisos, cantorias, danças e palmas. A feijoada, ou o feijão gordo, acompanhado da caipirinha, nunca faltavam e todos se alimentavam e bebiam. Vale ressaltar que essas farturas ocorriam no início do mês, quando era dia de pagamento na “firma”; quando não havia dinheiro, todos juntavam moedas para comprar o alimento. Assim como descreveu Faustino (2018, p. 76), “a memória de uma batucada que começou lá atrás. E hoje trazem ritmo para meus passos e acalanto para a saudade do quintal sincopado”.

Minha memória mais marcante da infância remete à minha avó Floripes, lembrando-me de sua religiosidade ao cumprir suas obrigações religiosas e cuidar dos afazeres domésticos. Durante a semana, de domingo a quinta-feira, ela dedicava-se à Irmandade de Nossa Senhora, participando do grupo de orações e auxiliando nas obras assistenciais da Paróquia de São Mateus Apóstolo. A cada quinze dias, nas noites de sexta-feira e sábado, exercia outro papel como *cambona* nas giras/sessões no terreiro de Umbanda, localizado no quintal da Dona Lourdes, sendo a zeladora/dirigente desse território sagrado.

Às vezes, reflito sobre as práticas religiosas da minha avó paterna ao longo do tempo e compreendo que essas atividades religiosas têm origem em um contexto sócio-histórico. Durante o processo de escravização os nossos antepassados praticavam o sincretismo religioso como uma estratégia de sobrevivência e para fortalecer o exercício da fé perante a sociedade, a fim de evitar

³⁵ Oju[oju]: olhos

³⁶ No candomblé independente da nação tem um significado em cada nome dado pelo orixá Oxossi, quando a pessoa passa pelos ritos iniciáticos a sua identidade é ressignificada, portanto, o nome Tauá é o nome que a minha genitora recebeu após de sua iniciação que homenageia o orixá Oxossi, no uns dos significados, traduz em, o caçador de uma flecha só. Por outro lado, a mesma faz parte do candomblé da nação de Congo- Angola, possui raízes dos povos africanos bantos região africana advinda do país de Angola, ressalto que, o idioma falado é o kimbundu.

represálias da branquitude e evitar o crime de intolerância religiosa. Embora na conjuntura atual haja a Lei Federal nº 20.451, de 22 de abril de 2019, na década de 1980, esse decreto ainda não existia.

Na busca de informações em prosa com a zeladora Jaqueline de Oxossi (2023)³⁷, dirigente do Ilé Axé de Oxossi, situado na zona da mata mineira, na cidade de Viçosa em Minas Gerais, ela explica a função do cambone(a) na religião de matriz africana Umbanda, configurando-se como:

Atividade de uma cambone é 50% do entendimento do consulente, tem que estar atento. [...] ele é surdo, no sentido que aquilo que foi relatado do consulente para entidade, fique ali, né! Então é surdo. Ele é cego porque a pessoa que foi ali, muitas vezes não quer falar que foi no terreiro, então é cego. Então tudo que é falado e visto, no ritual a entidade tem a participação do cambono que vai buscar, arriar. O cambono que vai interpretar os dizeres daquela entidade. [...] como a entidade vai fazer o corre dela que aqui na umbanda dizemos a gira para trazer uma orientação em cima das angústias do consulente" (Oxossi, 2023).

Sob o som dos atabaques e a dança do *àgèrè*³⁸, o orixá Oxóssi, no "toque para os orixás caçadores" (Kileuy; Oxaguiã, 2009, p. 334), nasci, do ventre da mulher regida pela energia do orixá Oxóssi. Minha mãe, uma baiana arretada chamada Jandira, não teve medo de enfrentar a cidade de São Paulo o início da década de 1970, em busca de um sonho de estudar para tornar-se membro da corporação da Polícia Militar de São Paulo. Infelizmente, ela não teve essa oportunidade, pois não tinha concluído o ensino fundamental. Assim, por questões de sobrevivência, enfrentou o trabalho de empregada doméstica, ou seja, de "secretária do lar".

Sua história mudou quando conheceu a família do casal Sr. Julio, que morava no bairro de São Mateus e ofereceu outra oportunidade de trabalho na mesma função. Logo em seguida, ela iniciou-se no culto dos orixás no "candomblé" da nação Congo-Angola (Kileuy; Oxaguiã, 2009, p.29)³⁹. A partir das liturgias e dos ritos iniciáticos, renasceu como Tauá-Lande, mais conhecida como Tauá.

No ano de 1977, meus pais se conheceram e começaram a se relacionar afetivamente. Após três anos, casaram-se e estão unidos até o presente momento. Em 1980, nasci e dedico aos meus pais o trecho da composição "Papai vadiou", da compositora e sambista Leci Brandão (1985):

...E mamãe me contou que foi num pagode/ Que só terminou quando o galo cantou/ Papai tava lá mamãe, mamãe dançou/ Papai viu mamãe se amarrou/ Mas papai vadiou, mamãe gostou/ Papai vadiou, mamãe gostou/ Papai vadiou, mamãe gostou/ Por isso eu aqui estou. (Leci Brandão - Papai vadiou, 1985)

1.1.3. A luta por moradia digna: Tauá

Desde que meus pais se casaram, o maior desejo e sonho deles era ter uma casa própria. Quando nasci, morávamos em uma casa alugada. Na década de 1980, foi um período de transição no Brasil, com a crise econômica e a ruptura política causada

³⁷ Entrevista com a Senhora Jaqueline de Oxossi, via whatsapp, no dia 30 de maio de 2023.

³⁸ *Àgèrè* [Agueré]: dança rítmica dos passos dos orixás caçadores

³⁹ Explicando o conceito da religião de matrizes africanas- candomblé pelos os autores Kileuy e Oxaguiã (2009), no surgiu no Brasil por volta do século XV, é uma religião de matrizes africana que possui a filosofia da cultura negra-africana trazida por pessoas que estavam em condições de escravizados do continente africano, oriundos das região costa oeste da África. Ao chegar no Brasil foram forçados a adequar às novas condições ambientais e climáticas, principalmente no culto dos orixás, voduns e nkisis, que são forças/ energias da natureza. Salientamos que, esta questão de nação, é uma questão territorial, onde cada grupo étnico, de acordo com cada cultura, foram criados a nações: Fons, da região do antigo Daomé, o Ketu, os Yorubás, da região da Nigéria e Congo- Angola, os povos bantos, oriundo da região Angola, Congo.

pela queda do regime militar e a consequente redemocratização. As famílias de baixa renda estavam cada vez mais empobrecidas, caindo na vulnerabilidade social. Pesquisas realizadas na época por economistas e cientistas políticos apontam a situação vivenciada pelos brasileiros.

O PIB per capita, que de 1970 a 1980 vinha se expandindo à taxa média de 6,1% a.a., diminuiu 13% entre 1980 e 1983. A tímida recuperação apresentada no período de 1984-89 leva o valor deste indicador apenas a retornar aos níveis observados no início da década, de forma que se populariza a ideia de que os anos oitenta se constituíram para a economia brasileira, na "década perdida" (Ometto et al, 1995, p.404).

A alta inflação afeta a vida da população brasileira, especialmente os integrantes da grande massa trabalhadora, com aumentos nos preços dos combustíveis, gás de cozinha, água, luz, remédios, alimentação e aluguel. Isso levou as famílias periféricas a buscar alternativas para escapar da pobreza e da marginalização social. Em 1985, minha mãe engajou-se na luta por moradia no movimento social Sem Teto II-São Mateus, cujas reuniões ocorriam no salão da Paróquia da Igreja Católica São Mateus Apóstolo. Sua batalha resultou na conquista da casa própria para nossa família.

Em 1989, ocorreu a ocupação de terras organizada por 10 grupos do movimento de moradia, originando o bairro Jardim da Conquista, localizado no distrito de São Mateus. Minha mãe desempenhou um papel de liderança comunitária como presidente da Associação dos Moradores do Jardim da Conquista por oito anos. Essa experiência foi abordada por Carmo (2012) em uma pesquisa científica apresentada no TCC, intitulado "Tauá e o Jardim da Conquista - A mulher negra na luta por moradia".

No início da década de 2010, o bairro passou por um processo de regularização fundiária, e as famílias receberam a escritura de suas propriedades, concedida pela Companhia de Habitação de São Paulo, após mais de 15 anos de negociação entre o poder público e os moradores, refletindo a luta pela emancipação social e a garantia de direitos conforme a Constituição Federal de 1986. É importante ressaltar que escrevo esta dissertação dentro do nosso lar!

1.1. 4. Orixás

Entre um aprendizado e outro, com as minhas griots⁴⁰, Tauá, dona Flor e as tias, aprendi a respeitar a ancestralidade afro-brasileira e indígena desde muito cedo, por meio da educação nos Terreiros⁴¹ das religiões de matriz africana, especialmente no candomblé e na umbanda. Esses locais são verdadeiros quilombos urbanos, onde aprendemos a viver em comunidade, a compartilhar alimentos e a sentir um pertencimento familiar que vai além dos laços consanguíneos. O cerne desse aprendizado está no respeito aos mais velhos e aos seus saberes, possibilitando a troca de conhecimentos e a transmissão das histórias e ensinamentos dos griôs, os mais velhos, para as gerações mais jovens.

⁴⁰ Griots: Nome dado às pessoas que repassam seus conhecimentos, canções, mitos e histórias ao seu povo, principalmente aos mais novos. Comumente, esses cidadãos pertencem à melhor idade - os seniores - e são consideradas importantes pela sociedade africana (principalmente da África Ocidental, onde estão situados os países: Benin, Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo) No Brasil, em especial, usamos este termo para referendar os (as) catedrais, matriarcas, embaixadores e sambistas, nas rodas e escolas de Samba.

⁴¹ O uso da letra "T", que inicio a palavra Terreiro que será visto ao longo desta produção científica, está relacionado ao solo sagrado e consagrado pela ancestralidade afro-brasileira.

Desde muito cedo, minha avó me levava ao Terreiro de Umbanda para receber os benzimentos das entidades. Guardo na memória o altar colorido, com imagens dos santos católicos e dos orixás, recordo o cheiro da fumaça do cachimbo e os galhos da planta arruda segurados nas mãos da preta velha Vó Belmira e do pai Tobias. Também recordo as festas de Cosme e Damião. Assim, fui crescendo, absorvendo todas essas referências religiosas.

No início da década de 2010, diante dos ritos do culto do orixá Ogun, fui iniciada no candomblé da nação Ketu (o qual será aprofundado nos próximos capítulos) no Ilé Asé Kalamum Fun-Fun, na cidade de Franco da Rocha-SP, e assumi o cargo de *Ekedji*⁴². Por motivos de força maior, afastei-me e saí, mas guardo todos em meu coração com enorme respeito. De acordo com os escritos de Gersonice Azevedo Brandão, conhecida como Ekedji Sinhá (2016), pertencente ao Terreiro da Casa Branca, na cidade de Salvador-Bahia, ela explica: “[...] eu sou equede de Oxóssi! Só porque foi Oxóssi quem me deu esse cargo. Eu sou equede de todos os orixás, de Exu a Oxalá. Exu é meu filho tanto quanto Oxóssi e Oxalá. Eu me sinto mãe deles de verdade. O amor materno de uma equede não tem explicação, mas tem uma origem ancestral” (Brandão, 2016, p. 27).

No ano de 2019, migrei para a *egbé*⁴³- Ilé Asé Odé Dagba Nikan, além de ser *ekedji*, onde ajudo a cuidar de toda a comunidade, desde os orixás à organização social e política. Vale mencionar que neste espaço, onde temos a macumba, o Samba, a dança e as trocas de saberes ancestrais, as magias e os encantamentos dos saberes se dinamizam e pegam carona nas asas do vento, encruzando caminhos, atando versos, desenhando gestos, soprando sons, assentamentos, chãos e encarnando corpos. Na miudeza da vida comum, os saberes se encantam e reinventam os sentidos do mundo (Simas; Rufino, 2018, p. 13).

É importante ressaltar que o conceito de macumba vem do dialeto oriundo dos povos africanos bantos, em Kimbundu, sendo a palavra referente a um instrumento de percussão africano feito de madeira, tocado com uma vareta, muito parecido com o reco-reco, usado nas rodas de samba. No entanto, a terminologia macumba é utilizada de forma pejorativa e preconceituosa pelo preconceito religioso eurocêntrico, impondo ao senso comum a demonização das religiões de matriz africana e intensificando o crime de intolerância religiosa. Isso é resultado de dogmas cristãos, que advertem atitudes e ações como pecaminosas. Para as religiões afro-brasileiras, como o candomblé, não se acredita na existência de 'demônios' ou 'diabos'. Esses conceitos são criações da cultura religiosa eurocêntrica e não fazem parte das crenças dos povos que cultuam as religiões afro-brasileiras, onde palavras como perdão e pecado não têm lugar, pois não são parte de suas crenças.

1.1.5. Samba pede passagem

É no fundo de quintal da casa da minha avó que o Samba trazia a magia, chegando como a música “miudinho, miudinho, meu bem”, do grupo Fundo de Quintal (1989)⁴⁴. Os passos marcados, a alegria, as trocas, a comida, a união da família e dos amigos se tornavam presentes durante as costumeiras reuniões nos finais de semana. Foi aí que meu pai começou a me apresentar

⁴² Explicando o conceito da palavra Ekedji, por Kileuy e Oxaguiã, é uma palavra derivada do candomblé da nação Ketu, são mulheres escolhidas pelos orixás para cuidar dos orixás e a família

⁴³ Egbé [Egbé]: Família espiritual.

⁴⁴ Fundo de Quintal: Miudinho, miudinho meu bem - Álbum: Ciranda do povo. Gravadora: Ed. Universal Music Publ Mgb Brasil / Warner/Chappell, 1989 - ouçam em: < <https://www.youtube.com/watch?v=cEV0ZIlloo4o> > visitado em: 29 de maio de 2023.

e ensinar sobre o bom e velho amigo e companheiro Samba, seus estilos (partido alto, Samba rock, terreiro, bumbo, crioulo, etc.), a música da black music (música negra) e a música preta brasileira - MPB em geral.

Nossos finais de semana eram sagrados, ouvindo o programa de rádio 'O Samba Pede Passagem', da rádio USP-FM, com o radialista Moisés da Rocha⁴⁵ e aos domingos, o programa 'Rede Nacional do Samba', do saudoso radialista Evaristo de Carvalho (1932-2014). Esses programas foram minhas referências para conhecer a história do Samba, especialmente suas raízes paulistas. Lembro-me de ver meu pai e meus tios, após ouvirem os programas, discutindo as expectativas sobre os preparativos do carnaval do próximo ano, fazendo palpites sobre quais escolas seriam campeãs do grupo especial e quais seriam rebaixadas para o grupo de acesso-1.

Observando e aprendendo com os mais velhos nas rodas de conversa em família antes e depois do almoço de domingo na casa da minha avó, o assunto, por vezes, variava. Em um momento era Samba, em outro, futebol, e depois a vida pessoal (nesta hora nós, crianças, éramos convidados a nos retirarmos do ambiente). Lembro-me com muita alegria e saudade desta passagem nostálgica da minha vida, pois a maior parte da família já partiu e se tornaram ancestrais, completando seus ciclos de vida. Por outro lado, nós que ficamos devemos seguir seus legados, transmitindo conhecimentos e costumes para as próximas gerações. Portanto, o Samba me reconstrói todos os dias.

Com meus mais velhos, aprendi três caminhos a seguir: Primeiro, o agradecimento pela vida, pela minha ancestralidade e pelos Orixás, lembrando que nunca estarei sozinha, pois eles estão comigo. O segundo, se ainda pairam dúvidas, é perguntar a uma criança ou a uma pessoa idosa qual o melhor caminho a seguir. Por fim, o terceiro ensinamento desvenda a dúvida sobre a história do Brasil: ouça um samba-enredo e aprenderá a verdadeira história do Brasil, pois está escrita nos sambas-enredo. Quer saber a resposta para a vida? Ouça um Samba.

1.1.6. Resistências - Do ensino fundamental a universidade pública

Os meus processos de resistência, que posso dizer foram diversas formas de reinvenção da vida em todos os sentidos, desde o início da minha jornada no âmbito escolar como pessoa negra no ensino fundamental, não foram fáceis. Na teoria, busquei entender o ambiente escolar como um espaço de construção, de trocas, aprendizado e ensinamentos, mas encontrei um espaço onde meu corpo não era bem-vindo, por vezes hostilizado por questões raciais, fundamentadas na estética negra.

Pensava que o ambiente escolar seria um espaço de acolhimento, construído pela inclusão social, com a valorização das diferenças e a superação das diversas formas de discriminação e homofobia presentes na sociedade brasileira. Imaginava que seria promovido o pensamento crítico e a participação ativa na vida em sociedade dos discentes, desde o ensino infantil até a universidade, para que todos fossem tratados da mesma forma, com equidade social. No entanto, não foi assim.

O professor Nixon (2013) explana que o ambiente escolar é uma réplica da 'violência lenta' ou 'invisível'. São os impactos causados por todos os tipos de violência, especialmente aquela que gradualmente destrói as culturas e os saberes das

⁴⁵O programa Samba Pede Passagem, está no ar desde o ano de 1977, sob as ondas da rádio USP- FM, pela voz de Moisés da Rocha, pesquisador e griô, perante a história do Samba brasileiro ao ser o imortal, traz o fortalecimento da resistência da cultura popular brasileira, em especial o Samba. Ouçam em: <<https://jornal.usp.br/radio-usp/sinopses/o-Samba-pede-passagem/>> visitado em: 01 de junho de 2022.

comunidades tradicionais do sul global. Essas imposições de opressões e agressões do neoliberalismo contra os povos tradicionais são praticadas pelo eurocentrismo, começando pela violência econômica, através da visão e interpretação do Ocidente diante do mundo.

Essa visão remete a sentimentos de inferioridade ao ferir a autoestima, por não atender aos padrões estéticos, econômicos, sociais e até mesmo religiosos. Esses padrões são aplicados dentro das instituições educacionais, gerando um ciclo de violência que feriu minha subjetividade como ser humano, como abordado na pesquisa científica “*Slow Violence and the Environmentalism of the Poor*”⁴⁶. Portanto, “[...] a violência lenta é caracterizada pela produção de entidades 'excedentes' e sujeitos 'sacrificados' em nome do progresso” (Nixon, 2013, p. 236).

A minha inserção no ambiente escolar foi difícil, sobretudo durante o período de alfabetização; comecei a ler e a escrever aos dez anos de idade. Lembro-me de um momento em que não queria mais frequentar as aulas devido às violências psicológicas recebidas pela turma em que estava matriculada. Sofria com brincadeiras ofensivas e perversas, hoje chamadas de *bullying*⁴⁷. Sendo apontada e ridicularizada na frente de todos por ser negra, ter cabelo crespo e não seguir o mesmo credo religioso. Em diversas situações de ofensas, chegava em casa chorando, principalmente por causa do meu cabelo. Minha mãe me abraçava e dizia:

Você é uma princesa! Você tem uma coroa e ninguém vai tirar. Essa coroa é o seu cabelo, que é a coroa do nosso povo. Sinta-se privilegiada porque nosso povo atravessou o mar, vieram do continente africano. Tiveram que esconder pequenos pedaços de ouro em seus cabelos para comprar a liberdade... Minha filha, nunca tenha vergonha de quem você é nem das suas origens (Lembranças da fala da minha mãe Tauá, s/d).

Assim, me sentia fortalecida e voltava para a escola no outro dia para enfrentar as violências do racismo novamente. Na adolescência, passei um bom período como atleta jogando voleibol nos clubes da cidade de São Paulo e da região metropolitana. Foram 15 anos de puro aprendizado, enquanto continuava meus estudos no Ensino Médio público.

Meus pais utilizaram o esporte como estratégia para me afastar das situações de risco, como o envolvimento com drogas e a criminalidade presentes no bairro em que morávamos. A violência urbana levou dois dos meus tios paternos, Jorge Luiz, com 19 anos, e João Henrique, com 43 anos, a serem vítimas de assassinato brutal. Até o momento, não sabemos quem cometeu o crime, e os casos foram arquivados pelo Estado, ocorrendo entre as décadas de 1990 e 2000.

Além deles, também perdi alguns amigos para a violência urbana, vítimas de extermínio em chacinas, no mesmo período que meus entes queridos. Todos esses casos foram arquivados pelo Estado, seus nomes se tornaram apenas registros nos boletins de ocorrência - B.O. - e nas páginas dos canais de comunicação em massa, como a televisão com seus programas sensacionalistas. Esses corpos inertes receberam um novo número de identificação na certidão de óbito.

⁴⁶ Tradução em português - “A Violência Lenta e o Ambientalismo dos Pobres”.

⁴⁷ Tradução em português- assédio moral

O sociólogo Tiarajú Pablo D’Andreas (2020, p.23), em sua obra, menciona que entre as décadas de 1990 e 2000, "nunca na história de São Paulo o índice de homicídios foi tão alto, e estes ocorriam principalmente na periferia. O principal alvo do genocídio eram (são) corpos negros masculinos".

Infelizmente, a criminalidade é uma realidade para a juventude negra periférica e sempre esteve ligada às desigualdades sociais e raciais. Para muitos, era a única possibilidade de garantir alimento para suas famílias e uma forma rápida de ascensão social. Muitos dos meus amigos foram institucionalizados e encarcerados em regime fechado no sistema penitenciário paulista. Depois de alguns anos, obtiveram sua "liberdade", como diz o trecho da música 'Homem na Estrada', do grupo musical de rap Racionais Mc's (1993)⁴⁸:

..Não olhar para trás/ Dizer ao crime: nunca mais!/ Pois sua infância não foi um mar de rosas, não/ Na FEBEM, lembranças dolorosas, então/ Sim, ganhar dinheiro, ficar rico, enfim/ Muitos morreram sim, sonhando alto assim/ Me digam quem é feliz/ Quem não se desespera vendo/ Nascer seu filho no berço da miséria/ Um lugar onde só tinham como atração/ O bar, e o candomblé pra se tomar a benção/ Esse é o palco da história que por mim será contada/ Um homem na estrada. (Racionais Mc's, Homem na estrada, 1993)

Diante dos aprendizados e ensinamentos da escola chamada Vida, pensei em como modificar essas situações ao presenciar o choro de mais uma mãe periférica. Ponderei sobre fazer algo em forma de denúncia, demonstrando os processos de racismo e suas diversas facetas - gerando os “epistemicídios” (Carneiro, 2005, p.96) - através da minha trajetória de lutas e conquistas como mulher negra, enfrentando diversos processos árduos e vivenciando situações violentas.

Dessa forma, busquei o conhecimento acadêmico para unir forças e lutar junto aos meus. No final da década de 2000, iniciei a graduação em Serviço Social no Centro Educacional das Faculdades Metropolitanas Unidas - FMU⁴⁹. Foi nesse período que senti os efeitos dos preconceitos contra mulheres de axé/macumbeiras, em um ambiente hostil e violento que impunha os conhecimentos da cultura eurocêntrica e dificultava a integração de outras culturas.

É importante destacar que sofri intolerância religiosa por parte de docentes que se intitulavam “cristãos” e “ateus”, colocando-me em situações vexatórias sempre que eu estava em preceito religioso. Eles exigiam que eu estivesse trajada e paramentada com as vestes brancas tradicionais das religiões de matrizes africanas⁵⁰. No entanto, resisti. E continuo resistindo!

No ano de 2012, ao final da graduação, fiquei muito debilitada devido a uma doença. Fui diagnosticada com neoplasia maligna da glândula tireoide (código internacional de doenças - CID: 73) e submetida a um procedimento cirúrgico, seguido por um ano de quimioterapia e radioterapia. Com fé inabalável, esperança no amanhã diferente e resistência e paciência para manter-me viva, consegui apresentar e defender, no mesmo ano, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o tema 'Tauá e Jardim

⁴⁸ BROW, Mano. “Homem na estrada”. Álbum: Raio X do Brasil. 1993 - Gravadora: Zimbabwe. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=mLDlgeS8JpE> > Acessado em: 02 de junho de 2022.

⁴⁹ Centro Universitário Faculdades Metropolitana Unidas- FMU, instituição privada paulistana.

⁵⁰ Saia branca de comprimento até o tornozelo, camisa branca, pano branco de 1 metro enrolado no meu tórax, no qual, os adeptos e praticantes da religião usam. Lento branco que chamamos de ojá, popularmente conhecido como turbante. Estava colocado em meu pescoço os fios sagrados que simbolizam as cores dos orixás e estava calçado de chinelo (grifo da autora).

da Conquista: A luta da mulher preta por moradia' (2012). Este trabalho acadêmico abordou a trajetória de vida da minha genitora, visando assegurar o direito à moradia digna não apenas para nossa família, mas também para outras 40 mil pessoas⁵¹.

Nas jornadas da graduação, aprendi que *água gelada com açúcar inibe a fome*. Durante os 4 anos do curso, utilizei esse recurso para amenizar as dificuldades financeiras de frequentar uma universidade particular. Nesta fase da minha vida, a música “O Pequeno Burguês”, do cantor e compositor Martinho da Vila (1969)⁵² ecoa na minha mente.

Desde 2013, atuo como assistente social, trabalhando em empresas privadas nas áreas habitacional e de assistência social. Enfrentei diversas demandas relacionadas à vulnerabilidade social e mantenho a crença na transformação social e no potencial humano. Ao longo de sete anos, minha situação civil mudou para casada, e, conseqüentemente, interrompi meus estudos. Decidi construir a família que sempre desejei, mas enfrentei violência doméstica. Aceitar e compreender essa situação foi um desafio. Em 2021, conquistei o divórcio e comecei a auxiliar outras mulheres que vivem a mesma realidade.

Em 2017, decidi retomar os estudos sem que ninguém soubesse. Realizei o processo seletivo na Universidade Federal do ABC para cursar a pós-graduação em Direitos Humanos, Diversidade e Violência. Fui aprovada, marcando um momento de grande alegria, sendo a primeira da minha família a estudar em uma universidade pública.

Em 2019, participei do processo seletivo da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP, para o curso de pós-graduação em Cidades, Territórios, Planejamento Urbano e Participação Comunitária, que concluí no primeiro semestre de 2022. Entre um Samba e outro, no final de 2020, recebi novamente o diagnóstico de um segundo câncer, desta vez no aparelho reprodutor. Na primeira semana de 2021, submeti-me a outra cirurgia (histerectomia). E agora? Sou uma mulher saudável, porém estéril, e posso dizer: *“Venci mais essa, conta aí!”*

Em janeiro de 2021, um amigo me enviou o edital do processo seletivo para o mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD. Com seu incentivo e apoio, ele segurou em minhas mãos e disse *“Saiu este edital. É sua oportunidade. Vamos? Você vai cursar o mestrado. Vai ter mulher negra, macumbeira, lésbica e periférica, na UFGD, sim”*⁵³. Eu ainda estava me recuperando da cirurgia, mas consegui me levantar da cama e escreverei pré-projeto para a seleção, e passei por todas as fases..

Atualmente, estou no mestrado, fazendo parte do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD, como bolsista CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

Na cadência, no miudinho e no sapatinho, como sugere o trecho da música “É devagar, é devagarinho”, de Martinho da Vila (1995)⁵⁴, agradeço todos os dias por mais uma oportunidade de ver a luz do sol. Enquanto ouço os sons dos batuques, estou escrevendo não apenas a minha história, mas também a de diversas pessoas que vão se reconhecer nessas linhas.

⁵¹Subprefeitura de São Mateus: Jardim da Conquista, completa 18 anos. Leiam em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/noticias/?p=5402> acessado em: 30 de maio de 2023

⁵²VILA, Martinho. O pequeno burguês: Compositor: Martinho da Vila: 1969: Ouçam em: < <https://www.youtube.com/watch?v=QYdxXF1fDKg> > acessado em: 05 de junho. 2022.

⁵³ Conversa informal com Harryson Junio Lessa, no dia 8 de janeiro de 2021, via whatsapp.

⁵⁴ MONTEIRO, Eraldo. Devagarinho, devagarinho. Álbum: Tá delícia, tá gostoso - Gravadora: Sony Music. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3m5f8-MLJO4>> Acessado em: 02 de junho de 2022

Nasci da alegria do carnaval e fui criada nos bastidores do movimento social de moradia, testemunhando as lutas e conquistas de um povo que não foge das batalhas. Meu objetivo é contribuir com esses escritos para fortalecer a cultura e a música popular brasileira, pois é a cultura afro que me revitaliza diariamente. Pretendo deixar essa escrita para as gerações futuras, para que possam se nutrir da mesma fonte que estou bebendo, e para que possam seguir meu legado, afinal, “sou o fruto da luta.”

1.2. Metodologia - As encruzilhadas entre a Antropologia e Etnografia

Tem gente chegando de todo lugar
Olha é com muita alegria.
E sabedoria que vamos cantar
A mais bela poesia
Que inspira o Samba e o povo de lá...
(Comunidade de Samba Maria Cursi-Terra de bamba, 2017)⁵⁵

No compasso da teoria metodológica, que guardam as semelhanças da criação de composição de um samba, tudo se inicia diante de um caderno, nas mãos de uma sambista munida de poder da escrita com uma caneta. A inspiração começa a ganhar vida no papel. O próximo passo dessa canção é atravessar métodos musicais, envolvendo inclusão e exclusão de cifras, notas e harmonia. Assim, os processos se iniciam com um período de maturação, com etapas que incluem a introdução da melodia, utilizando uma variedade de instrumentos musicais, como cordas, sopros e percussão, para definir os acordes. Isso se junta à harmonia e às vozes dos sambistas, criando a 'síncopa que produz o balanço rítmico típico do samba' (Lopes; Simas, 2021, p. 276), dando à luz uma canção, como a bela 'Tia Filó, Divina Senhora', composta pelo sambista Gerson Martins (2023)⁵⁶ e interpretada por diversos artistas, incluindo Yvison Pessoa, Timaia, Tocão do Banjo, Milbé, Leandro Matos, Gerson Martins, Dani Olinka e Dri Lima. Uma obra de arte musical nasceu no reduto do samba de São Mateus, enriquecendo a música popular brasileira - MPB.

Esse processo foi vivenciado durante o trabalho de campo no estúdio Borning Music, localizado no município de Santo André, em São Paulo, no mês de Fevereiro de 2023. Assim, correlaciono esses processos, vendo a repetição de exercícios semelhantes no desenvolvimento desta produção científica, que envolvem a elaboração, o desenvolvimento e a execução. Esses passos são percorridos nos caminhos das teorias das ciências sociais e antropológicas, buscando compreender as relações culturais construídas por diversas comunidades e grupos étnicos ao longo do tempo e espaço.

Dessa forma, “a antropologia nos ajuda a entender a importância do gênero musical Samba na cultura popular” (Magnani, 1984, p.18), assim como os impactos dos sambistas do reduto do Samba de São Mateus na transformação sociocultural e política. Por outro lado, a antropologia convida e desafia outras ciências a se desnudarem, a se despirem, estimulando a reflexão sobre as práticas dos processos decoloniais, visando romper com as raízes do colonialismo e promover a equidade diante da diversidade cultural, principalmente no território brasileiro.

⁵⁵Comunidade de Samba Maria Cursi: Pout-pourri Terra de Bamba. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=DILwCUwC3Zc>> acessado em: 03 de outubro de 2022.

⁵⁶ A música “Tia Filó, divina senhora”, composta por Gerson Martins, enfatizo que, acompanhei todos os processos desde do início até chegar o produto final, com o lançamento, ouçam em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e4sACxi-arw>> visitado em: 13 de junho de 2023.

Em uma breve retrospectiva histórica, na década de 70, a antropóloga britânica Marilyn Strathern (2014) chamou a atenção da comunidade científica para uma reflexão crítica e política, demonstrando que a teoria antropológica não é meramente descritiva; é uma ciência que colabora com as transformações da sociedade, revelando aspectos culturais distintos e provenientes de culturas não eurocêntricas, ao apresentar diferentes realidades e narrativas oriundas de outras “cosmovisões e cosmo percepções” (Oyewùmí, 2021, p. 29)⁵⁷. Essas narrativas são construídas para a sociedade a partir das observações e participações dos antropólogos em suas pesquisas de campo, buscando “conhecer qualquer fenômeno constituinte dessa realidade” através de uma abordagem que reconheça sua complexidade e dinamicidade dialética. (Piana, 2009, p.167)

Assim, a ideia de transformação social, como mudança, é a combinação entre o antigo e as novas práticas através do contato, respaldadas pela história, memória e costumes do grupo social estudado, resultando no “efeito etnográfico” (Strathern, 2014, p. 325).

Acredito que um estudo de pesquisa não se encerra em si mesmo, pelo contrário, as narrativas etnográficas têm a capacidade de construir uma linguagem ontológica, sob a perspectiva de “escrita densa” (Geertz, 1997), sem desumanizar o Outro, para que todes de alguma forma se reconheçam nas entrelinhas e usem essa escrita como documento de memória ou em favor das reivindicações de suas existências. Desta maneira, a antropologia desempenha seu papel em impactar a sociedade, auxiliando na construção do pensamento crítico, político e reflexivo, com uma “antropológica reflexiva” (Fonseca, 1998, p. 61).

A pluridiversidade cultural que caracteriza o Brasil encontra na cultura a solidificação e concretização de um movimento que une espaço e tempo, amalgamando experiências e memórias de cada pessoa quando entra em contato com o Outro, formando a coletividade. Isso é exemplificado na obra “A política como técnica de uso e como ato transformador: algumas reflexões a partir do caso dos Kaiowá de Mato Grosso do Sul” (2017), escrita pelo antropólogo indígena Fabio Mura, que ressalta o papel da cultura como estrutura social brasileira.

Esse impulso leva o sujeito ao confronto de experiências próprias, gerando pluralidade no processo comportamental, de acordo com a diversidade cultural utilizada como estratégia de sobrevivência. Assim, os sujeitos são diferenciados diante das ações das esferas cosmológicas, refletindo nas construções dos processos sócio-histórico-políticos que corroboram com a organização da estrutura cultural brasileira.

Com a realização de estudos antropológicos e o uso da etnografia, esta pesquisa se imbrica na sincopa entre metodologia científica, teoria antropológica e prática na pesquisa de campo, promovendo uma integração entre a investigação empírica direta e as análises comparativas ou teóricas da organização social da cultura (Hammersley; Atkinson, 2022, p.18). Isso vai além da escrita densa e documental, visando proporcionar aos grupos minoritários esse material científico como uma ferramenta para elaboração e desenvolvimento de aplicação em políticas públicas, visando a justiça social e a equidade perante a sociedade.

Esta produção científica apresentada está fundamentada em uma escrita crítica, reflexiva, empírica, qualitativa e etnográfica, respaldada por autores decoloniais das diversas diásporas, com o objetivo de proporcionar compreensão e entendimento ao cruzar

⁵⁷ Explicando o conceito de cosmovisão por OYẸWÙMÍ (2021, p. 29), o conceito da palavra cosmo percepção, é uma maneira que os povos africanos iorubás e os outros grupos étnicos (não-europeus) descrevem sua presença perante ao mundo, a partir do sentir e a percepção do viver e não seja só no visual.

a tríade (ancestralidade afro-brasileira, etnografia e o reduto de Samba de São Mateus), resultando na criação de '[...] um panorama a partir da relação entre a pesquisa de campo e a escrita antropológica, para pensar o lugar da descrição.' (Junior; Cariaga; Segata, 2015, p.103).

Dessa maneira, os elementos necessários para o desenvolvimento da pesquisa/trabalho de campo são harmonicamente encontrados, viabilizando a realização destes escritos científicos

1. 2.1. Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo desta procuração científica teve início no mês de abril de 2021, quando a autora ingressou no Programa de Pós-graduação de Antropologia - UFGD. É importante destacar que essa pesquisa científica enfrentou diversas dificuldades, especialmente devido à crise mundial da pandemia de coronavírus (COVID-19). Com a disseminação do vírus em todo o mundo, incluindo o Brasil, destaco que 703.399 vidas foram perdidas, conforme dados fornecidos pela Organização Mundial da Saúde-OMS⁵⁸, atualmente a pandemia está controlada, após a imunização de todes.

Por respeito às normas da OMS, houve um período de isolamento social voluntário, no qual todos permaneceram em suas moradias. Diversas estratégias foram adotadas para a elaboração desta produção científica. Entre os anos de 2021 e metade de 2022, por exemplo, cursei disciplinas optativas e eletivas no PPGANT-UFGD de forma remota. Além disso, participei de outras disciplinas optativas em quatro programas de pós-graduação distintos (PPGAS-UFG⁵⁹, PPFFC- UNESP⁶⁰, PPGA/UFC-Unilab⁶¹ e PPGSC/IMS-UERJ⁶²), as quais tiveram um formato híbrido. Vale ressaltar que, simultaneamente, participei de oficinas e workshops oferecidos por instituições governamentais e não governamentais nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, como o Instituto Pretos Novos e o Museu do Samba (Rio de Janeiro), a Casa Sueli Carneiro e a Oficina de Escritas Negras (São Paulo), com o propósito de obter informações para o desenvolvimento deste trabalho acadêmico.

Na busca por conhecimento, participei como ouvinte e apresentei trabalhos completos, artigos e resumos em eventos como o V Congresso de Pesquisadores Negros e Negras da região Centro-Oeste - COPENECO; V Colóquio Internacional Diálogos Sul – Sul e no II Congresso Internacional e Prática em Educação (CONEPE); I Seminário de Pós-Graduação do IFMS (SEMPOG); 2º Seminário Núcleo de Estudo de Gênero Esperança Garcia – Universidade Federal do ABC; II Seminário Diálogos NEAB da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD; 6º Simpósio do Samba; III Colóquio Internacional de Direitos Humanos e Políticas e Memórias, entre outros. Destaco que todas essas participações contribuíram para a construção e desenvolvimento desta escrita científica.

⁵⁸ Matéria: “Chefe da Organização Mundial da Saúde declara o fim da COVID-19 como uma emergência de saúde global”, escrita por, Luís Felipe Sardenberg e Sarah Buogo, no site da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)- Organização Mundial da Saúde, no dia 05 de maio de 2023, disponível em: < <https://brasil.un.org/pt-br/230307-chefe-da-organiza%C3%A7%C3%A3o-mundial-da-sa%C3%BAde-declara-o-fim-da-covid-19-como-uma-emerg%C3%Aancia-de-sa%C3%BAde> > acessado em: 23 de junho de 2023.

⁵⁹ Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Goiás - PPGAS- UFG.

⁶⁰ Programa de Pós-graduação da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista- Julio de Mesquita- UNESP- PPFFC- UNESP.

⁶¹ Programa Associado de Pós- graduação em Antropologia - Universidade Federal do Ceará- Universidade Luso Brasileira- PPGA/UFC-Unilab.

⁶² Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro-UERJ.

Finalmente, em novembro de 2021, mesmo com a pandemia do Covid-19 mais controlada, retornei ao trabalho de campo após três interrupções. Foram realizadas visitas institucionais e domiciliares, explorando espaços nos quais o Samba é manifestado e expressado, desde os quintais das casas até a participação em eventos públicos e privados, agremiações e escolas de samba, exposições culturais, casas de shows, teatros, bares e botecos, entre outros. O objetivo era analisar e compreender a essência cultural e social do Samba.

A pesquisa foi dividida em duas partes principais: a primeira compreende os processos metodológicos, apresentando as análises de conteúdo que embasaram a estrutura desta pesquisa. A segunda parte é composta pelos diários de campo, que evidenciam a imersão no trabalho de campo. A utilização do instrumental diário de campo permitiu registrar as vivências durante a pesquisa, incluindo as visitas institucionais e não institucionais.

1.2. 2. Metodologia

O primeiro passo foi a realização do levantamento da revisão bibliográfica entre janeiro e fevereiro de 2022, utilizando a plataforma dos bancos de dados do Catálogo de Dissertações e Teses CAPES⁶³ e a Biblioteca Brasileira de Tese e Dissertações-BDTD⁶⁴. Esses locais abrigam milhares de produções científicas dos diversos programas de pós-graduação do país, sendo uma forma de pesquisa que utiliza fontes bibliográficas ou eletrônicas para fundamentar teoricamente um determinado tema (Botelho et al., 2011, p. 03).

O objetivo do rastreamento de informações foi encontrar outras produções científicas que abordassem a mesma temática desta pesquisa, delimitada pelas palavras-chave: Exu e Ogun, quintais das tias, e reduto do Samba de São Mateus. A busca seguiu critérios de exclusão e inclusão baseados na temporalidade, considerando as produções dos últimos 5 anos (2016 a 2021), e na territorialidade referente à capital e ao Estado de São Paulo. Apesar da varredura realizada, não foram encontradas produções acadêmicas semelhantes que englobassem essas palavras-chave em outras pesquisas.

Além da abordagem etnográfica, a metodologia de cartografia social está presente neste estudo. Conforme Acseirad e Coli (2008, p.13), o imaginário cartográfico e as representações do território são utilizados para descrever, definir e simbolicamente possuir o real. Essa metodologia busca informações junto à coletividade humana para caracterizar e mapear o espaço, lugar ou território onde estão inseridos. A ideia é que a comunidade desenhe seu próprio mapa e o apresente ao poder público, visando trabalhar em conjunto para melhorar a infraestrutura e a qualidade de vida dos habitantes do território.

Essa metodologia é conhecida como “pesquisa colaborativa”, criando a ferramenta do “mapeamento participativo” (Acseirad e Coli, 2008, p. 15), permitindo reconhecer nuances no desenvolvimento do território, através de um conjunto de técnicas para construir um mapeamento coletivo. Isso se diferencia do mapeamento governamental realizado pelo poder público municipal, que se baseia na localização de equipamentos de serviços públicos e privados.”

⁶³ CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior: Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>> - acessado em: 03 de fev. 2022.

⁶⁴ Biblioteca Brasileira de Tese e Dissertação- BDTD: Disponível: <https://bdtd.ibict.br/vufind/Content/whatIs> - acessado em: 03 de fevereiro de 2022.

Partindo do pressuposto, deu-se início à imersão na busca por informações no trabalho de campo em novembro de 2021, estendendo-se por um período de 1 ano e meio, a fim de obter informações relevantes. O primeiro passo foi no Ilé Asé Odé Dagbá Nikan, onde vivenciamos durante 8 meses a interseção entre a ancestralidade afro-brasileira e os orixás Exu e Ogun, o papel das tias, o gênero musical Samba e o território de São Mateus.

Paralelamente, mergulhamos nos espaços onde a presença do Samba se manifesta na cidade de São Paulo, sob a ótica científica da antropologia, compreendendo as diversas dinâmicas através da metodologia da 'observação participante' (Magnani, 1989, p. 60), em conjunto com a etnografia. Isso permitiu a aplicação da teoria, metodologia e técnica, imergindo no local de pesquisa e vivenciando experiências com os interlocutores em diversos lugares, espaços e territórios dentro e fora de São Paulo.

Assim, o trabalho da antropóloga no reduto do Samba de São Mateus se concentrou em analisar e compreender a pluralidade cultural, entendendo as contradições e complexidades resultantes das questões e desigualdades sociais que impactam principalmente a vida dos subalternizados. Por outro lado, essas ações ajudam a criar alianças afetivas, fortalecendo os laços de pertencimento ao território. Com as diversas narrativas compartilhadas pelos moradores ativaram suas memórias afetivas individuais e coletivas, realizando o movimento Sankofa, visando aprender com o passado para aplicar no presente e escrever um futuro melhor.

O objetivo do trabalho de campo é registrar a vida do grupo pesquisado, materializando a realidade social, cultural e política na escrita antropológica. Isso proporciona trocas epistemológicas diversas, como cita Marcel Mauss em “Ensaio da Diva” (2003), estabelecendo alianças entre a pesquisadora e todos que contribuíram direta ou indiretamente para o desenvolvimento desta produção científica. Suas vivências e narrativas resgatam memórias que não devem ser esquecidas e se tornam parte da pesquisa científica, sendo mostradas nas transcrições feitas pela autora deste trabalho. Destaca-se a importância da memória ao descrever e realizar traduções para outra cosmologia, podendo ser usada politicamente como documentação para garantir direitos e fortalecer a formação da MPB, que está sempre em constante transformação musical.

Gradualmente, a pesquisadora inseriu-se em espaços sociais e culturais, participando de rodas de Samba em diferentes locais de São Paulo, eventos familiares de sambistas como os irmãos Pessoa (Yvison, Everson e Vitor), Tia Cida dos Terreiros, Gerson Martins, Emerson Madureira (Comunidade de Samba do Maria Cursi), o coletivo Acadêmicas das Sambas, a diretoria do Instituto Cultural Tradicional da Memória do Samba de São Mateus e acompanhando apresentações do Berço do Samba de São Mateus e Tia Cida dos Terreiros em espaços públicos e privados. Por fim, ela integrou-se ao GRCSSES Vai Vai desde 2021 até o momento atual.

a) Entrevistas e organização

No início de dezembro de 2021, deu-se início às entrevistas, aplicando um guia de perguntas para orientar o diálogo entre a pesquisadora e os interlocutores, juntamente com um formulário criado pela autora para facilitar esse processo. O guia continha 7 perguntas, enquanto o formulário foi desenvolvido para coletar respostas pontuais e breves, como nome completo, endereço, idade, sexo, grau de escolaridade, religião, etnia, entre outras, todas anexadas ao documento.

Destaco que esses instrumentos foram baseados nos marcadores sociais da diferença, que são construções sociais preexistentes ao nosso nascimento - não criadas por nós - e que se articulam para produzir maior ou menor inclusão/exclusão, dependendo de como confrontam as identidades sociais hegemônicas (Mello; Gonçalves, 2008, p.164). São categorizados por gênero, sexo, classe social, religião e faixa etária, definindo os seres humanos uns em relação aos outros, considerando suas características que compõem suas identidades, revelando as múltiplas desigualdades. Isso visa permitir que grupos minoritários proponham políticas públicas ao Estado, sendo o ponto de partida para nosso trabalho de pesquisa de campo.

A abordagem para realizar essas entrevistas começou através dos contatos estabelecidos pela pesquisadora nas rodas de Samba do território. Durante o mês de dezembro de 2021, contatos via WhatsApp e redes sociais foram feitos com base nas recomendações dos moradores e sambistas. Gradualmente, o processo de agendamento das entrevistas aconteceu, considerando a disponibilidade de cada participante para escolher o dia, horário e local.

É importante ressaltar que, a cada contato e entrevista marcada, foi apresentado e explicado o propósito da pesquisa científica, enfatizando a importância da contribuição dos participantes para o registro da memória do reduto do Samba de São Mateus, enriquecendo a cultura e a música popular brasileira.

b) Realização das entrevistas

Na data, horário e local marcados, a pesquisadora encontrou-se com cada participante em seus lares ou locais de trabalho. As visitas não apenas tinham o propósito de investigar o reduto do Samba de São Mateus, mas também de conhecer essas pessoas que, até o presente momento, contribuem para preservar e disseminar a história do Samba paulista e paulistano. São mestres, catedrais, matriarcas, embaixadores do Samba, cujos feitos continuam a resistir e reinventar a vida ao longo do tempo e espaço.

Em todos os locais das entrevistas, a pesquisadora foi recebida calorosamente, acolhida com sorrisos e alegria. É importante mencionar que, durante as entrevistas, houve momentos de muita emoção. Os olhos dos participantes marejaram e, por alguns momentos, lágrimas rolaram em seus rostos ao lembrarem de pessoas como as donas Ercília, Severina, Carmem, as tias Fifá, Filó - mulheres que deixaram sua marca e mudaram vidas ao adentrarem em seus quintais. Nessas emoções ao responder algumas perguntas, "[...] os silêncios, o não dito, o gesto que acompanha, modificar ou substituir a palavra são tão ou mais significativos do que aquilo que é expresso discursivamente" (Magnani, 1984, p.58), dominaram o espaço.

Num momento de quebra desse silêncio, o Samba se fez presente de forma inusitada durante a entrevista com o sambista Gerson Martins (2021). Em meio a tanta emoção e para dissipar o banzo e a saudade de Tia Filó, ele se dirigiu ao instrumento de cordas em seu escritório, com os olhos marejados. Começou a dedilhar os acordes do cavaquinho, a entoar versos e frases. Percebi naquele instante que estava nascendo uma nova composição ou samba para a música popular brasileira. Vale ressaltar que a música ainda não tinha nome ou melodia definidos, mas compreendi que seria uma homenagem às Tias do Samba de São Mateus, especialmente a Tia Filó, como ilustrado na imagem 02.

Imagem 01- Gerson Martins



Fonte: arquivo pessoal da autora (12/12/2021)

Destaco que o tempo de cada entrevista durou até 1 hora e 20 minutos. Portanto, ao formular as perguntas, a pesquisadora buscou acolher e cuidar dos participantes, usando uma 'linguagem simples e acessível' (Magnani, 1984, p.58), para que todos se sentissem à vontade ao responder.

O campo de pesquisa proporcionou diversas situações inusitadas, promovendo encontros inesperados entre o passado e o presente. Por exemplo, no dia 09 de janeiro de 2022, após 35 anos do falecimento de Tia Filó, uma das matriarcas do Samba de São Mateus, houve uma homenagem póstuma em seu quintal. Uma Roda de Samba foi realizada, reunindo uma boa parte da família. Durante esse encontro, a pesquisadora testemunhou reuniões de pessoas que não se viam ou se abraçavam havia 20, 25, 35 e 40 anos.

Além disso, foram realizadas rapidamente conversas informais com os nove filhos de Tia Filó, respondendo a uma única pergunta: 'Quem é Tia Filó?' Cada um deles respondeu de maneira diferente e especial, especialmente ao mencionar os feitos de Tia Filó, como narra a primogênita Dominique

A nossa mãe trabalhava pra fora. Ela era a nossa mãe, era cuidadora, trabalhava na enfermagem do Amparo Maternal, porque ela tinha que sustentar a casa. Ela comprava 12 pães e cortavam em dois e tornavam em 24 pedaços, ela falava assim: “onde come um, come 10”!... Eu sempre dizia: “come mal!” Pra minha mãe não existia o comer mal, entendeu? Minha mãe tinha um coração enorme... Ela era além da época dela, estava lá na frente do seu tempo. (Dominique, 2022).

Desta forma, Tia Filó, Fifa, Dona Carmem, Ercília, Severina (todas ancestrais) e a matriarca Tia Cida dos Terreiros, que continua o legado das tias, proporcionam alimento para diversas pessoas que passaram por seus quintais. Além de alimentar o corpo físico, nutrem a alma com acolhimento, afetividade, e ajudam os meninos e meninas de ontem a se transformarem nos sambistas consagrados de hoje no mundo da música popular brasileira.

Após as entrevistas e o trabalho de campo, iniciou-se outra etapa com a compilação dos dados coletados a partir das narrativas e transcrições de cada entrevista. Assim, entramos no processo de “análise dos depoimentos orais” (Von Simon, 1989, p.17). Através da observação participante e do uso da etnografia, esses dados contribuíram para esta produção científica, permitindo enxergar o quilombo que o gênero musical Samba proporciona à sociedade, especialmente no reduto do Samba de São Mateus.

c) Perfil dos interlocutores

O perfil dos interlocutores para esta produção científica está alinhado com os marcadores sociais da diferença. Descrevem-se categorias como gênero, etnia, classe social, território, religiosidade e escolaridade. Isso demarca as existências e as leituras das corporalidades que se entrelaçam dentro da sociedade brasileira, uma vez que, em algum momento de suas vidas, vivem em coletividade em seus territórios:

- Ilé Axé Odé Dagba Nikan - A yalorixá Nice d' Ode e os ogans Marcelo e Márcio Pereira da Cruz se autodeclaram pretos, pertencem à classe social C, são adeptos do candomblé e todos são casados e heterossexuais. A yalorixá tem 68 anos de idade, os irmãos ogans, Marcio e Marcelo, têm entre 42 e 43 anos de idade. A yalorixá concluiu o ensino fundamental, enquanto os ogans possuem ensino superior completo. Todos residem na zona leste de São Paulo;
- São Mateus - Dos interlocutores, 6 se declaram negros e 2 se declaram brancos. Todos estão na faixa etária entre 45 e 70 anos, exceto Tia Cida dos Terreiros, que tem 82 anos. Todos os participantes são moradores do distrito de São Mateus. A maioria é composta por profissionais autônomos e pertence à classe social C.

É importante mencionar que os participantes vêm de famílias numerosas. Ressalto que tanto os entrevistados quanto Tia Cida dos Terreiros exercem a profissão de músicos e possuem carreira solo. Seguem os perfis dos participantes

- Margarete Pereira: negra, 59 anos, paulistana, cabeleireira, chefe de família, solteira, tem 3 filhos, religião católica, ensino médio completo, moradora do Jardim Nove de Julho - São Mateus, foi frequentadora do extinto quintal da dona Carmem, meados do final da década de 70 a 80;
- Gerson Martins: negro, 53 anos, paulistano, sambista, compositor, solteiro, 4 filhos, religião evangélica, ensino médio completo, morador do Jardim Vera Cruz - São Mateus, músico, percussionista, produtor e diretor musical e pertence aos projetos Berço do Samba e O Samba que vem de lá de São Mateus, e sobrinho da Tia Filó;
- Naldo Candiá: negro, 52 anos paulistano, 1 filha, divorciado, religião candomblecista, morador do Jardim Vera Cruz - São Mateus, músico, sambista e compositor e pertence aos projetos Berço do Samba e o Samba que vem de lá de São Mateus;
- Timaia: branco, 55 anos, paulistano, não tem filhos, viúvo, comerciante, ensino médio completo, morador do Parque São Rafael - São Mateus, sambista, pertence aos projetos Berço do Samba e o Samba que vem de lá de São Mateus, e comerciante local;
- Yvison Pessoa: branco, 44 anos, pernambucano, solteiro, 5 filhos, ensino médio completo, morador do Jardim da Conquista - São Mateus, músico, sambista, compositor, percussionista e ex-integrante do grupo Quinteto Branco e Preto, idealizador do Instituto Tradicional Cultural da Memória do Samba de São Mateus, dos projetos Berço do Samba de São Mateus, O Samba que vem de lá de São Mateus e do Selo - São Mateus que apoiam o trabalho culturale artísticos dos sambistas na indústria mercadológica do Samba;

- Lucy Mendonça: branca, 70 anos, 2 filhos, moradora da Cidade Satélite - São Mateus, diretora do Jornal Gazeta de São Mateus;
- Manoel- Mané: negro, filho de Dona Severina, 59 anos, 3 filhos, ensino médio completo, motorista, morador do Jardim Vera Cruz e uns dos idealizadores do Bloco Japoscão e Favela.
- Marcelo Ercilio - Tocão do Banjo: negro, sambista, 56 anos, 3 filhos, morador do Jardim Vera Cruz- São Mateus, ensino médio/técnico completo, torneiro mecânico, sambista, compositor, pertence ao projeto Berço do Samba de São Mateus, é filho da Tia Cida dos Terreiros com o carnavalesco Chaminé (ancestral) da Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco, herdeiro do quintal da Tia Cida;
- Tia Cida dos Terreiros: negra, 82 anos, assistente social aposentada, 3 filhos, sambista, matriarca o Samba de São Mateus e embaixadora do Samba paulistano, Cabe ressaltar que seu quintal continua ativo, rompendo as barreiras do tempo e do espaço. Em 2013, nasce o CD da Tia sob o selo do Sesc.

1.2.3. Análise de conteúdo

Após a realização das entrevistas, adentramos nos processos de transcrição das mesmas. Aplicamos o processo metodológico da análise de conteúdo, que consiste em analisar os materiais discursivos para mensurar os dados coletados, realizando a análise e detectando categorias de análise para organizar as palavras mais citadas derivadas de cada entrevista.

De acordo com Pêcheux (1967) e Querido (1971), na obra “Festa no Pedaço” de José Guilherme Cantor Magnani (1984, p. 52), argumenta-se que a

Análise de conteúdo, agrupa-se uma série bastante heterogênea de procedimento que visam identificar, de maneira sistemática e objetiva, o significado de textos escritos ou verbais, e que vão desde a simples contagem do número de vezes que determinado termo aparece, até a leitura do texto com o auxílio de códigos previamente construídos (Pêcheux, 1976; Querido, 1971 apud Magnani, 1984, p.52)

Em diálogo sobre a teoria e método de análise de conteúdo tratados pela professora Laurence Bardin (2016), que apoia os processos de investigação nas áreas das ciências sociais, antropologia e humanidades. Essa metodologia é uma análise técnica de investigação, com o propósito de descrever e “sistematizar e quantificar o conteúdo manifesto da comunicação” (Bardin, 2015, p.24).

Por outro lado, a professora contribuiu, em seus escritos, para a “organização da análise” (Bardin, 2016, p.125), referindo-se a três fases processuais: a pré análise, exploração do material, o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação. A codificação mostra o número de vezes que uma palavra apareceu e, por fim, a categorização é “[...] uma operação de classificação de elementos constituídos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos” (idem, p.147).

Partindo das análises dos dados colhidos nas entrevistas, foram organizadas as categorias de análise sob as palavras mais repetidas nas entrevistas formais dos 9 interlocutores: quintais das tias, Samba, São Mateus, amizade, músicos, carnaval e futebol de várzea. Dessa maneira, foram descritos os sentidos de cada palavra que solidificaram as bases destes escritos científicos.

1.2.4. Categoria de análises de conteúdo-resultados

Após a imersão na comunidade, os achados da pesquisa foram organizados em eixos analíticos que deram origem aos capítulos da dissertação, resultando assim na configuração:

a) As tias o Samba como pedagogia do afeto e da amizade das resistências

Neste caminho perpassam as memórias das Tias, que são o próprio território do Samba. O Samba se constitui como aquilombamento pelas mãos dessas Tias, presentes como figuras educativas que subvertem, por meio das rodas de Samba, as lógicas de violência e exclusão presentes na periferia de São Mateus, evidenciando as lutas para afastar os mais jovens da vulnerabilidade das drogas e da violência policial. Mas esse é também um espaço de amizade. Essas mulheres são, em sua maioria, viúvas, mães solteiras e educadoras de seus próprios filhos, além de agregarem outras crianças, disponibilizando seus quintais para que seus filhos e amigos (ou filhos adotivos) possam participar das rodas de samba. Nas entrevistas, foi mencionado que essas Tias ofereceram apoio financeiro, moral, psicológico e profissional para que eles realizassem seus sonhos de se tornarem músicos profissionais. A maioria dos entrevistados ressaltou a importância desse modelo de gestão matrilinear, ou seja, a administração e organização dos espaços, principalmente o centro da família extensa, referindo-se aos quintais das Tias do Samba;

b) Samba

O Samba não se limita apenas a um gênero musical, mas transcende como uma transformação individual, uma resistência, a construção de vínculos e a formação de uma família extensa. Através do Samba, alguns se profissionalizaram. Hoje, são músicos profissionais que saíram do extremo leste da cidade de São Paulo, do distrito de São Mateus, para alcançar reconhecimento em todo o universo musical. Dessa forma, eles contribuem para o fortalecimento político e cultural, consolidando o reduto do Samba de São Mateus desde a década de 90. Isso se evidencia na criação do Berço do Samba de São Mateus, das 05 Comunidades de Samba, do bloco carnavalesco, da Orquestra de São Mateus, do Instituto Cultural Tradicional Memória do Samba de São Mateus, e dos 02 Grêmios Recreativos Escolas de Samba: Amizade Zona Leste e Aroeira;

c) São Mateus

É um território periférico onde se percebem, por um lado, as construções identitárias coletivas inseridas em um emaranhado de contradições, e por outro lado, a solidariedade entre seus habitantes e a união nas lutas por reivindicações junto ao Estado, visando à garantia dos direitos humanos. Isso se centra no artigo 6º, I, da Constituição Federativa do Brasil (1988), que se refere aos direitos sociais, como educação, saúde, trabalho, lazer, segurança, previdência social, proteção à maternidade e à infância, e assistência aos desamparados (BRASIL, 1990; 1988), para melhoria do bairro e a implementação de políticas públicas. Nesse contexto, os quintais das Tias assumem o protagonismo como quilombos fortalecidos pela consciência crítica e políticas de seus adeptos, permitindo a prática de militância política, principalmente por meio das canções criadas nesses espaços, as quais refletem a realidade da periferia;

d) Amizade

Nas entrevistas, tornou-se evidente os vínculos afetivos que construíram famílias não-consanguíneas, ou seja, famílias ampliadas onde todos fazem parte desse núcleo familiar, criando reconhecimento afetivo de irmandade, coletividade e cuidado mútuo.

e) Músicos

O músico é mencionado nas entrevistas como profissão. Os entrevistados apontaram que as tias os apoiaram desde a infância, incentivando seus estudos e buscando sua profissionalização no mundo da música para que pudessem ser reconhecidos futuramente pela sociedade.

f) Carnaval

Nas entrevistas, o Carnaval surgiu como uma forma de diversão e arte, a voz do povo. É importante mencionar que, nessas conversas, o Carnaval apareceu não apenas como momentos de diversão e folia, mas também como um ato político em que a verdadeira história do Brasil é contada através dos Sambas enredos.

g) Futebol de várzea

Nas entrevistas, é evidente que o futebol de várzea é uma forma de lazer nos finais de semana, com campeonatos realizados nos campos de várzea. Além de ser um esporte, esses campos carregam consigo códigos culturais trazidos das ruas para dentro do campo.

Por fim, esta produção científica pretende propagar e disseminar a memória do Samba paulistano e de São Mateus para que as futuras gerações de sambistas do país possam dar continuidade ao legado. Isso será alcançado através dos caminhos da pesquisa científica, já que esses escritos ganharam corpo a partir da moldagem da etnografia, com fundamentos teóricos e metodológicos provenientes da prática que intersecciona a cultura afro-brasileira, a MPB, a ciência antropológica, a territorialidade e os impactos do gênero musical Samba como instrumento de transformação social, cultural e político, tanto em São Mateus quanto para o mundo.

1.3. *Diário de Campo*

A composição de uma canção muitas vezes começa em um velho caderno, já riscado e amarelado pelas páginas marcadas pelo tempo. Da mesma forma, o caderno utilizado neste trabalho científico, com suas anotações diárias, recebeu o nome de “Diário de Campo” (Kroef et al, 2020)⁶⁵. Utilizaram-se canetas e lápis para registrar os fatos ocorridos, além de equipamentos tecnológicos como celulares para fazer registros fotográficos e um gravador. Conforme ressaltado pela antropóloga Olga Von Simson (1989),

“[...] a fotografia em uma pesquisa participante e outros nos quais ela teve o papel mais importante na fase final de elaboração do material utilizado para a devolução dos dados ao grupo pesquisado, é utilizar o recurso da fotografia em todas as fases da pesquisa: no registro dos dados, completando a descrição da situação estudada, como auxiliar na análise de dados de realidade e principalmente na evolução dos resultados da pesquisa ao grupo social investigado e a um público mais amplo (idem. 1989, p.14).

Esta pesquisa científica contém registros fotográficos e quatro desenhos/grafismos, os quais denomino como obras de arte. Foram criados especificamente para esta produção pela artista Louise Wise (2023), com o objetivo de retratar a importância da cultura afro-brasileira, centrada nessa temática. Além do processo de imagens conduzido por esta produção científica, é importante destacar o resguardo documental dos interlocutores por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE⁶⁶ (segue em anexo) Esse termo garante a participação voluntária na pesquisa científica, fornecendo informações necessárias sobre o questionário aplicado durante as entrevistas.

⁶⁵ Elucidando o conceito de Diário de Campo, para as autoras KROEF, GAVILLON e RAMM (2020), é uma ferramenta primordial para pesquisa de campo, onde existe a ligação entre o campo-tema de pesquisa, o instrumento de investigação que são anotados, as análises do campo feitas diariamente, é uma estratégia de intervenção, diante da observação participante. Esta importante ferramenta que acompanha a pesquisadora durante todo o trabalho de campo, no registro das memórias, por outro lado, possui o intuito de ser um instrumento de intenção política perante a realidade.

⁶⁶ O documento segue em anexo no final desta dissertação

1.3.1. Diário de Campo I - Ilé Axé Odé Dagbá Nikan

Começo esta etapa com o oriki de Exu, “*Exu Matou um Pássaro Ontem, com uma pedra que só Jogou hoje*” (provérbio dos povos africanos iorubás, s/d), trazendo para a contemporaneidade uma reflexão. Posso mencionar que, por meio desses escritos, sou a pedra que Exu jogou hoje para acertar o pássaro de ontem. O tempo dos orixás, especialmente Exu, não é linear; é como um caracol. Portanto, presente, passado e futuro interagem em conjunto, somos sujeitos(as) que estudamos o passado para escrever o futuro.

Tendo em mente esse oriki, comecei a realizar visitas e conviver no Terreiro Sagrado - Ilé Asé Odé Dagbá Nikan, desde novembro de 2021 até setembro de 2022, localizado na Rua Esperantinópolis, 490, Vila Nhocuné, na zona leste da cidade de São Paulo.

É um dos lugares que guarda e preserva os segredos e mistérios sagrados do culto dos orixás e a memória da cultura afro-brasileira, há aproximadamente 32 anos. Este local abriga a memória oral, cantigas, danças, rezas/orikis, encantos e assentamentos dos orixás. Como diz Rufino (2019, p.101), é “[...] o chão é sacramentado, é a morada de segredos, é lugar de encantamento, é o corpo ancestral, é onde ressignifica a vida.”

O ilé⁶⁷ é a casa que acolhe a todos, independentemente de etnia, gênero, orientação sexual, estado civil, classe social ou grau de instrução educacional, formando a comunidade negra, ou seja, o quilombo ancestral. O Ilé Asé Odé Dagbá Nikan, pertencente ao candomblé da nação Ketu⁶⁸, possui raízes familiares tradicionais da religião afro do Ilé Asé Òsùmàrè Aràkà Àse Ògòdó, conhecido como Casa de Òsùmàrè, um dos mais antigos terreiros/Ilé de candomblé do Brasil. Vale ressaltar que o candomblé, nascido em território nacional, é uma religião afro-brasileira. É importante mencionar que na África não existe Candomblé, pois parte dos africanos que estava no processo de escravização trouxeram consigo suas religiosidades e raízes ancestrais como forma de conforto, filosofia de vida e fortalecimento espiritual diante das atrocidades cometidas pelos colonizadores. Essas raízes ultrapassaram o tempo e espaço, sendo reverberadas e inseridas na cultura afro e popular brasileira desde o século XVI.

Os escritores Kileuy e Oxaguiã (2004), nos explicam que,

A palavra "candomblé" parece ter se originado de um termo da nação Bantu, candomblé, traduzido como "dança, batuque". Esta palavra se referia às brincadeiras, festas, reuniões, festividades profanas e também divinas dos negros escravos, nas senzalas, em seus momentos de folga, popularizando-se. Posteriormente, passou a denominar as liturgias que eles trouxeram de sua terra natal. Este nome se modificou e se secularizou na religião africana que floresceu no Brasil (Kileuy;Oxaguiã, 2004, p. 29).

Para buscar os ensinamentos da cosmologia litúrgica do culto dos orixás, em relação à educação de terreiro, durante conversas informais com a líder yalorixá Nice d' Odé Tuberan, que graciosamente cooperou com esses estudos, ajudou de certa forma a realizar o ẹbó epistemológico. Isso ocorreu em conjunto com os irmãos ogans Marcelo e Márcio Pereira da Cruz, e seus esposos ogans Bastião Pereira da Cruz, explicando o itan⁶⁹.

⁶⁷ Ilé [ilé]: casa

⁶⁸ O candomblé por ter raízes ancestrais de povos africanos, as nações são os territórios dos grupos étnicos culturais que vieram para o Brasil, desta forma, por uma questão cultural e territorial os africanos criam diversos mecanismos de defesa para que a memória, cultura, tronco linguístico, costumes, religiosidade, pudessem ser resguardados. Sendo assim, a nação de Ketu é oriunda do complexo yorubano. O idioma é Yoruba. É importante mencionar que no território nacional existem outras nações como: Congo Angola, Fon, Jeje, Tambor de Minas, Xangô, Tereko e não podemos deixar de mencionar na Umbanda que possui suas raízes afro-brasileira e indígena.

Exú sempre foi o mais alegre e comunicativo de todos os orixás. Olorun, quando o criou, deu-lhe, entre outras funções, a de comunicador e elemento de ligação entre tudo o que existe. Por isso, nas festas que se realizavam no orún (céu), ele tocava tambores e cantava, para trazer alegria e animação a todos. Sempre foi assim, até que um dia os orixás acharam que o som dos tambores e dos cânticos estavam muito altos, e que não ficava bem tanta agitação. Então, eles pediram a Exú, que parasse com aquela atividade barulhenta, para que a paz voltasse a reinar. Assim foi feito, e Exú nunca mais tocou seus tambores, respeitando a vontade de todos. Um belo dia, numa dessas festas, os orixás começaram a sentir falta da alegria que a música trazia. As cerimônias ficaram muito mais bonitas ao som dos tambores. Novamente, eles se reuniram e resolveram pedir a Exú que voltasse a animar as festas, pois elas estavam muito sem vida. Exú negou-se a fazê-lo, pois havia ficado muito ofendido quando sua animação fora censurada, mas prometeu que daria essa função para a primeira pessoa que encontrasse. Logo apareceu um homem, de nome Ogan. Exú confiou-lhe a missão de tocar tambores e entoar cânticos para animar todas as festividades dos orixás. E, daquele dia em diante, os homens que exercessem esse cargo seriam respeitados e chamados de pai”. (Autor desconhecido, s/d).

Entre um registro de campo e outro, presenciei e descrevi a yalorixá Eunice Odé Tuberan narrando a passagem litúrgica “A origem do Ogan” para três crianças que estavam brincando diante dos três atabaques sagrados *Rum*, *Rumpi*, *Lé*⁷⁰. Ela explicava a importância da figura do Ogan no culto dos orixás, em tocar os atabaques, entoar os cânticos e trazer a musicalidade, convidando os orixás a participar do xiré⁷¹, para celebrar a alegria, união, irmandade e respeito entre todos, além da aliança entre humanos e as divindades. Por outro lado, a yalorixá também explicou para as crianças a importância das estratégias de sobrevivência, a resistência e a reinvenção da vida dos negros por meio da organização, articulação e mobilização na luta contra o sistema colonial e escravocrata, inclusive nas fugas para os quilombos

De outro modo, ela mencionou a importância da musicalidade para as culturas vindas das diásporas africanas e para os povos indígenas, por fazer parte das raízes brasileiras que estão entranhadas em todos os brasileiros.

Escrever sobre os orixás Exu e Ogun nesta pesquisa é deixar claro que não estou realizando apologia religiosa, visto que vivemos em um estado “laico”⁷², onde todos os cidadãos brasileiros e naturalizados podem propagar sua fé, conforme o artigo 11º da Constituição Federativa do Brasil de 1988.

Ao fazer uma análise crítica da explicação da yalorixá sobre o itan para as crianças, notei a presença da educação de terreiros exercida através da oralidade e da vivência em comunidade, com a importância da preservação da memória coletiva

⁶⁹ Interpretando o conceito que escritor Póvoas (2004, p.13), sobre a palavra itan, condiz que, os itans são mitos, onde são cercados de pluralidade, troncos linguísticos, a sentidos em fatos que permanece na cultura de um grupo etnico através das memórias que se tornam tradicionais são passadas em gerações.

⁷⁰ Os atabaques Rum, Rumpi, Lé, são instrumentos musicais de percussão, conhecidos fora das religiões de matrizes africanas como, tambores, tumbadoras, ou congas. São revestidos de madeira dos lados e ferro, a boca é coberta com pele de animais. A função dos atabaques dentro do culto dos orixás, nkisis, voduns e entidades nas religiões afro-brasileira, que os orixás sejam convidados a participar da festividade com os seres humanos, ou seja, os batuques dos atabaques estabelecem a conexão entre os humanos e o sagrado.

⁷¹ Xiré [şiré]: Brincar

⁷² De acordo com o artigo 5º da Constituição Federativa do Brasil de 1988, inciso VI, menciona que “É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias”. (BRASIL, 1988), disponível em: < https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm > acessado em: 21 de setembro de 2022.

herdada pela cultura afro-brasileira. Passar os ensinamentos e aprendizados para os mais novos forma um aquilombamento, evocando o pensamento do educador Paulo Freire em sua obra “Pedagogia do Oprimido” (1987)⁷³

Neste local, há integração social, cultural e religiosa, sob um olhar acolhedor e sensível, o que nos permite uma nova releitura do mundo, sendo assim, procuramos compreender quem são os orixás Exu e Ogun em especial, para desmistificar o conceito impostopelo colonialismo que os coloca em lugares de depreciação, classificando-os como “demônios” e “diabos”. Isso gera uma dualidadeentre “bem e mal”, “sagrado e profano”, “sujo ou limpo”, impondo o “certo ou errado”, refletindo o julgamento religioso judaico-cristãocom imposições e culpabilizações entre “pecado e absolvição”.

Esses são conceitos que não existem nas religiões afro-brasileiras,principalmente no candomblé e em suas nações. Enfatizamos que são formas criadas pelo imaginário europeu para assassinar, desumanizar, manipular, usurpar e violentar os povos pertencentes a outras culturas

Como muitos pensam que Exu foi sincretizado como demônio ou interpretado como tal ao chegar a alguns países da diáspora africana. No entanto, ainda na África, antes de ser seu culto transportado aos países da diáspora, Exu já fora atribuído de identidades alheias à sua natureza por europeus que lá tiveram. [...] Da interpretação equivocada que confunde Exu com o demônio da tradição judaico-cristão decorrem, como não poderia deixar de ser, interpretações igualmente equivocadas do sentido ritual das oferendas e dessa divindade (Sàlamí; Ribeiro, , 2011, p. 20-21).

Nas encruzilhadas de Exu e nos caminhos de Ogun, é importante lembrar que a comunidade de Terreiro pesquisada está localizada em uma região periférica e cercada por outras culturas religiosas, como cristãos, católicos e evangélicos. Dentro desse território, foram construídas relações harmoniosas. Compreendi a importância de repassar os ensinamentos dos mais velhos para os mais novos da próxima geração. Esses ensinamentos são pautados no respeito mútuo e na troca epistemológica dos saberes ancestrais com os mais jovens para dar continuidade ao legado, preservando a tradição e a memória oral, social, cultural e coletiva das religiões afro-brasileiras. Isso promove pensamentos e ações que se opõem aos crimes de intolerância religiosa.

Exu

O dono do corpo quer dançar
Mavambo na barra do dia
No semba, Bombogira samba
Aluvaia alivia.No baque do baticum do baobá.
Bará é boca que tudo come .
Menino travesso é Eleguá
Na gira quem tranca a rua é homem
Elegbara vodum
Exu Odara, Agô iê!
Ina, Ina, Mojubá
Ará do Orum no aiê
No tempo sem tempo que tempo tem.
Acerta a pedra que não lançou.

⁷³ Pensar na obra “Pedagogia do oprimido”, de Paulo Freire (1987), é trazer a palavra pedagogia para uma série de reflexões, no que, refere a luta de classes que são apoiadas nas dialéticas de Marx e Hegel, pontuando a luta de todos os marginalizados pelo sistema capitalista, sob um pensamento revolucionário e filosófico, que não desumaniza, ao contrário, ajuda a construir o pensamento crítico e político diante da sociedade.

A pedra do tempo vai e vem
Num pássaro que já voou. (Música Baticum de Bará, 2021)⁷⁴

Exu é o orixá da comunicação, o mensageiro entre o ọrún e o àyé. Dentro da simbologia da cultura e da religião afro, especialmente no candomblé da nação de keto, ele representa a pluralidade e a diversidade cultural, os movimentos no mundo entre o caos e a ordem, a ética e a responsabilidade diante das linguagens política e poética. Sua essência vibrante está imbuída nos contornos da sabedoria ancestral, ressignificando os seres humanos. É o senhor das encruzilhadas terrestres e da vida. Exu conduz a vida na sua complexidade dos "princípios feminino e masculino", trazendo vitalidade e fertilidade para os humanos, dando continuidade à vida com o nascimento de novos seres. Ele é descrito como "[...] o senhor do movimento, que mantém o equilíbrio vital e distribui em partes iguais o essencial aos seres vivos, para que haja fertilidade e vida constante" (Alexandre, 2021, p. 17). Nas religiões afro, possui múltiplas designações, como Elegbará (yoruba), Pambu Njila (banto), Legbá (Fon), Eleguá (yoruba), Aluvaiá (banto) e outras.

A palavra é o maior veículo de comunicação que leva os seres humanos ao ọfó, permeando-se de diversas formas, principalmente para os povos de terreiro, trazendo o aṣe, onde a energia é carregada e transformada em magia a todo instante. Por essa razão, é necessário um cuidado diário com o autocuidado físico e mental, para que possamos transformar a saliva em algo como o 'sangue transparente' (Sàlamí: Ribeiro, 2011, p.16). Este potencial deve ser compartilhado entre os seres humanos, permitindo que as pessoas transmitam conhecimento e disseminem aprendizados pelo mundo de diversas formas, como através da música, narrativas, escritas, expressões corporais, entre outras.

O sociólogo Muniz Sodré (1998) explica que:

Por sua vez, axé, que confere significação aos elementos do sistema, se deixa conduzir pelas palavras e pelo som ritualizado. Junto com as palavras, junto com o som, deve dar-se a presença concreta de um corpo humano, capaz de falar e ouvir, dar e receber, num movimento sempre reversível (Sodré, 1998, p. 67).

Em contrapartida, o antropólogo Marcel Mauss, em sua obra 'Esboço de uma teoria geral da magia' (2003), dialoga com a sociologia em seus escritos, chamando a atenção para a magia e a religião e contradizendo as visões de grandes pensadores, antropólogos e sociólogos, como Émile Durkheim (1858-1917), que acreditava que 'magia e religião' são fenômenos institucionalizados que se manifestam de forma individualizada. Mauss lembra que a magia e a religião estão interligadas e derivam da prática repetida de ritos para alcançar resultados.

Chamamos assim todo rito que não faz parte de um culto organizado, rito privado, secreto, misterioso, e que tende no limite ao rito proibido. Dessa definição, levando em conta a que demos dos outros elementos da magia, resulta uma primeira determinação de sua noção. Percebe-se que não definimos a magia pela forma de seus ritos, mas pelas condições nas quais eles se produzem e que marcam o lugar que ocupam no conjunto dos hábitos sociais (Mauss, 2003, p. 61).

⁷⁴Composição: Luiz Antonio Simas: Baticum Bará- Interpretado por diversos intérpretes, em especial Luanna Bayo entre outros. Gravadora: ESI'ÚDIO 185 APODI, ano de 2021, ouçam em: < <https://www.youtube.com/watch?v=43Aj0IkxBbs> > visitado em: 22 de maio de 2023

As palavras trazidas por Exu e a sincopa feita entre Ogun são traduzidas nesta produção acadêmica sob o ritmo do batuque, a magia do Samba, refletindo-se nos movimentos corporais e ocasionando a comunicação entre os humanos. Isso visa obter a conscientização crítica e política sobre a sociedade, ressignificar, resistir, reconstruir, recriar, reinventar novas leituras diante do mundo, quebrando as amarras do colonialismo em prol dos processos decoloniais, pois Exu é uma energia que traz a ruptura de parâmetros com sua contradição, transformando o 'erro em acerto' (autor desconhecido, s/d).

Enfatizo que, na simbologia dos orixás, acredita-se na coletividade e não na individualidade como existência de um único poder soberano que possa governar todo o universo, ao contrário dos dogmas da cultura cristã, que atribuem uma única simbologia como sagrada, onipotente e soberana, sem compartilhar ou dividir a supremacia de forma conjunta. Assim é Exu.

Ogun

Ògún yè! Mo yè
Ògún sobreviveu, está vivo,
eu estou vivo, eu sobrevivo.

Ogun é o orixá ancestral que, na mitologia yorubá, é descrito como '[...] rei de seu povo, sacerdote, guardião dos segredos de sua cultura' (Sàlamí, 1997, p.67). Trata-se de uma divindade que ensina os seres humanos a utilizar tecnologia ancestral para transformar minério de ferro em metal, permitindo a construção de ferramentas que impulsionam o trabalho nos setores da agricultura e pecuária, além de criar meios para que os humanos possam ter uma melhor qualidade de vida. Ogun é um orixá civilizador, estrategista e articulador no mundo das ideias. Para Sàlamí (1997) em sua obra 'Ogun - dor e júbilo nos rituais de morte', discorre sobre:

Ogum, divino, forte, poderoso, é senhor de um saber que lhe confere poder de transformação e que se manifesta e objetiva na história do povo yorubá, através de seu trabalho sobre a natureza do ferro e do fogo. [...] a metalurgia, a guerra, a caça e a agricultura, é absoluta. Simultaneamente rei agricultor, caçador, guerreiro, ferreiro, minerador, detém conhecimento supremo sobre as artes básicas para a preservação da vida" (SÀLAMI, 1997, p. 66).

Ogun é a força presente em todos os seres humanos, proporcionando persistência e reinvenção diante dos problemas cotidianos, incentivando a ética e a responsabilidade para com os outros. Ele é o senhor dos caminhos da vida, das ruas, estradas e rodovias, todos os acessos possíveis. Ogun oferece aos humanos possibilidades, resiliência, resistência, disciplina e ordem, repudiando a injustiça e a traição, conforme expresso no oriki dos povos iorubás, que diz: 'Ogun tem duas facções. Uma é para abrir os caminhos e a outra para cortar a cabeça dos inimigos' (autor desconhecido, s/d).

Na simbologia do orixá Ogun, assim como Exu, ele está presente em todos os lugares, especialmente na cultura e música popular brasileira, sendo reverenciado não apenas nas rodas de Samba por suas conquistas e por seus seguidores, mas também no universo musical. Ele inspira e auxilia os seres humanos na fabricação de diversos instrumentos musicais de percussão, sopro e cordas, especialmente os utilizados nas rodas de Samba, tais como pandeiro, tamborim, surdo, caixas, rebolo, repique, repique de anel e mão, cuíca, agogô, frigideira e tumbadora/conga. Entre os instrumentos de cordas estão o violão de 7 cordas, o

cavaquinho e o banjo, enquanto entre os instrumentos de sopro estão o clarinete de 16 chaves, a flauta transversal, o saxofone e o trompete, entre outros, como mostram as imagens.

Imagem 02- Surdo



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2022.

Imagem 03: Cuíca



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2022.

Imagem 04- Banjo



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2022.

Imagem 05- Saxofone



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2022.

Assim, o orixá Ogun também se faz presente na musicalidade brasileira. Enfatizo que essas imagens foram registradas em diversos momentos durante as rodas de Samba no reduto de Samba de São Mateus, durante o trabalho de campo realizado.

1.3.2. Diário de Campo II - As visitas Institucionais e as marcas deixadas pelo movimento sociais.

Entre becos, vielas, esquinas e encruzilhadas, no mês de agosto de 2022, foi realizada uma visita institucional à Subprefeitura Municipal de São Mateus⁷⁵ para obter informações sobre o território de São Mateus e buscar a historiografia do reduto do Samba de São Mateus. É importante registrar nestas linhas que, durante o processo da pesquisa de campo, a pesquisadora tentou diversas vezes agendar uma reunião com o subprefeito, que ocupa o cargo de administrador dos assuntos relacionados ao distrito de São Mateus. Houve várias tentativas, por meio de diferentes abordagens, como e-mail, contato telefônico e solicitação pessoal no balcão de informações local. No entanto, não obtive sucesso.

Além disso, tentei entrar em contato por todos os canais de comunicação disponíveis no site da Prefeitura Municipal de São Paulo para agendar uma visita institucional ao Departamento de Patrimônio Histórico Municipal da cidade de São Paulo -DHP⁷⁶, mas até o momento presente, não recebi qualquer resposta.

Persistindo na busca, consegui, de maneira aleatória, um breve diálogo informal com o assessor de imprensa, o sr. Celso Freitas, que gentilmente me recebeu em sua sala e orientou a buscar informações sobre o território no site da Prefeitura Municipal da Cidade de São Paulo. Ele indicou que todas as informações sobre o distrito de São Mateus estavam na página da Subprefeitura de São Mateus, porém, por acaso, estariam desatualizadas, especialmente os dados censitários, e não mencionavam a presença de sambistas e músicos renomados no universo da MPB e do Samba. Assim, ele sugeriu que procurasse a direção do Jornal Gazeta de São Mateus para obter informações sobre o território, como registrado no diário de campo.

Jornal Gazeta de São Mateus

No dia 09 de dezembro de 2021, às 14 horas, no bairro de São Mateus⁷⁷, a senhora Lucy, diretora do Jornal Gazeta de São Mateus, recebeu-me em sua residência, onde apresentou a sede do jornal e sua história construída nos últimos 19 anos, sendo o veículo de comunicação mais antigo do distrito, abrangendo e levando notícias para todos os bairros de São Mateus e adjacências.

Durante um diálogo animado, repleto de informações sobre o distrito, Lucy compartilhou diversos detalhes que contribuíram significativamente para os escritos desta pesquisa, principalmente com este trecho de sua entrevista:

O jornal Gazeta tem 29 anos. E assim... Eu trabalhava em um outro jornal e São Mateus não tinha nenhum porta-voz da comunidade. Ninguém que respeitasse e nem ouvisse o povo. Não tinha ninguém que levasse a notícia do povo e não tinha nenhum representante. [...] Hoje temos um jornal que abrange os distritos de São Mateus e os bairros Parque São Rafael, Iguatemi e São Mateus e adjacência. Tem um jornal que é o porta- voz. [...] Em ouvir as reivindicações por direito que os moradores dos bairros fazem, e as autoridades têm que resolver. É ser o porta voz, já ajudamos muito as pessoas. E as pessoas vão nos lugares e não conseguem respostas. Vem aqui e vamos com elas, quando o jornal entra e vai cobrar as autoridades. (Lucy Mendonça, 2022)

Analisando este trecho da entrevista da jornalista, notei que as respostas que não obtivemos de um órgão público municipal responsável pela administração do distrito não continham as informações que encontramos por meio da pesquisa de campo realizada pelo Jornal Gazeta de São Mateus. Buscamos a “história oral” (Ferrenha, 2010, p. 01)⁷⁸ nas narrativas dos moradores antigos do distrito, a fim de contribuir para a construção da história de São Mateus do passado, para que as próximas gerações tenham conhecimento de uma pequena parte da história do território.

Por parte do poder público, nota-se um descaso e uma tentativa de apagamento histórico. Ressalto que Lucy Mendonça continua em busca de memórias de São Mateus, visando transformar o Jornal Gazeta de São Mateus em um documento histórico do território."

⁷⁵ A Subprefeitura Municipal de São Mateus é um órgão público, órgão público que representa a administração pública municipal no distrito e, que possuem a função de tecer interlocuções e mediação entre poder público e os munícipes.

⁷⁶ Visitem o site:< <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/agente/2690/> > acessado em 27 de junho de 2023.

⁷⁷ Por motivo de respeito e sigilo nessa pesquisa não vamos divulgar os endereços dos participantes, só os bairros no qual pertence.

⁷⁸ Parafraseando o conceito de história oral, mencionado por Ferrenha (2010), traz que é uma metodologia usada na área do conhecimento social e humanidades, no qual, valoriza as inúmeras formas das lembranças, recordações e memórias dos seres humanos que, traz informações na investigação no levantamento de dados advindo das entrevistas com sujeitos que passaram por uma certa situação.

As marcas deixadas pela lutas emancipatórias- São Mateus de hoje

Entre becos, vielas, esquinas, ruas e encruzilhadas, ao percorrer o território, encontram-se as marcas das lutas dos movimentos sociais. É possível observar casas construídas em sistema de mutirões na década de 1990, como no Jardim São Francisco e no Jardim da Conquista. Além disso, há os Centros Educacionais (conhecidos como Creches), o hospital de alta complexidade Doutor Manoel Bifulco (Hospital Geral de São Mateus), clubes esportivos, campos de futebol, bairros com saneamento básico e ruas e avenidas asfaltadas. Destaca-se também o sistema de transporte municipal e estadual, sendo este o único território na cidade de São Paulo a possuir um monotrilho, entre outras infraestruturas.

É importante lembrar que São Mateus é um território marcado pelas lutas populares desde o final da década de 1960. As conquistas dos direitos ao longo do tempo são notadas por toda a sociedade brasileira. Especialmente no movimento cultural a partir da década de 1990, houve um novo significado para o distrito com o fortalecimento da cultura periférica e o surgimento de entidades como o Fórum de Cultura de São Mateus, associações culturais, Coletivos Culturais, instituições não-governamentais como o Coletivo Cultural São Mateus em Movimento e o Instituto Tradicional Cultural da Memória do Samba de São Mateus, além das Comunidades de Samba e a Posse de Hip Hop DRR - Defensores do Ritmo Rua. Esses grupos atuam no meio político e cultural, representando a voz da periferia. O OPNI - Objetos Pixadores Não Identificados também contribui para a expressão artística por meio do grafite, transmitindo mensagens sobre a população e seus direitos.

Até o presente momento, essas organizações da sociedade civil não apenas fortalecem a bandeira da cultura popular brasileira, mas também escrevem a história e preservam as memórias de São Mateus.

1.3.3- Diário de campo III- Os lugares que Samba faz morada

Na busca por informações no período de novembro de 2021, iniciamos o trabalho de campo a partir das rodas de Samba, observações feitas pela pesquisadora para compreender a dinâmica que constitui o reduto do Samba de São Mateus. Dessa forma, comecei a frequentar, participar, interagir e me inserir nos espaços onde ocorre a manifestação do Samba no território, como nas comunidades do Samba (Maria Cursi, Panelão do Jarrão, Quilombo do Vila Flávia, Comunidade do Jardim Vera Cruz, Toca da Onça). Mantive conversas informais com músicos sambistas, moradores novos e antigos dos bairros, e frequentadores de diversas faixas etárias.

Além disso, passei a acompanhar os trabalhos e apresentações nas casas de cultura municipais pela cidade de São Paulo, como os projetos 'Berço do Samba do Bairro de São Mateus' e 'O Samba que vem de lá de São Mateus', tanto em eventos presenciais quanto online. Também estive presente nos trabalhos artísticos de músicos como Yvison Pessoa, Naldo Candia, Gerson da Banda, Timaia e Tia Cida dos Terreiros, em shows e eventos.

Explorando o gênero musical do Samba, busquei informações em diversas fontes, principalmente nas escolas de Samba onde o Samba paulistano se manifesta. Adentrei no Grêmio Recreativo, Cultural e Social Escola de Samba Vai-Vai, fundada em 1930 no bairro da Bela Vista - SP, para compreender as formas e contribuições do Samba nas transformações socioculturais, não apenas na vida de seus integrantes, mas também na preservação e defesa da bandeira do Samba e da cultura popular/negra

brasileira.

No primeiro semestre de 2022, visitamos a exposição cultural da escritora Carolina Maria de Jesus no Instituto Moreira Salles - IMS, na cidade de São Paulo, durante o mês de maio de 2022. As obras da escritora têm uma conexão significativa com a temática da dissertação, destacando o protagonismo da mulher negra na sociedade paulistana nos anos 60, com intersecções que ecoam até a contemporaneidade. A obra “Quarto de Despejo - Diário de uma Favela” (1960 [2014]) e a exposição “Mulheres no Samba na Cidade de São Paulo - Estação Metrô Paulista” (maio de 2022) são exemplos disso.

O propósito dessas visitas às exposições foi contribuir com a escrita, dialogando com os escritos de Carolina Maria de Jesus por acreditar que se alinham com a realidade da mulher negra periférica e com as histórias das tias do Samba de São Mateus. A exposição “Mulheres do Samba da cidade de São Paulo” trouxe a história da matriarca Tia Cida dos Terreiros.

No início do mês de agosto, a pesquisadora realizou uma visita à cidade do Rio de Janeiro, explorando os pontos turísticos da região central e portuária, onde está localizada a Pequena África, região histórica e patrimônio imaterial mundial onde o Samba está consolidado. Lá se encontra a Pedra do Sal, ruas, becos e vielas, locais frequentados por Tia Ciata, as tias baianas, Hilário Jovino, Donga, Pixinguinha, Noel Rosa, Cartola, entre outros, além de ser a região onde foi gravado o primeiro Samba no Brasil. Visitei uma roda de Samba no bairro da Lapa, Glória - Pagode Time.

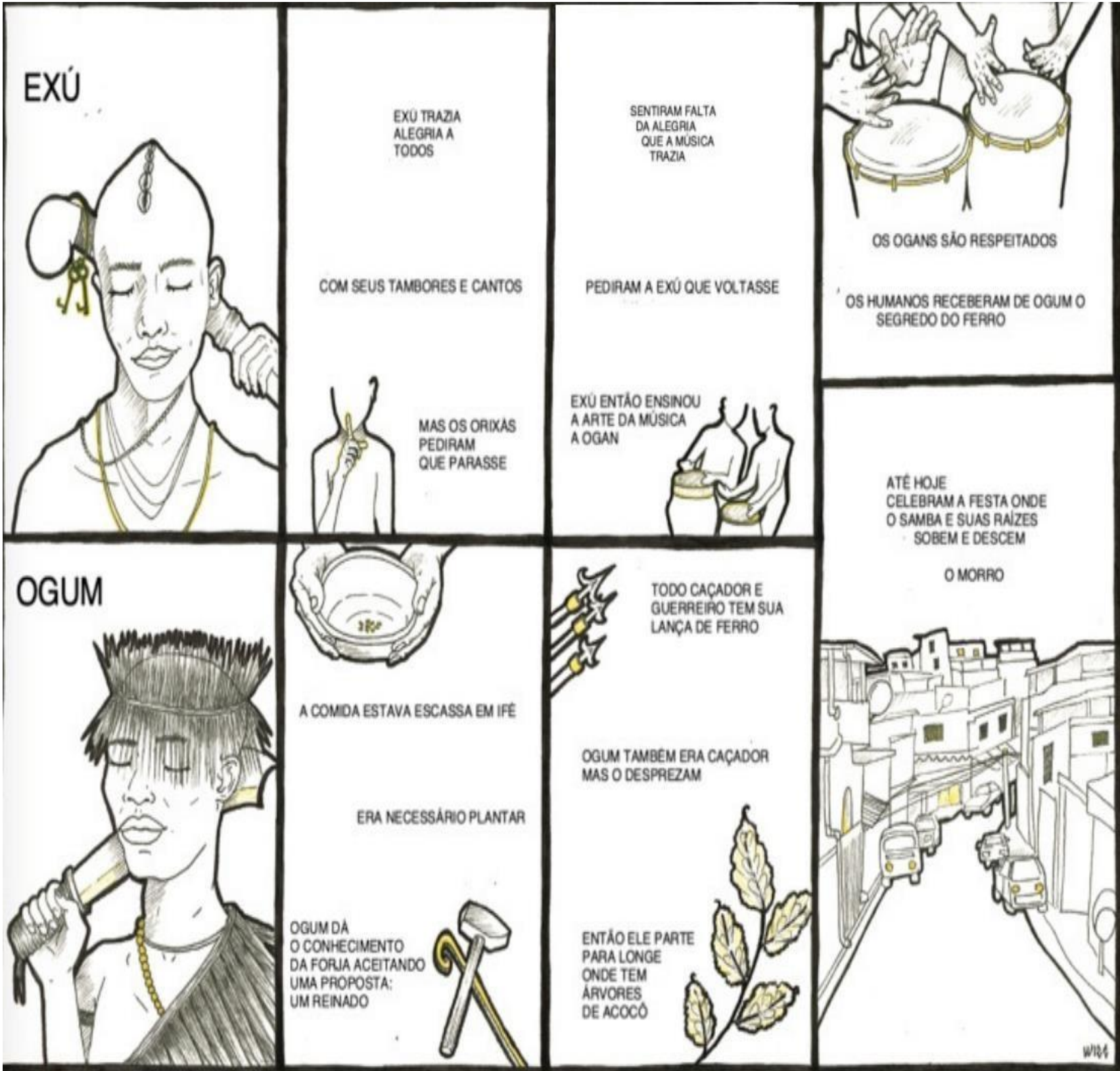
Em agosto de 2022, por fazer parte do Coletivo Acadêmicas dos Sambas desde o ano de 2020, participei da programação do Sesc-SP, comemorando os 10 anos do projeto Samba-Sampa e o Massemba de Iadôlê, uma homenagem à doutora Helena Teodoro. Destaco minha participação na roda de conversa intitulada “o Samba como campo para pesquisa científica”⁷⁹.

No mês de setembro de 2022, visitei a exposição 'Céu Aberto no Bairro de São Mateus', na qual estão expostas as obras de grafite do Coletivo OPINI. Por meio dessas pinturas nos muros das casas, são contadas as histórias dos moradores, representando a identidade e a história do território.

Esses instrumentos ganham vida e abrem caminho para o Samba se difundir pelo mundo. Em meio à ludicidade e à alegria entre batucadas, em harmonia com o ritmo da síncopa do Samba, esta produção científica é representada em forma de quadrinhos na obra 'Caminhos do Morro', criada por Louise Wise (2023).

⁷⁹Portal Geledés: Sesc Pompeia reúne Sueli Carneiro, Jurema Werneck e outras intelectuais negras em ciclo de encontros, veja em:< <https://www.geledes.org.br/sesc-pompeia-reune-sueli-carneiro-jurema-werneck-e-outras-intelectuais-negras-em-ciclo-de-encontros/> > acessado em: 27 de junho de 2023.

Grafismo 02- Os caminhos do morro



Obra de Louise Wise(2023)

CAPÍTULO 2 - APRESENTAÇÃO DA HISTÓRIA DO SAMBA EM SÃO PAULO, O CONTEXTO SÓCIO ANTROPOLÓGICO E SEUS PROTAGONISTAS.

Este capítulo apresentará uma breve contextualização histórica da trajetória do gênero musical Samba na cidade de São Paulo, destacando sua natureza como resistência da comunidade afro e dos subalternizados, como um meio de reinventar a vida.

O objetivo geral deste capítulo é valorizar as memórias culturais dos corpos ancestrais e coletivos que contribuíram, de alguma forma, para defender a bandeira do Samba. A metodologia etnográfica aplicada recebeu respaldo da pesquisa bibliográfica, com a abordagem da observação participante, resultando em um diário de campo que registra os encontros dos sambistas de ontem e de hoje.

O capítulo foi dividido em três subcapítulos. O intuito é compreender a importância do Samba paulistano no fortalecimento da construção da cultura popular paulistana. Nas batidas do samba de terreiro, abordamos o partido alto, celebrando a imortalidade dos sambas-enredo e explorando a verdadeira História do Brasil.

2.1. O samba paulista e paulistano

Diante da revisão bibliográfica e das conversas informais com diversos sambistas, como cardeais, embaixadores(as), tias baianas e alguns componentes da Velha Guarda do GRSES Vai Vai, além de mestres do samba e sambistas da nova geração, busco aprofundar e compreender um pouco mais da história do samba paulista e paulistano. Isso não apenas pela oralidade, mas por outras formas, como as produções científicas (artigos, livros, dissertações e teses) escritas por diversos autores e pesquisadores(as) sobre o assunto. Exploro a origem desses escritos, como expressa o trecho do samba-enredo da A.C.S.E.S.M. Camisa Verde e Branco- SP, escrito pelo sambista e compositor de Talismã (1969)⁸⁰, que:

A Biografia do Samba é linda/ Não vou narrar, porque o tempo/ Não me favorece/ Simplesmente por alto eu digo/ Ela veio dos lamentos/ Dos escravos, ao fazer em suas preces/ Ô ô ô ô, são súplicas que o Brasil/ Jamais esquece/ O samba tomou seu feitio no morro/ Está na sociedade, não ficou só por aqui/ Eu sei que há de aparecer/ Alguém que faça pelo samba/ Como Carlos Gomes, fez por Guarani/ Laia, Laia, Laia, Laia... (TALISMÃ- Biografia do Samba, 1969)

Iniciei minha jornada pelo movimento Sankofa, explorando a história do samba de São Paulo, que representa a cultura e a música popular brasileira, além de refletir sobre o crescimento da maior metrópole da América Latina. Diante dessa observação como ouvinte, durante o trabalho de campo realizado no evento “III Memórias Negras do Samba Paulista”⁸¹, respeitosamente peço licença para utilizar um ilustre trecho da apresentação do radialista Moisés da Rocha (2022), que:

Estamos aqui essa noite para prestar um tributo a aqueles remanescentes ainda das velhas guardas do samba de São Paulo. A maioria negros, a maioria pobres, a maioria sem oportunidade de se apresentar no rádio, [...] A gente hoje vamos prestar uma baita

⁸⁰ Talismã: Biografia do samba- Samba enredo da A.C.S.E.S.M. Camisa Verde e Branco- SP, do ano de 1969, disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/camisa-verde-branco-sp/1861115/>> visitado em: 04 de jul de 2023.

⁸¹ Evento III Memória Negra do Samba Paulista, realizado em 22 de setembro de 2022, no Sesc Pompéia-São Paulo.

homenagem porque será uma porção. Vem do interior de Ourinhos, de cantores e cantoras que vem prestigiar e homenagear os grandes músicos do samba da Paulicéia” (Rocha, 2022: 0’23 a 01’ 28 minutos).

Volto brevemente à metade do século XIX, no processo de escravidão brasileira, com o tráfico negreiro que sequestrou milhares de pessoas vindas de diversas partes do continente africano, especialmente os povos bantos, para trabalhar nas lavouras do interior do Estado de São Paulo, na região do Vale do Paraíba, nas fazendas cafeeiras, visando a produção do 'ouro negro' (Kaçula, 2018, p.136). Isso resultou no aumento da riqueza das famílias europeias que detinham esse monopólio, conhecidas como os barões do café, impulsionando a exportação do produto para o continente europeu e promovendo a visibilidade econômica do estado de São Paulo, tornando-o uma das maiores potências econômicas do país.

No meio de tantas violências culturais e epistemológicas dentro e fora dos navios negreiros, os diversos grupos étnicos africanos compartilhavam o mesmo espaço como forma de organização e comunicação para enfrentar o *banzo*⁸². Os tambores eram utilizados como instrumentos de comunicação, representando uma conexão com as raízes e a cultura africana. Eles serviam como um meio de unir as pessoas e permitir articulações e estratégias, promovendo a socialização entre as diferentes etnias e troncos linguísticos.

Os tambores, enquanto instrumentos musicais de percussão, proporcionavam essa conexão ancestral e cultural, representando a continuidade que une passado, presente e futuro, conforme descrito por Cancian (2023, p. 64). Eles simbolizam uma reconexão e fortalecem a sobrevivência coletiva e individual, suportando todas as formas de violência do colonialismo, como expresso na canção 'Aluê Luelo', interpretada por Tia Cida do Terreiros (2013)⁸³ que:

Ê Aluê Luê luelo/ Ê Malelê Malembê aluê Luê/ Negro velho Benedito/ Fez a prece em oração/ Se voltar lá pra aruanda/ Vou cumprir minha missão/ Mas a chibata do feitor/ Só não calou a multidão/ Que ouviu o seu cantar/ A batida do tambor / Da senzala se ouvia / Era o negro em seu clamor/ Na luta do dia-a-dia/ Teve o corpo aprisionado/ Não se entregou à escravidão/ Fez a da luta seu legado / Em prol da libertação... (Tia Cida dos Terreiros, Alê Luelo, 2013)

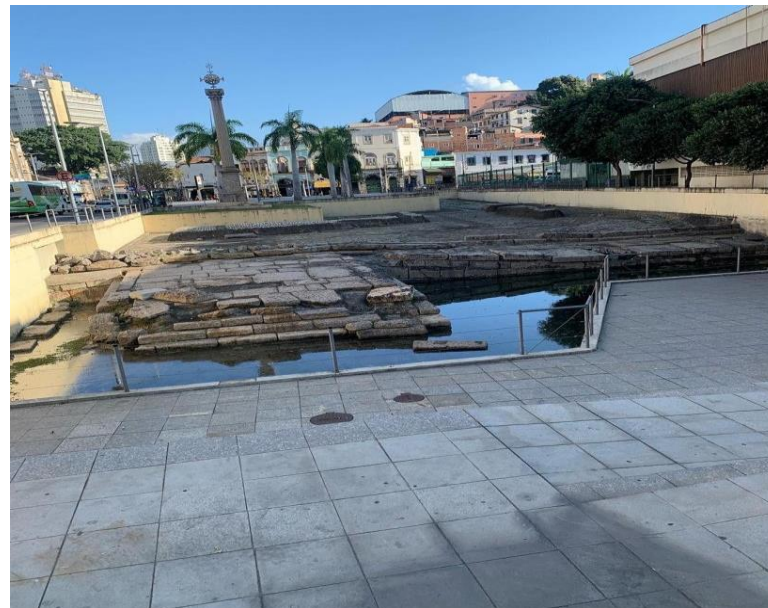
Segundo o historiador José Murilo de Carvalho, “estima-se que até 1822 tenham sido introduzidos cerca de 3 milhões de escravos na colônia, empregados tanto nas áreas de agricultura exportadora quanto na mineração. Havia escravos desempenhando diversas atividades, inclusive urbanas” (Carvalho, 2001, p.19). A história mostra, com a chegada dos diversos grupos étnicos africanos juntamente com os povos indígenas, que já estavam nas terras coloniais como os donos da terra, contribuíram significativamente para a formação cultural, social, política e racial brasileira e paulista. Suas influências podem ser vistas nos costumes, culinária, vestimentas, linguagem, musicalidade, ritmos, danças, entre outros aspectos. Essa mistura cultural deu origem ao samba, à capoeira e às religiões de matriz africana. Essas manifestações tiveram início pela rota do tráfico negreiro, com desembarques em cidades como Salvador (BA), Rio de Janeiro (RJ), Recife (PE), Santos (SP), Maranhão (MA), entre outras.

⁸²Banzo: palavra africana de origem quimbundo que significa tristeza, ou, saudade.

⁸³ PESSOA, Yvison; MARTINS, Gerson: **Aluê Luelo** - intérprete Tia Cida dos Terreiros, Selo Sesc, 2013, ouçam em: <https://www.youtube.com/watch?v=A2z98Uj-c7E&list=OLAK5uy_n_ttmGyOySBw4799Dc0tZoMyZ9cVk8DYM&index=4> visitado em: 04 de jul. de 2023.

Durante uma pesquisa de campo, especialmente na região do Cais do Valongo, localizado na cidade do Rio de Janeiro, foi constatado que esse local recebeu milhares de pessoas que estavam passando pelo processo de escravização entre os séculos XVII e a metade do XIX. Por sua importância antropológica, histórica e social, esse território foi reconhecido pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) como patrimônio imaterial da humanidade. Esse reconhecimento visa preservar o sítio arqueológico, mantendo viva a memória dos negros africanos. Para ilustrar, segue a imagem que faz parte do trabalho de campo desta pesquisa, especialmente relacionado aos quintais do samba, um assunto que será abordado nos próximos capítulos.

Imagem 06- Cais do Valongo- Pequena África, zona portuária da cidade do Rio de Janeiro



Fonte: arquivo pessoal da autora- julho de 2022.

Na região do Cais do Valongo, o Samba e seus mistérios chegam, sem que saibamos ao certo quem o criou, onde nasceu, de maneira similar a outros gêneros musicais. Vale ressaltar que diversos pesquisadores(as) abordam em suas produções científicas perspectivas diferenciadas sobre o tema. A grande maioria dos estudiosos contemporâneos que investigam o assunto, em suas diversas obras, como Nei Lopes (1942-), Muniz Sodré (1942-), Lira Neto (1963-), Roberto da Matta (1936-), Roberto Moura (1947-), entre outros, apontam que o samba tem raízes africanas e uma relação próxima com o gênero musical Semba (gênero musical angolano)⁸⁴. Destacam também as influências de outros gêneros musicais na construção do Samba, como lundu, maxixe,

⁸⁴Parafraseando Nei Lopes (2021, p. 147) que o “*Semba*”, ritmo nascido nos batuques dos tambores de bumbo, no Continente Africano, em específico o país de Angola, no século XV - antes da colonização europeia portuguesa-, no reinado do Congo. Pesquisadores, cientistas, escritores, estudiosos, chegaram em um comum acordo que o samba possui as suas raízes africanas que foram consolidadas no Brasil. Por coincidência ou não, a palavra Semba é advinda do idioma Kimbundo e significa “umbigada”, a dança para quem não conhece traz a sensualidade, onde dois corpos (homem e mulher), levemente se chocam e passam a envolver com ritmo as músicas. Além da sensualidade, os povos africanos, têm louvação ao sagrado feminino e na busca da fertilidade. É importante mencionar que, o semba, possui uma característica importante não só cultural, mas, política, porém, na década de 1950, os cidadãos angolanos uniram-se na luta pela independência do país, até então, Colônia de Portugal. Como instrumento de estratégia para comunicação em massa, voltadas para formação e conscientização crítica e política para a população, no ano de 1975, o país conquista a sua independência.

polca e música clássica europeia. Estas influências moldaram a inserção de instrumentos musicais de cordas, sopros e percussão, ampliando a sonoridade além dos tambores.

É relevante mencionar que a palavra 'Samba' tem origem no idioma quimbundo, falado na região de Angola, significando “umbigada”, como citado no “Dicionário da História do Samba”, escrito pelo sambista e pesquisador de cultura afro-brasileira Nei Lopes (2020, p. 248), em diálogo com o escritor Lira Neto (2017), que

Para alguns, a palavra seria originária da língua do povo quimbundo, de Angola — o verbo samba, que em português teria o sentido de “brincar”, “cabriolar”, “divertir-se como cabrito”. [...] Há quem defenda ser “Samba”, com maiúscula, na procedência mais remota, uma divindade angolana protetora dos caçadores. Entre outras hipóteses menos cotadas, existe quem busque um suposto parentesco ancestral com zambra, bailado ibérico de origem moura, ou mesmo com samba, um tipo de dança ameríndia (Neto, 2017, p. 42).

No século XIX, no estado de São Paulo, nos terreiros de café, os trabalhadores negros-africanos e brasileiros alforriados e não alforriados, uma boa parte mantinham suas manifestações religiosas e culturais, mesmo que de forma oculta. Ao som dos tambores, reverenciavam seus antepassados dentro das senzalas, utilizando cantigas, danças e batuques, o que deu origem ao Samba Rural Paulista, também conhecido como Samba de Bumbo. Essa expressão cultural funcionava como um consolo e uma fonte de alegria, principalmente como estratégia de resistência e sobrevivência para manter as tradições da cosmologia negra-africana sob o domínio colonial.

Os africanos e seus descendentes, inseridos em um contexto em que a cultura eurocêntrica impunha os dogmas judaico-cristãos, resistiam ao sincretismo religioso. Apesar da imposição da cultura branca, boa parte dos escravizados continuava a cultuar seus antepassados, orixás, voduns, nkisis e realizar seus ritos sagrados. Como estratégia de sobrevivência, adaptavam suas práticas ao catolicismo, participando das procissões em homenagem aos santos católicos nas ruas das cidades. Apesar desse sincretismo, as celebrações dos terreiros e as festas católicas eram paralelas, representando uma interseção entre os rituais de origem africana e o catolicismo popular - uma proximidade de ideias e valores que não se misturavam nem se confundiam (Alexandre, 2021, p. 31).

Com essa interação, a história do Samba paulista tornou-se um importante elemento nas práticas religiosas afro, originando-se nas senzalas e permanecendo ao longo do tempo e espaço, até os dias atuais. Os praticantes das religiões de matriz africana como Candomblé, Umbanda, Quimbanda, Jurema, Xangô, Tambor de Minas e Criolo, entre outras, cultuam e reverenciam as divindades afro-africanas, brasileiras e indígenas. Dessa forma, surgiram os primeiros espaços de socialização, funcionando como forma de comunicação, lazer e cultura, representando estratégias de sobrevivência para acolher a todos, aliviar dores e o banzo, tornando o samba uma “oração, reza, bênção”. (Faustino, 2015, p. 15)

Sob as nuances do “paralelismo entre os rituais de origem africana e os do Catolicismo Popular” (Alexandre, 2021, p. 10), a comunidade negra, apesar dos processos de embranquecimento, passou a ser inserida nas liturgias ao acompanhar seus patrões (barões) e suas famílias nos cortejos e romarias das festas dos santos católicos em cidades como Itu, Campinas, Capivari, Tietê, Piracicaba, Bom Jesus de Pirapora, Santana do Parnaíba, Sorocaba, Rio Claro, entre outras. Dessa forma, o samba paulista começou a se difundir pelo estado de São Paulo.

Além da religiosidade afro, a expressão musical do samba, a dança e o jogo da capoeira no estilo paulista, conhecido como Tiririca ou jogo das pernadas, emergiram como formas de proteção corporal e resistência. O pesquisador Santos (2013, p. 01) explica que a Tiririca consistia em “uma brincadeira de rasteiras (semelhante à capoeira) onde dois jogadores, sambando no meio de uma roda de batuque, tentavam derrubar um ao outro com golpes de perna”.

As expressões da identidade negra, entre a religiosidade, o samba e a capoeira (Tiririca), trouxeram para o cenário a dança do jongo com suas raízes na diáspora africana e a dança de umbigada. Esta, conforme o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2007, p. 14), representa “a louvação aos antepassados, consolidação de tradições e afirmação de identidades. Ele tem raízes nos saberes, ritos e crenças dos povos africanos, principalmente os de língua bantu.”

O jongo é uma dança que reverencia a ancestralidade negra-africana e o sagrado feminino. No movimento do casal, encostam levemente seus corpos no baixo ventre (umbigo), ao ritmo dos tambores de bumbo: caxumbo, candongueiro, da candonga (instrumento parecido com o berimbau usado na capoeira), a puíta (cuíca artesanal) e os chocalhos. Entoadas pelas cantigas, conhecidas como ladainhas, são expressas em forma de reza. Durante os versos e perguntas, os participantes respondem coletivamente. Vale destacar que a dança é circular e coreografada. “Os tambores serviam para embalar o jongo, uma dança religiosa de roda que só era dançada à noite, geralmente em locais afastados ou no meio da mata, quando à noite” (Von Simon, 2018, p. 18).

Essa tradição persiste através dos séculos, mantendo vivas suas memórias e narrativas populares, principalmente no Sudeste, nos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro. Especificamente no interior de São Paulo, observamos tais manifestações nas celebrações dos santos católicos como São Benedito, Bom Jesus de Pirapora e Nossa Senhora de Aparecida do Norte, acompanhadas pelas Congadas⁸⁵ e pelas confrarias das 'Irmandades Negras de São Paulo' (Garcia: Azevedo, 2018). Isso é evidenciado pelas imagens 07 e 08, registradas durante a tradicional Festa de São Benedito, realizada em 27 de setembro de 2022, na cidade de Tietê – SP.

⁸⁵ Neste momento a autora não vai se aprofundar nas Irmandades negras e nas companhias das Congadas, peço a benção a todas elas, com todo respeito e afeto, indico que leiam a matéria do INRC - Pesquisa em São Paulo identifica grupos de Congadas, escrita pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional -IPHAN, publicada em 06 de dezembro de 2017, leiam em: < <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4467/inrc-pesquisa-em-sao-paulo-identifica-grupos-de-congadas> > visitado em: 07 de julho de 2023.

Imagem 07- o bailado



Fonte: Imagem do arquivo pessoal do sr. Buda Rocha , sambista do reduto do samba de São Mateus, participou das comemorações da Festa de São Benedito em 27 de setembro de 2022.

Imagem 08- dança de umbigada



Fonte: Imagem do arquivo pessoal do sr. Buda Rocha , sambista do reduto do samba de São Mateus, participou das comemorações da Festa de São Benedito em 27 de setembro de 2022.

O sociólogo Tadeu Kaçula (2018) reflete que o Samba paulista se constitui a partir de características interioranas, especialmente influenciadas pela religiosidade católica. Ele destaca que as 'manifestações culturais originárias do interior paulista são essenciais para definir algumas características distintivas do samba organizado em São Paulo em relação aos demais estados do país' (Kaçula, 2018, p. 137).

No início do século XX, com o declínio do império cafeeiro paulista e o advento do período pós-abolição, as pessoas

anteriormente escravizadas conquistaram sua alforria. Devido à falta de políticas de inclusão para a população negra recentemente liberta, esses indivíduos foram marginalizados socialmente, levando-os à pauperização. Por outro lado, eles começaram a buscar novos rumos, migrando para a capital de São Paulo.

Assim, trouxeram consigo a cultura negra do interior e o Samba rural/bumbo, juntamente com danças como o jongo e a capoeira paulista, conhecida como Tiririca, como formas de resistência, defesa e proteção. Esse legado foi trazido para a 'terra da garoa', a Paulicéia (como a cidade de São Paulo é conhecida), onde a população negra cresceu gradualmente. Eles chegaram pela linha férrea Sorocabana⁸⁶, desembarcando no Largo da Banana (extinto desde 1950), formando o primeiro Reduto de Samba Paulistano. Foi nesse espaço que a população negra, junto com migrantes internos e estrangeiros de baixa renda, se reuniu, realizando rodas de samba e tiririca.

Por outro lado, era o lugar onde se concentravam pessoas com pouca instrução educacional e qualificação profissional, que buscavam oportunidades no mercado de trabalho. Sem alternativas formais, o mercado informal tornava-se a única saída para a sobrevivência econômica desses trabalhadores, muitos deles denominados “faz-tudo” (Moura, 1995, p. 67)⁸⁷. Eles buscavam meios de subsistência; adolescentes como Toquinho Batuqueiro, Geraldo Filme, Dionísio Barbosa, Nenê da Vila Matilde, Carlão do Peruche, circulavam pelo centro da cidade (Largo da Banana, Praça da Sé, Largo São Francisco), desempenhando funções como engraxates, carregadores de cargas e entregadores de marmita. Nos momentos livres, jogavam tiriricas e participavam de rodas de samba no Largo da Banana, conforme relatado por diversos sambistas, especialmente membros da Velha Guarda do GRCS Vai Vai, durante conversas sobre os preparativos para o carnaval de 2022.

Não demorou muito para que esses mesmos indivíduos fossem consagrados como os grandes mestres do samba, imortalizados por suas contribuições à história do Samba Paulistano e brasileiro, como relatado pelo jornalista Plínio Marcos em “Prosa e Samba - Nas Quebradas do Mundaréu”. O samba Paulicéia e a canção “Tiririca - Tumba moleque Tumba”, escrita e interpretada por Geraldo Filme em 1974⁸⁸, são exemplos disso.

Dessa forma, o gênero musical Samba tornou-se um canal de comunicação e sociabilidade para as organizações coletivas, sendo utilizado até os dias atuais por seus seguidores no enfrentamento do descaso do poder público. A política necropolítica, que escolhe quem será a próxima vítima das violências econômicas e urbanas na sociedade, é enfrentada por meio do samba.

Roberto Moura (1995) discorre sobre isso:

⁸⁶ A estrada férrea Sorocabana, foi construída entre os anos 1870 a 1872, pela mão de obra escravizada, a mando dos barões do café para que o “ouro negro”, fosse transportado com mais segurança e rapidez, de outro modo, eram feitos os transportes de cidadãos de todas as classes sociais, desde que, cada pessoa pagasse o valor de acordo com seus status na sociedade. Salientamos que a ferrovia foi construída de acordo com os parâmetros das grandes estações de trem que cruzam a Europa. A linha férrea, cruza as seguintes cidades do interior: “os principais pontos de linha São Paulo 1875, Barueri 1875, Mairinque 1897, Sorocaba 1875, Iperó 1876, Boituva 1882, Botucatu 1889, Avaré 1896, Ourinhos 1908, Assis 1914, Presidente Prudente 1919, Presidente Epitácio 1922. Os ramais- Iperó 1876, Itapetininga 1895, Itapeva 1909, Itararé 1909, Botucatu 1889, Bauru 1905, Mairinque 1897, Itu 1873, Salto 1873, Indaiatuba (Itaici) 1873, Itupeva 1873, Jundiaí 1873, Indaiatuba (Itaici) 1873, Campinas 1924, Indaiatuba (Itaici) 1873, Capivari 1875, Rafard 1876, Piracicaba 1877, Mairinque 1897, Santos (Ana Costa) 1936”. (MUSEO FERROVIÁRIOS, 2015-2022). Disponível em: <<http://museusferroviarios.net.br/antigas-companhias/e-f-sorocabana/>> acessado em: 12 setembro de 2022.

⁸⁷ Explicando o conceito da frase “faz-tudo” mencionado por Moura (1995, p.64), está ligado e designado, as pessoas que desenvolvem diversos tipos no mercado de trabalho do informal. É quem exerce os “bicos” e “mascates”, para obter o subsídio financeiro para sobreviver e para garantir a sobrevivência de sua família, perante a precariedade da exploração da mão de obra do sistema capitalista.

⁸⁸ FILME, Geraldo: Tumba (Moleque Tumba) - Álbum. Geraldo Filme- Memória Eldorado- Coletânea limitada- Eldorado. 1980- Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=QzM3LEmPAX8>> acessado em: 22 de setembro de 2022.

O desconhecimento da nova linguagem trabalhista, os preconceitos raciais e as consequentes dificuldades de competir pelas vagas que se abrem na indústria no comércio, no funcionalismo e nas obras públicas, fazem com que muitos, nesse período de transição, se incorporem à massa de desocupados que lutam pela sobrevivência nas grandes cidades brasileiras, vivendo de expedientes e das inúmeras formas de subemprego que margeiam as ocupações regulares, registradas e reconhecidas pela legislação e a marginalidade. [...] A maioria, entretanto, seria expedida para ocupações ou claramente marginais às órbitas oficiais do trabalho, aparecendo secundariamente, e sendo mobilizada em maior número em situações especiais, como nas obras da cidade, sempre servindo como um exército proletário de segunda linha que, manipulado pelos empresários, facilitaria a manutenção do baixo preço pela mão de obra. (Moura, 1995, p.63-64)

Com a expansão política, econômica e cultural, e diante da crescente visibilidade nacional e internacional, houve um aumento expressivo nos processos de urbanização e industrialização. Esse crescimento foi impulsionado pelo fluxo de migrantes europeus durante o quadro internacional da 1ª Guerra Mundial, levando muitas famílias a buscar refúgio em países do terceiro mundo, como São Paulo, onde ocuparam e ressignificaram regiões para formar bairros de acordo com suas culturas. Por outro lado, a elite branca passou a constituir seus bairros na região central, construindo grandes comércios e indústrias, representados pelos 'casarões neoclássicos dos bairros Campos Elíseos, Higienópolis, Vila Buarque' (Kaçula, 2020, p. 33).

Com o impulso do mercado imobiliário no século XX, com o aquecimento econômico e a consolidação do pensamento do 'idealismo elitista', nos processos de higienização social perante as famílias e pessoas que estavam fora dos parâmetros econômico social. Em colaboração com o poder público, particularmente nos processos de urbanização, houve uma concentração de serviços públicos em benefício da elite paulistana. Isso resultou na expulsão da massa trabalhadora de baixa renda e na sua pauperização na região central, com a migração das famílias negras para os bairros periféricos, como explicado pelo autor Sobrinho (2013),

“Desde o final do Século XIX e início do XX, em São Paulo, mais precisamente nos primórdios da República, quando houve um processo de higiene e limpeza social, associado à pobreza e, ao mesmo tempo, a um desejo utópico de uma cidade limpa e saudável, como ideologia elitista”(Sobrinho, 2013, p. 210).

Dessa forma, o samba, por meio de suas canções, transmite e retrata a história da metrópole paulistana ao mostrar a “etnicidade”⁸⁹ (Gonzales, 2020, p.27), baseada na realidade e nas cenas sociais. Ele registra as vivências, contradições e a solidariedade daqueles que habitam os territórios urbanos segregados, conhecidos como periferia. Isso é evidente na narrativa do samba 'Despejo na favela', escrito por Adoniran Barbosa e interpretado por Beth Carvalho (1993):

“Quando o oficial de justiça chegou/ Lá na favela/ E, contra seu desejo/ Entregou pra seu Narciso/ Um aviso, uma ordem de despejo/ Assinada, seu doutor/ Assim dizia a petição/ Dentro de dez dias/ Quero a favela vazia/ E os barracos todos no chão/ É uma ordem superior/ Meu senhor/ É uma ordem superior/ [...]Não tem nada não, seu doutor/ Não tem nada não/ Amanhã mesmo vou deixar meu barracão/ Não tem nada não, seu doutor/ Vou sair daqui/ Pra não ouvir o ronco do trator/ Pra mim não tem problema/ Em qualquer canto eu me arrumo/ De qualquer jeito eu me ajito/ Depois, o que eu tenho é tão pouco/ Minha mudança é tão pequena/ Que cabe no bolso de trás/ Mas essa gente aí, hein?/ Como é que faz?... (Beth Carvalho, 1993, Despejo na favela)

⁸⁸ Etnicidade é o conceito usado pelas ciências sociais nos estudos dos povos tradicionais negros, indígenas, ciganos entre outros, onde são respeitadas as diferenças e as identidades individuais de cada ser, por mais que sejam nômades por estar no território de passagem, atualmente na cidade de São Paulo com o processo migratório dos povos africanos e latinos, as mulheres são quem sofrem com a exploração do mercado de trabalho.

Periferia + Samba

Pensar na cidade de São Paulo é refletir sobre os diversos modos de vida e as violações dos direitos negligenciados, especialmente o direito à cidade, moradia, saúde, assistência social, cultura, e a falta de aplicação das leis e jurisdição dos direitos sociais. O contexto cultural, social, econômico e a geografia política são compreendidos. A escritora Dra. Carolina Maria de Jesus aponta que: '[...] classifico São Paulo assim: o Palácio é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos' (Jesus, 2014, p.32). Complementando essa reflexão, nas batidas do ritmo rap, Mano Brown (2009) solta a rima: “Tenha fé, porque até no lixão nasce flor”.

A periferia é o lugar que sofre com as mazelas das desigualdades sociais, gerando todos os tipos de violências. Por outro lado, ela abriga a todos em sua pluralidade étnica, apresentando os marcadores sociais das diferenças e as encruzilhadas demarcadas pela correlação de forças nos processos de exclusão social. Isso se reflete na desumanização da população periférica

diante da lógica capitalista, levando a diversas formas de morte, seja física, psicológica ou simbólica. Essa realidade é ocasionada por uma política de Estado que controla a administração pública nas esferas federal, estadual e municipal, impondo limites e estabelecendo diretrizes, normas e leis (Carril, 2006, p. 28). Essa atuação reverbera na elaboração e execução das políticas públicas para atender às demandas sociais dos grupos minoritários.

A periferia se torna um território complexo que demonstra diversas contradições (D’Andrea, 2021, p. 07), provenientes das expressões das questões sociais. Muitas vezes, as demandas das famílias carentes são atendidas pelo crime organizado ou pelas igrejas pentecostais e neopentecostais, que oferecem respaldo social, cumprindo o papel que deveria ser do Estado. Isso resulta em uma correlação de forças entre o narcotráfico, as igrejas e o Estado, formando a opinião do senso comum de que a periferia é um território violento e perigoso, reforçando a generalização dos aspectos negativos e a marginalização da grande massa periférica.

A violência urbana é naturalizada diariamente pelos meios de comunicação, mostrando os horrores das violências ocorridas nos bairros. Isso reforça o preconceito, a discriminação e o racismo, perpetuando o açoitamento dos corpos negros de diversas formas. São as mensagens subliminares que “tem que ficar”, e “no seu lugar” (Gonzalez, 2020, p.173-218).

De acordo com Frantz Fanon (2008), ele explica que

O preconceito de cor nada mais é do que a raiva irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles que eles consideram inferiores, e depois o amargo ressentimento daqueles que foram oprimidos e frequentemente injuriados. Como a cor é o sinal exterior mais visível da raça, ela tornou-se o critério através do qual os homens são julgados, sem se levar em conta as suas aquisições educativas e sociais. As raças de pele clara terminaram desprezando as raças de pele escura e estas se recusam a continuar aceitando a condição modesta que lhes pretendem impor. (Payot apud Fanon, 2008, p. 110).

Embora a periferia seja um território complexo devido à falta de infraestrutura e às correlações de forças, por outro lado, são construídos diversos laços afetivos entre os habitantes desse território. Isso acontece através da troca de experiências e saberes, do senso de comunidade, de pertencimento e da coletividade, formando redes de “solidariedade” (D’Andreas, 2020, p.70), uns para com os outros, como mencionado na gíria periférica paulistana “é nós por nós.”

É importante lembrar que a periferia é um território interseccional, conectado à multiculturalidade, pluralidade e sociabilidade, formando um lugar harmônico apesar das complexidades existentes. Esse ambiente proporciona acolhimento a todos, sem fazer qualquer distinção, criando redes de sociabilidade a partir da cumplicidade, compartilhando memórias e lutas emancipatórias para garantir direitos, provenientes de diferentes origens, regidas pela geopolítica e etnicidade.

Apesar das diversas questões sociais, a periferia é o verdadeiro berço da cultura popular, onde variados gêneros musicais e diversas culturas convivem harmonicamente, formando pequenos “quilombos urbanos”. A organização acontece entre as pessoas em torno da música, da dança e da arte, “[...] solidarizam-se para recuperar a autoestima em situação de marginalização cultural” (Carril, 2006, p. 66).

Quando falamos de quilombo cultural urbano, não podemos esquecer do protagonismo das Escolas de Samba espalhadas pela cidade. Elas representam seus territórios através da musicalidade e do Samba, criando desfiles que encenam a realidade social e cultural, apresentando um verdadeiro teatro a céu aberto na sociedade. Vale ressaltar que essa tradição não surgiu

recentemente; ela é uma herança deixada pelos Cordões Carnavalescos da cidade de São Paulo, criados pela comunidade negra, que deixou suas raízes de resistência e usou a sátira para denunciar os crimes cometidos na sociedade.

2.1.2. Dos Cordões as Escolas de Samba

As escolas de samba paulistanas possuem protagonismo social, cultural, territorial, econômico e político, tanto dentro quanto fora da cidade de São Paulo, ganhando visibilidade nacional e internacional. Não podemos ignorar o contexto sócio-histórico que moldou a história do samba paulistano, que se apresenta como resistência e resiliência da comunidade negra. No início do século XX, com a desapropriação da classe trabalhadora da região central para os novos territórios periféricos, surgiram ocupações nas bordas do centro da cidade, formando os bairros da Bela Vista-Bixiga, Barra Funda, Cambuci, Liberdade e Cambuci-Baixada do Glicério. Na região norte, foram estabelecidos os bairros da Casa Verde, Peruche e Freguesia do Ó. Esses territórios, negros e geograficamente diversificados, foram constituídos por loteamentos regulares ou irregulares, ocupando áreas acidentadas nas encostas de morros ou nas margens dos rios Tietê e Saracura (este último, extinto), oferecendo às famílias a oportunidade de adquirir propriedades a preços acessíveis.

A comunidade negra redefiniu esses territórios por meio das manifestações das diversas vertentes das religiões de matriz africana, expressas em costumes, vestimentas, culinária, idiomas africanos, atividades artísticas, rodas de dança de umbigada e o Samba. Foi nesses bairros que surgiram os primeiros Cordões Carnavalescos Vai-Vai (1930) e Mocidade Camisa Verde e Branco (1953). A primeira escola de samba paulistana, chamada “Escola de Samba Lavapés” (Alexandre, 2021, p. 21), foi fundada em 1937 pela primeira mulher negra presidente, a madrinha Eunice, dando origem aos territórios chamados de “Pequenas Áfricas Paulistanas” (Kaçula, 2020).

Os cordões de samba paulistanos foram importantes como modelo de organização social, política, cultural e resistência da comunidade negra. Todos esses cordões possuem raízes no samba rural, desde a sacramentalização dos instrumentos até os ritos religiosos que honram a ancestralidade afro-brasileira, mantidos pela organização social das famílias negras que trouxeram a tradição afro para os cordões.

Recuando um pouco na história do samba paulistano, em 1914, no bairro da Barra Funda, nasceu o primeiro cordão carnavalesco da cidade de São Paulo, fundado pelos irmãos Dionísio e Luís Barbosa, chamado “Grupo Carnavalesco Barra Funda”. Este grupo vestia a “Camisa Verde e Branco” com o objetivo de brincar e promover a folia durante o carnaval pelos bairros de Campo Elíseos, Vila Buarque e Higienópolis. Essa empreitada demandava articulação política, com iniciativas dos dirigentes responsáveis dos cordões, na organização do grupo, disseminando informações e promovendo a formação da consciência crítica e política dos integrantes diante dos acontecimentos na sociedade, especialmente a conjuntura política.

A antropóloga Olga von Simson (2018) destaca que a festividade e a alegria eram elementos agregadores e estratégias políticas na luta por direitos contra os processos vivenciados durante a ditadura militar. No entanto, ela explica que..

[...] o primeiro cordão denominado Grupo Carnavalesco da Barra Funda, que ensinava no quintal da sua casa, na rua Conselheiro Brotero. Mais tarde, em razão da grande popularidade alcançada pelo Cordão, foi cognominado pelo povo de Camisa Verde,

recebendo o Branco em seu nome por imposição policial para diferenciá-lo dos integralistas, que também usavam camisas verdes e eram membros do movimento político liderado por Plínio Salgado” (Von Simson, 2018, p. 26).

No ano de 1929, com a fundação do cordão Mocidade Camisa Verde e Branco, outros grupos surgiram, como o “Cordão Paulistano”, criado por Geraldo Filme, que participou dos carnavais de rua do bairro da Bela Vista. Durante esse período, nasceu o Cordão carnavalesco Cai-Cai, originado da torcida de um time de futebol de várzea. Esses grupos emergiram das batucadas nas margens dos campos de futebol, onde rivalidades entre os times provocavam conflitos, principalmente com o time do Vai-Vai. Em 1930, o time de futebol Cai-Cai se uniu ao Vai-Vai, dando origem ao Cordão Carnavalesco Vai Vai em 1º de janeiro de 1930.

Nessa história o Vai-Vai, surgido nas ladeiras íngremes da Saracura, região do Bixiga em São Paulo. Era um local habitado por negros e imigrantes pobres, mas que já possuía, nos anos 1930, muitos times de futebol de várzea, com o Cai-Cai. [...] A turma do Vai-Vai, um outro time do bairro, se cansou de ser alijada dos bailes do Cai- Cai e então criou um cordão carnavalesco para responder a essa possibilidade de fazer e dançar um bom samba após as partidas futebolísticas do final de semana. Para frisar sua rivalidade com o Cai-Cai, o Cordão se autodenominou “Vai- Vai” (Von Simson, 2018, p. 27).

Sob um salto temporal, entre os anos de 1965 e 1969, o ex-prefeito da cidade de São Paulo, José Vicente Faria Lima (carioca e apreciador do samba), diante dos processos de urbanização, começou a implementar mudanças no carnaval da cidade. Inspirado pelo exemplo das escolas de samba cariocas, buscou formalizar e institucionalizar os cordões, transformando-os em escolas de samba e conferindo-lhes responsabilidade jurídica. Essa fase marcou o fim dos desfiles dos cordões pelas ruas dos bairros, ocorrendo sua extinção por volta de 1970, dando origem aos Grêmios Recreativos Culturais Escolas de Samba.

Com essas transformações urbanas, os desfiles carnavalescos passaram a ter locais específicos para sua realização, oficializando pontos como a Avenida São João e a Avenida Tiradentes, visando impulsionar o turismo e gerar receita para os cofres municipais. Na década de 1991, a Prefeitura Municipal de São Paulo inaugurou o Sambódromo do Anhembi.

[...] ao se reunir com representantes dos sambistas, exigiu organização melhor, das agremiações para que o diálogo com o poder público tivesse mais representação, incluindo documentação, programação dos desfiles, coordenação do concurso e apoio financeiro para melhorar o espetáculo, que a cada ano se tornava mais popular (Alexandre, 2021 p. 104).

Na metade do século XX, novas escolas de samba foram surgindo, destacando-se o Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Nenê de Vila Matilde (1949), o Grêmio Recreativo Cultural Social Escola de Samba Unidos do Peruche (1950) e a Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco (1953), entre outras.

As Pequenas Áfricas Paulistanas representam o quilombamento da comunidade negra, locais que preservam e protegem a memória negra paulistana, guardando memórias coletivas e ancestrais. Como mencionado na composição “Samba da Barra Funda”, escrita e interpretada por Geraldo Filme (1992): “*Alô, alô gente bamba... Na Barra Funda é que mora o samba*”⁸⁹. Esse

⁸⁹ A gravação da música “Samba da Barra Funda”, está no álbum “*A música brasileira deste século por seus autores e intérpretes - Geraldo Filme*”, gravada pelo Selo SESC (2000), ressaltamos que, esse álbum nasce da apresentação de Geraldo Filme no ano de 1992, onde narra a história da ocupação negra pela cidade, ouçam em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YnwLugOIQb4&list=RDYnwLugOIQb4&index=1>> acessado em: 08 de março de 2023.

território guarda suas memórias e histórias não apenas por antigos moradores, mas também pelas ruas do bairro, onde o samba descreve suas conquistas, resistindo e atravessando o tempo e o espaço.

Resistência

Como diz o dito popular, "o Samba é coisa de preto" (autor desconhecido). Durante um longo período, o Samba e seus sambistas enfrentaram repressões, e alguns tiveram suas vidas ceifadas pela violência institucional. Isso ocorreu enquanto buscavam articular, mobilizar e disseminar informações sobre a conjuntura política de suas comunidades, visando conscientizar a todos de forma crítica e política, resistindo às ações do governo durante o período da ditadura militar (1964-1985). Lágrimas foram derramadas, e não faltaram motivos para desistir de levantar a bandeira do Samba como agente de transformação social, cultural e política. Além de oferecer lazer e entretenimento para os subalternizados e as famílias periféricas, buscava-se promover a conscientização crítica e política por meio de suas canções, visando a construção de uma nova ordem social na sociedade.

Diante do genocídio da população negra na periferia paulistana, o primeiro assassinato assumido pelo grupo esquadrão da morte paulista foi, de acordo com a obra acadêmica "Entre violência e (in)justiça: o esquadrão da morte paulista (1968-1979)" do autor Diego Oliveira de Souza (2014), indiretamente assumido após muitos anos do assassinato do mestre e diretor de bateria Pato N' água⁹¹, da Agremiação Escola do Vai Vai, em 1969.

Essa obra acadêmica resgata as memórias ancestrais daqueles que resistiram e defenderam o samba, conforme as narrativas do jornalista Plínio Marcos (ancestral), em sua discografia de 1974. Ele pede licença para homenagear aqueles que abriram os caminhos do universo do samba, fortalecendo a cultura popular brasileira.

Seu Dionísio da Barra Funda, Inocência Mulata da Camisa Verde e Branco, Nenê da Vila Matilde, Pituxo, Marmelada, Sinval do Cambuci, Nego Braço, Carlão do Peruche, Perô, Pé Rachado do Vai-Vai, a gloriosa alvi negro do Bexiga, Pato N' água, Vassourinha, Seu Zezinho do Morro, Dito Caipira do Morro, da Unidos da Vila Maria, [...] dona Sinhá da Barra Funda, dona Eunice do Lavapés, Donata, senhora de valor provável de desfiles na avenida, a benção tias que vou falar do samba da Pauliceia. [...] o Juarez da Cruz da Mocidade Alegre do bairro do Limão, o Eduardo Basílio da Rosas de Ouro, na Vila Brasilândia, Angelo do Vai-Vai, Feijoada e Chiclete do Vai- Vai, também... Alô, mestre Mala irmão de lá do Tatuapé, alô, alô Renato Portela Correia de Castro... Alô, alô Sarmiento, vocês todos me dão licença para eu falar do samba da Paulicéia". Plínio Marcos, 1974).

Em continuação à discografia do jornalista, peço licença para exaltar as memórias ancestrais desses grandes baluartes do Samba, que resistiram e lutaram pelo direito a sobreviver nesta sociedade, acreditando na transformação social e usando o Samba como instrumento na luta antirracista. Entre eles estão: Sinval do Cambuci, Nego Braço, Vassourinha, Henricão, Seu Zezinho do Morro, Dadinho do Camisa Verde Branco, Zeca da Casa Verde, Dona Guga do Morro da Casa Verde, Talismã, Osvaldinho da Cuíca, Evaristo de Carvalho, Nelson Primo, Melão, Geraldo Filme, Dona Sinhá da Barra Funda, Madrinha Eunice do Lavapés, Dona

⁹⁰ Pato N' água, é considerado um dos maiores baluartes do samba da cidade de São Paulo e do Brasil, foi o primeiro mestre da bateria da escola de samba Vai-Vai, ajudou a criar a torcida uniformizada do time de futebol Corinthians. No ano de 1969, seu corpo apareceu boiando no rio na cidade de Suzano, sob uma morte misteriosa, os noticiários da época, as manchetes das capas do jornais eram, " Bandido morto pelo esquadrão da morte", citado no texto de Jota Kameral (2014), leiam:<<https://www.recantodasletras.com.br/cronicas/3566767#:~:text=Era%20o%20diretor%20de%20bateria,no%20extremo%20da%20zona%20leste>. > acessado em: 12 de setembro de 2022.

Olímpia, as tias baianas, as velhas guardas de todas as escolas de samba paulistanas, cardeais, embaixadores(as), baluartes, bambas, mestres(as), a verdadeira malandragem brasileira.

Destaco que o Samba é o verdadeiro instrumento de comunicação em massa e no fortalecimento da construção da consciência crítica e política, valorizando a cultura afro-brasileira. Nas letras das composições (músicas) que retratam relações urbanas, sociais, culturais, territoriais e étnico-raciais, o Samba se apresenta como linguagem que tece os "dramas sociais" (Turner, 2008, p.20). Esses dramas representam os impasses dos conflitos causados pelas pessoas na sociedade, buscando estratégias de articulação e mobilização para superar os conflitos impostos pelas raízes coloniais, principalmente pela exploração do capitalismo com suas mazelas, que invisibilizam os grupos minoritários (negros, indígenas, comunidades da diversidade sexual LGBTQIA+).

Como resposta popular, o samba ecoa vozes e torna-se audível, refletindo na "visão processual da sociedade", na "antestrutural social" e na "polarização de símbolos rituais", segundo o antropólogo Victor Turner (2008, p. 20). Esses conceitos moldam a vida social humana, vivenciados desde o início do século XX até o presente momento.

2.1.3. As Comunidades de Samba Paulistanas

Vermelhou Maria Cursi chegou
 Vermelhou Maria Cursi chegou
 Vai ficar vermelho meu samba contagiou
 (Comunidade de Samba Maria Cursi- Vermelhou, 2013)⁹²

Com a resistência dos sambistas paulistanos na periferia, em conjunto com os movimentos sociais de cultura entre as décadas de 1980 e 1990, passaram a ganhar força perante as lutas populares e "os movimentos organizados nasceram da necessidade de buscar acesso à cultura e tornaram-se um espaço aberto para discussão, diálogo, compartilhamento e fomentação de ações que contribuem para o desenvolvimento cultural" (Souza; Lima, 2015, p. 23).

Entre uma roda de samba e outra, nas zonas leste, oeste, norte e sul, sob essa perspectiva no início dos anos 2000, começaram a surgir as Comunidades de Samba nas periferias da cidade, com o objetivo de ressignificar os bairros periféricos e diminuir a criminalidade local. A cultura afro-brasileira foi utilizada como estratégia para a transformação social, cultural e política, visando fortalecer a população.

Assim, no extremo sul da cidade, surgiu a primeira Comunidade de Samba, chamada Samba da Vela, em 2010, na Casa de Cultura de Santo Amaro. Os encontros semanais têm o propósito de apresentar ao mundo do samba novas composições e novos sambistas. É um espaço democrático que acolhe tanto os sambistas mais antigos quanto os mais novos, proporcionando a introdução de novos talentos no universo do Samba.

Vale mencionar que existe uma tradição para o início e o término dessa roda de samba. Para dar início à roda de samba, os sambistas acendem uma vela branca em honra aos antepassados e à divindade do Samba. Assim, as canções ou sambas autorais

⁹¹ Lindomar: Vermelhou – Álbum: Comunidade Maria Cursi - A Voz da Comunidade. Gravadora: Studio HRM, 2013, ouçam em:< <https://www.youtube.com/watch?v=yIrxenDVGKc> > acessado em: 29 de set. de 2023

começam a ser cantados por seus compositores ou intérpretes. Quando a chama da vela se apaga, sinaliza o fim da roda de samba, como é retratado no samba "Comunidade Chora", da Comunidade Samba da Vela (2004)⁹³.

Quando a vela acender/ Eu vou cantar meu samba até prevalecer/ A luz que ilumina o compositor/ Que tem a luz nos olhos seus/ Eu rezo pra essa chama tão crepuscular/ Durar mais um minuto nessa hora/ Ah! Porque senão a comunidade chora/ A comunidade chora/ Chora, chora.../ A comunidade chora, a comunidade chora./ Quando a vela se apagar e o samba terminar/ Saudade não me deixe ir embora/ Meu peito vazio implora/ Que uma luz me ilumine agora! (Comunidade Chora, 2004)

As Comunidades de Samba paulistanas foram surgindo por toda a cidade para levar cultura e lazer às periferias, suprimindo muitas vezes a falta de equipamentos culturais públicos nessas áreas carentes. Seu propósito é resgatar a memória do samba raiz através de composições autorais, destacando o valor dos sambistas que dão voz a quem está no anonimato, sem reconhecimento no universo mercadológico da mídia.

Pensar nas Comunidades de Samba é conectar-se com redes de sociabilidade e assistência social presentes nos territórios, promovendo a preservação e difusão do samba raiz e autoral (autêntico) por meio da coletividade. São projetos sociais que beneficiam a comunidade com ações socioeducativas e culturais.

É importante ressaltar a diferença entre as escolas de samba e as Comunidades de Samba, apesar de os sambistas transitarem nos mesmos espaços e beberem da mesma fonte. As escolas de samba não se intitulam Comunidades de Samba, já que são institucionalizadas e têm ligação com um órgão institucional, como a Liga das Escolas de Samba de São Paulo. Por outro lado, as Comunidades de Samba não são institucionalizadas e não possuem vínculo com essa Liga.

Musa (2022) argumenta que,

A ideia de “comunidade” é um termo êmico utilizado pelo grupo e por toda uma rede de comunidades de samba de São Paulo para representar algumas especificidades desta forma de construção cultural coletiva. Em primeiro lugar, não se refere ao território em si, como sinônimo de “favela”. O significado está muito mais atrelado aos sentidos de uma comunhão de pessoas em torno de algo, mesmo que esse algo envolva dimensões simbólicas e concretas da relação com um espaço (Musa, 2022, p. 16).

Diante de uma perspectiva política e de engajamento militante, vários sambistas ligados às Comunidades de Samba demonstram o caráter político do samba ao atuarem em espaços democráticos públicos, como Fóruns municipais e Coletivos de Cultura, buscando que os direitos culturais dessa população periférica sejam garantidos pelas leis que reverberam na sociedade.

Durante um trabalho de campo realizado no final de 2021, a pesquisadora entrou em contato virtualmente com o Movimento Paulista de Samba (via e-mail) para questionar o número de Comunidades de Samba existentes na cidade de São Paulo. Em resposta, gentilmente, foram cedidos materiais audiovisuais (documentário e canal no Youtube) e mencionaram que havia aproximadamente 70 Comunidades de Samba. Vale ressaltar que novas Comunidades surgem a cada dia, tornando os dados desatualizados.

⁹² Compositores: Magnu Sousá, Maurilio de Oliveira e Edvaldo Galdino- Álbum: Á Comunidade. Gravadora: Pôr do Sol. Ano: 2004, ouçam em:<https://www.youtube.com/watch?v=J3SKX3ImBGo&list=OLAK5uy_nPA7ABDBVUYX1yXYfcPCfyr3NB6PCiy7I&index=20 > visado em: 24 de setembro de 2023.

É importante ressaltar que, no ano de 2018, devido à luta dos sambistas, foi sancionada a Lei Municipal nº 16.874 em 22 de fevereiro de 2018, com o propósito de,

Desenvolver atividades que valorizem as Comunidades de Samba no município, elevando o nível cultural, profissional, social e econômico, bem como desenvolver e promovê-las como instrumento cultural, de trabalho e empreendedorismo, de forma direta e indireta (BRASIL, 2018).

No ano de 2021, em meio à pandemia de Covid-19, para esta pesquisa, foi realizada uma busca nas redes sociais do Movimento Paulista de Samba no Facebook e na plataforma digital Youtube⁹⁴. Entre os meses de outubro e novembro, foram identificadas 50 Comunidades de Samba na região metropolitana da Cidade de São Paulo, incluindo a Comunidade de Samba Maria Cursi e o Instituto Tradicional de Cultura da Memória do Samba de São Mateus.

2.2. *Diário de campo IV: Entre o ontem e hoje*

No dia 30 de setembro de 2022, ocorreu no SESC Pompéia - SP o espetáculo "Memória Negra do Samba Paulista". Foi uma homenagem aos grandes baluartes e embaixadores do samba paulistano, que compõem as velhas guardas das escolas, tais como: Sarah Brandão, Thobias do Vai Vai e Fernando Penteado (Vai Vai); Duda Ribeiro (Camisa Verde e Branco); Seu Carlão (Peruche); Marco Antonio (Nenê da Vila Matilde); Dicá e Maria Helena da Escola Rosas de Ouro; Bernadete, a Tulipa do Samba (Peruche); Vó Suzana da Comunidade do Samba da Vela; Tia Cida dos Terreiros do Reduto do Samba de São Mateus; e Zelão, compositor de diversos sambas-enredo de São Paulo. O primeiro momento consistiu em compreender a importância da história do Samba Paulista e suas realizações de resistência perante a sociedade brasileira, principalmente ao ouvir os embaixadores do samba, que compartilharam suas vivências por meio do repertório musical.⁹⁵

No segundo momento, acompanhou-se os trabalhos artísticos dos sambistas que fazem parte do reduto do samba de São Mateus: Gerson da banda, Naldo Candiá, Yvison Pessoa, Roni King e Sandoval, que estavam presentes e ajudaram a escrever a história e a memória do samba paulistano. Eles saudaram e reverenciaram as memórias ancestrais de figuras como Geraldo Filme, Pato N'água, Dona Olimpia, Seu Dadinho, Seu Nenê da Vila Matilde, Zeca da Casa Verde, Madrinha Eunice (a primeira mulher a presidir uma escola de samba na cidade de São Paulo - Lavapés), Dionisio da Casa Verde, entre outros baluartes do samba, como mostrado na imagem 09.

⁹⁴Visitem em < <https://www.youtube.com/@MPComunidadesdeSamba> > acessado em: 09 de julho de 2023.

⁹⁵ Repertório do musical do show "A memória negra do samba paulistano I e II", ouçam as músicas que contam a história do samba paulista e paulistano: 1- Alê Luiê -Tia Cida dos Terreiros e Yvison e Gerson da Banda. 2- Repicar dos Tamborins- Seu Carlão do Peruche. 3- Linda Manhã -Duda Ribeiro (Zeca da Casa Verde). 4- Pout pourri: Casa Grande Senzala /Tronco do Ipê /Vila Matilde Campeã- Marco Antonio e Popó e-Paulistinha. 5- Pout pourri: Deuses africanos / Água Cristalina / Narainã /Alvorada dos Pássaros - Ideval e Soró e Zelão. 6- Biografia do Samba- Thobias do Vai Vai (canta Geraldo Filme).7- Poeta Xavier- Maria Helena e Dicá. 8- Se ela não sair no Vai Vai- Fernando Penteado (canta Henricão). 9- Farsa do Amor- Bernadete Peruche (canta Benê Alves).10- Referência– Sarah Brandão (canta Toinho Melodia e Rodolfo Gomes). 11- Pra Vela não se apagar– Vó Suzana. 12- IV Centenário– Dicá (canta Jacó), ressaltamos que o repertório foi cedido pelo sambista Naldo Candiá (2022).

Imagem 09- Os imortais do samba paulistano



Fonte: arquivo pessoal da autora- 23 de setembro de 2022.

O momento mais interessante e emocionante foi observar o Sr. Fernando Penteado, filho de Frederico Penteado (ancestral) e um dos fundadores da GRCSSES Vai-Vai, levantar-se e ir ao encontro de Seu Carlão do Peruche, um homem de 92 anos, nascido e criado nas raízes do samba rural e paulistano, ex-jogador de tiririca (capoeira paulista) e fundador do Grêmio Recreativo Cultural Social Escola de Samba Unidos do Peruche, no ano de 1950. Ele foi reverenciado e solicitou a bênção ao seu padrinho de batismo, conforme os rituais do catolicismo, revelando que foi batizado durante os festejos da Festa de São Benedito-Tietê.

Seu Carlão é um ícone do samba paulistano, um defensor da bandeira do samba. Num passado não muito distante, esse homem negro resistiu às artimanhas das violências estruturais e institucionais enquanto defendia os direitos humanos, a cultura e a música popular brasileira. Ele foi marginalizado, violentado e detido várias vezes pelo "crime de vadiagem", previsto no decreto-lei 3.688 de 1941, no artigo 59. Mesmo assim, contribuiu e ajudou a escrever a história do samba.

Imagem 10 - O sr. Fernando Penteado prestando a homenagem e pedindo a benção para o seu padrinho Seu Carlão do Peruche



Fonte: Tirada no show *“Memória negra do samba paulista”*, no mês de setembro de 2022, momento que o Sr. Fernando Penteado (terno cinza e preto), da velha guarda do GRCES- Vai-Vai, o momento da homenagem para o seu padrinho seu Carlão do Peruche, agradecendo, a sua existência de vida, por escrever as diversas histórias do samba paulista e paulistano. Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora, setembro, 2022.

Considerações finais

O gênero musical samba paulistano, por meio das composições realizadas por sambistas de todas as idades, conta a história da Paulicéia de ontem e de hoje, realizando o movimento Sankofa. Por outro lado, desde que o samba passou a ser batucado e ecoado por todo o país, ganhou outro aspecto, tornando-se político. Em conjunto com seus adeptos, é usado como instrumento de resistência na luta pela garantia dos direitos humanos, ocasionando a transformação sócio-cultural de diversas vidas. Os sambistas que participaram do evento *“Memória Negra do Samba Paulista”*, com a presença dos músicos e sambistas do reduto do samba de São Mateus, tocaram instrumentos (percussão, cordas e sopro).

Esse capítulo demonstrou a importância da resistência da cultura e da música popular brasileira que reescreve as histórias do povo brasileiro, através do samba, seja nos desfiles de carnaval com as Escolas de Samba, nas rodas de samba com os versos do partido alto, samba de terreiro, caboclo, entre outros.

O samba possui suas múltiplas faces, não se limitando ao campo do lazer e entretenimento, mas atuando também na resistência e valorização da ancestralidade e do tripé da cultura afro-brasileira. Nas canções, repassa informações onde o movimento Sankofa acontece, principalmente ao narrar e (re) escrever o hoje, imortalizando o ontem, refletindo no futuro e nas próximas gerações.

O registro do diário de campo apresentado retratou que a divindade Samba anda em conjunto com a educação, não apenas aquela aprendida dentro das escolas e universidades, mas a educação proveniente dos Terreiros, das encruzilhadas, das ruas, dos

becos, vielas e estradas, nas rodas de samba realizadas nos quintais, praças, bares e escolas de samba. A educação popular se faz presente, rompendo os parâmetros coloniais.

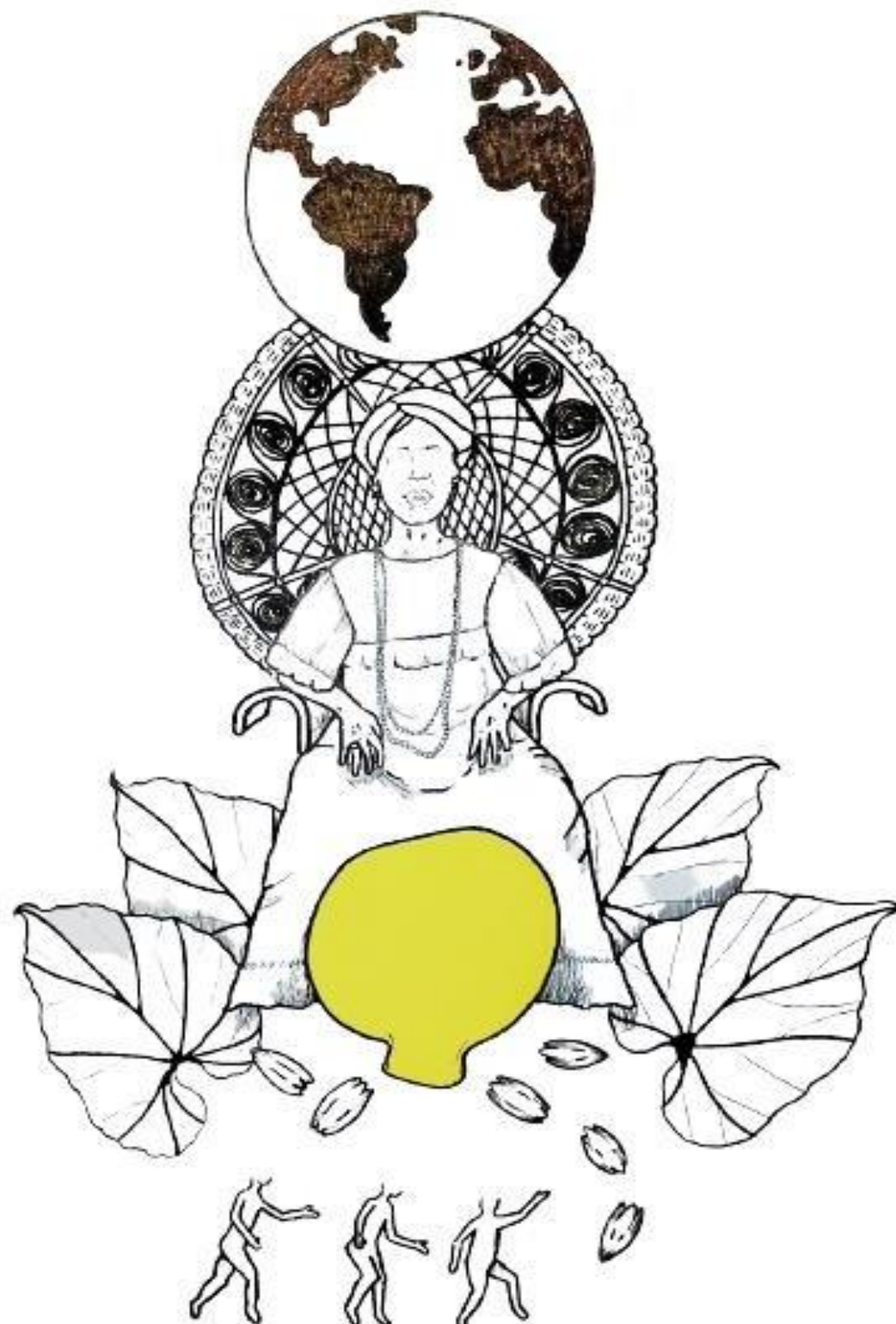
A educação é o motor precursor da transformação social da sociedade, em conjunto com a cultura. Assim, a cosmologia africana-brasileira atravessa a contemporaneidade, ganhando espaço dentro das universidades, como o Samba que está entrando pelas portas das universidades públicas e escolas. Nas grades curriculares, as leis 10.639/2003⁹⁶ e 11.645/2008⁹⁷ abrem caminhos para a inclusão da história da África e dos povos indígenas no ensino fundamental e médio. Além disso, a lei nº 12.711/2012⁹⁸ garante a reserva de 50% de vagas nas universidades públicas para discentes indígenas e negros(as), refletindo no aumento das produções científicas que abordam e discutem culturas não europeias. Este capítulo apura o passado e o presente, onde a ancestralidade e a memória negra paulista se fazem presentes na construção de São Paulo e do Reduto do Samba de São Mateus.

⁹⁶BRASIL. Lei n. 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm> Acesso em: 21 de setembro de 2022.

⁹⁷ BRASIL. Lei n. 11.645/2008, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm> Acesso em: 21 de setembro de 2022.

⁹⁸BRASIL. Lei Nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2012/Lei/L12711.htm> acessado em: 21 de setembro de 2022.

Grafismo 03- As tias do samba de São Mateus



Arte de Louise Wise-2023

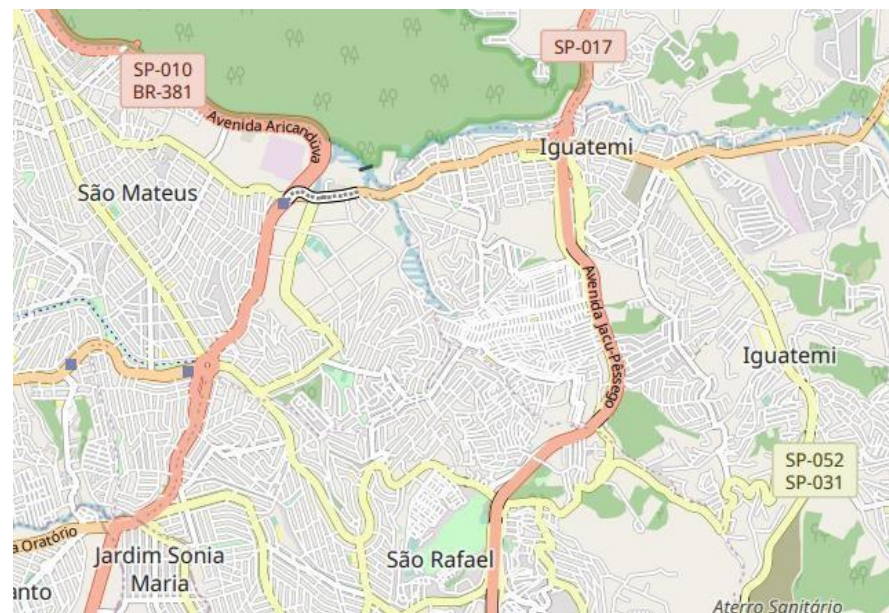
CAPÍTULO 3- AS MEMÓRIAS DE RESISTÊNCIAS DE SÃO MATEUS- EM ESPAÇOS DEMOCRÁTICOS ONDE O SAMBA SE FAZ PRESENTE

O presente capítulo tem por intuito mostrar as articulações político-sociais realizadas dentro do território de São Mateus, desde as décadas de 70 até 2000, envolvendo a ancestralidade e a cultura afro-brasileira, sob a ludicidade do gênero musical samba. Destaca-se também o protagonismo feminino com as práticas do mulherismo africano, as lutas emancipatórias realizadas nos movimentos sociais para garantia de direitos, resultando no reconhecimento do distrito como um dos mais importantes na cultura popular brasileira, com o surgimento do Reduto de Samba de São Mateus. Esse movimento impactou diversas vidas, promovendo a transformação sociocultural perante a sociedade brasileira.

3.1. As trilhas de São Mateus de hoje

São Mateus é um distrito situado na zona leste da cidade de São Paulo. Segundo os dados estatísticos revelados pela Subprefeitura de São Mateus, o distrito possui uma área demográfica de 45,80 km², com uma população de 426.794 pessoas, de acordo com a última pesquisa censitária realizada em 2010. Considerando as características geográficas do distrito, a densidade demográfica é de 9.319 hab./km². O território foi dividido em 03 bairros: Iguatemi, São Mateus e São Rafael, conforme apresentado na imagem número 07.

Imagem 07- Mapa do distrito de São Mateus - São Mateus, São Rafael e Iguatemi



Fonte: Programa Open Street Map- Distrito de São Mateus. Disponível em: < <https://www.openstreetmap.org/#map=13/-23.6051/-46.4650> > Acessado em: 26 de março de 2023

A divisão geográfica resulta do crescimento desordenado da população nos últimos 40 anos, com o surgimento de novos bairros e uma avalanche de ocupações simultâneas, tanto em loteamentos regulares quanto irregulares. Na década de 90, por exemplo, surgiu o bairro Jardim da Conquista, inserido na região do Iguatemi.

São Mateus é um território fronteiriço que faz limites com os municípios de Santo André e Mauá. Possui fácil acesso à Serra do Mar (Mata Atlântica), que interliga o litoral norte, leste e sul, além dos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná e Santa Catarina. Historicamente, na história da cidade de São Paulo, a Serra do Mar foi rota das expedições portuguesas com o tráfico negreiro e indígena, com embarque e desembarque de produtos para o continente europeu, na zona portuária da cidade de Santos,

desde o século XVI⁹⁹, como explicam os geógrafos Jurandyr Luciano Sanches Ross e Marisa de Souto Matos Fierz (2018):

[...]grande parte da planície costeira dos estados do RJ, SP, PR e SC os espaços seguros para expansão urbana são muito restritos em função das condições naturais. Ao mesmo tempo, no litoral há uma fortíssima pressão para o crescimento urbano em decorrência das atividades industriais, portuárias, turísticas, bem como instalações de infraestrutura de suporte para exploração do petróleo do fundo marinho” (Ross; Fierz, 2018, p.17).

Em pesquisa documental, o mapeamento geográfico apresentado pelo Departamento de Patrimônio Histórico da cidade de São Paulo - DPH, revela as relações das divisões territoriais hidrográficas que, na década de 50, interligavam 40 ribeirões cortando o distrito. Com a urbanização, os rios e nascentes deram lugar ao concreto e asfalto, sendo que o único rio existente, o rio Aricanduva, sofre até o presente momento alterações com a canalização e encontra-se na condição de poluído, desembocando no Tietê.

As maiores vias de acesso do distrito de São Mateus são: a) Avenida Mateo Bei, a principal do bairro que conecta aos outros bairros e é fundamental para a economia local, concentrando a maior parte do comércio; b) Avenida Ragueb Chohfi, que tem início no Largo de São Mateus, atravessa o bairro de São Mateus, alcança as regiões dos bairros Iguatemi e desemboca nos distritos Cidade Tiradentes e Guaianases; c) Avenida Sapopemba, que inicia nos distritos adjacentes dos bairros da Mooca, Vila Prudente e Formosa, passando por São Mateus, Parques São Rafael, Jardim Santo André e termina no município de Ribeirão Pires; d) Avenida Adélia Chohfi, com início no Largo de São Mateus, atravessa os municípios de Mauá e termina em Santo André; e) Avenida Aricanduva, uma via expressa com acesso aos corredores de transportes públicos municipais, que se inicia na Avenida Ragueb Chohfi e termina na Avenida Radial Leste, conectando ao centro da cidade e à Marginal Tietê, Rodovia Fernão Dias, proporcionando acesso ao município e ao aeroporto internacional de Guarulhos, além do estado do Rio de Janeiro.

Por fim, o anel viário, o Rodoanel Governador Mário Covas-SP-21, conecta as rodovias Anchieta e Imigrantes, no litoral sul paulista, aos municípios de Mauá, Santo André e Ribeirão Pires, além do complexo Jacu Pêssego (Cidade de São Paulo - zona leste), à Rodovia Ayrton Senna, atravessando os municípios de Guarulhos e Itaquaquetuba, com fácil acesso ao Aeroporto Internacional de Guarulhos, conforme demonstrado na imagem 12.

⁹⁹História da zona portuária de Santos - São Paulo, visitem o site <<https://www.portodesantos.com.br/conheca-o-porto/historia-2/>> acessado em: 12 de julho de 2023.

Imagem 12-Complexo Jacu Pêssego- Rodoanel Mário Covas-SP



Fonte: Arquivo pessoal da autora - acessado em: 26 de março de 2023.

Transporte urbano + Serviços de Equipamentos públicos municipais e estaduais = São Mateus de hoje

O distrito possui um terminal de ônibus municipal gerenciado pela Secretaria Municipal de Transporte - SPTRANS, com 28 linhas que abrangem as três regiões. Além disso, compartilha o espaço com o terminal metropolitano (intermunicipal), que opera 4 linhas no corredor viário dos municípios de Mauá, Santo André e São Bernardo do Campo.

Vale lembrar que o distrito de São Mateus possui a primeira linha-15- Prata do monotrilho (trem nas alturas), proporcionando acesso rápido às linhas verde, amarela, lilás e azul do metrô paulistano. O ponto de partida é na estação Vila Prudente e, atualmente, termina na estação São Mateus e Jardim Colonial. Está em obras para se estender até o distrito da Cidade Tiradentes, com previsão de entrega em 2026, conforme o Jornal Metrô CPTM (Companhia Paulista de Transporte Metroviário). Um artigo escrito por Ricardo Meier em 2022¹⁰⁰, intitulado 'Chegada da Linha 15-Prata em Cidade Tiradentes pode demorar: Cenários apresentados pelo Metrô em documentos sobre a Linha 16-Violeta mostram que demanda pode ser difícil de ser suportada pelo monotrilho', alerta para possíveis atrasos na entrega da linha.

¹⁰⁰Jornal Metrô CPTM, com a matéria “ Chegada da Linha 15-Prata em Cidade Tiradentes pode demorar: Cenários apresentados pelo Metrô em documentos sobre a Linha 16-Violeta mostram que demanda pode ser difícil de ser suportada pelo monotrilho”, escrita por, Ricardo Meier, no ano de 2022, leiam em:< <https://www.metrocptm.com.br/chegada-da-linha-15-prata-em-cidade-tiradentes-pode-demorar/> > acessado em: 12 de julho de 2023.

Imagem 13- Mapa do Monotrilho e o Terminal Metropolitano de São Mateus



Fonte: Arquivo pessoal de Harold Jones (2022), acessado em: 26 de março de 2023.

Serviços de Equipamentos públicos

Os serviços de equipamentos públicos municipais existentes no distrito de São Mateus, administrados e oferecidos pelo poder público municipal, incluem: 15 escolas de ensino médio, um hospital de alta complexidade e uma Delegacia de Polícia, destinados a atender toda a demanda do distrito e áreas adjacentes. Além disso, o distrito possui dois Conselhos Tutelares, que surgiram da luta do movimento social de crianças e adolescentes, bem como um Cartório de Registro Civil conquistado por reivindicação popular.

Destaco a presença de várias Organizações Não Governamentais (ONGs) atuando em diversas frentes sociais para garantir direitos sociais. Peço desculpas pela falta de profundidade ao não apresentar informações detalhadas sobre essas ONGs no território. Para compreender essas conquistas, é necessário realizar o movimento Sankofa, voltar na história e entender a importância do distrito de São Mateus para a sociedade, especialmente para a cultura e a música popular brasileira.

3.1.2. São Mateus de ONTEM - No tempo da voz da colina- os espaços democráticos

Os habitantes do distrito de São Mateus tornam este território um verdadeiro palco de lutas emancipatórias pela garantia de direitos humanos. Em uma breve contextualização sócio-histórica, voltamos ao ano de 1946, quando a família italiana Bei comprou uma gleba de terra que deu origem à Fazenda São Mateus. Em 1948, o Sr. Mateo começou a desmembrar e dividir as terras, comercializando os lotes a preços acessíveis para famílias de trabalhadores vindos do centro da cidade.

Com a venda dos lotes em São Mateus, o Sr. Bei contratou os serviços de Nildo Gregório da Silva (1917-1990), conhecido como Seu Jaú. Ele era um homem negro e empreendedor na área da construção civil, tendo desenvolvido a função de terraplanagem para abrir a primeira avenida do bairro, chamada Mateo Bei. Essa história foi relatada por antigos moradores do bairro, como Maria Aparecida Trajano, mais conhecida como Tia Cida dos Terreiros, que atuou por anos nos movimentos sociais na zona leste paulistana.

A família de Tia Cida chegou ao território no final da década de 40. Em uma conversa informal, ela indicou que, nas residências de sua família e do Sr. Nilton Gregório, ocorriam as primeiras rodas de samba aos finais de semana, como forma de lazer envolvendo toda a vizinhança. Em um trecho da entrevista concedida por Tia Cida dos Terreiros (2022), ela relatou que:

São Mateus nasceu no ano de 1946, eu e a minha família mudamos para São Mateus em 1948 (rs). O bairro era puro mato, nós fomos a 8ª família a morar em São Mateus, era uma fazenda enorme tinha de tudo boiada, cavalo, vários bichos que nem existe mais [...] Lembro que meu padrinho Nildo, abria as ruas do bairro.

Em conversa com Tia Cida, ela relembrou que o Sr. Nilton Gregório foi seu padrinho de batismo no catolicismo. Além disso, trouxe a informação de que o primeiro radioamador de São Mateus pertencia ao seu padrinho, onde eram divulgadas informações do bairro no programa chamado “Voz da Colina”. O objetivo desse programa era denunciar as dificuldades de infraestrutura enfrentadas no bairro, buscando que todes tivessem ciência dos fatos para que pudessem se organizar coletivamente e reivindicar os direitos junto ao poder público, visando a melhoria do bairro. Essas informações foram citadas em uma matéria do Jornal Gazeta de São Mateus, na edição especial de 2019, conforme evidenciado.

Imagem 14- Matéria do Jornal Gazeta de São Mateus, do ano de 1995.



Fonte: Jornal Gazeta de São Mateus, acessado em 17 de outubro de 2023.

Durante o período de 1964 a 1985, o país atravessou um regime ditatorial que teve repercussões significativas na classe subalternizada, resultando em diversas formas de violência. Especificamente na década de 70, grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro enfrentaram um aumento expressivo da migração nacional e internacional, ocasionando um crescimento desordenado da população e um consequente aumento das demandas sociais na grande massa periférica. Isso resultou no aumento do 'conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista' (Iamamoto, 1999, p. 07), gerando um caos social e econômico moldado pela exploração da mão de obra periférica. Os resultados foram uma visibilidade econômica e tecnológica que causou um desequilíbrio social.

Com esse cenário econômico e social caótico estabelecido, na década de 80, várias famílias de baixa renda tornaram-se socialmente vulneráveis, chegando à linha da pobreza devido à situação econômica que resultou no aumento do desemprego, impulsionado pela conjuntura política e econômica. Nesse contexto, os movimentos sociais começaram a surgir como frentes de luta coletiva, lutando pela garantia dos direitos humanos e denunciando as omissões e violações cometidas pelo Estado.

A professora Maria da Glória Gohn (2000) explica que os

Movimentos sociais são ações coletivas de caráter sociopolítico, construídas por atores sociais pertencentes a diferentes classes e camadas sociais. Eles politizam suas demandas e criam um campo político de força social na sociedade civil. Suas ações estruturam-se a partir de repertórios criados sobre temas e problemas em situações de conflitos, litígios e disputas. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva ao movimento, a partir de interesses em comum. Esta identidade decorre da força do princípio da solidariedade e é construída a partir da base". (Gohn, 2000, p.13)

Os moradores dos bairros periféricos, em particular, foram os principais articuladores e mobilizadores, tornando a periferia um dos maiores palcos de luta, especialmente no distrito de São Mateus. Eles expressaram suas demandas por meio de frentes dos movimentos sociais, incluindo Favelas, Saúde, Educação, Cultura (Fórum de Cultura), e Moradia Leste I e II¹⁰¹, buscando garantir direitos sociais e civis, conforme registrado no documento da nova Constituição Federativa do Brasil de 1988.

A população se organizava por meio de diversas manifestações, como passeatas realizadas nas ruas em frente aos órgãos públicos municipais, estaduais e federais. É importante ressaltar que essas ações pontuais estavam interligadas a outros movimentos sociais em diferentes estados brasileiros.

A imagem 15 do Movimento de Moradia Leste II de São Mateus, no final da década de 80, ilustra essas mobilizações.

¹⁰¹ A nomenclatura do movimento sociais de moradia Leste I e II, denomina-se na divisão da extensão territorial, para organização no enfrentamento na luta por justiça social, as lideranças fazem esta divisão.

Imagem 15- Movimento de Moradia- Leste II - São Mateus



Fonte: Arquivo pessoal - Ato para a moradia digna ano de 1988, Avenida Paulista em São Paulo, no antigo prédio da Secretaria Estadual de Habitação de São Paulo.

Para concretizar ações pontuais dos movimentos sociais na cidade de São Paulo durante esse período, as lideranças desses movimentos buscavam estratégias de articulação e mobilização política, criando grupos de desenvolvimento do “trabalho de base” (Peloso, 2012, p. 39)¹⁰². Eles obtinham apoio de várias fontes, principalmente dos trabalhadores das indústrias localizadas no 'chão das fábricas' (Leão, 2022), das organizações sindicais e partidos políticos de esquerda, como o Partido dos Trabalhadores (PT), fundado em 1980. Esse movimento se aliava à vertente política da Teologia da Libertação da Igreja Católica, trazendo aporte teórico-metodológico com base em textos de pensadores das ciências sociais, história e antropologia para fortalecer as bases, promovido nos grupos das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), com o intuito de “[...] reunir as mulheres que não trabalhavam fora de casa nos chamados Clube de Mães” (Singer, 1980, p. 110)¹⁰³, espalhados por toda cidade paulistana principalmente na zona sul e leste.

Valorizando o protagonismo feminino e negro em várias frentes de movimentos sociais espalhados por todo o Brasil, esses núcleos não apenas impactavam a vida dessas mulheres em questões políticas e processos emancipatórios, mas também incentivavam o autocuidado e a autoestima. Isso se dava principalmente por meio da capacitação profissional, gerando renda, em sua maioria, por meio da produção artesanal para comercialização, com a perspectiva de contribuir para o orçamento familiar.

¹⁰² Explicando o conceito de trabalho de base por Peloso (2012, p.39), refere-se na organização política de território periférico, com ações que políticas e transformadoras, dirigidas por militantes, na organização popular, ou seja, da grande massa, onde são desenvolvidas as técnicas e práticas para estimular os/as pares, a vontade de obter o entendimento da conjuntura política e econômica, com intuito para que, todes lutem contra a opressão social, buscando a garantia de direitos, em fortalecer os movimentos sociais em realizar a luta sob uma forma coletiva porque, no individualismo não existe a luta pela garantia de direitos.

¹⁰³ Os núcleos Clubes de Mãe são anteriores que as CEBs, no qual, uniram-se, perante as lutas pela garantia de direitos.

É importante enfatizar que as lutas emancipatórias continuam ecoando nos territórios periféricos até os dias atuais, pois representam o único meio pelo qual os grupos subalternizados conseguem reivindicar direitos para garantir a sobrevivência da massa trabalhadora. Assim, os movimentos sociais originados no distrito de São Mateus conquistaram visibilidade, passando a escrever um capítulo na história dos movimentos sociais brasileiros.

Com o apoio popular, diversas respostas populares emergiram, incluindo ocupações simultâneas de terras improdutivas na cidade de São Paulo, como evidenciado na produção científica da conclusão de curso 'Tauá e o Jardim do Conquista: a luta por moradia' (Carmo, 2013). Surgiram também o Movimento em Defesa das Favelas - MDF¹⁰⁴ e contra a fome, iniciativas na área da Educação com o aumento da construção de Centros de Educação Infantil/Creches e escolas municipais e estaduais, além do Movimento de Saúde, com a construção de diversas Unidades Básicas de Saúde (UBS), hospitais de alta e média complexidade, e o Movimento de Cultura com a criação do Fórum Cultura, entre outros. Tudo isso são resultados das conquistas das lutas populares.

De acordo com o relato de Paul Singer (1980), no III Encontro Nacional das Comunidades Eclesiais de Base realizado na cidade interiorana de Andradina-SP, em 1980:

III Encontro Nacional das CEBs, o redator contou uma experiência de sua Comunidade de São Mateus (zona leste): resolveu-se construir uma creche, em mutirão, sendo que o cuidado das crianças ficaria a cargo de 'voluntários'. Enquanto a construção, as voluntárias se reuniam para discutir o tipo de educação que seria dada. "Quando, afinal, os muros da creche já ergueram um trabalho cuja responsabilidade não cabia a elas mas à sociedade... Elas não estavam dispostas a perder o pouco tempo que lhes restava após o trabalho na fábrica, mas preferiam utilizar o tempo que lhe restava para estudar e conhecer os seus direitos, para que pudessem reivindicá-los coletivamente (Singer, 1980 p.105).

Vale lembrar que, durante este período, Tia Cida teve uma participação marcante no movimento de defesa das favelas, trabalhando em conjunto com as CEBs. Ela se engajou no trabalho de base, promovendo conscientização crítica e política por meio da organização, articulação e mobilização em reuniões e encontros com mulheres e famílias das comunidades/favelas do Divinéia e Vila Flávia. Tia Cida também coordenou a coleta de alimentos na Paróquia de São Mateus Apóstolo, contribuindo para saciar a fome de muitas famílias em situação de vulnerabilidade social.

Durante muito tempo trabalhei na paróquia foi quando estava surgindo os trabalhos nas comunidades nas favelas que precisavam de todo tipo de ajuda, era criança com fome, pessoas precisando de madeira para montar os barracos. Eu ia ajudar esse povo e os padres pediam pra eu ir. Assim fui construindo vínculos com as comunidades e chegou um tempo que começamos a montar grupos para ir em reuniões na Sabesp para colocar água encanada nas casas, outros, grupos para negociar com light (antiga Eletropaulo) na comunidade e assim foi o trabalho de assistência que estávamos fazendo (Tia Cida dos Terreiros, 2022).

Com base no trecho extraído da entrevista, podemos analisar que, no final da década de 1980, os mais atingidos foram e continuam sendo os subalternizados, com o aumento do conjunto de desigualdades sociais. Isso se refletiu no crescimento das violências urbanas nas grandes capitais, especialmente afetando a população negra, incluindo as mulheres. Elas foram mais

¹⁰⁴História do Movimento em Defesa das Favelas, disponível em: <<https://www.mdf.org.br/historia>> acessado em: 19 de outubro de 2023.

impactadas pelo genocídio da juventude negra, pelo recrutamento de seus filhos e maridos para a criminalidade, o que resultou frequentemente em um encarceramento em massa. Essa realidade foi descrita no panorama da conjuntura política e econômica pela antropóloga Lélia Gonzalez (2020).

[...] aquela negra anônima, habitante da periferia, nas baixadas da vida, quem sofre mais tragicamente os efeitos da terrível culpabilidade branca. Exatamente porque é ela que sobrevive na base da prestação de serviços, segurando a barra familiar praticamente sozinha. Isso porque seu homem, seus irmãos ou seus filhos são objetos de perseguição policial sistemática (esquadrões da morte e “mãos brancas” estão aí matando negros à vontade; observe-se que são negros jovens, com menos de trinta anos. Por outro lado, que se veja quem é a maioria da população carcerária deste país). (Gonzales, 2020, p. 83)

Por outro lado, outras contradições começaram a surgir diante das complexidades ao apresentar as correlações de forças com o Estado, que sempre marcou presença na periferia em diversos aspectos. Isso inclui a gestão administrativa, a prática da necropolítica, as omissões e a negação das violações dos direitos humanos, juntamente com o uso da força militar como forma de controle sobre os corpos negros, a comunidade LGBTQIA+, os indígenas, brancos pobres, pauperizados, migrantes, entre outros, resultando no aumento do encarceramento em massa e, muitas vezes, no genocídio da juventude negra.

Na década de 90, na capital de São Paulo, surgiu o Primeiro Comando da Capital (PCC), originado dentro do sistema penitenciário e expandindo sua influência para as ruas das periferias paulistanas. Isso foi uma forma de controlar e "pacificar os territórios" (D'Andrea, 2020, p.19) pela facção. Essa ação se confrontava com o Estado, exercendo uma via de mão dupla: de um lado, cumprindo o papel do poder público ao promover segurança e até mesmo assistência social, proporcionando segurança alimentar e oportunidades de emprego no universo da criminalidade ao aliciar adolescentes e jovens adultos para o tráfico de drogas. Por outro lado, alimentava a utopia do poder, da fama, da ostentação e do enriquecimento, resultando no encarceramento em massa e em assassinatos.

Além disso, as igrejas neopentecostais aplicam o poder da salvação na redenção dos pecados mundanos, exercendo uma forma de caridade ao assumir, de certa forma, as demandas sociais das famílias em situação de vulnerabilidade, preenchendo as lacunas deixadas pelo Estado na assistência social. Isso reflete na "troca" e na "obrigação de dar e receber" (Mauss, 2003, p. 200), promovendo a conscientização da ideologia de um Deus onipotente.

Sabe-se que essas questões são raízes deixadas pelo colonialismo, gerando o racismo estrutural (Almeida, 2019), baseadas em questões políticas, econômicas e étnico-raciais. No Brasil, existe a cultura do não velamento e a utopia da democracia racial, resultando em diversos tipos de preconceitos.

Frantz Fanon (2008), em sua obra “Pele negra, máscaras brancas”, menciona que,

O preconceito de cor nada mais é do que a raiva irracional de uma raça por outra, o desprezo dos povos fortes e ricos por aqueles que eles consideram inferiores, e depois o amargo ressentimento daqueles que foram oprimidos e frequentemente injuriados. Como a cor é o sinal exterior mais visível da raça, ela tornou-se o critério através do qual os homens são julgados, sem se levar em conta as suas aquisições educativas e sociais. As raças de pele clara terminaram desprezando as raças de pele escura e estas se recusam a continuar aceitando a condição modesta que lhes pretendem impor. (Payot apud Fanon, 2008, p. 110)

Diante dessa complexidade de contradições na periferia, especialmente no distrito de São Mateus, o protagonismo das mulheres, especialmente as negras, na defesa e proteção de suas famílias, especialmente da nova geração (filhos, netos, sobrinhos, agregados), tornou-se mais evidente, principalmente diante do extermínio da juventude negra. Mulheres como a dona¹⁰⁵ Ercília, Carmem, Severina, as Tias Filó e Cida dos Terreiros, por possuírem um olhar mais apurado e uma compreensão dos códigos e símbolos das ruas, passaram a se preocupar com todes que frequentam seus lares, o entorno e a comunidade. Elas refletem sobre quem será a próxima vítima das mortes simbólicas ou reais, pois, como diz o ditado, não há bala perdida; ela sempre encontra o caminho para um corpo negro e pobre.

Nessa perspectiva, as tias, desde a década de 80, passaram a abrir os quintais de suas residências para que esse espaço ganhasse vida cumprindo uma função cultural, com a formação de rodas de samba organizadas por seu filho mais novo, Marcelo Ercílio, conhecido como Tocão do Banjo¹⁰⁶, V ale ressaltar que, como foi mencionado por um dos entrevistados, “*por ser humano afro-brasileiro, negro retinto, sofreu com as diversas abordagens e as diversas violências policiais*”.

O sambista Gerson Martins (2021) relatou em um trecho da entrevista que:

A polícia passava e via aquele monte de gente e pra eles pararam e mandava a gente colocar as mãos para trás. Porque eles perguntavam o que estávamos fazendo e quando respondíamos eles diziam que estávamos com marra. O Tocão sempre batia de frente... E sempre falava: Vocês só estão aqui, somos negrão! Eu sempre dava um passo e os policiais gritavam com a gente... Eu sempre falava: Ele é meu amigo e sempre estamos juntos e sempre argumentava que estava fazendo um samba e não tinha nada de errado, porque, tinha família, crianças, as tias e não tinha nada de errado.

Analisando o trecho da narrativa do sambista Gerson Martins (2021), observamos que não apenas o Estado exerce seu poder para controlar os corpos dos subalternizados e o direito de ir e vir, mas também como o sistema perpetua as raízes coloniais que estão fincadas na sociedade brasileira. Essas correlações de forças violam diariamente através da marginalização e criminalização de corpos negros e pobres. Para sobreviver em território periférico, eles aprendem a desafiar as estatísticas, adotando estratégias de resistência e se reinventando dentro de sua comunidade. Uma dessas estratégias é o aquilombamento cultural, por meio do encontro do samba, absorvendo os ensinamentos de seus mais velhos.

As tias, por meio da pedagogia da afetividade, utilizaram o samba como instrumento de transformação social para adolescentes e jovens, de forma incondicional, promovendo a ruptura das estruturas impostas pelos sistemas na sociedade. Isso

¹⁰⁵ Nesse trabalho de pesquisa a nomenclatura em referirmos os nomes de tias e donas, nascem no século XIX e XX, advindo da negritude, foram e são mulheres negras envolvidas no universo do samba que “ organizam territorialmente a comunidade através da música, fomentando identidade e desenvolvimento”, enfatizando que estas mulheres marcam o protagonismo e deixam suas marcas no mundo da música, por motivo que, ajudaram a manter os diversos “espaços-políticos e culturais, para que o samba seja propagado, para que, as “novas gerações de sambista produzisse suas artes, viajassem e transitam a memória dessas mulheres também”. Explicando o pensamento da historiadora Angélica Ferrarez, sobre o conceito de “dona”, (Ferrarez, 2023, p. 20-21), compreende-se que a terminologia da referência da palavra, é oriunda do Recôncavo Baiano, como modo de respeito em chamar a mais velha, no qual, exerce desempenha a função das tias, dentro das rodas de samba, quilombos, Terreiros das religiões de matrizes africanas e escolas de samba.

¹⁰⁶ Marcelo Ercílio, negro, de 54 anos, filho de Tia Cida dos Terreiros e Chaminé sambista, um grande carnavalesco da Associação Cultural e Social Escola de Samba Mocidade Camisa Verde e Branco, na década de 70 e 80, neto de dona Ercília e Blecaute, para de 4 filhos, músico, sambista, cantor, interprete e compositor, foi apadrinhado por Almir Guineto é considerado uns dos maiores tocadores do instrumento de banjo do Brasil, pertence o Berço de Samba de São Mateus.

se reflete no processo de decolonização, ensinando às próximas gerações como enfrentar a necropolítica e promovendo o combate ao racismo na sociedade brasileira.

Assim, as casas das tias se tornaram pontos de apoio, onde seus quintais deixaram de ser apenas características residenciais para se tornarem espaços democráticos. Esses locais são marcados pela "troca e afeto mútuo" e pela "arte de ensinar" (Hooks, 2020, p. 10-17), exercendo as epistemologias de saberes por meio das trocas de conhecimento. As pessoas aprendem coletivamente a tocar e manusear instrumentos musicais como cavaquinho, banjo e percussão. Logo em seguida, aplicam o aprendizado formando a roda de samba. Embora cada quintal das tias tenha suas peculiaridades, o gênero musical do samba os uniu na mesma perspectiva de impactar vidas, conforme apontado pelas autoras Carmo e Carvalho (2023, p. 144): "os quintais, dão conta das transformações ao decorrer do tempo como um espaço: privado, político, doméstico. Um lugar onde são tecidos de afetos, mas, também resistências, resiliências, tal como extensão territorialidade dos corpos-vida".

Surgindo um espaço que permite a expressão através da música, contrariando a hegemonia e valorizando a cultura afro-brasileira, estes lugares não são aceitos dentro da lógica capitalista e da branquitude brasileira, pois não esquecem a "história feita de resistência e lutas, em que essa mulher tem sido protagonista graças à dinâmica de uma memória ancestral" (Gonzalez, 2020, p. 268).

Ao longo desta pesquisa, aprendi com as tias do samba de São Mateus e com as tias baianas do G.R.S.C.E.S Vai Vai a refletir sobre diversas situações, especialmente sobre o feminismo, que não aborda todas as questões relacionadas à sobrevivência da mulher negra e pobre na sociedade brasileira. Esse feminismo não está pautado na perspectiva da luta por direitos das mulheres brancas, que buscam a igualdade entre os gêneros feminino e masculino. Isso evidencia a contrariedade nas ações das mulheres negras que buscam a equidade social e a inclusão como estratégia de luta, para que os subalternos possam fazer parte das lutas antirracismo e de classes.

Portanto, o mulherismo é interseccional, onde todas as encruzilhadas se encontram em um único corpo negro feminino. Isso se reflete nas ações das mulheres dentro e fora de seus núcleos familiares, independente se são consanguíneos ou não. Nos quintais das tias, todos são considerados parte da família. Dentro dessa prática ancestral africana existem "papéis flexíveis" (Hudson-Weens, 2020, p. 83), onde não há rivalidade entre os gêneros; todos são iguais no cuidado familiar. Além disso, a prática da importância da espiritualidade (fé) não pode ser negada para os povos da diáspora africana, na qual é exercida. Outro aspecto é o respeito pelos griots, ou seja, o respeito aos ensinamentos dos mais velhos, por serem a fonte do conhecimento e sabedoria, transmitindo esses ensinamentos para as gerações mais jovens para que o legado seja mantido.

Em uma conversa informal com Adalto¹⁰⁷, sobrinho da tia Filó (2022), nitidamente perceptível as práticas ancestrais do mulherismo nos quintais das tias, como pode ser observado no trecho da entrevista.

“No mesmo final de semana tinha samba nesse mesmo quintal, aqui onde estamos falando, aqui embaixo no fundo um pouco se reuniam.. Meu primo Silvinho, já falecido, tocava timba muito bem, por sinal, os amigos deles traziam outros instrumentos e

¹⁰⁷ Adalto é sobrinho da tia Filó, na homenagem póstumas à matriarca, no dia 09 de janeiro de 2022, após 34 anos de seu desencarne, relatou essa passagem.

formavam a roda de samba. A regra era assim, às 17 horas terminava o samba porque na missa das 18 ou 19 horas, os filhos da Filomena tínhamos que estar na missa. Não era por livre espontânea vontade, era por livre espontânea pressão (rs). Com bebida ou sem, tinha que tomar banho e ir à missa.. Pra ela era assim. Você pode sorrir, se divertir, pode brincar, mas você tem que cuidar da sua fé e da sua educação.

Partindo da fala de Adalto, notamos diversas nuances, principalmente a nitidez da responsabilidade familiar e as práticas religiosas como parte da educação. É o fortalecimento de orientar todos sob um olhar para dentro de sua realidade, sem perder a fé. Por outro lado, Tia Filó, em especial, tinha a sensibilidade não apenas para olhar dentro de sua própria realidade. Apesar de seus problemas pessoais, ela conseguia, antes de tudo, ser uma mulher negra, mãe solo de uma família numerosa, viúva e trabalhadora. Em suas folgas, seu lazer era participar das rodas de samba em seu quintal com sua prole. Além disso, ela era solidária com a vizinhança e todos que buscavam ajuda, especialmente os vizinhos.

Ainda sobre a perspectiva ancestral afro-yoruba, que se casa com as ações transmitidas para as mulheres decentes da diáspora, há a importância do papel das ialodês¹⁰⁸, Elas exercem o cuidado, zelam e protegem sua comunidade, possuindo uma cosmo percepção que reconhece sua bravura em tempos difíceis. Para algumas comunidades dos povos africanos-yorubas, as mulheres que recebem o título de ladolê significam “mãe de assuntos públicos” (Oyewùmì, 2021, p.168-169).

Enfatizo que as tias do samba de São Mateus são as ialodês, que contribuíram e continuam contribuindo com seus feitos para promover a transformação social, política, econômica e cultural no território. Em seus quintais, realizam o 'aquilombar' de corpos que marcam o chão¹⁰⁹, não apenas com batuques, cantoria, dança e movimentos, mas também ganhando visibilidade social. Elas representam a base de qualquer organização social do samba, desde os quintais do samba até as escolas e comunidades de samba, demonstrando nos quintais e outros espaços a resistência¹¹⁰, como é mencionado 'sem mulher o samba não existe' (Freitas, 2023, p.42).

Sob essa perspectiva das ialodês de São Mateus, com seu protagonismo perante a sociedade, elas exercem papéis tanto dentro quanto fora de suas comunidades. Por exemplo, dona Carmem e Filó (ancestrais) na década de 80, desempenharam ações políticas orientando e encaminhando demandas sociais para órgãos públicos conforme narrado por Margarete Pereira (2021), frequentadora do extinto quintal de dona Carmem, onde:

¹⁰⁸ Parafraseando a oxunista Oyewumi (2021, p. 169) que, as ialodês, é o título que são dados para as mulheres que possui a liderança através da organização social e política, promovem as construções e a formação do pensamento crítico, ocasionando a criação de novas agências e símbolos que ressignificam através das trocas de saberes da cultura iorubá. São as portas vozes nas intermediações entre as discussões do governo entre a comunidade, buscando soluções dos problemas sociais que são apresentados pelo povo. A tradução das palavras é “mães de assuntos públicos”.

¹⁰⁹ As rodas de samba passam a demarcar o território que através do samba em especial passa a converter as narrativas, sob uma forma discursivas, parafraseando, a fala antropológica e professora Alexandra Eliza Vieira Alencar da Universidade Federal de Santa Catarina, o riscar o chão, em dizer sobre a corporeidade, faço jus a palavras diante das escritas feitas ao movimentar os corpos, no fazer circular a energia vinda do samba, realizadas nos quintais, descreve a territorialidade como o terreiro sagrado do samba, ressalvo que essa palavra foi ouvida na aula do exame de qualificação do mestrado Yuri Tomaz Santos, no PPGANT- UFGD, no dia 12 de abril de 2023, onde a professora estava fazendo parte.

¹¹⁰ Ressalto que uso a palavra resistência, nesse momento, por motivo que, no decorrer da pesquisa de campo, passei a desconstruir o pensamento que, os povos africanos que foram escravizados no século XVII, por europeus, principalmente as mulheres afro-africanas, sempre se reinventaram as suas vidas, para suas sobrevivências em um lugar desconhecido, até o presente momento, quando trago a palavra resistência é resistir a outro.

A dona Carmem fazia o samba pra trazer coisas novas a outras culturas.[...] Na dona Carmem tinha capoeira no meio da semana, entendo que hoje seria uma ONG, porque lá tinha capoeira...Ela ensinava a turma a fazer tricô e crochê. Quando dava enchente aqui ela a prefeitura ia na casa dela para distribuir os colchões, cobertor, essas coisas para quem necessitavam.

Observando o relato da interlocutora Margarete Pereira (2021), nota-se a importância do protagonismo político ao desempenhar a 'liderança', que envolve habilidades de organização, articulação e mobilização da comunidade. De acordo com Moura (2011, p. 54), essa liderança também requer a capacidade de perceber e entender

[...] em torno de si e de coordenar os esforços destes, rumo ao desenvolvimento de um projeto comum. Apesar das distintas explicações sobre a natureza da liderança, sabe-se que ela não é um atributo pessoal, mas uma qualidade que se desenvolve na relação social. A liderança é uma relação que se baseia na dupla concordância do grupo em relação aos propósitos pactuados e ao sujeito que ocupa a posição de líder.

Para apoiar este diálogo, o sambista Gerson Martins (2021), que cresceu em outro quintal, enfatizou em sua entrevista o protagonismo da tia Filó, tanto dentro quanto fora de seu espaço. Assim, a tia tinha sua maneira particular de desempenhar seu trabalho. É importante ressaltar que ela não mantinha ligação direta com os órgãos públicos. Com sua escuta sensível, ajudava as pessoas a buscar seus direitos, orientando-as a procurar os órgãos públicos para resolver as demandas sociais. Ele relatou que:

A gente não tinha dimensão de nada. Ela já estava fazendo um trabalho gratuito e social pesado. Todo mundo ia na casa dela pedir ajuda. O povo pensava que a minha tia era advogada, médica, conselheira, era tudo. A minha tia era enfermeira e ia na casa das pessoas fora de hora, levantava da cama e ia lá ajudar a quem precisasse. Ela arrumava advogado para os caras que ia em cana e fazia tudo. Ela sempre aconselhava para ajudarmos as nossas mãe.

Tia Cida dos Terreiros continua a exercer o legado, principalmente na luta pela conscientização política dentro e fora do território, ajudando sua comunidade a alcançar uma melhor qualidade de vida. Engajada nos movimentos sociais, Tia Cida dos Terreiros atuou durante um período nas Comunidades Eclesiásticas de Base - CEBs, dedicando-se ao trabalho social nas favelas da Divinéia, Vila Flávia e Vergueirinho, todas localizadas em São Mateus. Na década de 90, decidiu cursar graduação em Serviço Social, buscando conhecimento científico para fortalecer suas ações, munir-se contra as opressões do sistema capitalista e do Estado, a fim de garantir direitos para aqueles que necessitassem.

Enquanto desenvolvia seu trabalho nas CEBs, concluiu a graduação no final da década de 90, tornando-se “assistente social e supervisora de saúde” (Sousa e Lima, 2015, p.135). Logo em seguida, assumiu o cargo de diretora do Centro de Educação Infantil- CEI, no Jardim Vila Carrão (pertencente a São Mateus), conhecido como Creche, no período de 1987 a 2002. Dessa forma, a ialodê Tia Cida passou a garantir segurança alimentar e educacional a diversas crianças e famílias que estavam em situação de vulnerabilidade social, conforme relatado em entrevista por Tia Cida dos Terreiros (2022).

Durante muito tempo trabalhei na paróquia foi quando estava surgindo os trabalhos nas comunidades nas favelas que precisavam de todo tipo de ajuda, era criança com fome, pessoas precisando de madeira para montar os barracos. Eu ia ajudar esse povo e os padres pediam pra eu ir. Assim fui construindo vínculos com as comunidades e chegou um tempo que era Cida Preta lá e lá. Foi

quando começamos a mostrar grupos e ir em reuniões na Sabesp para colocar água encanada. Grupos para negociar com Light na comunidade e assim foi o trabalho de assistência que estávamos fazendo. (Tia Cida dos Terreiros, 2022).

Conversando com Tia Cida, os sambistas Marcelo Ercilio, Yvison Pessoa, Gerson Martins e Timaia lembraram dos esforços da tia para garantir o direito à alimentação das crianças atendidas na creche e das famílias em situação de vulnerabilidade social. Aos finais de semana, Tia Cida organizava rodas de samba no quintal da creche para arrecadar fundos e ajudar na manutenção alimentar do local. Convidava toda a comunidade e a região para participarem dessas ações, já que a Secretaria Municipal de Educação, administrada pela prefeitura municipal de São Paulo, omitia-se em fornecer assistência a essas famílias na época, evitando gastos.

Por outro lado, as obras assistenciais da igreja católica não dispunham de recursos financeiros para ajudar. Com a união de Tia Cida e seus sobrinhos, as rodas de samba ganharam visibilidade, levando os meninos a sair do quintal e alcançar outras oportunidades, conforme relato de Timaia (2021) na entrevista.

Foi em 93 conheci os moleques e fomos fazer essas paradas. Em 1996 os meninos viam sempre no meu bar e ficam dentro do meu carro escutando samba, até em um depoimento em documentário a Beth Carvalho comenta isso que eles comentam que ficava escutando samba dentro de um carro verde. Eles ficaram dentro do meu carro... eram fanáticos. Eles comiam e bebiam músicas era assim dia e noite. Eles iam para casa do Naldo e comiam música. Iam para casa da Tia Cida e comiam a música... Era assim em todo lugar. O Gersinho ia apresentando as músicas, olha isso...É aquilo! Eles ficavam que nem loucos... O Casca falava com essa caminhada vamos com a Tia Cida... ela fazia o nhoque amigo. A tia Cida era diretora de uma creche no Carrãozinho, então ela fazia um nhoque para arrecadar fundos para manutenção da creche. Foi ali que mudou tudo, aliás, eles mudaram e mudaram nos.

Analisando as máximas citadas por Timaia, percebemos que Tia Cida emprega a pedagogia da esperança (Freire, 2020) e ensina à comunidade a viver em 'comunhão amorosa' (Hooks, 2021, p.112). Ela sincroniza o samba e práticas políticas com acolhimento e afeto, buscando impactar diversas vidas e promover a transformação social como forma de resistência, convidando todos a promover a equidade social. Isso resulta em 'um conceito global maravilhoso que reúne todos os homens, mulheres, crianças de diversas etnias enraizadas na pretitude, construindo assim uma diversidade étnica' (Hudson-Weens, 2020, p.205). Esse conceito é nutrido pela interconexão matriarcal, política, pedagógica, cultural e social que sustenta a grande família ampliada, rompendo com os variados padrões moldados pelo eurocentrismo e uma visão conservadora e moralista sobre o conceito de família.

Velloso (1990) destaca: “[...] convívio entre as pessoas acabou ampliando a família nuclear. Suprindo carências e afetos, abrindo novos canais de sociabilidade. [...] As tias certamente são os exemplos mais concretos e típicos das camadas populares”. (Velloso, 1990, p.213).

Nessa perspectiva, foram consolidadas as relações afetivas e coletivas, originando sentimentos de irmandade, impulsionados pelo Samba como motor propulsor, dando origem a novos sambistas nascidos nos quintais do samba de São Mateus. Isso promove uma cosmovisão impulsionada pela ancestralidade afro-brasileira, que carrega consigo o conhecimento das tecnologias ancestrais, aflorando na contemporaneidade como uma maneira de reinventar a vida. Emergentes no território sagrado do samba de São Mateus, produzem a memória negra, centrada na música que, segundo Ferrarez (2023, p.19), "torna-se um

documento poderoso; letras e partituras são documentos poderosos de produção de fonte da cultura e política da comunidade negra".

Além da roda de samba e suas epistemologias, outra tradição se estabelece nos quintais trazidos pelas tias, especialmente na partilha de alimentos, entendendo que é um bem maior a ser compartilhado com o próximo. Isso gera sociabilidade, afeto e acolhimento, seguindo os costumes ancestrais advindos da educação nos terreiros das religiões afro-descendentes e indígenas. Essa prática visa compartilhar o "asé" como um ato de confraternização e celebração, conectando corpo, alma e ancestralidade, promovendo um senso de comunidade e família ao "celebrar as amizades" (Damatta, 1994, p. 63). Nos quintais do samba de São Mateus, essa tradição é iniciada e perpetuada em todas as rodas de samba no coração desse reduto do samba.

Juventude periférica

A juventude negra periférica paulistana, entre as décadas de 90 e 2010, diante do caos econômico pelo qual o Brasil passava, buscou alternativas na cultura periférica, que se configurou e configura por meio de expressões e manifestações artísticas, musicais e literárias negras. Isso visava mover-se e promover-se, criando novos mecanismos de defesa contra as violências urbanas e rompendo com a hegemonia das forças contrárias estabelecidas nas periferias de todo o Brasil.

Assim, a juventude passou a compreender o significado da frase "sujeito e sujeita periférico(a)" (D'Andrea, 2022), que representa morar em um território periférico e se engajar em movimentos sociais ou coletivos sociais. Diante da representatividade no exercício das reivindicações por direitos humanos e melhoria da qualidade de vida, passaram a utilizar a cultura como escudo e instrumento de conscientização crítica e política. Vale ressaltar que essas práticas são raízes do trabalho de base deixadas pelas antigas militâncias dos movimentos sociais das décadas passadas, deixando legados importantes.

Uma parte significativa da juventude periférica e negra se apoia na música para fortalecer e passar mensagens políticas através de diversos gêneros musicais. Surgiu a cultura Hip Hop, que utiliza as artes de rua, como grafite, rap e dança, como uma narrativa potente na denúncia do genocídio em curso. Os principais alvos eram corpos negros masculinos, cujas mentes pensantes foram as principais disseminadoras do conceito de periferia (D'Andrea, 2020, p.21).

Assim, passaram a surgir grupos como POSSE D.R.R.¹¹¹, HAUSSA, Racionais Mc's, Facção Central, Consciência Humana, De Menos Crime, U-Negro, entre outros, denunciando todos os tipos de violações dos direitos humanos cometidas pelo Estado através da música, simbolizando os gritos dos subalternizados e contando a realidade dos habitantes periféricos com o intuito de conscientizar seus adeptos. No entanto, essas expressões passaram a ser perseguidas, marginalizadas, censuradas e criminalizadas pela elite brasileira, por contradizerem o senso comum, traficando informação¹¹², como diz a gíria periférica paulistana.

¹¹¹ POSSE DETENTORES RITMO RUA-D.R.R

¹¹² Leiam o Livro: Racionais MC's Sobrevivendo no inferno / Racionais MC's. — 1ª ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2018, disponível em: <<https://www.companhiadasletras.com.br/trechos/14619.pdf>> visitado em: 27 de julho de 2023.

Neste mesmo período de fervor cultural na periferia, o distrito de São Mateus passou a ser reconhecido como um dos maiores Redutos de Samba do Brasil, abrigando grandes mestres, cardeais, baluartes e as velhas guardas das escolas de samba paulistanas e cariocas, gerando uma safra de novos músicos, sambistas, Comunidades de Samba e Projetos Artísticos. Vale ressaltar que o Berço de Samba de São Mateus não se caracteriza como um grupo de samba, coletivo ou projeto artístico. Surgiu no final da década de 80, sendo um "reduto de samba formado por compositores, músicos e intérpretes de São Mateus e adjacências, com rodas de samba e encontros que ocorriam nos quintais das tias, especialmente da Tia Cida" (Sousa e Lima, 2015, p. 86).

A participação da juventude na política e nos Coletivos de Produções Artísticas de São Mateus fortaleceu as ações do Fórum de Cultura de São Mateus (desde 2003 até o presente), ganhando visibilidade política diante das reivindicações das demandas culturais do território, fortalecendo as construções coletivas e as identidades de artistas periféricos, "filhos da resistência, fruto de uma cultura avessa à pasteurização identitária. Somos nós, um aglomerado de eus dizendo seu mundo através de uma história coletiva" (Sousa e Lima, 2015, p.17).

Por fim, fica subentendido que a cultura periférica, ou de rua, salvou/salva a vida de diversas pessoas, promovendo a transformação sociocultural, política, econômica e territorial, originando uma gama de memórias culturais e coletivas e contribuindo para a construção da história do distrito de São Mateus.

3.1.3. Os Terreiros Sagrados do Samba de São Mateus - Os quintais do samba das Tias.

Escrever sobre o samba é recontar um território moldado, é narrar a verdadeira história do Brasil que muitos de nós não conhecemos, especialmente o samba realizado nos quintais das tias. É uma construção histórica local e do reduto do samba de São Mateus. Através dele, é visibilizada a existência de uma memória negra que nasceu desde a formação cultural do distrito de São Mateus, onde a oralidade se faz presente. Muitas memórias ainda não foram registradas, apenas ouvidas e repassadas pela tradição entre as gerações sobre os quintais das tias do samba, contribuindo para evitar o epistemicídio, ou seja, o "projeto de apagamento da cultura e identidade, das existências" (Ferrarez, 2023, p.19).

Durante minhas vivências, percebi que contar a história do samba e dos quintais de São Mateus não poderia vir de minha parte enquanto pesquisadora, mas sim das pessoas que beberam das águas sagradas do samba, resplandecendo no fortalecimento da música e da cultura popular brasileira, "[...]as falas e gestos mnemônico dos arquivos orais africanos, no processo dinâmico de interação com outro, transformando-se e reatualizam-se, continuamente, em novos e diferenciados rituais de linguagem e de expressão, coreografando a singularidade e alteridades negras". (Martins, 1997, p.26)

Identificar os quintais do samba do distrito de São Mateus não foi uma tarefa fácil. Esses espaços, tão importantes para uma residência, tornaram-se fundamentais como locais de aquilombamento, permitindo que a comunidade negra produzisse não apenas lugares de resistência, mas também de existência (Ferrarez, 2023, p.18). O gênero musical samba está presente nesses quintais ancestrais de Tia Ciata, Tia Xica, Dona Ercília, Dona Carmem, Dona Severina, Tia Filó, saindo do anonimato e contribuindo para o universo da MPB e da cultura afro-brasileira, deixando seu legado. Concentrando suas energias ancestrais no quintal de Tia Cida

dos Terreiros, tornou-se o Terreiro Sagrado do Samba de São Mateus, onde, metaforicamente, surgiram diversos sambistas e outros profissionais que atuam em vários segmentos na sociedade.

Contrariando os processos coloniais e as violências criadas pelo racismo estrutural, a "sociologia das ausências" revela-se como um fenômeno multifacetado, com dimensões econômicas, políticas, sociais, culturais, religiosas e jurídicas, todas interligadas de modo complexo (Carvalho, 2017, p.48). Em diálogo com o autor Homi Bhabha (1998, p.110), argumenta-se que “ao contrário, proponho que, de forma bem preliminar, o estereótipo é um modo de representação complexo, ambivalente e contraditório, ansioso na mesma proporção em que é afirmativo, exigindo não apenas que ampliemos nossos objetivos críticos e políticos, mas que mudemos o próprio objeto da análise”.

Parece apropriado afirmar que a reflexão expressa aqui nas exegeses subverte a lógica dominante. Ao estabelecer a valorização da memória coletiva, cultural e social, essa é uma espécie de memória restaurativa, pois não está presente nos livros oficiais que circulam nos âmbitos escolares e acadêmicos brasileiros, mas sim na oralidade, impactando vidas.

Dessa forma, reverenciar os quintais ancestrais de Tia Ciata, que ajudaram a construir a história do samba carioca e brasileiro, deixando suas raízes ancestrais, espalhadas por todo território nacional, chegando em São Mateus, onde o samba escolheu fazer morada. Assim, os sambistas e frequentadores que passaram pelos quintais das tias do samba narram, nas próximas linhas, suas experiências e vivências.

3.1.3.1. *Quintal de Tia Ciata e o seu legado- Ancestral*

O quintal ancestral de Tia Ciata¹¹³, onde nasceu o primeiro reduto do berço do samba brasileiro, no final do século XIX, no período pós-abolição, na cidade do Rio de Janeiro, revela um recorte de gênero, especialmente o feminino e negro. Nota-se a presença maciça do protagonismo dos sambistas na historicidade do samba. Por causa do machismo, a presença das Tias e Donas acabou sendo invisibilizada no mundo da música, como no caso de Francisca Edviges Neves Gonzaga, conhecida como Chiquinha Gonzaga (1847-1935)¹¹⁴.

Mesmo quando as mulheres negras estavam inseridas no universo do samba, suas contribuições foram invisibilizadas durante muitos séculos. Ressalto que suas presenças e visibilidade de seus corpos eram representadas nas composições de diversos sambistas como uma figura hipersexualizada, submissa e oprimida, não sendo reconhecidas como a "fazedora de samba" (Bruno, 2021, p. 31) entre outros/as que compõem para as rodas de samba. Elas sempre foram colocadas em papéis coadjuvantes, em comparação com o reconhecimento da figura do homem sambista.

¹¹³ Hilária Batista de Almeida, negra, baiana, yalorixá- regida por Oxum, casada com João Baptista da Silva, mãe de 14 filhos, trabalhava pelas ruas da região portuária- Cais do Valongo, na venda seus doces(quitutes), em conjunto com as diversas tias baianas. Tia Ciata, chegou na cidade do Rio de Janeiro na metade do século XIX,

¹¹⁴ Chiquinha Gonzaga, a primeira mulher a ser instrumentista, compositora, pioneira musicista, a primeira maestrina ao reger uma orquestra no Brasil, no qual, criou diversas marchas de carnaval, por outro modo, era uma mulher para além de sua época, principalmente em fazer a música como instrumento de conscientização da formação política, em apoiar a luta abolicionista. É importante mencionar que, a ilustre Chiquinha Gonzaga era neta de negros escravos, filha de uma negra alforriada e seu pai, um homem branco de grande poder aquisitivo na sociedade, assim, não pode-se dizer que Chiquinha Gonzaga foi uma mulher branca.

Por outro lado, as tias movimentavam a economia local no meio urbano com o comércio de produtos alimentícios como doces (quitutes, frutas, acarajés, etc). As tias baianas, assim chamadas devido ao uso de trajes e vestimentas semelhantes às yalorixás nos terreiros de candomblé, contribuíram para a organização dos territórios da comunidade negra, como a Pequena África, localizada na zona portuária da cidade do Rio de Janeiro.

As Tias ligadas ao samba também estão dentro do terreiro com o nome de yalorixá. [...] essas mulheres movimentaram a economia de todo um grupo. Esse trânsito, esse engendramento, é como um todo para a comunidade negra, são consideradas as matriarcas, as grandes mães; outro ponto interessante para refletirmos. [...] A ideia de matriarca é a ideia de grande mãe, a mãe de vários filhos não-consanguíneos, e a ideia de yalorixá é a: mãe de santo vários filhos com os quais ela criará uma comunidade, uma nova família. (Ferrarez, 2023, p.21).

Desta forma, no quintal de Tia Ciata nasceram os grandes sambistas Pixinguinha, Donga, João da Baiana, Heitor dos Prazeres e Sinhô, entre outros, onde surgiu a primeira composição do samba “*Pelo telefone*”¹¹⁵, registrada por Ernesto Joaquim Maria dos Santos, conhecido como Donga, na biblioteca nacional. Atualmente, é considerada a primeira composição escrita de forma coletiva, embora tenha levado muitos anos para o reconhecimento da participação de Tia Ciata.

Diante desse breve contexto histórico ancestral, Tia Ciata deixou um legado que reverbera por todo o país, presente nas escolas de samba, com as Tias baianas, as Tias/Donas dos quintais e das rodas de samba. Suas presenças refletem-se nas periferias e subúrbios por todo o país, especialmente em São Mateus, com os quintais que serão apresentados, mostrando as raízes ancestrais do legado.

Esta pesquisa possui uma pequena curiosidade antropológica resultante de estudos e pesquisas de campo realizados na cidade do Rio de Janeiro em 2022, na região da Pequena África. Deparei-me com as seguintes observações em relação à construção do samba no quintal de Tia Ciata e ao número de sambistas que nasceram neste quintal. Por outro lado, visitei São Mateus e analisei o quintal de Tia Cida, e notei que o mesmo número dos 8 Batutas se repetia. Será apenas uma mera coincidência?

Partindo desta premissa, vamos analisar a partir do quintal da Dona Ercília, o primeiro quintal do samba de São Mateus.

3.1.3.2. Quintal da dona Ercília- Ancestral

Na década de 50, o quintal da Dona Ercília foi o primeiro lugar onde o samba se estabeleceu em São Mateus, localizado no bairro de Vila Flávia. A família de Dona Ercília é originária da Vila Madalena e do interior paulista. Vale lembrar que Tia Cida dos Terreiros é filha do casal Ercília e do sambista Blecaute¹¹⁶. Além disso, a família tem uma forte ligação com o samba paulista, pois possui raízes na cidade de Piracicaba-SP.

¹¹⁵ Donga, Tia Ciata, Germano Lopes, Hilário Jovino Ferreira, João da Mata e Sinhô. Gravadora. Odeon, ano de 1916. Ouçam: <<https://www.youtube.com/watch?v=woLpDB4jjDU>> visitado em: 09 de setembro de 2022.

¹¹⁶ Blecaute um dos maiores sambista brasileiro na década de 40 a 60, leiam a sua trajetória em <<https://immub.org/noticias/blecaute-100-anos-do-general-da-banda>> visitado em: 23 de outubro de 2023.

Nesse território, as rodas de samba eram frequentes nos finais de semana. A família de Dona Ercília era muito festiva e, no final, tudo acabava em uma roda de samba, seja debaixo da árvore frutífera - manga ou da jabuticabeira, como forma de lazer e entretenimento para a família e amigos.

Os sambistas Yvison Pessoa, Gerson Martins e Timaia descrevem como era o quintal da Dona Ercília, que se tornou ancestral. No final da década de 2000, o quintal foi desativado. É importante ressaltar que as entrevistas dos interlocutores foram realizadas em datas, locais e horários diferentes, cada uma com duração de 1 hora e 20 minutos. Dessa forma, os sambistas, com olhares diferenciados, narram suas vivências no Território Sagrado do Samba da Dona Ercília.

E o quintal da mãe da tia Cida que fica na rua Luís Botta, Cheguei a frequentar, tinham casas antigas que tinham as telhas feitas de barro e tinha um pé de mangueira no fundo, a roda de samba era feita em baixo o quintal era de terra. (Yvison Pessoa, 2022)

O sambista Timaia (2022) narrou como era o território sagrado do Samba da Dona Ercília e, para além das suas formas estruturais, descreveu como eram as mulheres que residiam neste quilombo urbano.

“Era um quintal enorme antigo de chão batido, tinha árvores de jabuticaba e manga. O conselho que a avó dava pra gente era: “Era comida porque ela cozinha de mais... Tinha a Tia Lilian, que já era do conselho. Comportamento da pessoa já induz a você”. Era muita sapiência daquelas mulheres, eram pessoas que te tratam com um sorriso. Tem pessoas que você no lugar que as pessoas torcem o nariz e a boca... Ela era ao contrário, abria o coração... Lá era casa de sambista tanto que tem o finado Neto, primo do Tocão... Pô! O moleque era para ser o pilate do Gersinho, Yvison, Jorge Neguinho. Neto, era por ser da Nenê da Vila Matilde, o quarto dele parecia uma escola de samba, tanto que tinha instrumento”.

Diante da narrativa do sambista Timaia (2021), notamos, para além da caracterização do espaço, podemos enxergar diversas nuances, como a descrição do território, questões geracionais, de gênero, o cuidado com afetividade e a noção da vivência em comunidade como família estendida. Isso ressoa em “um bom lugar para aprender o poder da comunidade. Contudo, ela só pode se tornar uma comunidade se houver comunicação honesta entre seus indivíduos” (Hooks, 2021, p. 115).

O quintal da Dona Ercília era um espaço gerido por mulheres, com a matriarca Ercília e sua filha Fifá. Este espaço do samba era marcado por uma árvore frutífera, uma mangueira, onde eram realizadas as rodas de samba. Podemos relacioná-lo com a história da árvore sagrada da Tamarineira no Cacique de Ramos, situada no bairro Olaria, no Rio de Janeiro.

Observando a fala de Timaia, ao mencionar o “chão batido”, ou seja, a terra batida, representa a base, o lugar de onde vieram e que não vão esquecer, consolidando os sentimentos e valorizando o pertencimento à irmandade e à família extensa. Isso desperta diversas vivências em uma profunda conexão, formando um espaço que reverbera os sentimentos de comunidade, gerados pela solidariedade, respaldados por experiências geracionais e relacionados às questões de comportamento, respeito e valorização entre os mais novos e os mais velhos.

Na narrativa, percebe-se que a territorialidade está pautada no aquilombamento e na simbologia da natureza, representada pelas árvores, como uma forma rizomática que não se determina e não se acaba. É o ontem, hoje e o amanhã; por exemplo, a semente plantada germinou e cresceu numa árvore com troncos, dando frutos e folhas. Isso se relaciona com o histórico do negro e com o que hoje se entende como uma grande manifestação cultural de “raiz negra”, territorializada no sentido de ocupação de

territórios simbólicos, palco de discussões sobre si e sobre os outros (Araújo, 2020, p. 234), gerando novos frutos para a música e a cultura popular brasileira.

O quintal torna-se um território de solidariedade, acolhimento e familiaridade, sendo vivenciado intergeracionalmente entre as tias e suas filhas, adolescentes e jovens, proporcionando saberes epistemológicos e trocas entre as gerações. A simbologia do preparo dos alimentos como um ato de afetividade, autocuidado e conscientização política reflete nos processos educativos, contribuindo para a transformação social e cultural, sendo compartilhada na comunidade para fortalecer todos não só com alimento, mas também com valores compartilhados. No distrito de São Mateus, essa prática tornou-se tradição nas rodas de samba, reverberando até o presente momento.

Entre uma encruzilhada e outra, o Samba e seus frutos, ao interligar a oralidade e a ancestralidade afro-brasileira, entrecruzam-se com a pedagogia do afeto, onde os(as) griots reúnem os mais novos debaixo das árvores para transmitir conhecimento. Diante dessa tradição ancestral, percebemos que o universo do samba promove o movimento Sankofa, como ocorreu na primeira roda de samba realizada em São Mateus, com a visita da madrinha Beth Carvalho¹¹⁷, realizada sob a mangueira no quintal da Dona Ercília.

No início da década de 2000, a sambista Beth Carvalho realizou sua primeira visita ao distrito de São Mateus para conhecer os quintais das tias do samba, conforme divulgado pelos irmãos Yvison Pessoa, Everson Pessoa e Victor Pessoa, ex-integrantes do grupo de samba Quinteto Branco e Preto, bem como por outros sambistas como Gerson Martins, Marcelo Tocão, Jorge Neguinho e Timaia, entre outros. Isso resultou no apadrinhamento dos sambistas e no reconhecimento do samba de São Mateus.

Conforme a narrativa Yvison Pessoa:

Beth lá... Ela adorou! Lembro que foi no começo dos anos 2000, não me recordo muito das datas. Foi no início dos anos 2000, foi quando a gente começou a tocar com ela. Porque ela queria conhecer São Mateus e a rapaziada. Um belo dia fizemos um show próximo no antigo Nação Tan- tan (casa de show) em Itaquera e aproveitamos a deixa fizemos o show e depois trouxemos ela pra São Mateus. Nossa foi lindo! Fenomenal esse dia, tem até umas fotos. Levamos a Beth para o quintal da mãe da Tia Cida, a dona Ercília já estava bem idosinha. O quintal da dona Ercília é a raiz, tem as fotos no primeiro encarte do cd do Quinteto, tem umas fotos dela e da tia.

Para complementar a narrativa sobre as memórias da visita da madrinha Beth Carvalho a São Mateus, Gerson Martins (2021) mencionou que:

A primeira vez que a Beth veio para São Mateus foi na casa da vó Ercília, lá na Vila Flávia. A gente chegou assim e os caras falando daqui 10 minutos estamos chegando aí com a Beth Carvalho. Falamos para todos: “Rapaziada ... por favor é a primeira vez que ela está vindo aqui... Então vamos receber ela com muito carinho, mas não vamos ficar agarrando ela e nem pedindo autógrafo. Porque

¹¹⁷Em uma breve contextualização etnográfica o autor Leonardo Bruno (2021, p. 108-149), sendo assim, para esta produção científica infelizmente não será aprofundado na trajetória de vida da Elizabeth Santos Leal de Carvalho, conhecida como Beth Carvalho (1946-2016), carioca, sambista, compositora e instrumentista. Oriunda de uma família de classe média. Sua carreira artística decola na década de 70, tornando-se uma das maiores sambistas do país, de uma voz marcante. Passou por diversas gravadoras, possui destaque no mundo da música nacional e internacional, por ganhar diversos prêmios, principalmente o Grammy Latino do ano de 2009, durante a sua carreira participou de diversos festivais nacionais e internacionais. Ao longo de sua carreira lançou 33 discos e 4 dvd's. Por outro lado, teve a missão imposta pelo samba de descobrir novos talentos para a cultura popular brasileira e apadrinhou: Zeca Pagodinho, Dudu Nobre, Jorge Aragão, o grupo Fundo de Quintal e o Quinteto Branco e Preto. É conhecida como a madrinha do samba foi uma das idealizadoras do Terreiro Sagrado do samba Cacique de Ramos.

ela não gosta disso e ninguém gosta e ela vai saber que aqui todos aqui são tratados de igual pra igual...O nosso povo é lindo". Quando ela chegou a roda de samba já estava formada e a gente sentado e de pé aplaudindo... Só sei que nesse dia foi mágico. Lembro que ela entrou e começou a chorar, começou a olhar o povo nas árvores, em cima das casas. Ela sentou na roda e pediu se poderia cantar um samba? A nossa resposta, pode.

Diante de uma análise crítica dos depoimentos coletados das entrevistas dos sambistas, pode-se afirmar que a visita da sambista possui grande significado para a história do samba de São Mateus, pois representa o reconhecimento e o respeito à ancestralidade presente nos territórios sagrados do samba, que são os quintais das tias. De certa forma, a sambista Beth Carvalho respeitosamente veio pedir licença e a bênção às mais velhas, reconhecendo não apenas os sambistas, mas também a autoridade das tias do samba de São Mateus em fazer a tradição acontecer. É uma reverência dos mais novos aos mais velhos, permitindo continuar a jornada no mundo do samba.

Leonardo Bruno (2021, p. 107) menciona que: “[...] Beth Carvalho redescobriu os quintais do subúrbio e espalhou aquela batucada original por todo Brasil. Se Tia Ciata foi a mãe, Beth se consagrou a Madrinha do Samba- e não reza o dito popular que a madrinha é aquela que cuida do rebento na ausência da matriarca?”.

Um fato importante é que os interlocutores narram a importância das tias em cada quintal. Os feitos de cada tia demonstram respeito e a troca de saberes individuais e coletivos, reverenciando a figura do mais velho. Dentro das comunidades dos povos tradicionais, indígenas e quilombolas, a presença geracional dos anciãos não é vista como algo violento de exclusão, como impõe o sistema capitalista conservador e moralista, que considera os idosos um fardo, conduzindo muitos à morte, como mencionado pelo poeta africano Hampaté Bah (1901-1991): "Quando morre um africano idoso, é como se queimasse uma biblioteca".

Isso contradiz as culturas não eurocêntricas que valorizam os anciãos, honrando e reverenciando-os como guardiões da memória social, onde transitam histórias e ensinamentos, especialmente dentro da comunidade negra urbana. Vale lembrar que o quintal da dona Ercília foi extinto após o seu falecimento na década de 2000. O silêncio se fez ouvir, os instrumentos se calaram, as vozes cessaram, e as palmas se calaram. Porém, todos os meninos e meninas que cresceram sob os olhares e vigilância da dona Ercília, chamada por muitos de "vó" por causa de seus netos, agora brilham no mundo da música e cultura popular brasileira. Suas vozes ecoam, não esquecendo do "quintal de terra", o lugar que, a cada retorno às origens, os lembra de quem um dia foram para não perderem e seguirem o legado deixado por dona Carmem, Tia Fifa, Tia Lilian e a sambista Beth Carvalho, construindo uma sociedade com maior equidade social.

Parafraseando o poeta panafricanista Aimé Césaire sobre a questão do retorno à terra-mãe, remetemos à busca pela ancestralidade africana que nós, descendentes africanos ou melhor, afro-brasileiros, buscamos. Esse retorno às raízes ancestrais africanas é especialmente trazido pelo samba e suas vertentes, dialogando com as memórias coletivas provenientes da educação de terreiros, trazendo significado ao "retorno espiritual e afetivo à Mãe África num gesto voluntário – prometido – de recuperação global de um singular passado civilizacional multissecular" (Césaire, 2010, p. 16).

Dessa forma, desde os anos 80 até o presente momento, outros quintais também contribuíram para o fortalecimento da música popular preta brasileira, preservando a memória cultural e coletiva do samba de São Mateus. Assim, começamos a apresentar outros quintais do samba, como mostra a imagem de 17.

Imagem 17- A primeira roda de samba que a sambista Beth Carvalho participa no quintal da dona Ercilia



Fonte: Arquivo Pessoal do sambista Yvison Pessoa- 2023

Sob uma breve análise desta imagem, nota-se muito sobre a presença negra nas periferias das cidades. Embora haja uma maioria negra na cena, é uma mulher branca, denominada "rainha do samba", que se destaca, envolta em seus privilégios concedidos pelo samba. Portanto, apesar da fotografia da época evidenciar uma maioria de mulheres negras, todo o capital simbólico e material proveniente do samba, quando vai para uma comunidade negra, representa uma forma de legitimação dos privilégios que o samba garantiu a uma mulher branca. Isso acontece porque, mesmo que Beth Carvalho não seja uma pessoa racista, existe um sistema racializado que a privilegia.

3.1.3.3. Quintal da Tia Xica - Ancestral

O quintal da Tia Xica representou outro território de aquilombamento, mas com uma ancestralidade própria. Enquanto caminhava pelas ruas do distrito, surgiu a informação sobre a existência do quintal que celebrava o gênero musical choro/chorinho. Localizado nas proximidades do bairro de Vila Flávia, entre as décadas de 70 e o final dos anos 80, as rodas de choro ocorriam na casa da Tia Xica. O sambista Timaia (2022) afirmou, durante sua entrevista, que:

Ali... No Vila Flávia tem muita magia, se tive oportunidade de conhecer tinha o quintal da tia Chica, que sabe muito disso é o Júlio que era repórter que parece com o Jorge Aragão...O quintal da Tia Chica era na Rua Tita Rufo, onde tinha o choro... Só tocava choro! Só tinha essa turma Seu Jaú.

Enfatizo que, até o momento, não se tem conhecimento no distrito de São Mateus de outro quintal que tenha abraçado essa vertente do samba. É importante mencionar que, infelizmente, não consegui mais informações sobre a figura marcante do samba, Tia Xica. Espero encontrar mais detalhes sobre seu protagonismo para celebrar suas contribuições. Com o som dos tambores e o toque das cordas da viola, o samba de crioula se manifesta no distrito de São Mateus, expressando-se no movimento das saias rodadas, nos passos marcados, na dança da umbigada e nas palmas ritmadas. O quintal da dona Carmem se torna palco desse espetáculo.

Vale ressaltar que, desde 2015, na cidade do Rio de Janeiro, o quintal de Tia Ciata passa por um processo de registro e reconhecimento como patrimônio imaterial pelo IPHAN, como um local de origem do gênero musical choro/chorinho, que é parte integrante da cultura brasileira.

3.1.3.4. *Quintal da Dona Carmem*

O primeiro contato sobre o quintal da dona Carmem iniciou-se em uma conversa aleatória em dezembro de 2021, com a Sra. Margarete¹¹⁸. Após uma semana, marcamos uma conversa que durou 1 hora e 30 minutos, seguida de uma entrevista. Ao chegar na residência da Sra. Margarete, fui recebida com risos e alegria, e começamos a falar sobre a memória ancestral de dona Carmem, de forma respeitosa, discutindo sobre a influência marcante do quintal na vida de diversas pessoas, inclusive da Sra. Margarete.

O quintal da dona Carmem situava-se no Jardim Nove Julho, em São Mateus, entre as décadas de 1970 e 2000, em um loteamento irregular que era uma antiga favela/comunidade. Segundo relatos de Margarete, dona Carmem faleceu no final da década de 80, e com sua partida, o quintal foi extinto. Posteriormente, sua casa foi demolida devido à urbanização e canalização do córrego Aricanduva. A região enfrentava problemas de enchentes, levando à urbanização do local. A antiga favela foi removida e os moradores realocados para um conjunto habitacional construído no mesmo território, na década de 2010.

Ao buscar informações nas ruas do bairro do Jardim Nove de Julho sobre o quintal e dona Carmem, não obtive muito sucesso. Não encontrei ninguém de sua família para contar sobre sua história. Vale lembrar que boa parte dos moradores mais antigos se tornaram ancestrais ou mudaram-se para outros bairros ou estados.

A Sra. Margarete trouxe relatos valiosos que contribuíram para preservar a memória da figura ancestral de dona Carmem, destacando os feitos dessa mulher negra, nordestina e ligada a alguma vertente das religiões afro, de estatura baixa, que teve um grande impacto na vida das pessoas. Além disso, ela relembrou, com emoção, que no quintal da dona Carmem, em conjunto com o samba, foi comemorado seu noivado com o sr. Paulo Augusto (ancestral).

As narrativas também trouxeram à tona a presença do primeiro bloco carnavalesco, nascido das torcidas do campo de futebol de várzea, chamado de Tonela, que desfilava pelas ruas dos bairros: Jardim Nove de Julho, Vila Flávia e Jardim Cinco de Julho durante o carnaval.

¹¹⁸ Mulher preta, 53 anos, cabeleireira, católica, mãe de 4 filhos (todos adultos), viúva, moradora do bairro Jardim Nove de Julho, desde a década de 70.

Curtia só a sociedade de São Mateus, a única roda de samba que eu frequentava era chamado a roda de samba do Tonelada e o bloquinho com meia dúzia de gato pingado e uma bateria, que por sinal na época saía na frente como rainha de bateria (rs). Essa bateria era do 9 de Julho, tudo isso foi em torno do ano de 1976 a 1979. Nos desfilava pelas ruas do 9 de Julho todinho e quando era às 5 horas da manhã estava saindo para trabalhar. A gente sai aqui na batucada do Tonela, na sexta, sábado, no domingo, na segunda e na terça feira de carnaval. Lembro nessa época que tinha uma galera aqui no Vila Flávia que sempre descia a rua do Maria Cursi tocando samba. São Mateus sempre teve história com o samba'. E o quintal da dona Carmem, era no final da minha rua daqui de casa, tudo isso aconteceu antes de 79. A dona Carmem, era uma mulher negra, de estatura baixa, usava tranças, de vez em quando ela turbante. Eu acho que era do candomblé ou umbanda, não sei dizer! Não lembro direito pra te falar. Ela fazia um samba mais batido no pé, com o levantado de saia, entendeu? Samba de crioulo era assim, pelo menos na minha época era assim. Acho que as pessoas não curtiam muito esse quintal com samba de crioulo, sabe aquele tambor de crioulo? Só quem sabia o que era que frequentava. A minha despedida de solteiro foi na casa da dona Carmem (Sra. Margarete)

Analisando a narrativa da interlocutora Margarete, podemos notar as raízes do jongo e a dança da umbigada. Lembrando que, este quintal ancestral foi o único no território de São Mateus a possuir essa característica até o presente momento.

Como aqui no final da minha rua era uma favela, então a dona Carmem era aquela mulher que estava no meio do samba, lembrou que, as pessoas que iam lá, na maioria era tudo da minha idade. Ela falava que na minha época não existia drogas, como existe hoje. Então, a dona Carmem orientava a não usar. Orientava-nos a ir para escola, desde daquela época já falava que: “para você seguir em frente de cabeça erguida, tinha que estudar, essas coisas assim!” Era uma pessoa que tinha um coração enorme, que falava que: “Nós negros, tudo podia, só tínhamos que confiar em nós”. A dona Carmem trazia assuntos e informações nas rodas de samba, para nos conscientizar. Lá tinha no quintal dela tinha roda de capoeira no meio da semana. Ela ensinava a turma as mulheres e quem quisesse fazer tricô e crochê. Quando dava enchente aqui ela a prefeitura ia na casa dela para distribuir os colchões, cobertor, essas coisas para quem necessitavam. (Sra. Margarete)

Lembrando que estamos em um período ditatorial, com muitas repressões policiais aplicadas na periferia e nas rodas de samba. Estas contribuíram para romper o silêncio dos oprimidos pelo Estado. Como resposta popular, organizaram-se para construir a consciência crítica e política na comunidade, fortalecendo a formação da consciência crítica e política entre os frequentadores.

3.1.3.5. Quintal da Tia Filó

No dia 29 de novembro de 2023, numa bela manhã de outono, encontro Gerson Martins¹¹⁹, um paulistano de 54 anos, nascido e criado no bairro do Jardim Vera Cruz. Sua profissão inclui ser sambista, compositor, percussionista, produtor e diretor cultural. Ele pertence ao Berço do Samba de São Mateus, à Batucada do Instituto do Samba de São Mateus e a projetos de samba como o Boteco do Timaia e o Projeto Samba que veio de lá de São Mateus. Participa de diversas bandas e acompanha vários sambistas.

¹¹⁹ Gerson Martins é o caçula de uma família numerosa. Seus antecessores tornaram-se ancestrais e desde de criança passeava pelo bairro e gostava de ir à favela Barra Funda. Aos 7 anos de idade teve o contato com uma roda de samba para ver os mais velhos tocarem. Ressalto que seu irmão mais velho era batuqueiro de campo, ou seja, tocava na torcida do time de futebol de várzea do bairro. Gerson e Marcelo Ercílio (Tocão) se conheceram na beira do campo de futebol de várzea no Jardim Vera Cruz, ambos aos 11 anos de idade, com a amizade, parceria, amizade, cumplicidade e irmandade. Desde cedo, o sambista aprendeu a respeitar o próximo, como a sua mãe e a tia Filó ensinaram, também, aprendeu a cultura de rua e seus códigos de ética.

Gersinho, como é mais conhecido, é sobrinho de Tia Filó e criado nos quintais da dona Ercília, Filó e Tia Cida. O quintal que o sambista vai apresentar é o da Tia Filó, situado no bairro de Vila Flávia, em São Mateus, e foi desativado no ano de 1987, após o falecimento da tia.

Tia Filó, uma mulher negra, viúva e mãe solteira, chefiava uma família numerosa, tendo gerado 10 filhos: Bifão, Ary, Silvinho, Ticha, Neguinho, Xuxu, Neguinha, Botão, Marina e Doca. Durante esse tempo, ela reconfigurou sua família, tornando-a estendida ao acolher os sobrinhos de Gerson e seus amigos, como Tocão, Timaia e Gil. Gerson Martins lembra que a tia “[...] *fritava aquela porrada de ovo e saía cortando tudo no meio dos ovos para dar todo mundo era muita gente*”. (Gerson Martins, 2021).

Tia Filó trabalhava no hospital Amparo Maternal¹²⁰ em colaboração com as irmãs Franciscanas da ordem de São Francisco de Assis. O hospital era gerido pela Madre Franciscana Marie Domineuc. Isso ajudou Tia Filó a acolher e educar, proporcionando experiências além dos muros do hospital. Gerson Martins relata um momento desse período.

O branco era um loiro de olho azul, o moleque era branquíssimo irlandês, sabe? Ele ficava perguntando para a tia: “A mãe por que eu sou diferente dos meus irmãos? Ela respondia: Por que você é lindo, maravilhoso por isso que você é diferente. Você não é diferente é igual aos seus irmãos... Tem duas pernas, duas mãos, tem um peixinho, uma bundinha tem tudo igual... Não é diferente de nada! Ele sofreu bullying na escola porque ele era o único branco da família e a tia Filó adotou até um japonês...(risos) Minha tia era doida. Ela era essa pessoa! Ela juntava todo mundo e ficava vendo todo mundo comendo junto e dizia: “Olha que lindo! Ela fazia uns tachos e misturava a comida e colocava um monte de colher e todo mundo saía comendo e dizia pra minha mãe: A lá ... Olinda o Brasil tinha que fazer isso! (rs)

O trecho narrado acima, sob uma análise crítica sobre o bullying sofrido pelo filho adotivo de Tia Filó, mostra como esse crime é diariamente praticado em crianças e adolescentes negros. É, de fato, um reflexo das raízes coloniais. Nota-se que esse crime foi cometido em uma criança branca, cujo lugar destoava do lugar social e econômico que o colonialismo havia destinado, ou seja, a superioridade metropolitana, e não nos espaços destinados às sociabilidades coloniais.

Sob essa perspectiva, Tia Filó nos mostra a importância da coletividade, do senso de comunidade e da valorização da construção de vínculos com todos que pertencem ao arranjo da família extensa. Como técnica de enfermagem no Hospital Amparo-Maternal por muitos anos, ela tinha acesso às redes de serviços públicos. A vizinhança vinha buscar orientação e ajuda para a resolução de suas demandas sociais, de saúde e jurídicas, buscando apoio e aconselhamento. Como menciona Gerson, “*minha tia já realizava um trabalho gratuito e social*”.

As rodas de samba serviam como um canal de informação sobre a conjuntura política e econômica. Quando havia roda de samba no quintal da tia, começava-se a fazer discursos de conscientização política antes do início das rodas, com o intuito de transformar vidas.

Ela cuidava de todo mundo quando tinha um samba no quintal antes ela sempre dava um discurso e dizia: “eu sei que vocês querem que comece o samba logo. Mas quando começar vocês não deixam ninguém falar mais nada. Então vou falar agora sentem no chão, onde vocês quiserem. Então ela falava aquelas coisas bonitas pra nós. [...] Falava que a gente tinha que ter orgulho ser quem a gente era... Que não tínhamos que pedir nada pra ninguém. Vocês terão que matar 10 leões todos os dias. Pode matem os 10

¹²⁰ Leiam a história do Hospital Amparo Maternal- São Paulo, disponível em: < <https://amparomaternal.org/nossa-historia/> > visitado em: 23 de outubro de 2023.

leões e vivam e tenham a dignidade de olhar no olho das pessoas, nunca abaixe a cabeça, não deixe ninguém mandar em vocês. Ninguém tem o direito de mandar em vocês e dizer o que tem que fazer por vocês. (Gerson Martins, 2022)

Analisando este trecho, o sambista Gerson Martins mostra a preocupação da Tia Filó sobre a questão da profissionalização e dos estudos. Ela buscava garantir que os jovens tivessem uma melhor qualidade de vida. Por outro lado, as tias apoiavam e incentivavam os meninos e meninas a realizarem seus sonhos, como evidenciado no relato:

Tem uns aí ... que quer ser músicos né? Vocês aí? Então faço por merecer e dignifica a nossa família, não faça a gente passar vergonha. Sejam os melhores do que fazem, porque ser mais um não adianta, a gente não pode ser mais um. A gente tem os caras e as meninas. Então saiba valorizar isso. A ideia é essa...”. (Gerson Martins, 2022)

Para complementar a observação sobre o trecho citado anteriormente, o Samba pode ser considerado como um lugar geopolítico na construção da alteridade afro-brasileira, pois se recria em um mundo para si. Parafraseando Frantz Fanon (2020) que disse, “o homem negro não é um homem”, destacando como o colonialismo lhe tira sua condição de humanidade, o samba representa uma construção de identidade em que a negritude se reconhece em sua condição ontológica de ser “gente” em igualdade. A segurança alimentar é fundamental para as numerosas famílias negras. Dessa forma, Tia Filó fazia malabarismos para garantir uma mesa farta, distribuindo as refeições igualmente para todos. Gerson Martins (2021) disse que:

Lembro que teve um momento que não dava pra fazer um prato pra cada um e a tia pedia a nossa mão e colocava a comida. Fazíamos uma filinha um de cada vez, então era assim. Olha a formas que elas achavam em dividir a comida era uma coisa muito complicada porque também não tinha comida para todos, mas tinha pelo menos uma colherzinha para cada um.

O sambista fala sobre a resistência e a sobrevivência diante dos obstáculos superados pelas matriarcas do samba de São Mateus, que não sucumbiram diante das violências urbanas. Por outro lado, as tias, especialmente Tia Filó, acreditavam na importância de passar o conhecimento entre as gerações. Sendo assim, os sambistas Gerson e Marcelo Tocão começaram a estudar o samba e os instrumentos de percussão e corda, como cavaquinho e banjo, e passaram a ensinar quem quisesse aprender nas rodas de samba nos quintais. Dessa forma, o samba passou a impactar diversas vidas, protegendo a existência de muitas pessoas.

Porém, os jovens das periferias buscam no universo do samba uma forma de romper e contrariar as estatísticas do ciclo de violência imposto nos territórios periféricos. Eles vão em busca de conhecimento, compartilham e reproduzem o aprendizado adquirido nas rodas de samba e nas escolas de samba tradicionais de São Paulo, como o GRCSSES Vai Vai e, especialmente, a Associação Mocidade Escola de Samba Camisa Verde e Branco, durante as décadas de 80 e 90. Participam como ouvintes em eventos semanais pontuais, como as rodas de samba da ala de compositores, a roda de samba-Rua do Samba e o Botequim do Camisa. Isso resulta na aproximação e no contato com grandes baluartes e mestres do mundo do samba carioca e paulistano, tais como Inocência Tobias, Dona Ivone Lara, Roberto Ribeiro, Almir Guineto, Ubirani, Toinho Batuqueiro, Nelson Primo, Melão,

Dadinho, Paulinho, Talismã (no violão), Zezinho do banjo, Zeca Pagodinho, Jorge Aragão, entre outros, conforme narra Gerson Martins (2021):

Um dia o Tocão disse: O Gerson nós estamos aprendendo e vamos ter que começar a passar essas paradas para o pessoal daqui. Lá, íamos buscar as informações e aprendizado no Camisa Verde e Branco e no Vai Vai em outros lugares. A gente começou trazer pra cá (São Mateus) e as informações foram levadas, aos ritmos isso era nos anos 80, logo quando foi lançado o primeiro disco do Fundo de Quintal. Teve um momento que estávamos tinindo! E começamos a passar o que sabíamos para a galera aqui e chegou uma hora que todos já estavam pegando e tocando direitinho, foi lindo! Estamos conseguindo fazer alguma coisa para quebrada... O Toco foi pra harmonia, com o banjo e eu para percussão. Ai... continuamos e vim, porque continuamos na percussão, foi quando comecei a criar uma legião de meninos que queriam estudar samba. Tenho muito orgulho desses meninos que aprenderam a tocar, são grandes músicos e muita alegria em ver que a minha meta sempre foi essa...O legado da Tia Filó não vaimorrer nunca, entendeu? Tenho que dar continuidade a isso... Foi ela e as tias que fizeram tudo isso, nós fazemos que elas mandaram a gente fazer. (Gerson Martins, 2021)

De acordo com a análise da narrativa do sambista Gerson Martins, percebe-se que o Samba é uma forma de arte inserida no processo educativo, constituindo uma escola para além dos muros da educação formal. Isso promove a transformação sociocultural e política, oferecendo uma nova perspectiva para o mundo.

Após alguns anos de estudo sobre o samba e os instrumentos musicais de percussão e banjo, a dupla Gerson e Tocão ganhou visibilidade no universo do samba. Dessa forma, iniciaram suas trajetórias dentro do mundo da música popular brasileira, como menciona o trecho da entrevista de Gerson Martins (2021):

Quando fomos acompanhar a Dona Ivone Lara pela primeira vez, o Tocão dizia: “Você lembra quando vimos ela pela primeira vez? Ficamos olhando e falamos que precisávamos aprender a tocar, nós vamos tocar com ela hoje. Naquela época a Dona Ivone entrava sambando, girava o show inteiro. Ela entrava sambando e dizia que os meus sobrinhos estavam comigo. A dona Ivone Lara chamando a gente de sobrinho dela.

Sem dúvida, os quintais do samba das tias – Filó, dona Ercília, Carmem, Severina e o da tia Cida (o único sobrevivente até o presente momento) – transmitiram ensinamentos que mudaram e impactaram a subjetividade na vida de diversas pessoas. Isso é amplamente reconhecido pelos sambistas que passaram por esses quintais, especialmente por nunca esquecerem suas trajetórias de vida, em consonância com o movimento Sankofa.

Além da simbologia, os quintais exerceram outros papéis significativos para os interlocutores, como a proteção à vida, especialmente promovida por Tia Filó, com relação aos adolescentes e jovens negros e periféricos, oferecendo um refúgio contra as tramas da violência urbana. Esses espaços proporcionavam segurança e celebravam a vida quando a roda de samba se formava e os primeiros acordes e batidas começavam.

É importante ressaltar que a maioria dos interlocutores desta pesquisa é do gênero masculino. Eles foram os meninos de ontem, agora sambistas inseridos no cenário da música popular brasileira, fazendo parte dos grandes nomes do samba no país. São resultados de diversos incentivos, desde autoconfiança e autoestima até suporte financeiro, permitindo que alcançassem seus sonhos e se tornassem músicos reconhecidos. Ou seja, não são pessoas comuns.

A partir da década de 90, esses jovens de antes, agora sambistas de destaque em São Mateus, por terem conquistado visibilidade no universo do samba, tornaram-se exemplos para as próximas gerações, construindo caminhos através de suas trajetórias. Um dos maiores ensinamentos para todos que passaram por esses espaços sagrados, não importando quais sejam, é a importância de pedir a benção aos mais velhos e a licença para adentrar em qualquer lugar.

3.1.3.5.1. Diário de campo IV- Homenagem a Tia Filó

No dia 9 de janeiro de 2022, em um dia frio e nublado, com muita garoa, encontrei minha irmã Simone Magnólia às 9 horas da manhã. Ela veio para auxiliar no trabalho de campo que estava planejado. Às 9h30, nos encontramos com Gerson Martins, que nos guiaria até a residência da família da Tia Filó. Após 34 anos desde seu falecimento, a família se reunia para comemorar a vida dela.

Pontualmente às 10 horas, chegamos e fomos recepcionados por seu filho, Ticha. Enquanto nos aproximávamos do portão, ouvimos o som de um rádio tocando samba e várias pessoas conversando e rindo ao mesmo tempo. Antes de entrar, pedi licença a Tia Filó para adentrar em sua residência. Para minha surpresa, seu filho se virou para mim e disse: *“Se a minha mãe estivesse aqui estaríamos comemorando os 86 anos dela. Hoje vamos homenagear ela, com o reencontro de todos e fazer a primeira roda de samba após o seu falecimento depois de 34 anos”*.

Enfatizo que presenciei reencontros de pessoas que não se viam há 40 anos, 35 anos, 20 anos, até recentemente. Ressalto que no quintal havia cerca de 50 pessoas. Fiquei observando as reações a cada abraço dado ou recebido, os sorrisos, lágrimas de saudade e alegria. Todos já sabiam o nosso propósito naquele momento, começaram a falar da Tia Filó. Descreviam-na como uma mulher negra, de estatura mediana, voz grossa, técnica de enfermagem que trabalhou por mais de 20 anos no hospital Amparo Maternal, na cidade de São Paulo. Ficou viúva muito cedo e criou 11 filhos sozinha.

Tia Filó não fazia distinção entre seus 90 filhos, todos receberam carinho e afeto, e muitos seguiram caminhos profissionais em diversas áreas, como música, advocacia, farmácia, ensino, metalurgia, entre outras. Todos compartilharam a mesma passagem que:

A mãe pegava 1 pão francês e repartia em 10 pedaços, quando não tinha pratos a comida, meus filhos, sobrinhos e os amigos que viam em casa, faziam conchinhas com as mãos e ali era servida a comida um pouco de comida e todos se alimentavam de alguma forma, só não poderia sair sem comer.

Uma mulher que fez história em São Mateus, muitas vezes saía de casa para visitar e ajudar alguém doente ou para saber como outras mulheres estavam. Ela alimentou muitas barrigas e aqueceu os corações de muitos. Em certo momento, seus filhos estavam reunidos comigo na sala, no cantinho de reza da casa, onde havia imagens de Nossa Senhora de Aparecida do Norte e da orixá Oyá.

Após muitos anos, foi emocionante ver todos os primos, irmãos, netos e sobrinhos almoçando juntos, com muita fartura e alegria. Não faltaram caipirinhas e cervejas, as bebidas preferidas da tia.

Por volta das 14 horas, ainda com a garoa persistindo, a roda de samba se formou. Após 34 anos, a divindade do Samba voltou ao terreiro sagrado de Tia Filó em sua homenagem. Todes se abraçaram e seu sobrinho Gerson Martins discursou sobre a importância da matriarca na vida de todos. Começaram a cantar abraçados a música de Dona Ivone Lara, “Sorriso Negro”. Os sambistas, Timaia, Yvison Pessoa, Leandro Matos, Tocão, Gerson da Banda, com o Violão de 7 cordas, e Guilherme, sentados com seus instrumentos, começaram a entoar o coro e a bater palmas, assim, a roda de samba começou, como uma forma de reza, acalanto e oração ao corpo ancestral.

O mais inusitado foi que, neste momento, a garoa parou, o céu se abriu e o sol surgiu pontualmente às 17 horas. Como de costume, o samba terminou e o tempo voltou a garoar.

Um agradecimento especial aos filhos de Tia Filó, Dominique, Antônio Ari, Marina, João Batista, Maria Luiza, Álvaro, Martinho Rafael, Doralice, Adalto, Marcos, Paulo César e Selma, por me apresentarem a essa grande matriarca do Samba de São Mateus.

Imagem 18 Família Tia Filo



Fonte: arquivo pessoal da autora- 09 de janeiro de 2022

Imagem 19- Roda de samba



Fonte: arquivo pessoal da autora- 09 de janeiro de 2022

No dia 25 de fevereiro de 2023, no estúdio Boomerang, localizado em Santo André, São Paulo, os músicos sambistas Gerson Martins, Yvison Pessoa, Miguelito, Leandro Matos, Ademilson Ribeiro, assim como as sambistas Dany Olinka e Dri Lima, gravaram a música 'Homenagem a Tia Filó - Divina Senhora', escrita por Gerson Martins. Durante a imersão etnográfica, a pesquisadora acompanhou todos os processos de criação da música de samba, desde a inspiração do autor, que surgiu no dia da entrevista com o sambista Gerson Martins, até as fases de preparo e musicalização. Este processo culminou nas rodas de samba, não apenas no distrito de São Mateus, mas para todos, conforme evidenciado nas imagens 20 registradas durante a gravação no estúdio.

Imagem 20 - Gravação em estúdio Boomerang



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

As imagens falam por si só; não é necessário adentrar em uma análise crítica. Este momento foi de grande importância, demarcando uma temporalidade que se insere num passado-presente, não como uma linha reta, mas sim como uma reciprocidade na qual o presente é um olhar constante para trás, uma justaposição das ancestralidades que buscam a transcendência através das gerações atuais. Assim, passado, presente e futuro se espelham naqueles que se veem de forma contínua. Deixo aqui a letra da composição musical “Divina Senhora, a matriarca dos quintais de São Mateus”, escrita por Gerson Martins (2022).

Divina senhora/ Guerreira mulher/ Uma flor quilombola/ Rainha daomé/ Combatente na luta/ Se fez enfrentou preconceito/ Mulher emancipada/ Que não se curvou/ Buscou seu direito/ Deixou seu legado/ Um quinhão/ Plantou/ Em cada coração/ Semente que fez germinar amor/ Fez da vida missão ideal/ Ensinou distinguir/ Bem do mal/ Fez do sonho/ Em cada semelhante/ Orgulho real/ Fez despertar de direção/ Um ser de luz/ Qual Jesus multiplicou o pão/ E fez brotar/ E foi morar no altar/ Lá da constelação/ Brilhar/ No céu da imensidão/ Estrela reluzente/ Ilumina os seus/ Do amor foi regente/ Menina dos olhos de Deus/ És do berço de bamba/ Matriarca do samba/ Dos quintais de São Mateus” (Gerson da banda, Divina senhora, 2022)

Com o aprendizado transmitido pelas tias e pelos interlocutores, peço licença para compartilhar uma das maiores lições que aprendi nesta imersão durante este trabalho. E foi por meio deste trecho da entrevista do sambista Gerson Martins (2021):

Quando a gente pisa nesses lugares pedimos a benção e a licença, por que a Tia Filó falava isso: “Quando vocês chegarem em algum lugar vocês pedem licença, mesmo que não tenha ninguém peça licença porque terá alguém olhando pra você. Eles estão sempre aí, pede licença! Ninguém vai ver, mas se você pedir licença, vão saber que está pedindo licença.

Entre um quintal e outro, peço licença a cada território sagrado do samba que adentrei para realizar a pesquisa de campo. Diante das batucadas à beira do campo, torcendo pelo time favorito de futebol de várzea chamado Toucinho, entre o som do surdo de primeira e o de terceiro, surge a sincopa do segundo surdo, equilibrando o ritmo e trazendo a cadência do samba. Isso deu origem ao Bloco Carnavalesco Japoscão (extinto) e ao Favela. Com um sorriso no rosto, refresquei corpo e mente bebendo a água cristalina do poço de Dona Severina. Esta grande matriarca contribuiu significativamente para a formação do reduto do samba de São Mateus.

3.1.3.6. *Quintal Dona Severina*

Fui fazer um samba lá na casa do Zezinho. Tinha churrasco de montão, não se esquecendo do toicinho. Tinha Maria animada e cantava esse refrão: "Tem camarão... Tem camarão oh Mané..." (Camarão, Berço do Samba de São Mateus, 2015).

Na ensolarada manhã de um domingo em 2021, encontrei Mané¹²¹, irmão de Zezinho Titu, no bairro do Jardim Vera Cruz, ambos filhos da ancestral dona Severina.

Peço licença para falar sobre esse quintal, para acessar suas memórias coletivas e culturais, desse Território sagrado do Samba. Ressalto que este local possui uma peculiaridade única dos outros, pois tem um antigo poço d'água límpida. Essa água nutre a alma e o corpo, e com respeito reverenciamos a matriarca do Samba, dona Severina. Durante a entrevista, Mané (seu filho) descreveu a aparência física da matriarca com afeto e sensibilidade. Dona Severina era negra, com traços indígenas, de estatura baixa e cabelos longos, pretos e brilhantes.

Mané, como prefere ser identificado, nascido em 1964, paulistano, passou toda a sua vida no Jardim Vera Cruz, situado no distrito de São Mateus. Desde os primeiros ensinamentos de sua mãe, segue como filosofia de vida o pensamento de "pensar no próximo fortalece". O segundo ensinamento é proteger a maior riqueza da família: o poço d'água de 6 metros.

O interlocutor trouxe memórias afetivas sobre sua infância em casa, lembrando que as paredes eram de barro batido, construídas por seu pai, havia a horta de sua avó e o muro que dividia a casa e a rua. Essas informações não são aleatórias, demonstram como poder aquisitivo e periferia não se alinham. O que se revela aqui são as desigualdades de uma sociedade brasileira baseada no capitalismo, com poderes distribuídos de forma desigual.

Assim como Mané, Gerson e outros também trouxeram a conexão entre futebol e samba em suas lembranças. Relembaram o time de futebol Rosa Choque e as travessuras com amigos, especialmente o envolvimento com o samba, como Mané narrou: "[...]comecei me envolver no samba na minha adolescência com meus os irmãos na fase de 15 e 16 anos, quando formamos o grupo Japoscão, segundo meu irmão é japonês misturado com Cascão". (Mané, 2022)

¹²¹Manoel, conhecido como, Mané, 59 anos, pardo, motorista, pai, filho da dona Severina. O quintal está inativo. Em época de carnaval o quintal passa a ganhar vida pelo desfile do bloco Favela, pelas ruas do Jardim Vera Cruz.

Na década de 70, no Jardim Vera Cruz, surgiram os blocos carnavalescos Japosção e Favela, idealizados por Mané e seu irmão Zezinho Titu. Foram uns dos primeiros blocos a nascer no distrito de São Mateus, juntamente com o Bloco de Carnaval do Tonela, do Jardim Nove de Julho.

É importante mencionar que os blocos carnavalescos foram inspirados nas torcidas dos times de futebol de várzea, que costumavam tocar batucadas à beira do campo. Muitas vezes, a rivalidade entre os times resultava em conflitos iniciados nessas batucadas à beira do campo, refletindo-se nas ruas do bairro e na região, especialmente no quintal da matriarca, já que seus filhos faziam parte dos respectivos times de futebol ou tocavam na bateria fazendo a batucada.

Assim, a mediação dos conflitos se dava na casa da matriarca Severina, que acolhia as diversas pessoas que chegavam ao seu quintal. Ela oferecia um copo com água cristalina do poço para apaziguar e acalmar, aconselhando e orientando as pessoas, que saíam diferentes do que entraram.

Ao analisar o trecho da entrevista concedida por Mané, nota-se o respeito com que ele se refere à figura materna, como uma forma de segurança, proteção e acolhimento para todes. Essa estratégia de sobrevivência em meio aos conflitos é destacada quando ele menciona que 'Dona Severina preferia deixar rolar um samba aqui, porque é melhor deixar seus filhos debaixo das asas dela do que longe'. Por outro lado, o interlocutor relata que: *“Todos esses sambistas que conheço podem chegar e perguntar... Entravam dentro da minha casa e saía outra pessoa, porque ela dava conselho. Muitos iam embora que eu ficava sem entender nada... No outro dia voltava dizendo: “Putz... Mano! Sua mãe é maravilhosa e os caras vinham atrás dela pra conversar e pedir conselho”*. (Mané, 2022)

O quintal de dona Severina, também conhecido como quintal do Titu, foi ganhando visibilidade com as rodas de samba, a sede do time de futebol de Várzea - Toucinho Futebol Clube - e os Blocos Carnavalescos Favela e Japosção.

No início da década de 2000, dona Severina e seus filhos receberam a visita da sambista Beth Carvalho, acompanhada pelos jovens sambistas do grupo Quinteto Branco e Preto, que incluía Gerson Martins, Marcelo Ercílio (Tocão), Timaia e Jarrão.

Mané (2022), relata que

Naquela época nós tínhamos perdido meu irmão e a minha mãe amava tudo que ele fazia. Nesse dia estava tocando bongô e estava sentado eu, Beth Carvalho e a minha mãe na roda de samba. O que aconteceu... Estava tocando bongô, quando toco as minhas vistas se fecham e só deixo o som me levar. Quando abri os olhos, vi ela (Beth Carvalho) olhando pra mim. Fechei os olhos e continuei a batucar, quando abri ela olhando pra mim. Tomei um cutucão da minha mãe. Porque antigamente éramos meio bestas com as pessoas famosas. Minha mãe me cutucando falando por debaixo dos dentes...Olha a mulher é famosa, está aqui te vendotocar e não tira os olhos de você. Minha disse: “Ela é famosa por que vemos na televisão, mas agora admirar o meu filho tocan do não tem preço!” (Mané, 2022)

Diante da narrativa de Mané, pode-se analisar que, apesar de a sambista Beth Carvalho ter vindo conhecer os quintais do samba, acabou por conhecer as famílias dos sambistas. Isso é uma tradição no mundo do Samba, onde o mais novo é abençoado pelo mais velho, de forma incondicional. A matriarca foi ao seu quintal para receber a benção da matriarca dona Severina.

Durante a conversa, o interlocutor sinalizou que o samba coexiste ou pode ser visto como uma coisa única, com outra tradição religiosa, que envolve acender a fogueira todos os anos na véspera e no dia de São João, São Pedro e Santo Antônio, seguindo a tradição católica. A fogueira é acesa às 18h00 e apagada à meia-noite, conforme essa tradição.

Avó Teté era de descendência indígena...minha avó era a minha grande paixão quando lembro dela a primeira coisa era seus cabelos que eram tratados com sabão de coco e óleo de amêndoas. Quando chegava o dia da fogueira de São João tinha um certo momento que ela cortava as pontas de seu cabelo e colocava na fogueira, todo ano era assim... Acendia a fogueira e ela sempre vinha com a tesoura nas mãos. A fogueira de São João, fiquei sabendo um bom tempo depois que completei 40 anos, em conversa com a minha irmã mais velha me disse que: “Você sabe o motivo da fogueira? Não é só uma promessa...Por que não nasceu Jesus e João Batista?(Mané, 2022)

Vale lembrar que cada quintal possui sua peculiaridade, com suas próprias formas de expressão, como relembra Mané (2022), que dizia: *“O samba aqui no quintal era feito no tocado das baquetas, não tinha essa coisa da harmonia com cordas. Era tudo instrumento de mão na baqueta. Tipo Originais do Samba, era mil grau”*.

O quintal de Dona Severina proporcionou frutos significativos, como lembra o sambista Naldo Candiá¹²² que costumava beber água do poço da dona Severina. Antes mesmo de conhecer o quintal, seu pai os ensinou, a ele e seus irmãos, sobre música popular brasileira, introduzindo-os às partituras musicais e orientando-os a tocar alguns instrumentos de percussão. Isso fez diferença nas rodas de samba do bairro desde a infância deles. Por ser o irmão mais velho, Naldo cuidava dos dois irmãos mais novos e participava semanalmente das aulas de música com o pai. Combinando essa experiência com as batucadas à beira do campo desde pequenos, eles começaram a frequentar o quintal do Titiu, demonstrando suas habilidades musicais, o que despertou o reconhecimento e visibilidade na comunidade.

O quintal era simples e normal de quebrada. Na verdade, tinha um monte de instrumentos de percussão e vinha um pessoal da Rua 12 que trazia uma quantidade de bebida e juntava. Começava a tocar a batucada. Faziam um churrasco e a mãe do Titiu a dona Severina ... Ela gostava de ficar no meio do pessoal e dava conselho pra molecada. Na verdade, era uma reunião de amigos, de

¹²² Naldo Candiá, negro, candomblecista, pai e avô, frequentador do Quintal da dona Severina - Titiu. Participa dos projetos de samba: Samba que vem de lá de São Mateus, Boteco do Timaia, Batucada do Instituto do samba de São Mateus. Compõe a diretoria do Instituto Tradicional Cultural da Memória do Samba de São Mateus. Possui o trabalho solo. Naldo Candiá é filho primogênito do casal Aguinaldo e Aparecida. O primeiro grupo de samba que montou, se chamava Candiá (2000 a 2005). Autodeclarado negro, o interlocutor possui uma filha, é avô e candomblecista. É paulistano e mora desde sempre no Jardim Vera Cruz. O seu primeiro contato com o samba foi dentro da sua própria casa por vir de uma família de músicos e sambistas, por morar próximo do CDM do Jardim Vera Cruz. De outro modo, o sambista, já fez participação em shows com grandes artistas, como Arlindo Cruz, Zeca Pagodinho (várias vezes), Fundo de Quintal, Almir Guineto, Beth Carvalho e Sombrinha. No ano de 2009, o sambista gravou o CD Procedimento do Morro, em carreira solo, como sambas autorais. No ano de 2011, participou de uma faixa no CD Academia do Samba da Zona Leste de São Paulo. Em 2015, Naldo gravou, CD intitulado Sambão, com releituras dos anos 70 e 80 – canções conhecidas, intuito difundir e reverenciar e valorizar e propagar a memória do samba e fortalecer o reduto do samba de São Mateus.

batuqueiros, uma reunião de cara que simpatizava com aquilo, porque não tinha diversão naquela época. Ou você estava jogando futebol, ou batucando na beira de campo. Esse quintal foi feito para a batucada na beira de campo” (Naldo Candiá, 2022)

Na década de 2010, as atividades no quintal da dona Severina só ganhavam destaque durante o período de carnaval, com o desfile do Bloco Favela pelas ruas dos bairros Jardim Vera Cruz e Parques São Rafael. Por outro lado, os times de futebol e suas torcidas foram extintos. Entretanto, em 2020, nesse Território sagrado do Samba, impulsionado pela água cristalina do poço, o sambista Jarrão concebe a Comunidade de Samba do Jarrão, um novo terreiro do samba no reduto de São Mateus. Isso é um dos pontos notáveis registrados durante a pesquisa de campo.

3.1.3.6.1. Diário de campo V- Quintal da Dona Severina

No dia 23 de janeiro de 2021, em uma manhã ensolarada no Jardim Vera Cruz, fui encontrar o Mané, filho da matriarca do samba de São Mateus. Chegando à sua rua, encontrei Tocão e o sambista Zeca, proprietário do bar do Zé. Ao chamar o Mané pelo portão de sua residência, uma borboleta pairou por alguns segundos perto da minha cabeça. Esse foi o tempo que levou para o Mané vir me receber. Enquanto passávamos pelo corredor, avistei casas e crianças, e à frente, um poço todo coberto e protegido, que é a maior herança da família. Antes de iniciarmos a conversa, Mané me apresentou o poço, pegou uma caneca com água para beber e passar um pouco na minha cabeça. Segui suas instruções como um gesto de respeito ao corpo ancestral de dona Severina, não apenas para entrar em sua casa, mas para adentrar nas memórias de sua família. Em seguida, ele disse: *“Agora podemos começar nossa conversa... Água cristalina, tudo isso foi obra de dona Severina e seu José.”* Durante a entrevista com Mané, houve momentos de muita emoção, com sorrisos e lágrimas de saudade. É importante destacar que a entrevista ocorreu ao lado do poço, que foi utilizado como mesa de apoio.

Imagem 21- Poço d' água



Fonte: arquivo pessoal da autora- 23 de janeiro de 2022.

Imagem22- Os instrumentos do Bloco Favela



Fonte: arquivo pessoal da autora- 23 de janeiro de 2022.

Imagem 23- Quando a madrinha Beth Carvalho visitou o quintal da Dona Severina, na década de 2000



Fonte: Arquivo pessoal de Yvison Pessoa.

Com o trecho da música “Samba no quintal”¹²³, dos compositores Antonio Carlos Nascimento Pinto e Everaldo Cruz, escrito no ano de 1979 e interpretado por Beth Carvalho, é possível fazer uma referência contemporânea aos quintais e às Tias/Dona do samba de São Mateus:

Traz uma panela da cozinha/ Tira aquela que 'tá no fogão/ Pega uma bacia na vizinha/ Se estiver com roupa põe no chão, põe no chão/ Pega a lata de guardar farinha/ E o tabuleiro de assar/ Quem tem carretel não perde a linha/ No samba é preciso improvisar/ Comigo gente./ [...]Este samba no quintal/ É uma declaração de amor/ Pra quem canta, toca, dança/ E curte a música popular brasileira/ Laiala laila laila laila...

Saindo do Jardim Vera Cruz, vamos chegar àquele quintal localizado no Jardim Vila Carrão, onde ouvimos o som distante do banjo, o surdo, o tantan e o pandeiro, a cuíca, o estalo do tamborim... escutamos palmas, seguindo o ritmo que nos leva à casa de Tia Cida dos Terreiros, onde a roda de samba já está formada desde cedo.

3.1.3.7. Quintal da Tia Cida dos Terreiros

Eu sempre estou sorridente/ Mas minha gente. Não se engane não!/ Eu sou de fato guerreira/ Mulher bem brasileira/ De raiz e chão/ A minha atitude escorre no tom da minha pele/ A minha negritude é raça sem contestação/ Quando eu danço, palpita ligeiro/ O alegre coração de um batuqueiro/ Sou rainha, sou rainha/ Eu sou a Tia Cida dos terreiros/ Seja no jongo ou canção/ Tenho predileção pelo som brasileiro/ Danço um partido alto, um samba de roda/ Ao som de um pandeiro/ O que importa é ser verdadeiro/ Livre e sem preconceito de cor/ Eu sou a Tia Cida dos Terreiros/ Sou rainha, sou rainha/ Eu sou a Tia Cida dos Terreiros. (Música: Tia Cida dos Terreiros, Tia Cida dos Terreiros, 2013).

Numa tarde de janeiro de 2022, encontrei com muita alegria e respeito a matriarca do samba de São Mateus, embaixatriz do samba paulista, madrinha da Comunidade Maria Cursi, Berço do Samba de São Mateus e membro do Coletivo Amigas do Samba, Tia Cida dos Terreiros. Ela é a própria representação do quintal do samba existente no território, localizado no Jardim Vila Carrão. Este é o quintal mais antigo e sobrevivente, onde Tia Cida mantém vivo o legado deixado por dona Ercília, Carmem, Severina, Fifa, Filó, Chica, seu Jaú, entre outros.

Maria Aparecida da Silva Trajano, conhecida como Tia Cida, é filha do casal Ercília e Blecaute (este último, cantor, sambista e compositor, um dos maiores da década de 60). Ela é negra, tem 82 anos, é assistente social aposentada, tem inclinações 'católicas', é mãe de três filhos - Carmem Silva, Gil e Marcelo Ercílio (Tocão)¹²⁴, separada, mãe solteira e avó de seis netos/as. Reside no bairro Jardim Vila Carrão desde a década de 70.

Nos momentos em que pude acompanhá-la em eventos públicos e visitá-la em sua residência, estive ao seu lado com um interesse específico, principalmente em espaços que nos conectavam, especialmente na Paróquia da Igreja Católica de São Mateus Apóstolo. Tanto Tia Cida quanto minha genitora Tauá foram líderes dos movimentos sociais nos anos 80. A partir dessa união e amizade entre essas figuras, começaram a moldar e construir minhas identidades individual, social e coletiva. Durante minha adolescência, frequentei as rodas de samba realizadas no quintal da Tia Cida, junto com toda a sua extensa família, tornando-me integrante desse espaço. Posso dizer que também sou 'cria' desse quintal.

Numa conversa informal, Tia Cida mencionou que acredita que todos enfrentamos situações difíceis, mas não devemos perder a fé. Devemos acreditar que o amanhã será outro dia e seguir adiante. Ela ressalta que traz consigo a força de suas bisavós,

¹²³Compositores: Antonio Carlos Nascimento Pinto e Everaldo Cruz, Música: Samba no quintal. Álbum: Beth Carvalho- Pagode - Gravadora: Selo RCA -Ano de 1979, ouçam em< <https://www.youtube.com/watch?v=R3dUe4g0P7U> > visitado em 24 de outubro de 2023.

¹²⁴ Informo que durante o trabalho de campo, ocorreu uma casualidade fatal com o falecimento do Gilberto - Gil, no ano de 2022, por questões de respeito à família da Tia, poupei a matriarca em relação à coleta de dados em função de sua fragilidade, em respeitar a sua dor, ou seja, o luto. Enfatizo que, no processo das tessituras dessa etnografia, atinei a dororidade[#] existente entre mulheres negras. O sambista Marcelo (Tocão) foi convidado a participar dessa pesquisa, por motivos pessoais e familiares, com o falecimento de seu irmão Gil, foi respeitado o seu luto, por diversas formas, o seu nome é lembrado não só pela escrita da pesquisadora por seus irmãos conforme mostram nas entrevistas.

avós, mãe e tias, mulheres negras fortes e poderosas que viviam intensamente o samba. Ela diz: “[...] *força trago das minhas bisavós, avós, mãe e tias. Que eram negras fortes e enormes que rodavam um samba que só. Isso são coisas pra gente né?*”

A matriarca do samba de São Mateus, em determinado dia, foi convidada para conceder entrevistas a jornais, o que permitiu a coleta de informações e dados para esta pesquisa científica.

Em uma tarde de dezembro de 2021, na residência de Carmem Lúcia (primogênita de Tia Cida) no bairro Vila Flávia, ocorreu uma entrevista para o jornal Agência Mural¹²⁵, conduzida pelo jornalista Matheus Oliveira. A pesquisadora desta pesquisa científica estava presente como ouvinte-participante. Diante das questões levantadas, apresentarei um trecho dessa entrevista realizada em formato de enquete, com perguntas e respostas.

Jornalista: Qual era o seu papel no movimento social durante a década de 70?"

Tia Cida: *“Durante muito tempo trabalhei na paróquia foi quando estava surgindo os trabalhos nas comunidades nas favelas que precisavam de todo tipo de ajuda, era criança com fome, pessoas precisando de madeira para montar os barracos. Eu ia ajudar esse povo e os padres pediam pra eu ir. Assim fui construindo vínculos com as comunidades e chegou um tempo que era Cida Preta lá e lá. Foi quando começamos a mostrar grupos e ir em reuniões na Sabesp para colocar água encanada. Grupos para negociar com Light na comunidade e assim foi o trabalho de assistência que estávamos fazendo.”*

Jornalista: Quais foram os dilemas entre a universidade e o samba?

Tia Cida: *“Um dia me perguntaram por que não era assistente social, respondi: Não tenho condições em fazer uma faculdade, tenho 3 filhos para criar! Nessa época tinha feito o vestibular e passei, foi quando me apresentaram foram pagaram a minha matrícula e 3 meses de mensalidade, não tive como não estudar! O povo que me empurrou. Entrei na faculdade com 40 anos e era a única negra lembro que no terceiro dia de aula, alguém fez essa seguinte pergunta. Você como negra o que faz na faculdade? O que espera do futuro? Fui para faculdade com 40 anos. Respondi...Olha gente eu espero nada do amanhã, mas se eu chegar até o amanhã já estou feliz! É a vida! Isso que vocês estão fazendo é natural? Não é? Se vocês tem vontade de me conhecer, tudo bem, mas as atitudes de vocês são preconceituosas. Eu era a única negra na sala de aula, depois chegaram mais 3 negras. Eles falam que eu falava em sala de aula nos debates que era posto. Isso é ver como é tudo embutido a discriminação é profunda e velha e antiga, sabe. O que o pessoal fez no passado não foi o suficiente para acabar com a discriminação e preconceito. Crescemos buscando a resposta e só encontramos o que vimos. Depois dessa, comecei a enturmar com a turma e passaram a saber quem eu era e começamos a frequentar os bares próximos da faculdade que começava na quinta-feira, quando o pessoal dizia: Vou te levar em tal bar não sei onde, mas dizia: “Me avisa com antecedência que preciso avisar em casa”. Ia... E chegava em casa sábado de madrugada, perdi muitas aulas, mas a gente levou o samba para todos os barzinhos que tinha próximo da faculdade, foi uma fase muito boa, depois me formei.*

Jornalista: O que é o quintal da tia Cida?

Tia Cida: *“Na minha casa tinha as rodas de samba que fazíamos todo final de semana e acabei ganhando o nome de tia Cida, porque os amigos dos meus filhos me chamava de tia e assim foi, porque tudo era tia Cida, pra comer e repetir a comida, pedi um copo com água ou uma cerveja e assim ficou. As pessoas perguntavam como tinha coragem de juntar esse pessoal na sua casa? A Sra. não tem medo? Sempre dizia: Não, porque todo mundo se conhece, todo mundo é da área, todo mundo gosta de samba, não preciso ter medo de nada. O pessoal se reunia em casa todo final de semana. Claro que os vizinhos se incomodavam, mas digo que ninguém lá de casa estava preocupado com isso. Aqui um sempre ajudava o outro, talvez um sabia menos que outro e quem sabia mais ajudava, até todos ficarem no mesmo nível.”*

Jornalista: Como é realizado as trocas de saberes em seu quintal?

¹²⁵ Matéria: “ O samba é um caminhar de vida”, diz Tia Cida dos Terreiros, a matriarca do samba de São Mateus- Tia Cida também fez da música o jeito de proteger seus “ meninos” e garantir a comida no prato de muitas crianças na zona lestes”, disponível em: <<https://www.agenciamura.org.br/o-samba-e-um-caminhar-de-vida-diz-tia-cida-dos-terreiros-a-matriarca-do-samba-em-sao-mateus/>> visitado: 23 de outubro de 2023.

Tia Cida: “Entrava ano e saía e a roda de samba no quintal ia crescendo e vinha gente de toda parte e os meninos foram crescendo não só de tamanho, mas no samba e passaram a sentir à vontade de se profissionalizar, de repente os meninos começaram a sair pra tocar em bares e depois sempre voltavam e se reunião na casa da Tia Cida pra ensaiar, assim a necessidade do grupo Berço do samba da Tia Cida. Outros grupos foram surgindo o Maria Cursi que todos eles têm nomes de peso no mundo do samba. A referência era de todos estarmos juntos ensaiando um samba onde todos pudessem estar juntos, pra mim era muito importante. Eu tinha crianças pequenas e não sabia onde estava se caso saíssem e tenho um samba em casa era mais fácil, conhecia a família, quem eram os pais, onde moravam e foi acontecendo. Desse meu quintal saiu muita gente para o mundo Tocão (meu filho), Yvison Pessoa, Everson Pessoa, Vitor Pessoa, Os pretos, Quinteto Branco e Preto, Berço do Samba de São Mateus e eu.”

Jornalista: Como entraram os três irmãos na vida da Tia Cida?

Tia Cida: “O Yvison o mais velho, depois o Everson e o mais novinho o Vitor...Eles iam para casa para aprender a tocar percussão com o meu filho Marcelo Ercílio e a noção de corda que ele também sabe. Quando o Marcelo não estava em casa, ficavam os três na calçada sentados esperando ele chegar porque ele trabalhava a noite e só chegava de manhã. Mas não deixava eles pra fora de casa, colocava pra dentro de casa por era mais seguro, foi assim que conheci essas crianças porque eram.”

Jornalista: Qual o desafio quando era diretora da creche do Carrãozinho?

Tia Cida: “Trabalhei muito tempo na creche que fica no Carrãozinho durante muitos anos na época do Jânio Quadros e faltava tudo. Arroz, feijão, óleo, tudo que você pensa. Mas eu nunca ia deixar faltar as coisas e não ia fechar as portas da creche. O que fazia? Pedia para os meninos ir fazer uma roda de samba para arrecadação de alimentos para que as crianças tivessem o que comer. Porque tinha muitas crianças que não tinham o que comer em casa, na creche era o único lugar para que elas fizessem as refeições. Saía pela vizinhança para pedir arroz emprestado pra fazer no dia para as crianças. Fui fazendo isso durante anos até que aposentei ajudando a comunidade com as rodas de samba.

Jornalista: Quem foram os convidados ilustres que frequentam sua casa?

Tia Cida: “Na minha casa sempre teve roda de samba, vinha muita gente! Sempre participei até que um dia entrou pelo o portão a Beth Carvalho, lembro que no ano de 2000, ela foi duas vezes em casa e uma vez na casa da minha mãe foi no aniversário da minha mãe e a Beth chegou de surpresa e foi uma alegria só. A imagem que tenho da minha mãe abraçando a Beth Carvalho não esqueço (os olhos marejaram). O Almir Guineto que acordei com ele dormindo no sofá da sala, tomei um susto pensando que fosse o Marcelo Ercílio. O pessoal chegava aqui de manhã e já fazia o café da manhã e já preparava o almoço. Que tempo bom. Quem viveu tem o que contar! Ah... Não posso esquecer dos meus meninos, o Quinteto Branco e Preto, os Três saíram do meu quintal e no segundo CD, dele fizeram uma homenagem pra mim (Tia Cida), quem ajudou a divulgar o meu trabalho foram eles. Eles serão eterno na minha vida.”

Jornalista: Qual a sensação de gravar o primeiro cd?

Tia Cida: Foi um engraçado um presente que ganhei, tínhamos um grupo de samba e foi convidado a tocar no exterior, meu filho que fazia parte do grupo teve um problema e não foi. Sempre fiz as coisas para em torno dos meus filhos e se meu filho não vai viajar eu não vou. Os meninos foram e nós ficamos! Confesso que fiquei triste quando alguém me deu de presente o meu cd que veio com selo Sesc, ganhei de presente por não ter ido para o exterior com os meninos.

Jornalista: O que é o samba em sua vida, tia?

Tia Cida: “O samba e o amor é uma caminhada, ela passa pela gente e continua. Nossa como é incrível. O samba é um caminho ele vem de longe e passa por você e te envolve. Lembro da minha avó dançando, da minha mãe sambando. Ajudar quem precisa entender quem precisa”.

Jornalista: O que é uma roda de samba para a Sra.?

Tia Cida: “A roda de samba a liberdade. Eu vivo a liberdade na roda de samba, uma roda de mulheres. Quando me chamaram e me deram o microfone. Vi mulheres de todas as idades. Eu vivo a liberdade no espaço na roda de samba. Vejo a quantidade, é gostoso você viver isso! Amo tudo isso. O samba é uma família, com a minha idade acabou acolhendo os mais novos. Principalmente quando uma mulher está na roda de samba. Os homens não gostam muito das mulheres na roda de samba... Já chegaram até me dizer: “, estamos preocupados comigo aqui por que a Sra. vai tomar a nossa frente”! Já respondi que o samba continua sendo de vocês, mas estou sendo simplesmente a convidada.”

Jornalista: Como é ser referência ao samba paulistano?

Tia Cida: “O samba paulistano me faz lembrar da velha guarda que hoje faço parte, sou uma das embaixadoras do samba paulistano. Me faz lembrar do Seu Nenê da Vila Matilde, Tobias do Camisa Verde e Branco, Seu Dadinho do Camisa Verde e Branco, Geraldo Filme, como sou uma menina eu curti com essa povo nas roda de samba que moram no meu coração, a música que me faz lembrar dele e dessa época é “Agora e Cinza” ... Época boa! Hoje a maioria dos nomes que citei não está entre nós”.

Tia Cida, em sua trajetória de vida, demonstra a ruptura com o pensamento hegemônico colonial, indo além de seu tempo ao quebrar as amarras do colonialismo. Ela constrói, em sua comunidade/quilombo, a equidade entre homens e mulheres, advinda das práticas do mulherismo africano, utilizando o gênero musical Samba como forma de comunicação entre mulheres, convidando homens, crianças, adolescentes e idosos a participar das lutas emancipatórias sociais. Esta abordagem busca a transformação social, cultural, econômica e social, utilizando a pedagogia do afeto, gestada pela força ancestral das ialodês que lutam pela equidade social, visando uma nova sociedade baseada no aquilombamento e no sentido de comunidade e coletividade, lutando contra o racismo.

Ao analisar as perguntas e respostas, especialmente nas falas da interlocutora, que trazem a trajetória de vida de Tia Cida, lembram várias passagens da obra da autora bell hooks (2015), “Eu Não Sou uma Mulher? Mulheres Negras e Feminismo”. Este discurso ecoa as palavras de Sojourner Truth, “Eu Não Sou uma Mulher?”, de 1851, que reivindicou e alertou a sociedade estadunidense sobre os direitos das mulheres negras, que eram invisibilizadas mas sofriam opressões sexistas do patriarcado ocidental forjado pelo colonialismo. Mesmo buscando a equidade, são evidenciados vários entraves nas interseções de gênero, raça, classe social, território e política, conforme apontado nos estudos da intelectual Carla Akotirene (2020), resultando em lutas pela garantia de direitos.

Refere-se ao apagamento epistemológico da cultura afro-brasileira e das memórias culturais e sociais coletivas, colocando

as mulheres negras em posições que não lhes cabem, destacando o protagonismo e empoderamento negro feminino. No mundo do samba, esse reflexo é nítido.

O texto de Kabele Munanga (2004), “A Difícil Tarefa de Definir Quem é Negro no Brasil”, reflete a ideia de comunidade e união como um traço de irmandade, tecida pelo afeto com a construção de vínculos. O samba promove o aquilombamento cultural,

resistindo aos processos de colonização e contradizendo a hegemonia europeia, rompendo com a decolonialidade. Durante as raízes coloniais, que tentaram realizar o epistemicídio com os povos afro-africanos e descendentes, ao trazer invisibilidade cultural, desumanizando corpos negros e impondo outra cultura, houve tentativas de apagamento social e cultural, enfraquecidas pelas manifestações populares nas lutas pela equidade no Brasil.

O gênero musical Samba é uma manifestação cultural popular que une todos moldados pelo elo do ofô, refletindo na construção da identidade negra no distrito de São Mateus. A negritude se acolhe entre os mais velhos, como as tias, e os mais jovens, resultando em um aquilombamento que forma uma identidade cultural e social forjada pelo samba. Este elo liga a cultura racionalizada, negra e periférica às desigualdades sociais e econômicas geradas pelo sistema capitalista, entre questões étnicas historicamente destituídas que levariam à etnicidade afro diaspórica.

Dessa forma, o samba é uma reconstrução que se entrecruza com as raízes ancestrais africanas, afro-brasileiras e a territorialidade, moldando-se nos quintais do distrito de São Mateus. O protagonismo de corpos periféricos, especialmente do gênero feminino, nas figuras das tias, aliado à presença dos mais velhos, detentores da sabedoria ancestral, preserva a memória social, cultural e coletiva, transmitida pela oralidade às futuras gerações. O samba, como instrumento coadjuvante na transformação sociocultural, impacta diversas vidas no enfrentamento de diferentes tipos de violência.

3.1.3.8. Os frutos do Quintal de Tia Cida dos Terreiros

O quintal de Tia Cida se tornou simbolicamente o útero da divindade do Samba, gestando novos sambistas e músicos para a cultura popular brasileira, irradiando no Reduto do Samba de São Mateus.

No verão de janeiro de 2021¹²⁶, no Jardim Rodolfo Pirani, encontro Yvison Pessoa, conhecido como Casca - São Mateus. Casca é um dos frutos do quintal de Tia Cida, é sambista, músico, intérprete, compositor e percussionista. Em 2019, ganhou o prêmio de revelação do ano com o grupo de samba Quinteto Branco e Preto (agora extinto). Ele é o idealizador do Instituto Cultural de Tradição Memória do Samba de São Mateus e da Orquestra de Samba e Choro de São Mateus, além de diversos projetos como Berço do Samba de São Mateus, Samba que vem de lá de São Mateus, Batucada do Instituto e os projetos Memória do Samba Paulista I e II.

O grupo de samba de mulheres As Matambas foi uma das ações idealizadas dentro do extinto projeto Grêmio Recreativo de Tradição e Pesquisa Morro das Pedras e do SELO Musical de São Mateus, visando ganhar destaque e prestígio no mercado musical ao valorizar o trabalho artístico, especialmente dos sambistas independentes. Paralelamente, o sambista construiu sua carreira e lançou seu primeiro CD solo, intitulado "Trajetória".

Nossa conversa começou lembrando a infância e as travessuras de correr na rua. Casca destacou que sua família enfrentou várias dificuldades econômicas, especialmente desemprego e falta de moradia digna. Ele cresceu em meio ao ciclo de violências causadas pelo machismo e testemunhou a violência doméstica em sua casa. Yvison tem dois irmãos mais novos, Everson e Vitor, ambos músicos e sambistas, que também foram membros do extinto grupo Quinteto Branco e Preto.

¹²⁴ Yvison Pessoa, tem 46 anos, branco, cidade de Itabira, no agreste de Pernambuco, candomblecista, pai de oito filhos, vive em união estável, chegou na cidade de São Paulo com sua família, com humano e meio de idade. Se criou aqui na “terra da garoa” com sua família e morou em diversos bairros dos municípios de Santo André e São Caetano, bem como nas periferias da capital paulista, nos bairros da Vila Industrial, Jardim Santo André, até chegar no território de São Mateus. Atualmente, é morador do bairro Jardim da Conquista, desde a década de 90.

Na adolescência, Yvison e outros sambistas como Gerson Martins, Marcelo Ercilio (Toco) e Timaia frequentavam outros quintais, como o da dona Ercília (avó materna de Toco) e da dona Severina (mãe do Mané e do Titiu), onde aconteciam rodas de samba. Independentemente do dia, o objetivo era aprender sobre o Samba com os mais velhos, como recorda o sambista:

Posso dizer que sou uma das crias do quintal da Tia Cida. Nasci dentro do quintal da Tia e posso dizer que ali é o santuário do samba de São Mateus, toda vez que entro ali, sinto uma magia é sentir uma presença ancestral, o samba está ali. Tem um cantinho na parede ali, onde fazemos a roda, sento ali já dá um negócio é onde tem a magia. Onde você canta o samba você sente uma presença ancestral, por que o samba é uma entidade. Ele pega e escolhe! O quintal da Tia Cida é o santuário...É um quintal que está vivíssimo. Se a gente não estava ali, estávamos aqui. O único quintal que não cheguei a frequentar foi da Tia Filó, por que ela tinha falecido antes. E o pessoal não estava mais colando lá. Está voltando agora depois de muito tempo. Mas quando não estava na Tia Cida, estava na vó Ercília, se não estava na vó estava no quintal da dona Severina no quintal do Zezinho Titiu. (Yvison Pessoa, 2022).

A narrativa do sambista, faz lembrar que o samba é um ente imanente, um espírito, uma entidade! Acho que você pode dizer acima, antes da entrevista que o Samba na vida do Yvison e seus irmãos, transformou uma vida de sofrimento num outro mundo possível para além dele, porque é da ordem dos(as) condenados(as) da terra não se reduziram a meros objetos da sua própria opressão é do humano re(existir).

Portanto, a nova safra de sambistas foram nascendo dos quintais das tias, consigo trouxeram o reconhecimento da importância da história do samba paulistano, carioca, de São Mateus, a valorização da cultura afro-brasileira, reluz, no fortalecimento da resistência não apenas territorial, mas, quem ajudou a construir o reduto do samba de São Mateus.

Ao tratar da história do samba em São Mateus, não podemos esquecer do grupo de samba Quinteto Branco e Preto (extinto) que marcou a década dos anos 2000 até atualidade a MPB, sendo o ícone no universo do samba, por reverenciar as vanguardas do samba paulistano e carioca.

3.2. Berço do Samba de São Mateus

O Berço do Samba de São Mateus surgiu na década de 80, nas rodas de samba realizadas no quintal da Tia Cida dos Terreiros. Começou a ser formado pelos meninos daquela época, que se tornaram os sambistas, músicos e percussionistas de hoje. Com cerca de 40 integrantes, as autoras Sousa e Lima (2015) mencionam que “[...] o Berço do Samba teria surgido em março de 1993, numa festa de aniversário do Timaia(um dos músicos), no quintal da Tia Cida. Três irmãos, Yvison, Everson e Vitor, ainda meninos, acabados de chegar do ABC tiveram o papel fundamental no surgimento do Berço do Samba”. (Sousa e Lima, 2015, p.86)

Com base na história da formação do Berço do Samba, cabe ressaltar que, em conversa informal com os fundadores do Berço, não categorizam como projeto de samba, grupo de samba ou coletivo cultural. O Berço do Samba de São Mateus se caracteriza como um dos maiores celeiros de sambistas de ontem e de hoje. É um local que mima, acolhe, ensina e promove trocas entre todes, por ser amadrinhado por Tia Cida dos Terreiros. “Ele possui a proposta de valorizar a cultura afro-brasileira, os compositores e sambistas do distrito e da região, além de preservar a memória do bairro de geração em geração, integrando os membros da comunidade.” (Sousa e Lima, 2015, p. 86)

Em 2007, o Berço do Samba lançou o seu primeiro CD, “Berço de Samba de São Mateus”, pelo Selo Musical Sesc. Durante uma entrevista com o sambista Yvison Pessoa (2022), ele lembrou que o lançamento do CD foi em 2007, atraindo mais de 10 mil pessoas. No ano seguinte, no Sesc, o evento contou com mais de 22 mil pessoas.

No mesmo ano, o Berço do Samba de São Mateus realizou a sua primeira turnê internacional nos Estados Unidos da América. Yvison Pessoa (2022) narra: *“Tocamos na Broadway (Estados Unidos) e depois fomos para a cidade de Cleveland, onde permanecemos por 7 dias. Visitamos a casa de BB King, vimos a estátua da liberdade e fizemos coisas que nunca imaginamos.”*

O Berço do Samba ganhou prestígio nacional e internacional. Em 2015, lançou outro CD, “Berço do Samba de São Mateus - O Samba que vem de lá de São Mateus”. Desde então até o presente momento, continua apresentando canções que retratam a realidade social e cultural do distrito de São Mateus, reverenciando as memórias de grandes sambistas e mestres do mundo do samba, bem como a história do distrito.

Diante dos frutos do quintal de Tia Cida dos Terreiros, podemos notar que as raízes ancestrais abriram caminhos, conforme o movimento Sankofa. Esse movimento nos permite olhar para a história do samba de São Mateus e enxergar os resultados positivos da transformação sociocultural. Iniciada nos quintais do samba das tias/donas, essas vidas foram protegidas das violências urbanas no passado e hoje servem como exemplos para as futuras gerações de sambistas. Esse legado reluz na sociedade, quebrando os paradigmas e as amarras do senso comum, desafiando a marginalização e a criminalização das raízes coloniais, conforme as máximas narrativas do sambista Yvison Pessoa: *“Fui aquele cara que começou tocando samba lá atrás no ônibus e hoje ganhei o mundo. É uma vivência!”*

3.2.1. Quinteto Branco e Preto

Desde a década de 80, quando Yvison e seus irmãos passaram a conhecer e frequentar as rodas de samba realizadas por Tocão, Gerson Martins, Jorginho Neguinho e Timaia nos quintais da dona Ercília, Severina e Tia Cida, começaram a estudar o samba. Ou seja, aprenderam as canções pela oralidade e praticaram o tocar dos instrumentos.

Em uma conversa com o sambista, ele narrou que, no final da década de 90, os irmãos Pessoas passaram a participar de rodas de samba em casas/bares de shows espalhados pela cidade de São Paulo. Foi nesse contexto que encontraram a sambista Beth Carvalho. Na roda de samba estavam os irmãos Yvison, Everson e Vitor Pessoa, além dos irmãos Magno e Murilo Sousa. Foi nesse momento que surgiu o grupo Quinteto Branco e Preto, com os meninos de São Mateus (zona leste) de um lado e os meninos de Santo Amaro (zona sul) do outro.

É importante salientar que esse encontro originou-se do apadrinhamento da sambista. Com o grupo Quinteto Branco e Preto, foram abertas as portas do universo do samba e houve reconhecimento para o samba de São Mateus. O grupo Quinteto Branco surgiu no final da década de 90, composto por jovens sambistas vindos da periferia da cidade de São Paulo. Em sua formação, temos Yvison Pessoa (percussão), Everson Pessoa (violão), Vitor Pessoa (percussão), Magno Sousá (voz e pandeiro) e Murilo de Oliveira (pandeiro e voz). Os irmãos Murilo e Magno são os fundadores da Comunidade de samba - Samba da Vela, a mais antiga

da cidade de São Paulo. Everson Pessoa atualmente é músico do grupo de samba mais antigo de São Paulo, Os Demônios da Garoa, e fundador da Orquestra de Samba e Choro de São Mateus, bem como do Berço de Samba de São Mateus. O sambista Vitor Pessoa é pianista, compositor e arranjador.

O grupo Quinteto Branco e Preto produziu e lançou os CDs “Quinteto em Branco e Preto - Riqueza do Brasil” (2000), “Sentimento Popular” (2002), “Patrimônio da Humanidade” (2008) e “Quinteto” (2012), conforme relatado no trecho da entrevista de Yvison Pessoa:

Com o trabalho do Quinteto principalmente devo essa oportunidade de fazer isso de trazer pessoas que talvez se não fosse esse trabalho nosso. Talvez as pessoas não conheçam São Mateus, falo com toda certeza e sem modéstia nenhuma. Foi através da gente por conta desse trabalho coletivo. Tem a ver com o trabalho de cada um. A gente estava ali na relação com ela (Beth Carvalho), principalmente com a amizade que criamos, que foi aos poucos até ela conhecer todos de São Mateus. Primeiro ela conheceu o Gerson, Jorge, Timaia, Tocão, através disso ela disse que queria conhecer a quebrada. Ela viu a riqueza do que poderia ser esse reduto. Pra nós foi um sonho... Primeiro foi de conhecer e tocar com ela, se acha que acabou ali? Não acabou. Depois vem e chama a gente pra tocar novamente e depois viramos amigos de frequentar a casa um do outro. Ela veio aqui na nossa casa, dormia... Virou um negócio grandioso. A importância de tudo isso não só ela, mas o Almir Guineto e o Toco foi tocar durante muito tempo em sua banda. Antes já tinha trabalhado com ele... A amizade dele (Almir Guineto) com o Tocão fica mais forte e junta mais. Ele vem pra cá e tira uma onda aqui, faz música junto com o Toco, a relação de amizade se torna mais forte. Então tudo isso vai vindo do Luiz Carlos da Vila que foi em casa. O Zé Luiz do Império Serrano e o Xangô da Mangueira foram em casa. O próprio Nei Lopes, o baluarte Wilson Moreira, Monarco, entre outros. Diogo Nogueira veio e dormiu em casa, no começo porque fizemos um show em homenagem ao seu pai. Isso pra nós é mágico, tudo isso chancela o que é o samba de São Mateus.

No final da década de 2010, infelizmente, o grupo Quinteto Branco e Preto se desfez e cada sambista seguiu seu próprio caminho com carreiras solo e projetos artísticos individuais.

3.3. Tia Cida dos Terreiros para o mundo artístico

A voz de Tia Cida dos Terreiros ecoa entre um samba e outro, uma mulher negra de cabelos brancos, alta, magra, com tranças, dançando com sua saia rodada, segurando seu cigarro e uma cerveja. Os meninos criados por Tia Cida cresceram como sambistas, percussionistas, intérpretes e produtores artísticos no universo do samba, e assim, Tia Cida se tornou conhecida no mundo da música popular brasileira.

Em 2013, Tia Cida foi convidada a produzir seu primeiro álbum-CD pelo Selo Sesc (gravadora)¹²⁷, o que a levou a fazer apresentações públicas e privadas, ganhando visibilidade no mundo do samba. Em 2014, ela participou do programa de televisão Ensaio da TV Cultura. “[...] a música esteve presente em sua vida desde a infância, mas foi aos 73 anos que ela gravou o álbum Tia Cida dos Terreiros, lançado em 2013” (Sousa e Lima, 2015, p. 135).

Reconhecida como matriarca do samba de São Mateus, na década de 2010, Tia Cida recebeu o título de embaixadora do samba paulistano pelas principais organizações e instituições do carnaval de São Paulo, juntamente com a Liga das Escolas de Samba de São Paulo, em reconhecimento por suas contribuições na sociedade e no mundo do samba. Além disso, ela é madrinha da Comunidade de Samba Maria Cursi em São Mateus, do Coletivo As Amigas do Samba e do Coletivo São Mateus em Movimento.

Seguindo as práticas ancestrais do feminismo africano, Tia Cida dos Terreiros continua a trilhar o legado das outras Tias e Donas, impactando a vida de muitas pessoas ao longo de sua trajetória. Apresentamos algumas imagens do quintal de Tia Cida

¹²⁷Ouçam o CD de Tia Cida dos Terreiros, disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=BcTJCT4tJYw> > visitado em: 24 de outubro de 2023.

nos anos 90, com a presença ilustre dos imortais Beth Carvalho e Almir Guineto, entre outros, que passaram e contribuíram para a construção do Reduto do Samba de São Mateus.

3.4. Timaia e o laço da união

No mês de dezembro de 2021, encontrei Altair Donizete, conhecido como Timaia, em seu comércio. Ele é sambista, compositor e faz parte do Berço do Samba de São Mateus, do Samba que vem de lá de São Mateus e do Buteco do Timaia. Timaia tem suas raízes nos quintais do samba de Ercilia, Filó e Tia Cida.

Proprietário de um dos maiores botecos referência no mundo do samba, o local recebeu inúmeros baluartes, mestres e embaixadores, oferecendo encontros regados a muito samba e quitutes de primeira. É também de lá que sai o maior bloco carnavalesco de São Mateus. O Buteco do Timaia e o Bloco Favela reúnem todos os "bercistas" de São Mateus na terça-feira de carnaval (Sousa e Lima, 2015, p.136).

Timaia é um entusiasta do futebol de várzea e desde cedo aprendeu os códigos éticos das ruas, pois seu pai sempre teve um comércio-bar, o que o colocou em contato com a diversidade de pessoas. Ao retornar para casa, no trajeto, a batucada dentro do transporte coletivo era garantida, pois todos os dias ela acontecia no percurso de São Mateus ao Brasil. Durante o carnaval, ele se juntava a mais pessoas para fazer batucadas pelas ruas do Parque São Rafael e Jardim Vera Cruz.

Por volta de 1985, Timaia conheceu a família da Tia Cida e passou a frequentar sua residência, tornando-se parte dessa grande família. Ele menciona que, na década de 80, em São Mateus, havia muita rivalidade entre os bairros. Essas tensões vinham das brigas geradas pelas torcidas nos campos de futebol de várzea, devido à rivalidade entre os times.

Além disso, havia disputas territoriais entre grupos ligados ao crime organizado e confrontos com a opressão policial. Como relatado por Timaia (2021), algumas pessoas eram vítimas da violência urbana, incluindo homicídios e o impacto do encarceramento em massa. “Era uma guerra por nada bem dizer em tese, cada um com seus motivos, certo dia na volta para casa com o LP do Fundo de Quintal seu Zé Menezes professor do Leandrinho que esteve no estúdio com nós que veio a falecer que estava no primeiro trabalho do Berço do Samba que ele participa também.” (Timaia, 2021)

No território de São Mateus, apesar da onda de violência, no bairro Jardim Vera Cruz ocorriam diversos festivais de samba, nos quais participavam pessoas de todos os cantos de São Paulo e dos municípios próximos a São Mateus. Timaia compartilhou esses registros com muita emoção:

No Vera Cruz teve um festival de samba e o grupo Senzala – futebol e Cerveja que era o Tobé, o Claudinho irmão dele, Isquirica, Gersinho, Coitinho, Beбето. No CDM do Vera perto da casa do Naldo fazíamos o carnaval e o irmão do Naldo o Rolinha ficava na minha corcunda (nos ombros), para assistir o carnaval. O Maurício era menor ainda e o Naldo era o mais velho. Esse carnaval era muito legal, era onde todos se encontravam eram 4 dias... Pena que não temos registros, mas ficou na memória.

Na entrevista realizada com o sambista, é evidente a importância dos registros escritos e fotográficos para sacramentar e imortalizar essas memórias, permitindo que as próximas gerações tenham acesso a elas. O entrevistado ressaltou a influência fundamental do grupo Fundo de Quintal no samba, desde 1989, em seu crescimento na música, além das orientações recebidas das tias, que contribuíram para o surgimento de novos sambistas e a profissionalização na área.

Entre um aprendizado e outro, Timaia, Gerson e Toco tornaram-se irmãos, estabelecendo redes de afeto e alianças, e passaram a frequentar diversas rodas de samba dentro e fora de São Mateus. Eles acompanharam os estudos sobre o samba realizados pelos irmãos Pessoa (Yvison Pessoa, Everson Pessoa e Vitor Pessoa) até a profissionalização como músicos e a formação do grupo Quinteto Branco e Preto.

Quem começou a ir mesmo foi eu e o Tocão e tinha até um irmão meu que levamos a gente pra lá em um Chevet, isso foi no ano de 1985, foi nesse ano que nós nos conhecemos. Em 1993, estava conversando o Gersinho estava meio desanimado... Ele é um cara que estava acima da média, então naquele tempo já percebia que ele tinha muito talento mas não estava somando. No ano de 1993 estava fazendo uma roda de samba comemorando meu aniversário perto da casa da tia Cida, em um bar chamado Papagaios quando olho estava o Vitor e o Everson, foi quando perguntei para eles: “Vocês gostam de samba”? Eles responderam: “Gostamos Sim”, foi quando cantei: Me dê a mão eu preciso de vocês! Lembro que cantei outra: “Quero que você me dê a mão! O Yvison já estava destacado e os dois irmãos andavam mais juntos. Eles ficaram encantados com tudo aquilo, com o nosso samba. Depois nós tocamos no Bistrô ali na Satélite... O Yvison até comenta que saiu correndo pra casa dele pra falar para os irmãos quetinha visto o gordão e aquele neguinho, o Gersinho do repique e o Negão do banjo.

O Boteco do Timaia ganhou visibilidade e marcou sua presença no território de São Mateus. No entanto, isso não o afastou de sua família simbólica, presenteada pelo mundo do samba, especialmente em apoiar e auxiliar nos estudos dos três irmãos.

Com o crescimento do samba em São Mateus e a ascensão dos três irmãos no grupo Quinteto Branco e Preto, os quintais das tias passaram a ser reconhecidos, escrevendo assim a história do samba nessa região. Dessa forma, o Boteco do Timaia se tornou uma extensão desses quintais, contribuindo para a história do samba paulistano e ajudando a posicionar São Mateus como um dos maiores redutos de samba do Brasil.

Para encerrar a conversa com o sambista Timaia, fiz a última pergunta, na qual eu buscava ouvir sua perspectiva sobre o significado do samba para ele. Ele prontamente respondeu, como descrito no trecho a seguir.

O samba é uma religião... Tenho amigos em todos os segmentos. O samba a gente esquece da tristeza. O samba a gente canta a tristeza com alegria. Ele tem muita coisa. Ele tem magia! O tempo é rei! Tem que respeitar tudo do menor ao maior... Respeitar a criança que o amanhã pode ser um adulto e um mais velho que já foi criança e não sabe se você vai chegar até lá.

Diante da simbologia expressa pelo sambista ao afirmar que o Samba é uma religião, visto que esse gênero musical se configura como um agente transformador capaz de impactar vidas. O Samba é ancestral, possui um encanto que tanto encanta quanto desencanta; é a única expressão que transita entre os mundos dos vivos e dos mortos, onde os orixás, nkisis, voduns, encantados e entidades dançam e cantam. A mágica intrínseca ao samba promove um encontro entre todos os seres em igual proporção, celebrando o sagrado que seus adeptos têm como compromisso e filosofia de vida.

Imagens 24- Roda de Samba do quintal Tia Cida com Almir Guineto, década de 2000.



Fonte: arquivo pessoal de Yvison Pessoa- abril de 2023.

Imagem 25 Roda de Samba



Fonte: arquivo pessoal do Sambista Sandoval- março de 2023.

Imagem 26- Família Extensa



Fonte: arquivo da autora no ano de 2022.

Imagem 27-Tia Cida dos Terreiros



Fonte: arquivo da autora no ano de 2022.

Dessa forma, o útero ancestral do samba, em conjunto com as tias, deu à luz um dos maiores redutos de Samba do Brasil, como expresso na música "Berço do Samba de São Mateus", interpretada pelo grupo Quinteto Branco e Preto e Beth Carvalho (2003)¹²⁸.

3.5. *Reduto do samba de São Mateus*

O Reduto do Samba de São Mateus nasce a partir das ações dos quintais das Tias, em especial da Tia Cida, sendo a inspiração para: a) Os Blocos Carnavalescos Japoscão (extinto), Tonela (extinto), Favela (1970-); b) Berço do Samba de São

Mateus (década de 80-atual); c) Boteco do Timaia (1995-); d) As Comunidades de Samba - Grêmio Recreativo Tradição e Pesquisa Morro das Pedras (2001-extinto), Comunidade de Samba Maria Cursi (2004-), Toca da Onça (2010-), Comunidade de Samba do Jardim Vera Cruz (2017-), Quilombo da Vila Flávia (2019-), Panelão do Jarrão (2020-); e) Grêmio Recreativo Escola de Samba Amizade Zona Leste (1995-) e o Grêmio Recreativo Escola de Samba Aroeira (2015-); f) Orquestra de Samba e Choro de São Mateus (2004-) e o Instituto Tradicional Cultural da Memória do Samba de São Mateus (2016-).

Entre uma pausa de uma pesquisa de campo e outra, eu perguntava a cada interlocutor o que significava o Reduto do Samba de São Mateus?

Mané: *“Sempre falo que todos nascemos com o dom. Mas, nós nascemos com o samba no sangue, todos nós aprendemos e passamos para outro, independente quem seja quer aprender”.*

Naldo Candiá: *“O reduto do samba de São Mateus é a grande faculdade do samba. Às vezes fico pensando o que seria de mim ter nascido gostando de samba e não morar em São Mateus? Estudar na Harvard do samba na grande universidade. É a grande universidade do samba que formou e forma muito sambista. É algo muito grande é algo assim que hoje não caberia num berço, essa é a verdade. Tem muita gente boa de samba em São Mateus. Diria um território do samba...”*

Gerson Martins: *Posso dizer que o reduto do samba de São Mateus, parte dos quintais por que o bar o Timaia é uma ramificação dos quintais, como as Comunidades de Samba, o Instituto, a Orquestra, o Berço de São Mateus, tudo isso foi consequência do que foi plantado. Yvison Pessoa:* *“Pra mim é um dos maiores celeiros do samba no Brasil. Pra mim é um lugar valoroso é um reduto que tem tudo pra ser uma referência”.*

São Mateus tende a preservar a memória dos antigos redutos cariocas e paulistanos para que os novos tenham como exemplo, principalmente em valorizar e respeitar a vanguarda do samba, os cardeais, baluartes, embaixadores(as) e a velha guarda das escolas de samba. Especial atenção é dada ao tripé da cultura afro-brasileira: religiosidade afro, samba e capoeira, resultando em um impacto nas vidas, uma transformação sociocultural. Destaca-se no processo decolonial, quebrando a hegemonia da lógica capitalista e racista, adotando a lógica do aquilombamento cultural e urbano. O reduto do samba de São Mateus não é apenas uma territorialidade física, mas também um território de aprendizado para alguns e uma escola para outros. Visualiza-se como uma universidade social, cultural e política do Samba, onde não apenas sambistas, mas seres humanos são formados, contribuindo para a transformação social e cultural da sociedade.

As narrativas dos interlocutores deste trabalho de pesquisa destacam o reduto de São Mateus como um território que cultua a ancestralidade afro-brasileira, onde o gênero musical samba é essencial. É também um território político, onde seus habitantes buscam alternativas para sobreviver, gerando transformações socioculturais, educacionais e econômicas.

O Reduto do Samba é um terreiro sagrado do Samba, revelando para a sociedade que São Mateus possui sua memória ancestral negra, gestada, parida e educada simbolicamente por mulheres que assumiram a responsabilidade de cuidar de todos. Este convite é uma chamada para que todos, como fizeram até o momento, se engajem nas lutas emancipatórias pela garantia de

¹²⁸QUINTETO BRANCO E PRETO. Berço do Samba de São Mateus. Álbum. Sentimento popular. Gravadora. Trama. Ano. 2003. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EUn8Czoy1_Q> acessado em: 06 de outubro de 2022.

direitos, busquem equidade social e usem suas magias negras aliadas ao samba para concretizar que São Mateus é um Reduto Negro do Samba.

Este capítulo teve a intenção de mostrar uma história que nunca foi contada, escrita em livros didáticos, devido à violência epistemológica causada pelo eurocentrismo e à política de apagamento cultural e social. São Mateus possui suas memórias culturais, coletivas e sociais, e neste território encontra-se um quilombo urbano e cultural, como evidenciado nas entrelinhas destas humildes folhas.

Entre uma roda de samba e outra nos quintais das tias, dos quais não tive acesso a alguns por serem ancestrais, mas tive a permissão de participar de outros, senti um pouco do que era este Território sagrado do Samba ao ver um raio de sol no meio da roda de samba no quintal de Tia Filó, quando seus filhos começaram a cantar a canção de Dona Ivone Lara – “Sorriso Negro.” Da mesma forma, ao lavar meu orí (cabeça) e beber água do poço de Dona Severina, e nos encontros na casa de Tia Cida, sempre foram emocionantes, abençoando-me em cada caminho percorrido ao acompanhar esta divindade chamada Samba.

Escrever sobre o samba de São Mateus é mostrar um pouco da história do Brasil, destacando o protagonismo das mulheres negras e pobres que assumiram diversas responsabilidades perante suas comunidades, em especial acolher, educar, dar afetividade, ensinar e aprender a fazer política. Para as próximas gerações, é fundamental não esquecer o movimento Sankofa, para enfrentar os diversos códigos e simbologias das ruas e do mundo e defender a comunidade, como as verdadeiras ialodês.

Considerações Finais

Esta pesquisa teve como objetivo mostrar a importância do gênero musical samba como agente transformador social, impactando diversas vidas diariamente. Com a magia do encantamento das palavras, remete-nos à magia que o configura, conduzindo-nos, assim como EXU, aos caminhos dos redutos que compõem o universo sambista de São Mateus, com especial atenção entre as décadas de 90 e 2000, período em que se consolidou como um dos maiores Terreiros Sagrados do Samba do Brasil, até o presente momento.

No balançar das cadeiras, nas batidas na palma das mãos, no riscar do chão, nos versos do partido alto, no samba choro e no tambor de crioulo, São Mateus marca presença na cultura e na música popular brasileira. Assim, traz a coletividade, sociabilidade e solidariedade para que a vida seja resignificada na identidade da negritude brasileira. As raízes coloniais impregnadas na sociedade contribuem para a tentativa de apagamento social, forjado pela imposição das relações de poder geradas pelo senso comum e os conflitos étnicos gerados pela cultura do universalismo pela branquitude.

Esses estudos propuseram a compreensão da transformação social e cultural a partir dos quintais das tias de São Mateus, que deram frutos para a MPB, mostrando que São Mateus é o reduto do samba que transforma vidas de forma positiva dentro da sociedade brasileira. Da mesma forma, esses estudos atendem aos proporcionou em termo considerando o tema de pesquisa e o problema de investigação, considerando os objetivos traçados, diante do foco escolhido para poder ser concentrar, no desenvolvimento investigado, sob os resultados alcançados como mostrado a cada capítulo.

Assim, a hipótese concebida para esta pesquisa foi confirmada ao demonstrar que o Reduto do Samba de São Mateus proporciona as transformações sociais, culturais, políticas e econômicas impactando diversas vidas. Entre o passado e o presente,

construiu diversos exemplos em forma de espelho a serem seguidos pela nova geração de sambistas do país. Com enfoque da valorização da cultura afro-brasileira, propondo novos caminhos para uma nova sociedade, moldada com base no respeito a outras ciências, culturas, promovendo a equidade social.

Como plano de fuga para romper com as forças hegemônicas, famílias, mulheres, homens e adolescentes passam a integrar as lutas pela garantia de direitos, em resposta e denúncia às omissões do estado. Assim, as rodas de samba se tornam um ponto de estratégia em promover lazer, entretenimento e fortalecimento para a construção crítica e política dos subalternizados, para que suas vozes sejam ecoadas e levadas pelo vento, alcançando lugares desconhecidos como forma de denúncia, mostrando a realidade social.

Compreender o gênero musical samba vai além da diversão, remete às suas raízes nas ancestralidades afro-africanas, à coletividade e ao caráter político perante seus adeptos, impactando vidas e territórios, ocasionando transformações sociais, culturais, políticas e econômicas, nas quais a comunidade negra paulistana é cada vez mais fortalecida pela ancestralidade, religiosidade e cultura afro, nunca deixando de ressignificar-se perante a branquitude e o Estado.

Além disso, as rodas de samba desenvolvidas no distrito de São Mateus apresentam cada uma um diferencial musical dentro das vertentes do samba, conforme narrativas da Sra. Margarete. No mesmo depoimento, notamos outra expressão sambística e suas manifestações culturais, como o carnaval com o bloco do Tonela, lembrando que ambas as manifestações foram absorvidas pelo tempo e permanecem nas memórias culturais do distrito de São Mateus.

Devido à proximidade territorial, voltamos ao bairro de Vila Flávia, onde encontramos Tia Filó e seu quintal, conhecendo um pouco mais deste Território Sagrado do Samba de São Mateus.

A importância de valorizar a memória negra do samba na cidade de São Paulo, entre o hoje e o ontem, diante das encruzilhadas da vida e dos caminhos proporcionados por Exu e os caminhos de Ogun, nos levou até São Mateus. Chegando a este ponto, torna-se evidente a necessidade de novas produções científicas para investigar o Reduto do Samba de São Mateus, a partir desta pesquisa nota-se importância que as próximas gerações possam dar continuidade a novos trabalhos científicos iniciados por esse estudo, para o fortalecimento da cultura e a música popular brasileira.

Glossário

Este glossário fornece as palavras traduzidas do idioma africano yorubá para o português, para a melhor compreensão, portanto os dicionarizados está *italico* no texto e a grafia das palavras em yorubá estarão em colchetes.

A

Agueré [Àgèrẹ́]: A dança e toque do candomblé em homenagem para todes os orixás caçadores.

Aié [Àiyé]: terra.

Ataré [Ataré]: Pimenta africana, conhecida como pimenta da costa

Axé [aṣẹ]: a palavras axé é uma palavra advinda da cultura dos povos africanos iorubás, significa, “a força vital, é a energia que existente os planos físicos, social e espiritual”, é a “força máxima para se atingir um objetivo”. (Sàlamí: Ribeiro, 2011: 43), para os adeptos da religião de matriz africana candomblé da nação de Ketu, traz a tradução linguística dentro do culto que, é comandado pelo orixá, ou, na significação de uma palavra que traz força, energia sobrenatural que vem do orixá e da natureza.

B

Banzo [Banzo]: palavra africana de origem quimbundo que significa tristeza, ou, saudade

E

Ebó [Ẹbọ] =oferenda ou ofertar

Ẹgbé ọrun [Ẹgbé]: Família espiritual

Ekedji [Equedije]: É uma palavra derivada do candomblé da nação Ketu, são mulheres escolhidas pelos orixás para cuidar dos orixás e a família

Exu [Ẹṣù]: Exu, orixá da comunicação entre os seres humanos com o panteão dos orixás. Exu é orixá, da fertilidade, dos caminhos o primeiro a ser reverenciado no panteão dos orixás.

G

Griots: São as pessoas que pertencem a melhor idade, ou as, mais velhas, consideradas pela sociedade africana, principalmente da África Ocidental, onde estão situados os pais: Benin, Burkina Faso, Cabo Verde, Costa do Marfim, Gâmbia, Gana, Guiné, Guiné-Bissau, Libéria, Mali, Mauritânia, Níger, Nigéria, Senegal, Serra Leoa e Togo. São pessoas muito importantes para repassar os conhecimentos da cultura para outros, principalmente para os mais novos. No Brasil, em especial, usamos este termo para referendar os (as) catedrais, matriarcas, embaixadores e sambistas, nas rodas e escolas de samba.

I

laô [Iyawo]: são os jovens iniciados, ou seja, filhos(as) de orixá que estão começando a carreira/ caminho no desenvolvimento espiritual dentro da comunidade de candomblé, para que, o amanhã possa exercer o cargo de yalorixá ou babalorixá, ressaltamos que os iyawos, todes entram em transe.

Itan: é um conjunto de histórias e lendas contadas pelos povos africanos iorubás, são retratados a passagens e a existência e a trajetória dos orixás que envolve canções, rezas, ritos e ensinamentos as comunidade/ famílias no culto das religiões de matrizes africana, em especial o candomblé da nação de Keto.

O

Ofò [Ọfọ]: encantamento das palavras, ou, cantiga/ música de encantamento.

Ogan[Ògán]: A palavra *ogan*, no culto das religiões de matrizes africanas- candomblé da nação de Ketu, possui o significado de o cheche, o homem que protege o *ilé* (casa) e uma de suas funções é tocar os atabaques, o responsável em fazer a conexão entre os seres humanos em trazer as energia dos orixás para a terra. Segundo o dicionário em yorubá, a palavra “*ògàn*” possui o significado de ébano yorùbá (MILAGRES, 2020:92)

Oju[Ọju]: olhos

Oríkí [Oríkí]: É um saber ancestral usado por adeptos da religião de matriz africana candomblé da nação de Ketu, através da troca do conhecimento entre a dirigente ensina o mais novo.

Orun[Ọrun]: céu

R

Rum, Rumpi, Lé: são instrumentos musicais de percussão, conhecidos fora das religiões de matrizes africanas como, tambores, tumbadoras, ou congas. São revestidos de madeira dos lados e ferro, a boca é coberta com pele de animais. A função dos atabaques dentro do culto dos orixás, nkisis, voduns e entidades nas religiões afro-brasileira, que os orixás sejam convidados a participar da festividade com os seres humanos, ou seja, os batuques dos atabaques estabelecem a conexão entre os humanos e o sagrado

X

Xiré [şiré]: Brincar

Y

Yabá[Yabá]: Termo usado para as orixás femininas.

Yalorixá [iyálòrìşá]: São consideradas as lideranças e “figuras centrais de uma casa de candomblé e seus nomes já as identificam como a "mãe que cuida do orixá", sendo os chefes de um Axé. São pessoas especialmente escolhidas por Olorum para ajudar a organizar a vida de muitas pessoas no aiê”. (Kileuy;Oxaguiã, 2009, p. 57)

Referência Bibliográfica

ACSELRAD, Henri : COLI Luis Régis: **Disputas territoriais e disputas cartográficas**. In. Cartografias sociais e território Henri Acselrad (organizador).-- Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008. 168 p. ;

ALEXANDRE, Cláudia Regina: **Orixás no terreiro sagrado do samba: Exu e Ogum no candomblé da Vai-Vai/** Claudia Regina Alexandre. – Rio de Janeiro, RJ: Fundamentos do Axé, 2021.

ALMEIDA. Maria do Socorro Pereira; BEZERRA. Simone Maria. **ESCREVIVÊNCIA: Escrita, identidade e o eu feminino negro em Ponciá Vicência de Conceição Evaristo**- Revista Científica da FASETE – vol. 01 – Ano: 2019.

ALMEIDA, Silvio Luiz de: **Racismo estrutural** / Silvio Luiz de Almeida. - São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019. 264 p.

AKOTIRENE, Carla: **Interseccionalidade**: São Paulo: Sueli Carneiro: Editora: Jandira: Ano: 2019.

AMARAL, Aracy A: **A arte pública em São Paulo**. 1998, Anais. São Paulo: SESC, 1998.

ANGILELI, Cecília Maria de Moraes Machado. **Paisagem revelada no cotidiano da periferia**: Distrito de Brasilândia, Zona Norte do Município de São Paulo. 2007. Dissertação (Mestrado em Paisagem e Ambiente) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Doi:10.11606/D.16.2007.tde-04082010-162238. Acesso em: 2023-07-23.

APPIAH, Anthony Kwame: **A identidade como um problema/** Anthony Kwame Appiah. In. Identidades, organizado por Brasílio Sallum Jr., Lilia Moritz Schwarcz, Diana Gonçalves Vidal e Afrânio Mendes Catani. Editora: EdUSP, 2005, 192.p

ARAUJO, Cleusa Suzana Oliveira de; FERST, Enia Maria; VILELA, Marcos Vinícius Ferreira. **Diferença entre Estado da Arte e Estado do Conhecimento**. In. Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências. JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira; CORCI, Michel Batista: - 1. ed. - Maringá, PR: Gráfica e Editora Massoni, 2021.

BHABHA. Homi K. **“A outra questão. O estereotipo, a discriminação e o discurso do colonialismo”** , In O local da cultura. tradução de Myriam Avila, Eliane Livia reis, Glaucete Gonçalves. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

BARDIN, Laurence: **Análise de Conteúdo/** Laurence Bardin. 1ª ed. - Edição: 70 - 2015, 288.p

BRANDÃO, Gersonice Ekede Sinhá Azevedo. **Ekede a mãe de todos- Terreiro Casa Branca**. Gersonice Ekede Sinhá Azevedo Brandão, org. Barabô gráfico: Editora: 2016.

BRUNO, Leonardo: **Canto de rainhas: o poder das mulheres que escreveram a história do samba/** Leonardo Bruno. - 1 ed. - Rio de Janeiro- Editora: Agir, 2021. 416 p.

BOLÃO, Oscar. **Batuque é um privilégio: a percussão na música do Rio de Janeiro para músicos, arranjadores e compositores**. São Paulo: Irmãos Vitale, 2010.

BORGES, Juliana: **Encarceramento em massa /** Juliana Borges. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios de Psicologia Social**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

CANCIAN, Vanessa: **Do interior para o centro: umbigo, a semba que faz nascer samba**. In. Movimento samba: 10 anos de samba sampa/coordenação Maitê Freitas. - 1.ed.- São Paulo: Oralituras, 2023.

CARMO, Fabiana Marques: **Tauá e o Jardim da Conquista: A mulher na luta por moradia** /Fabiana Marques do Carmo. São Paulo, FMU, Serviço Social, Trabalho de Conclusão de Curso, orientada pela Dra. Fabia Ribeiro Barbosa, 2012. 94 páginas.

_____: **As múltiplas influências do samba nas periferias da cidade de São Paulo**/ Fabiana Marques do Carmo- Monografia em Lato Sensu, orientada por Dr. Prof. Tiaraju Pablo D´Andreas - Universidade Federal de São Paulo, 2023.

CARMO, Fabiana Marques do; CARVALHO, Claudia Cristina Ferreira: **Os quintais do samba das Tias chamado São Mateus**. In. Experiências sobre diversidades: saberes, práticas e diálogos / Marcos da Cruz Alves Siqueira, Harryson Júnio Lessa Gonçalves, Deise Aparecida Peralta, Liliane Santos de Camargos(organizadores) – Curitiba: CRV, 2023, 168. P.168

CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. / Aparecida Sueli Carneiro. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CAMARGO, Candido Procópio: SOUZA, Beatriz Muniz; PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira: **Comunidades Eclesiais de Base**. In. SINGER, Paul: BRANT, Vinicius (orgs) - São Paulo: o povo em movimento. Petrópolis- Rio de Janeiro – Editora: Vozes, 1980.

CARNEIRO, Aparecida Sueli: **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**./ Aparecida Sueli Carneiro, [Tese] Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo, 2005, 339. p.

CARRIL, Lourdes. **Quilombo, favela e periferia: a longa busca da cidadania**/ Lourdes Carril. - São Paulo: Annablume: Fapesp, 2006.

CARVALHO, Claudia Cristina Ferreira: **Os espelhos das exclusões radicais: o mundo prisional feminino brasileiro visto do outro lado da linha abissal** / Claudia Cristina Ferreira Carvalho. - 2017- [Tese]- Programa e Pós Graduação em Educação - Universidade Federal do Mato Grosso, Mato Grosso, 2017.

_____: **Ser no brincar, o brincar de ser o grupo: um estudo sobre a noção de pertença numa comunidade negra do Mutuca em Nossa Senhora do Livramento-MT** / Claudia Cristina Ferreira Carvalho. – 2008. 179 p.: il.; color.

CARVALHO, José Jorge de: **Encontro de Saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras**. In. COSTA, Joaze Bernadino: TORRES, Nelson Maldonado: GROSFOGUEL, Ramón. **Introdução Decolonidade e pensamento afro diaspórico**. / organizadores Joaze Bernardino - Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel- 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 (coleção Cultura negra e Identidades).

CARVALHO, José Murilo de: **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CÉSAIRE, Aimé: Discurso sobre a negritude/ Aimé Césaire: Carlos Moore (Organização)- Belo Horizonte: Tradução: Ana Maria Gini Madeira: Editora: Nandyala, 2010.

COLLINS, Patricia Hill: Epistemologia feminista negra. In. COSTA, Joaze Bernadino: TORRES, Nelson Maldonado: GROSFOGUEL, Ramón. **Introdução Decolonidade e pensamento afro diaspórico**. / organizadores Joaze Bernardino - Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel- 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 (coleção Cultura negra e Identidades).

COSTA, Joaze Bernardino: TORRES, Nelson Maldonado: GROSFOGUEL, Ramón. **Introdução Decolonidade e pensamento afrodiaspórico**. / organizadores Joaze Bernardino - Costa, Nelson Maldonado-Torres, Ramón Grosfoguel- 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020 (coleção Cultura negra e Identidades).

CLIFFORD, James: **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**/ James Clifford; organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002. 320 p.

D'ANDREAS, Tiarajú Pablo: **A formação das sujeitos e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo** / Tiaraju Pablo D' Andrea 1º ed. - São Paulo. Editora: Dandara, 2022. 90 p.

_____: 40 ideias da periferia: história, conjuntura e pós pandemia/ Tiaraju Pablo D'Andreas. - 1ª ed. - São Paulo- Editora: Dandara. 2020.

EVARISTO, Conceição: **Becos da Memória**/ Conceição Evaristo. 1ª ed. - Editora: Pallas, 2017. 200. p.
_____. Olhos **d'água**. In: *Cadernos negros 28: contos*. São Paulo: Quilombhoje, 2005. p. 15-39.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**/ Frantz Fanon: Tradução de Renato da Silveira. - Salvador- Bahia: Editora: EDUFBA, 2008. 320. p.

FAUSTINO, Carmem. **Licença para chegar, cantar, sambar e escrever**. In. COLETÂNEA SAMBAS ESCRITOS: Carmem Faustino, Maitê Freitas, Patrícia Vaz (org)- São Paulo: Polén, 2019.

FERRAREZ, Angélica: **Temporalidade, memória e patrimônio**. In. Raízes e asas: memória para autonomia negra/ [organização Natália Carneiro].- 1.ed. – São Paulo, SP: Oralituras, funda Rosa Luxemburgo, Casa Sueli Carneiro, 2023.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia do oprimido** - 17ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Maitê: **Movimento samba: 10 anos de samba sampa**/ coordenação Maitê Freitas. - 1ª ed. – São Paulo: Oralituras.

GEERTZ, Clifford: **A interpretação das culturas**: Tradução: Fanny Wrobel: Editora: Zahar: Ano 1978.

GOMES, Cleomar Ferreira: Reflexões sobre a “gramática corporal” de alunos de educação física no ensino médio noturno. 17 COLE (Congresso de Leitura do Brasil)- da Revista Leitura: Teoria & Prática, publicado no ano 2009, leiam em: <https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem20/COLE_758.pdf

GONZALEZ, Lélia: **Racismo e sexismo na cultura brasileira**, In. Por um feminismo afro-latino-americano: intervenções / organização Flávia Rios, Márcia Lima. - 1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2020

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** Stuart Hall; Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro: 11. ed.: Editora: DP&A: Rio de Janeiro: Ano: 2006.

HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul: **Etnografia: princípios em práticas**/ Martyn Hammersley, Paul Atkinson: tradução de Beatriz Silveira Castro Filgueira. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. 472p.

HOOKS, Bell: **Ensinando Comunidade: uma pedagogia da esperança**. São Paulo: 1ª Ed.- Editora: Elefante, 2021.

HOLSTON, James- **A cidade insurgente: Disjunções da democracia e da modernidade no Brasil**; Tradução Claudio Carina; Revisão técnica Luísa Valentini. — 1ª-ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

HUDSON-WEEMS. Cleonora: **Mulherismo africana: recuperando a nós mesmos**/ Cleonora Husson-Weems; tradução de Wanessa A. S. P. Yano. - 1ª ed. - São Paulo: Editora: Ananse, 2020.

IAMAMOTO, Marilda Villela: **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional**. 8ª ed. São Paulo: Cortez: 1999.

IPHAN: **Dossiê das matrizes do samba no Rio de Janeiro**. Brasília: IPHAN, 2006.

_____: **Dossiê Sítio Arqueológico Cais do Valongo**. Brasília, DF: Instituto Patrimônio Histórico Nacional, 2016. 443p.

_____: **Dossiê Jongo no Sudeste**. Brasília, DF: Iphan, 2007. 92 p

_____: **Matéria do INRC - Pesquisa em São Paulo identifica grupos de Congadas**, publicada em 06 de dezembro de 2017, leiam em: < <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/4467/inrc-pesquisa-em-sao-paulo-identifica-grupos-de-congadas> > visitado em: 07 de julho de 2023.

JESUS, Maria Carolina. **Quarto de despejo- Diário de uma favelada/** Carolina Maria de Jesus: Ilustração: Vinicius Rossignol Felipe. - 10.ed. São Paulo: Ática, 2014 [1960].

KAÇULA. Tadeu. **Casa Verde: uma pequena África paulistana/** Tadeu Kaçula- São Paulo, SP: Editora: Liber Ars, 2020.

KILEUY. Odé Kileuy; OXAGUIÃ. **O candomblé bem explicado (Nações Bantu, Iorubá e Fon)**. / Odé Kileuy e Vera de Oxaguiã. Organização: Marcelo Barros. Rio de Janeiro- Editora: Pallas, 2009. 554 p.

KOWARICK, Lucio; BONDUNKI, Nabil: **Espaço urbano e espaço político: do populismo à redemocratização**. In. As lutas sociais e a cidade: São Paulo, passado e presente/ Clara Ant. [et al.]; Lúcio Kowarick, coordenador; -2. ed.rev. E. atual. - Rio de Janeiro: Editora: Paz e Terra, 1994.

KRENAK, Ailton: **Os caminhos para a cultura do bem viver**. / Ailton Krenak. Organização de Bruno Maia. - São Paulo, Cultura do Bem Viver, 2020. 36 p.

LODY, Raul: **O povo do santo: religião, histórias e cultura dos orixás, voduns, inquices e caboclos** / Raul Lody. - Rio de Janeiro: Pallas, 1995. 272 p.

MAGGIE, Yvonne: **Guerra de Orixá: Um estudo de ritual e conflito/** Yvonne Maggie. - 3ª ed. - Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2001.

MAGNANI. José Guilherme Cantor: **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. / José Guilherme Cantor Magnani. São Paulo- 1ª ed. Editora: Brasiliense, 1984. 194 p.

MALINOWSKI, Bronislaw: **Argonautas do pacífico ocidental: Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia/** Bronislaw Malinowski: prefácio de Sr. James George Frazer; tradução de Anton P. Carr e Ligia Aparecida Cardieri Mendonça: revisão de Eunice Ribeiro Durham. 2ª ed.- São Paulo: Abril Cultural, 1978 [1922].

MARTINS, Leda: **Afrografia da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá/**Leda Maria Martins. - São Paulo: perspectiva: Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997. - (Coleção Perspectiva)

MAUSS, Marcel: **Sociologia e antropologia- Precedido de uma Introdução à obra de Mareei Mauss por Claude Lévi-Strauss**. Textos Georges Gurvitch e Henri Lévy-Bruhl Tradução Paulo Neves/ Marcel Mauss. São Paulo: Cosac & Naify, 2003[1950]. 520 p.

MORICONI, Lucimara Valdambrini: **Pertencimento e identidade**: Campinas, SP: [s.n.], 2014: Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

MOURA, Roberto: **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro/** Roberto Moura. - 2ª edição -Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995. 178 p.

MUNIZ, Sodré: **Samba, o dono do corpo** / Muniz Sodré. - 2ª ed. - Rio de Janeiro: Editora: Mauad, 1998, 107p.

_____: **O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira/** Muniz Sodré. - Rio de Janeiro: Imago Ed.; Salvador, BA: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

MURA, Fabio: **A política como técnica de uso e como ato transformador: algumas reflexões a partir do caso dos Kaiowa de Mato Grosso do Sul.** In. Técnica e transformação: perspectivas antropológicas / organização de Carlos Emanuel Sautchuk. -- Rio de Janeiro: ABA Publicações, 2017. 500 p.

MUSA, Nicolau Augusto: **O samba como instrumento de transformação social: Afeto, Cultura e Política na Comunidade de Samba do Pagode da 27** / Nicolau Augusto Musa- Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2022. 115 p.

NASCIMENTO, Abdias do: **O quilombismo/** Abdias do Nascimento. -2. ed.- Brasília/ Rio de Janeiro: Fundação Palmares /QR. Editor Produtor, 2002.

NASCIMENTO, Beatriz: **Uma história feita por mãos negras: relações raciais, quilombos e movimentos/** Beatriz Nascimento; organização Alex Ratts. -1ª ed. - Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

NASCIMENTO-JÚNIOR, Braz José do: **Anatomia humana sistemática básica** / Braz José do Nascimento Júnior; Ilustrações Orlando Matos de Almeida Neto (Myl Hause). – Petrolina, PE: UNIVASF, 2020. 228 p.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké: **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero** / Oyèrónké Oyèwùmí; tradução Wanderson Flor do Nascimento. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OMETTO, Ana Maria H.; FURTUOSO, Maria Cristina; SILVA, Marina Vieira da: **Economia brasileira na década de oitenta e seus reflexos nas condições de vida da população.** Revista Saúde Pública. 1995 Disponível: <<http://www.scielo.br/j/rsp/a/XRCdDpSndmxTY5J7wXz6tXn/abstract/?lang=pt#>> acessado em: 16 de junho de 2023.

PELOSO, Rufino: **Trabalho de Base- Seleção de roteiros organizados Cepis.** 1ª ed.- Editora: Expressão Popular. 2012. 152 p.

PELTO, Pertti J.: **Iniciação aos estudos da antropologia: com um capítulo sobre sugestões de métodos para professor.** / Pertti J. Peltó. Tradução: Waltensir Dutra. - 2ª edição. - Editora: Zahar. Rio de Janeiro, 1971.

PEREIRA, William Cesar Castilho: **Dinâmica de grupos populares.** 1ª ed. – Petrópolis. Editora: Vozes

PRANDI, Reginaldo: **Mitologia dos orixás/** Reginaldo Prendi; ilustrações e Pedro Rafael. – 1ª. ed. – São Paulo. Editora: Companhia das Letras, 2001.

POVOAS, Ruy do Carmo: **Itan dos mais velhos/** Ruy do Carmo Póvoas. 1ª. ed. EDITUS – UESC – 2004

RATTS, Alex J. P: **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento.** São Paulo: Instituto Kuanza; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

ROSA, Allan da: **Pedagoginga: autonomia e mocambagem/** Allan da Rosa. - São Paulo: Jandaíra, 2020.

RUFINO, Luiz: **Pedagogia das encruzilhadas/** Luiz Rufino - Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019. 164 p.

QUEIROZ, Lucileide; PASSOS, Luiz Augusto: **A percepção dos moradores de rua com o corpo próprio em estar no /ao mundo.** In. RuAção: das epistemologias da rua à política da rua/ organizados por Solange T. de Lima Guimarães, Claudia Cristina Ferreira Carvalho, Luis Augusto Passos, José Marín. Cuiabá-MT: EdUFMT, 1ª ed.- Editora Sustentável, 2014.391 p.

SÀLAMÍ, Síkirú; RIBEIRO, Romilda Iyakemi. **Exu e a ordem do universo** / Síkirú Sàlamí e Romilda Iyakemi Ribeiro. São Paulo: Editora: Oduduwa, 2011. 478 p.

_____. **Ogum. Dor e júbilo nos rituais de morte**/ Síkirú Sàlamí. São Paulo: Editora: Oduduwa, 1997 - 147 p.

SANTOS, André Augusto de Oliveira: **O “batuque dos engraxates” e o jogo da “tiririca”: duas culturas de rua paulistanas.** XXVII-Simpósio Nacional de História- Conhecimento histórico e diálogo social- Natal - RN- 22 a 26 de junho de 2013- ANPUH.

SANTOS, Fernanda Fernandes dos: **Escola de Samba em São Paulo: identidade e engajamento**/ Fernanda Fernandes dos Santos. Dissertação de Mestrado em Ciências- Pós- Graduação em Mudança Social e Participação Política, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo- USP - São Paulo, 2013. 114.p.

SANTOS, Milton: **Por uma Geografia Nova.** São Paulo: Editora: Hucitec, Edusp, 1978

SIMAS, Luiz Antonio: RUFINO. Luiz: **Fogo no mato: As ciências das macumbas**/ Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino. Rio de Janeiro: 1ª ed.- Editora: Módulo, 2018. 124.p.

SIMAS, Luiz Antonio: **O corpo encantado das ruas**/Luiz Antonio Simas. -12. ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2023.

SINGER, Paul; BRANT, Vinicius Caldeira: **São Paulo: o povo em movimento.** Paulo Singer e Vinícius Caldeira Brant (orgs.). Petrópolis: Vozes - São Paulo; CEBRAP, 1980. 231 p.

SODRÉ, Muniz: **A verdade seduzida - por um conceito de cultura no Brasil.** Rio de Janeiro: 1ª ed. Editora: Lamparina, 2005. 168 p.

SOUSA, Adriano Jose de: **Cotidiano e Lutas Sociais na Periferia de São Paulo: Sujeitos Históricos da Urbanização de São Mateus (1950-1992)** / Adriano Jose de Sousa. Programa de Pós- Graduação em História Social da Faculdade de Filosofia Letra da Universidade de São Paulo, 2022. 303 p.

SOUSA, Amanda Freire de: LIMA, Priscila Machado. **Memórias de um São: Mapeamento e memória cultural da região de São Mateus.** São Paulo: Metalibri, 2015.

SOUZA, Diego Oliveira: **Entre violência e (in) justiça: o esquadrão da morte paulista (1968-1979)**”, revista MOUSEION, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/mouseion> Canoas > acessado em: setembro de 2023.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty, 1942. **Pode o subalterno falar?** / Gayatri Chakravorty Spivak; tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STRATHERN, Marilyn: **O efeito etnográfico e outros ensaios.** Coordenação editorial: Florencia Ferrari. Tradução: Iracema Dullei, Jamille Pinheiro e Luísa Valentini. São Paulo: Cosac Naify, 2014. 576 p.

ROCHA, Everardo P. Guimarães: **O que é etnocentrismo.** / Everardo P. Guimarães Rocha. 11º. ed. São Paulo: Editora: Brasiliense, 1994. 96 p. (Coleção Primeiros Passos, 124).

TURNER, Victor: **Dramas, campos e metáforas: ação simbólica na sociedade humana** /Victor Turner; tradução de Fabiano de Moraes, Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

TYLOR, Edward B: **A ciência da cultura.** In: CASTRO, Celso (org.). Evolucionismo cultural – textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Zahar, 2005 [1871]. p. 68- 99.

VON SIMSONS, Olga Rodrigues de Moraes: **Branco e negro no carnaval popular paulistano- 1914- 1988.** / Olga Rodrigues de Moraes Von Simpsons. [Tese] Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade São Paulo, 1989.

Artigos e Revistas

ARAÚJO, Vitor M: **Por um rizoma dos sambas de enredo: faces da negritude. Policromias** – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 234-254, dez. 2020

BARRADAS, Mírian; FRELING, Guilherme: A comida como um foco de resistência da herança negra no Brasil: Novembro Negro - Além das comunidades tradicionais, a valorização da culinária de matriz africana se dá em empreendimentos com foco nesse tipo de cozinha, que enfatizam seus aspectos de afeto e pertencimento. **Jornal da Universidade Secretaria de Comunicação Social/UFRGS**, matéria publicada em 18 de novembro de 2021, disponível em:

< <https://www.ufrgs.br/jornal/a-comida-como-um-foco-de-resistencia-da-heranca-negra-no-brasil/#:~:text=A%20chef%20destaca%20que%20existe,feij%C3%A3o%20tropeiro%20e%20no%20cuscuz> > acessado em: 24 de julho de 2023.

BORGES, S. R.; BECKER, S.; SERAGUZA, L.; DOS SANTOS, Y. T: “A Dona da Rua (...)”: transcrevendo o projeto de pesquisa de Satine (Rodrigues Borges) junto ao PPGAnt/UFGD. **Revista Ñanduty**, [S. l.], v. 10, n. 16, p. 138–152, 2022. DOI: 10.30612/nty.v10i16.16770. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/nanduty/article/view/16770> >. Acesso em: 18 jul. 2023.

DA MATTA, Roberto: Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e modernidade. **Rev. Mana-estudos de Antropologia Social**, ano 2000. Disponível em: < <https://doi.org/10.1590/S0104-93132000000100001> > acessado em: 02 de junho de 2023.

CALDERÓN, Adolfo Ignacio. Participação Popular: uma abordagem na lógica da função governativa, **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 9, n. 4, 1995. Disponível em: <http://issuu.com/adolfocalderon/docs/participa_o_popular > acesso em: 14 de julho de 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da Discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, 1º semestre de 2002. Tradução Liane Schneider. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/?lang=pt&format=pdf> > Acesso em: 26 de maio de 2023.

EVARISTO, Conceição: Esse lugar também é nosso. Escritora Conceição Evaristo busca vaga na Academia Brasileira de Letras. Entrevista concedida a Ana Paula Acauan, **Revista PUCRS**, Nº 191, Julho/Setembro de 2019. Disponível em:<<https://www.pucrs.br/revista/esse-lugar-tambem-e-nosso/> >. Acesso em: 03 de junho de 2023.

FABRI, Marcelo: O homem é o Animal que “Toma Carne”: Corpo Próprio e Vulnerabilidade. **Revista Ágora Filosófica**, [S. l.], v. 20, n. 3, p. 05–24, 2020. DOI: 10.25247/P1982-999X.2020.v20n3.p05-24. Disponível em: <<https://www1.unicap.br/ojs/index.php/agora/article/view/1687> > Acesso em: 24 maio. 2023.

FAVRET-SAADA, Jeanne: Ser afetado, de Jeanne Favret-Saada: tradução de Paula Siqueira e Revisão de Tania Stlze Lima. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263/54376>> Acesso em: 28 de maio de 2023.

FERREIRA, Jaqueline: O corpo sígnico. In: ALVES, Paulo César; MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs). **Saúde e doença: um olhar antropológico**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1994. p. 101-112. Disponível em:< <http://books.scielo.org/id/tdj4g/pdf/alves-9788575412763-09.pdf> > acessado em: 22 de maio de 2023.

FERRENHA, Danylo de Almeida. **Discutindo história oral africana**. 2010. Disponível em: <<http://discuthistoria.blogspot.com.br>>. Acesso em: 13 de julho de 2023.

FONSECA, Claudia: Quando cada caso NÃO é um caso Pesquisa etnográfica e educação: **Revista Brasileira de Educação** - Nº 10 – Mês: Jan/Fev/Mar/Abr do ano de 1999. Trabalho apresentado na XXI – Reunião Anual da ANPED, Caxambu, setembro de 1998.

_____: **Família, Fofoca e Honra**: etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2004.

FONTANA, Mônica G. Zoppi: **Lugares de enunciação e discurso**: Lugares de enunciação e discurso: II Congresso Internacional da Abralin, realizado em Fortaleza, em março de 2001: Leitura – Análise do discurso, n. 23: 15-24, 1999: Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/332286407> - Acessado em: 02 de junho de 2022.

GARCIA, Bruno dos Santos; AZEVEDO, **Amailton Magno**: Memórias de devoção e saberes ancestrais afrodiáspóricos: A Irmandade de São Benedito da Casa Verde, São Paulo (SP). **ODEERE**, [S. l.], v. 3, n. 6, p. 198-225, 2018. DOI: 10.22481/odeere.v3i6.4326. Disponível em:< <https://periodicos2.uesb.br/index.php/odeere/article/view/4326> > acesso em: 7 jul. 2023.

GOHN, M. da G. 500 anos de lutas sociais no Brasil: movimentos sociais, ONGs e terceiro setor. Mediações - **Revista de Ciências Sociais**, Londrina, v. 5, n. 1, p. 11–40, 2000. DOI: 10.5433/2176-6665.2000v5n1p11. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/9194>. Acesso em: 24 jul. 2023.

GONZALEZ, Lélia: Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje - Anuário de Antropologia**, São Paulo: Anpocs, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4130749/mod_resource/content/1/Gonzalez.Lelia%281983-original%29.Racismo%20e%20sexismo%20na%20cultura%20brasileira_1983.pdf > acessado em: 28 de maio de 2023

HAESBAERT, Rogério: Do corpo-território ao território-corpo (da Terra): Contribuições decoloniais. **Revista GEOgraphia**, v. 22, n. 48, 16 jun. 2020. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/geographia/article/view/43100> > - Acessado em: 26 de maio de 2023.

KROEF, Renata Fischer da Silveira; GAVILLON, Póti Quartiero e RAMM, Laís Vargas: Diário de Campo e a Relação do(a) Pesquisador(a) com o Campo-Tema na Pesquisa-Intervenção. **Estud. pesqui. psicol.** [online]. 2020, vol.20, n.2, pp. 464-480. ISSN 1808-4281. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.52579> > acessado em: 26 de junho de 2023.

LEÃO, Thiago: Chão de fábrica: o que é e como aumentar a produtividade de pessoas e máquinas. In. **Blog Industrial Nomus**, Rio de Janeiro, 06 de setembro de 2022. Disponível em:< <https://www.nomus.com.br/blog-industrial/chao-de-fabrica/> > acessado em: 14 de julho de 2023.

MARTÍN, J.C.G; MADROÑAL, A.C: Antropologia comprometida, antropologia de orientação pública. In: **Revista OPSIS online**, v.16, n.2, p.262-279, jul/dez, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/Opsis/article/view/37084>>. Acesso em: fev.21

MBEMBE, Achille. Necropolítica. Arte & Ensaios - **Revista do PPGAV/EBA/UFRJ**, Rio de Janeiro, n. 32, dezembro, pp. 122-151, 2016. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/8993>> Acesso em: 27 maio de 2022.

MELLO, Luiz; Elaine GONÇALVES: Diferença e interseccionalidade: notas para pensar práticas em saúde. **Revista do programa de pós-graduação em ciências da ufrn | Artigos** | 163, realizadas em Pirenópolis, de 21 a 23 de outubro de 2008. Disponível em:< <https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/16425/5/Artigo%20-%20Eliane%20Gon%c3%a7alves%20-%20%202010.pdf> > visitado em: 26 de junho de 2023.

MOURA, Maria Aparecia: **Cultura informacional, redes sociais e lideranças comunitárias: uma parceria necessária.**

Revista Cultura Informacional e digital- Universidade Federal de Minas Gerais-UFMG, 2011, disponível em

< https://www.ufmg.br/proex/cpinfo/cultura/docs/07_Cultura_informacional_redes_sociais_-_Maria_A_Moura.pdf > acessado em: 20 de outubro de 2023.

MUNANGA, Kabenguele: **Entrevista** - Revista ESTUDOS AVANÇADOS 18 (50), 2004. disponível em <<https://www.scielo.br/j/ea/a/MnRkNKRH7Vb8HKWTVtNBFDp/?format=pdf&lang=pt> > acessado em: 20 de outubro de 2023.

NIXON, Rob (2011). A Violência Lenta e o Ambientalismo dos Pobres. **Revista Crítica de Ciências Sociais [En línea]**, 100 | 2013, Publicado em 28 de outubro de 2013. Disponível em: <Nixon, Rob (2011), Slow Violence and the Environmentalism of the Poor (openedition.org) >Acessado em: 02 de maio de 2022.

PELTO, Pertti J: **Iniciação ao estudo da antropologia: como um capítulo sobre sugestões de métodos para os professores** por Raymond H. Muessig e Vincent R. Rodrigues/ Pertti J. Peltó- tradução: Walternsir Dutra. - 2ª ed.- Rio de Janeiro: Editora: Zahar, 1971. 144. p.

PIANA, Maria Cristina: A construção do perfil do assistente social no cenário educacional [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: **Cultura Acadêmica**, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Available from SciELO Books.

<<https://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-9788579830%20389-06.pdf> > acessado em: 14 de junho de 2023.

RESENDE, Vitor. H de: Relações familiares Parentesco, compadrio e migrações na modernidade capitalista no Brasil dos anos 1970: reflexões por meio da história e música. TRAVESSIA - **Revista Do Migrante**, [S. l.], n. 70, p. 81–90, 2012. DOI: 10.48213/travessia.i70.258. Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/258>. Acesso em: 25 jul. 2023.

SAADA, Jeane Favret: Ser afetado. **Caderno de campo nº 13**, 2005 - tradução: Paula Siqueira. Disponível em:< <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263>.> acessado em: 23 de junho de 2023.

SANTANA, Maria Aparecida Santos: **Educação de Terreiro: o Terreiro de Candomblé como lugar de educação** / Maria Aparecida Santos Santana. - 2017. 43 p. Disponível em:< https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/788/1/2017_mono_msantana.pdf>- acessado em: 29 de maio de 2023.

SANTOS, Anna Flávia Salomão; DONADIA, Julietti: SANTOS, Lucinéia dos: **Ferro: Benefício à saúde.** 8º Simpósio de Ensino de Graduação- 8ª- Mostra Acadêmica Unicamp (26 a 28/10 de 2010) - Tema: Desafios do ensino superior na agenda do novo milênio. Disponível em:<<https://www.unimep.br/phpg/mostraacademica/anais/8mostra/4/165.pdf> > acessado em: 28 de maio de 2023.

SARDENBERG, Luís Felipe; BUOGO, Sarah: **Chefe da Organização Mundial da Saúde declara o fim da COVID-19 como uma emergência de saúde global**, disponível em: 05 de maio de 2023, disponível em: <

<https://brasil.un.org/pt-br/230307-chefe-da-organiza%C3%A7%C3%A3o-mundial-da-sa%C3%BAde-declara-o-fim-da-covid-19-como-uma-emerg%C3%Aancia-de-sa%C3%BAde> > acessado em: 23 de junho de 2023.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. **Rev. psicol. polít.**, São Paulo, v. 17, n. 39, p. 203-219, ago. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-549X2017000200002&lng=pt&nrm=iso >. Acessos em 29 de maio 2023.

SOBRINHO, Afonso Soares de Oliveira: São Paulo e a Ideologia Higienista entre os séculos XIX e XX: a utopia da civilidade. **Rev. Sociologias**, Porto Alegre, ano 15, no 32, jan./abr. 2013, p. 210-235, disponível em:< <https://www.scielo.br/j/soc/a/LJBz4P3sqLrM4ss4sNQJZSG/?format=pdf&lang=pt> > acessado em: 07 de julho de 2023.

SOLER, Rodrigo Diaz de Vivar: Uma leitura sobre o intelectual orgânico em Gramsci. **Revista Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 23, n. 2, p. 541-561, ago. 2017. Disponível em:< <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v23n2/v23n2a02.pdf> > acessado em: 25 de junho de 2023.

SOUSA, Mariana Alves de; BARBOSA, Valéria: Mulheres negras ocupando espaços por meio de narrativas e “escrevivências”. **Caderno Espaço Feminino** | Uberlândia, MG | v.33 | n.2 | seer.ufu.br/index.php/neguem | jul./dez. 2020 | ISSN 1981-3082. Disponível em: < <https://seer.ufu.br/index.php/neguem> > acessado em: 16 de junho de 2023.

SOUZA, Diego Oliveira: **Entre violência e (in) justiça: o esquadrão da morte paulista (1968-1979)**”, revista MOUSEION, ano 2014. Disponível em: <http://www.revistas.unilasalle.edu.br/index.php/mouseion> Canoas > acessado em: setembro de 2023.

VERSIANI, Daniela Beccaccia: Autoetnografia um alternativa conceitual. **Revista Letras** de hoje. Porto Alegre, v. 37, nº 4, p. 57-72, dezembro, 2002.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimento de mulheres negras e estratégias políticas contra o sexismo e o racismo/ Jurema Werneck. **Revista ABPN**. vol. 01, n.01- mar-jun. de 2010. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/303>> Acessado em: 27 maio de 2022.

Leis

BRASIL: Constituição Federal (1988): **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990.

SÃO PAULO, Câmara de: Programa Municipal de Incentivo às Comunidades de Samba na Cidade de São Paulo, disponível em:< <https://www.saopaulo.sp.leg.br/blog/lei-que-incentiva-as-comunidades-de-samba-nasceu-na-camara-municipal/> > visitado em: 08 de julho de 2023.

Lei da Vadiagem. Disponível em: <<https://presrepublica.jusbrasil.com.br/legislacao/110062/lei-das-contravencoes-penais-decreto-lei-3688-41>> acessado em: 17 de março de 2023.

Sites

Agência Mural: A velha guarda da ZL-Da batucada ao samba sentado, artistas contam como São Mateus Virou reduto do ritmo, escrita por Matheus Sousa- 22/02/2023. Leia em: <<https://www.agenciamural.org.br/especiais/da-batucada-ao-samba-sentado-artistas-contam-como-sao-mateus-virou-reduto-do-ritmo/#:~:text=Da%20batucada%20ao%20samba%20sentado,Mateus%20virou%20reduto%20do%20ritmo&text=%E2%80%9CEu%20fui%20criado%20no%20ber%C3%A7o,S%C3%A3o%20Mateus'%2C%20de%202007> > acessado em: 25 de junho de 2023.

Biblioteca Brasileira de Tese e Dissertação- BDTD: Disponível: <https://bdtb.ibict.br/vufind/Content/whatIs> - acessado em: 03 de fevereiro de 2022.

BRASIL, Ministério da Saúde: Painel Coronavirus 19, disponível em:<<https://covid.saude.gov.br/> > acessado em: 14 de junho de 2023.

BRASIL DE FATO: “Conheça a luta do Quilombo Saracura pela preservação de seu sítio arqueológico-Mudança do nome da estação do metrô e construção de um memorial estão entre as reivindicações de ativistas e moradores”, escrito por Gabriela Moncau e Pedro Stropasolas, no dia 22 de Outubro de 2022, disponível em:< <https://www.brasildefato.com.br/2022/10/22/conheca-a-luta-do-quilombo-saracura-pela-preservacao-de-seu-sitio-arqueologico>> acessado em: 25 de abril de 2023.

CANARINHO, Futebol Clube: Canário Futebol, disponível em:<([@canarinhofutebol](#))> acessado em: 29 de maio de 2023.

CAPES- Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior: Catálogo de teses e dissertação- Disponível em: <<https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/> - acessado em: 03 de fev. 2022.

CARTA CAPITAL: Em São Mateus, o grupo quer gravar álbum de expoente do samba-Tocão é filho de Tia Cida dos Terreiros, que formou um reduto do gênero na zona leste de São Paulo, escrita por, Augusto Diniz- 28/12/2022. Leia em: <<https://www.cartacapital.com.br/blogs/augusto-diniz/em-sao-mateus-grupo-quer-gravar-album-de-um-de-seus-expoentes-do-samba/> > acessado em: 25 de junho de 2023.

GAZETA DE SÃO MATEUS: “História de São Mateus” - Leiam em: <<https://www.gazetasaomateus.com.br/a-historia-do-bairro-sao-mateus/> > acessado em: 13 de julho de 2023.

METRÔ CPTM: “Chegada da Linha 15-Prata em Cidade Tiradentes pode demorar: Cenários apresentados pelo Metrô em documentos sobre a Linha 16-Violeta mostram que demanda pode ser difícil de ser suportada pelo monotrilho”, escrita por, Ricardo Meier, no ano de 2022, leiam em: < <https://www.metrocptm.com.br/chegada-da-linha-15-prata-em-cidade-tiradentes-pode-demorar/> > acessado em: 12 de julho de 2023.

MOVIMENTO PAULISTANO DAS COMUNIDADES DE SAMBA: Visitem em < <https://www.youtube.com/@MPComunidadesdeSamba> > acessado em: 09 de julho de 2023.

PORTO DE SANTOS-AUTERIDADE PORTUÁRIA: História da zona portuária de Santos, visitem o site <<https://www.portodesantos.com.br/conheca-o-porto/historia-2/>> acessado em: 12 de julho de 2023.

QUILOMBO HOJE: Cadernos negros: <https://www.quilombohoje.com.br/site/cadernos-negros/>> acessado em 28 de maio de 2023.

RADIO USP- FM: Programa Samba Pede Passagem: :<<https://jornal.usp.br/radio-usp/sinopses/o-samba-pede-passagem/> > visitado em: 01 de junho de 2022.

PREFEITURA MUNICIPAL DA CIDADE DE SÃO PAULO: Departamento de patrimônio Histórico Municipal da cidade de São Paulo -DHP: visitem em: < <https://spcultura.prefeitura.sp.gov.br/agente/2690/> > acessado: 27 de maio de 2023.

_____:Subprefeitura de São Mateus: Jardim da Conquista, completa 18 anos. Leiam em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/sao_mateus/noticias/?p=5402> acessado em: 12 de julho de 2023.

_____: Secretaria Municipal de Cultura da cidade: 8ª -Jornada de Patrimônio: Tão perto e tão longe. Disponível em: <<https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=31908> > acessado em: 03 de setembro de 2022.

Programa Open Street Map: Distrito de São Mateus, disponível em:< <https://www.openstreetmap.org/search?query=S%C3%A3o%20Mateus%20-%20S%C3%A3o%20Paulo#map=15/-23.6000/-46.4807> > acessado em: 26 de junho de 2023.

Portal Geledés: Sesc Pompeia reúne Sueli Carneiro, Jurema Werneck e outras intelectuais negras em ciclo de encontros, veja em:< <https://www.geledes.org.br/sesc-pompeia-reune-sueli-carneiro-jurema-werneck-e-outras-intelectuais-negras-em-ciclo-de-encontros/> > acessado em: 27 de junho de 2023.

Portal Literafro: Acervo de texto, poemas, contos, escritos por diversos autores(as) afro-brasileiros, disponível em:<<http://www.letras.ufmg.br/literafro/quem-somos>> acessado em: 16 de junho de 2023.

VAI VAI, Grêmio Recreativo Social Cultural Escola de Samba: <<https://vaivai.com.br/>>, acessado em: 28 de maio de 2023.

Músicas

ANDERMAD; LERAP; ABELHA, Mago; MIKIMBA: O barato é loco e o processo é lento- Grupo de Rap - De Menos Crime Estúdio Show livre- Ano: 2015. Ouçam em:< <https://www.youtube.com/watch?v=YCViW2xlGS4>> acessado em: 27 de julho de 2023

BARBOSA, Adoniran: Despejo na favela - Interpretada pela sambista compositora Beth Carvalho- Álbum: Canta o Samba de São Paulo 1993 - Gravadora Velas/Galeão, ouçam em:< <https://www.youtube.com/watch?v=6QUoth4QmTQ> > visitado em: 07 de julho de 2023.

BRANDÃO, Leci: Papai Vadiou- Álbum: Papai Vadiou- 1985- Gravadora: Copacabana, ouçam em:<<https://www.youtube.com/watch?v=IWERAOD9WqM> > acessado em: 29 de maio de 2023.

BROW, Mano. Homem na estrada. Álbum: Raio X do Brasil. 1993 - Gravadora: Zimbabwe. Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=mLDlgeS8JpE> > Acessado em: 02 de junho de 2022.

CASCA; PESSOA, Everson: Berço do Samba, interpretado por Berço do Samba e Beth Carvalho. Álbum: Berço do Samba de São Mateus - Selo SESC- SP, 2007.

CRUZ, Arlindo; NUNIS, Montgomery: Show tem que continuar. Álbum: MTV Ao Vivo Arlindo Cruz 2- Gravadora: Warner/chappell, 2010, ouçam em: < <https://www.youtube.com/watch?v=WL5eFEKUcPQ&list=PLD5E57209FED7E4E5&index=3> > visitado em: 03 de julho de 2023.

DOMÊNICO, Deivid; MIRANDA, Tomaz; MAMA; BOLA, Marcio; OLIVEIRA, Ronie; FIRMININO, Danilo Firmino: Canção de Ninar- Homenagem para Marielle Franco- Enredo campeão do carnaval de 2019. Disponível em:< https://www.youtube.com/watch?v=7SObzDOug_A > acessado em:16 de julho de 2023.

LINDOMAR: Vaso Ruim- Interpretado pelo Berço do Samba de São Mateus- Selo Sesc- SP- 2007, ouçam em:< <https://www.youtube.com/watch?v=b3tv97FvKpU> > visitado em: 12 de julho de 2023.

MARTINS, Gerson: Tia Filó- Divina senhora. EP - Selo São Mateus, 2023, ouçam em: <<https://www.youtube.com/watch?v=e4sACxi-arw> > acessado em: 25 de junho de 2023.

PAULISTINHA: Casa grande senzala. Samba enredo, do Grêmio Recreativo Cultural Escola de Samba Nenê de Vila Matilde, do ano de 1956. Gravação disponibilizada pelo acervo da Sociedade Amantes do samba paulista - Acervo virtual do carnaval São Paulo- Marko Antonio da Silva, disponível em: < http://www.carnavalpaulistano.com.br/a_escola_carnaval_dados.asp?rg_carnaval=1508 > acessado em: 03 de julho de 2023.

PESSOA, Yvison: Trajetória- Álbum: Trajetória Gravadora: Topic - Ano: 2020, ouçam em:< <https://www.youtube.com/watch?v=ZBLdx6d1HQw> > visitado em:02 de junho de 2023.

PESSOA, Yvison; MARTINS, Gerson: Aluê Luelo - intérprete Tia Cida dos Terreiros, Selo Sesc, 2013, ouçam em:< https://www.youtube.com/watch?v=A2z98Uj-c7E&list=OLAK5uy_n_ttmGyOySBw4799Dc0tZoMyZ9cVk8DYM&index=4 > visitado em: 04 de julho de 2023.

RACIONAIS MC's: Vida loka 1- Álbum: Nada Como um Dia Após o Outro Dia, Vol. 1 & 2 - ouçam em:<<https://www.youtube.com/watch?v=jc36BIAEWIQ> > acessado em: 26 de julho de 2023.

MELO, Sátiro de; ALCIDES, José; PINTO, Tancredo de Silva: General da Banda, interpretado por Blecaute: General da Banda, ouçam em:< <https://www.youtube.com/watch?v=aFnb9pC2AOg> > acessado em: 13 de julho de 2023.

TALISMÃ: Negros Maravilhosos, Mutuo Mundo Kitoko, samba enredo da A.C.S.E.S.M. Camisa Verde e Branco- SP, do carnaval do ano de 1982, da ouçam em: <<https://www.letras.mus.br/camisa-verde-branco-sp/1861118/> > visita em: 04 de julho de 2023.

TALISMÃ: Biografia do samba, Samba enredo da A.C.S.E.S.M. Camisa Verde e Branco- SP, do ano de 1969, disponível em:<<https://www.letras.mus.br/camisa-verde-branco-sp/1861115/> > visitado em: 04 de julho de 2023.

Entrevistas

Entrevista com Gerson Martins

Entrevista com Lucy Mendonça

Entrevista com Margarete Pereira

Entrevista com Tia Cida dos Terreiros

Entrevista com Timaia

Entrevista com Naldo Candiá

Entrevista com Yvison Pessoa

Anexos

Instrumental 01: Guião de perguntas



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA



O instrumental para aplicação das entrevistas semi-estruturadas dos(as) participantes voluntários(as) do trabalho de pesquisa da dissertação- O ofô de Exu e os caminhos de Ogum: o samba que vem de lá de São Mateus pede passagem.

Guião de perguntas

- a) Aonde nasceu? Se for imigrante, quanto tempo reside na cidade de São Paulo?
- b) Como foi a sua infância e adolescência?
- c) Qual foi o bairro que ocorreu sua adolescência?
- d) Quem é a sua família?
- e) Quantos anos mora na região do bairro de São Mateus?
- f) Como o samba chegou na sua vida?
- g) Qual o sentimento que tem por fazer parte do reduto do samba de São Mateus?



Instrumental do Guião de Entrevista				
Nome:				
Data de nascimento: ____/____/____		Idade:	Contato:()	E-mail:
Endereço:		Bairro:	Cidade:	Estado:
Estado civil: () Solteiro () Casado () Divorciado () Separado () Viuvo () Tem filho?			Qual o grau de instrução?	
Qual etnia que se declara?		() Branca () Preta () Parda () Amarela () Indígena () Sem declaração () outros:		
Sexo: () Fem () Masc		Profissão:		Religião:
Pertence ou pertenceu algum (a)?		() Quintal:		Qual ano?
		() Comunidade do samba:		
		() Bloco Carnavalesco:		Escola de Samba:
		() Projetos do Cultura do Samba:		
() Organização social:				
Data da entrevista: ____/____/____			Horário:	Local:
Estado:				
São Paulo, de de 202__				

3-Termo de Consentimento Livre Voluntário- TCLV



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado para participar da pesquisa **“O ofô de Exu e os caminhos de Ogum: o samba de São Mateus pede passagem”**, realizada por mim Fabiana Marques do Carmo¹, sob a supervisão da professora doutora Cláudia Cristina Ferreira de Carvalho do Programa de Pós – Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados-PPGANT- UFGD. O objetivo dessa pesquisa é compreender os processos de criação e as suas formas de resistências do reduto do samba de São Mateus e bem como a preservação da memória do samba como transformação social local.

Gostaria de contar com a sua importante participação

_____,
portador do Registro Geral de número: _____, uma vez que contribuirá para fomentar os saberes das ciências antropológicas e sociais, o que se dá partir do estudo do samba e de suas rodas manifestas na periferia da cidade de São Paulo, que emergem como construção sócio-espacial-cultural, protagonizado por sujeitos políticos- coletivos como territorialidade de resistências, lutas populares emancipatórios, estética e linguagens nascidas do corpo-conhecimento das epistemologias subalternas, sob as ecologias de saberes ancestrais e preservar a memória do samba de São Mateus.

Caso aceite participar dessa pesquisa, será necessário a permissão para ir ao seu encontro com dia e horário agendado de acordo com a sua disponibilidade. Os procedimentos a ser seguidos são: entrevista semi -estruturada, com o apoio do uso do material de: 1 Gravador de celular e câmera, 1 caderno, 2 caneta, 1 instrumental de identificação do participante, em local adequado, na Rua: _____, nº _____ - bairro: _____, CEP: _____, cidade de São Paulo- SP; por membro da equipe da pesquisa devidamente capacitado, com tempo estimado de aproximadamente por 2 horas, na data de __/__/202__, no período da ____, no horário das __ horas e __ minutos..

Os riscos previstos de sua participação nessa pesquisa poderão causar um desconforto emocional, pelo fato de ativar lembranças e memórias. Como medidas para minimizar tais riscos serão tomadas as seguintes providências: se o participante estiver abalado emocionalmente por ativar suas lembranças e memórias interrompemos a aplicação do questionário e não damos

¹Mestranda do Programa de Pós – Graduação em Antropologia da Universidade Federal da Grande Dourados- UFGD.



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA**



mais o segmento e cancelamos a entrevista. Como benefício direto de sua participação na pesquisa, objetiva a preservar a memória do reduto do samba de São Mateus contribuindo com o samba paulistano e a cultura popular brasileira.

Sua participação é voluntária, e em decorrência dela você não receberá qualquer valor em dinheiro ou outras formas de pagamento oneroso. No mesmo sentido, não haverá quaisquer despesas de sua parte.

É facultado ao (a) participante recusar a participação nesta pesquisa, ou, ainda que tenha aceitado, é permitido a desistência a qualquer tempo, sem implicar em nenhum tipo de prejuízo, ou desconforto emocional, por ativa lembranças e memórias. Para tanto, basta comunicar pela recusa ou desistência. Você pode obter quaisquer informações sobre a sua participação nesta pesquisa a qualquer momento, seja diretamente com as pesquisadoras envolvidas, seja por contato com o CEP/UFGD, sob o e-mail: ppgant@ufgd.edu.br.

Sua identidade não será revelada em nenhuma hipótese, sem a sua permissão seus dados pessoais serão de conhecimento somente dos pesquisadores da pesquisa, e estes dados serão publicados em conjunto, depois de apurados, sem o risco de que seja individualmente identificado, mantendo o seu sigilo e privacidade. Permite que seu nome seja revelado nessa pesquisa: () Sim () Não.

Os dados a serem obtidos através de sua colaboração consistirão nas seguintes modalidades: (i) aplicação do questionário: (ii) capturar e compartilhamentos de Imagens de acervo pessoal ou não e (iii) Gravações em áudio ou vídeo, que serão utilizados somente para os fins e objetivos desta pesquisa, onde serão arquivados e, ao final de 3 (três anos) deletados por ocasião do encerramento da pesquisa. Caso haja interesse por parte dos pesquisadores em utilizar seus dados em outro projeto de pesquisa, você será novamente contatado para decidir sobre eventual participação mediante nova assinatura do termo.

Contato

Pesquisador Responsável: Fabiana Marques do Carmo

Endereço: Travessa Axé Babá, 15 – Jardim da Conquista -CEP: 08343-100 – São Paulo/ SP

E-mail: odarafabi@gmail.com

Telefone/Celular: (011) 97751- 3395

Supervisão da professora doutora: Claudia Cristina Ferreira Carvalho

Endereço: Rodovia Dourados/Itahum KM 12 – Caixa Postal - 364 - Universidade Federal da Grande Dourados – Mato Grosso do Sul- Brasil.

E-mail: claudiacarvalho@ufgd.edu.br

Programa de Pós-Graduação em Antropologia/UFGD - Rodovia Dourados/Itahum KM 12 Cx. Postal 364. E-mail: ppgant@ufgd.edu.br



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Eu, _____, li e/ou ouvi o esclarecimento acima referente a pesquisa “O ofô de Exu e os caminhos de Ogum: o samba de São Mateus pede passagem”, coordenado pela pesquisadora Fabiana Marques do Carmo. Compreendi a utilidade da presente pesquisa bem como os procedimentos que participarei, quais procedimentos serei submetido. A explicação que recebi esclarece os riscos e benefícios da pesquisa. Entendi que sou livre para interromper minha participação a qualquer momento, sem justificar minha decisão e que isso não afetará o(a) que estou recebendo. Sei que meu nome não será divulgado, que não terei despesas e não receberei dinheiro para participar da pesquisa. Concordo em participar da pesquisa, “O ofô de Exu e os caminhos de Ogum: o samba de São Mateus pede passagem” e receberei uma via assinada deste documento.

São Paulo, ____/____/____

Assinatura do voluntário

Fabiana Marques do Carmo – Pesquisadora Responsável
Contato: (11) 97751- 3395